UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
ÁREA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

Celeiro de craques:
O futebol suburbano para além dos clubes grandes

Niterói, março de 2023.

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

Celeiro de craques:
O futebol suburbano para além dos clubes grandes

Professora Orientadora:
Drª. Livia Gonçalves Magalhães

Niterói, março de 2023.

GLAUCO JOSÉ COSTA SOUZA

Celeiro de craques:
O futebol suburbano para além dos clubes grandes

Comissão Examinadora

_____

Professora Drª. Livia Gonçalves Magalhães (Orientadora)

_____

Professora Drª. Leda Maria Costa

_____

Professor Drº. Bernardo Borges Buarque de Hollanda

_____

Professor Dr. Renato Soares Coutinho

_____

Professor Dr. Sérgio Settani Giglio

Resumo:

O presente trabalho almeja discutir o desenvolvimento do futebol nos Subúrbios do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. A análise será feita a respeitos dos clubes e competições organizados nestas localidades, como forma de identificar alguns dos agentes envolvidos e suas formas de atuação ao longo destes processos. Assim, buscamos dar vozes a pessoas outrora esquecidos e que, principalmente, contribuíram de forma decisiva para o desenvolvimento futebolístico Capital Federal do Brasil e também fora dela, haja vista a influência cultural. que centro político nacional exerceu ao longo da Primeira República.

Palavras-chave: Futebol, Rio de Janeiro, Subúrbios.

Resume:

The present work aims to discuss the development of football in the Suburbs of Rio de Janeiro in the first half of the 20th century. The analysis will be made regarding the clubs and competitions organized in these locations, as a way of identifying some of the agents involved and their ways of acting throughout these processes. Thus, we seek to give voices to people who were once forgotten and who, mainly, contributed decisively to the development of football in the Federal Capital of Brazil and also outside of it, given the cultural influence. which national political center it exercised throughout the First Republic.

Keywords: Football, Rio de Janeiro, Suburbs

Agradecimentos

A presente tese não é fruto apenas da pessoa que o escreveu a partir de um longo e difícil trabalho de pesquisa, mas principalmente resultado do apoio dado por amigos, familiares e profissionais de História que, a seu modo, me ajudaram neste processo. Neste sentido, antes de citar qualquer nome, não posso deixar de agradecer a todas as pessoas que leram e/ou ouviram o que produzi nos últimos 4 anos, seja sobre assuntos acadêmicos ou simples desabafos a respeito de temas aleatórios.

Assim, não posso começar de forma diferente se não agradecendo à minha mãe, Maria das Graças Costa, falecida em 2004, mas que mesmo quase 20 anos após sua passagem por este plano físico, ainda segue apoiando e influenciando este pesquisador: "Mãe, muito obrigado por tudo e, olha só, a gente conseguiu terminar a escola e umas coisas além disso também".

Igualmente grato sou a Srª Élida Pinheiro Silva, a quem coube a difícil missão de terminar o processo de criação de um menino de 14 anos e o fez muito bem: "Tia, valeu demais, hein!". No esteio deste processo sua família que tão bem me acolheu ajudou de forma ímpar nas figuras das minhas tias Ana e Mônica, meus tios Sidinho, Waguinho, Valterci (famoso Bicalho) bem como meus irmãos Maurício, Lucas, Jullyanna, Dayanna, Douglas, Kelly, Vinicio e alguns outros que não posso citar nominalmente, pois tornaria o trabalho apenas referente a lista de seus nomes.

Um nome, por sua vez, que não pode faltar é o da minha filha Lara Costa, a quem eternamente serei grato por toda a alegria que proporciona e sempre pedirei desculpas por não conseguir dar toda a atenção do mundo que merece: "Filha, é nós, é sempre nós!!! Pai te ama, Cabeção, e doutorado é obrigação!!!". Junto dela, também tenho que prestar muitos agradecimentos à nossa cadela, Black Berry Costa, parceira desde 2012 e que por muitas vezes, só de ficar deitada no mesmo espaço físico, fez grande diferença em uma trajetória longa.

A longevidade também permeia algumas amizades como as do meu casal-modelo, Carlos e Samantha, e suas filhas Rebecca e Gabriela, bem como de Dona Suely e do recém-chegado, mas bastante querido, Théo. São de pessoas assim, como também deve ser incluído Gean Gabriel (amigo desde que me entendo por gente), Neander Farias, Rogério R18 e Tiago Pele, que o mundo precisa. Amigas como Lucimar Ribeiro de Lima,

a quem eu devo tanta coisa, além, é claro, de dinheiro, fazem toda a diferença na vida, aplicando-se o mesmo à amizade de Antonio Carlos, Alexandre e Alessandra.

Não obstante, o mundo não é composto apenas de relações pessoais, temos como essencial em nossa sociedade as questões profissionais. Entretanto elas não precisam ser associadas a algo negativo, já que nos permitem vivenciar experiências maravilhosas. Nathalia Pessanha, Marcelo Vianna, Gabrieis (pois são mais de um, rsrs) foram algumas das pessoas com quem pudemos trocar ideias ao longo do tempo e que muito me ajudaram. O mesmo vale para os pesquisadores Raphael Rajão e Juliano Pizarro, bem como para os professores e amigos Iveltyma, Fernanda, Wagner, Amanda e, novamente, alguns outros que não posso citar nominalmente, pois tornaria o trabalho apenas referente a lista de seus nomes.

Em mais de 20 anos de educação escolar, muitos também foram os professores e alunos (sim, meus alunos ajudam demais a formar este historiador que vos escreve) que influenciaram as nossas escolhas, os quais vão desde a educação infantil até as pós-graduações. Alguns deles marcaram de forma direta a elaboração de nossos trabalhos acadêmicos, como o Professor Drº. Alexandre Lazzari, meu primeiro orientador, bem como a Professora Drª Karla Karloni, o Professor Drº Marcelo Bittencourt, o Professor Drº Vitor Melo, o Professor Drº Eduardo Gomes, o Professor Drº. Ricardo Pinto, o Professor Drº. Álvaro do Nascimento, o Professor Drº. Alexandre Fortes, o Professor Drº João Malaia Santos e o Professor Ms. Ricardo de Souza, a quem, não me canso de repetir, considero um grande amigo e um excelente profissional.

Ademais, temos nesta banca profissionais do mais alto gabarito a quem não sou só sou grato pela ajuda nos textos que já produziram como também por aceitarem analisar a presente tese: Professor Drº Bernardo Borges Buarque de Hollanda, o Professora Drª Leda Maria da Costa, Professor Dr. Renato Soares Coutinho e Professor Dr. Sérgio Settani Giglio. A professora Drª Lívia Magalhães, orientadora deste trabalho, também se enquadra nestes quesitos, mas a parceria que iniciamos no mestrado e agora segue uma nova etapa no doutorado não se encerra aqui. Por isso, antes de lhe agradecer por toda paciência e dedicação dentro e fora de "campo", é preciso enfatizar que espero seguir contando com suas ajudas e outros projetos que virão após a conclusão do doutoramento.

Mais do que só ser grato por tudo em que me ajudou, espero poder retribuir com novas publicações e contribuições para a nossa área de pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer a Larissa por todo carinho e amor nesses segundos, minutos, dias, semanas, meses e anos que temos e teremos juntos. Com seu jeitinho diferente e, como não dizer, fofo de ser, ajudou demais da conta a surgirem as páginas deste trabalho. Mesmo que muitas vezes diga que não faz nada ou que faz pouco, a verdade é que você faz é muita diferença para quem te ama e eu te amo.

Assim, encerro dizendo MUITO OBRIGADO à Universidade Federal Fluminense, ao PPGH (Programa de Pós-Graduação em História), à Biblioteca Nacional, ao Centro de Memória do Vasco da Gama e aos excelentes profissionais que atuam nestas instituições e a todas as pessoas que não pude agradecer individualmente aqui, mas que fizeram parte de uma longa jornada que agora se encerra. Todavia, é como aquele ditado: "só acaba quando termina" e concluo aqui apenas mais uma etapa, ou seja, vocês ainda têm muito para continuar nos ajudando.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719c Souza, Glauco José Costa
Celeiro de craques : O futebol suburbano para além dos clubes grandes / Glauco José Costa Souza. - 2023.
229 p.

Orientador: Livia Gonçalves Magalhães.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2023.

1. História. 2. Rio de Janeiro. 3. Subúrbios. 4. Futebol. 5. Produção intelectual. I. Magalhães, Livia Gonçalves, orientadora. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Sumário

Introdução ..... pág. 11
Capítulo 1 – Futebol e Historiografia: algumas reflexões ..... pág. 21
1.1 A História do Esporte na Historiografia ..... pág. 21
1.2 História Social e História Cultural ..... pág. 23
1.3 Fontes utilizadas nas pesquisas sobre futebol ..... pág. 40
Capítulo 2 – Rio de Janeiro: uma cidade esportiva ..... pág. 57
2.1 Modernidade e Modernização no Rio de Janeiro ..... pág. 63
2.2 Resistências à modernização ..... pág. 68
2.3 Febre Esportiva no Rio de Janeiro pág.74
2.4 Resistências à Febre Esportiva ..... pág. 81
Capítulo 3 – O futebol carioca ..... pág. 90
3.1. O futebol carioca em seus primeiros chutes ..... pág. 96
3.2. Assim nasceu o Campeonato Carioca ..... pág. 101
3.3. Os *sportsmen* no Rio de Janeiro ..... pág. 110
3.4 Guilherme Paraense ..... pág. 120
3.5. O futebol como objeto de disputa entre os clubes esportivos ..... pág. 129
Capítulo 4 – O futebol e os subúrbios ..... pág. 135
4.1 – Os Subúrbios ..... pág. 138
4.2. O Futebol nos Subúrbios Cariocas ..... pág. 146
4.3. A Liga Suburbana de Football ..... pág. 151
4.4. As Ligas Suburbanas ..... pág. 162
4.5. Os Subúrbios, o Mercado da bola e outros problemas ..... pág. 172
4.6. Absorção, Fusão e Desaparecimento das Ligas Suburbanas ..... pág. 179
Capítulo 5 – A Febre Esportivas nos Subúrbios: o esporte para além das quatro linhas ..... pág. 183
5.1. A economia esportiva nos Subúrbios Carioca ..... pág. 183
5.2. Futebol, Subúrbios e Política ..... pág. 197
5.3 Lazer e Sociabilidade nos Subúrbios Cariocas ..... pág. 205
Considerações Finais ..... pág. 213
Referências ..... pág. 218

Introdução

O futebol é um dos assuntos mais comentados, discutidos e pensados no Brasil desde que eu me entendo por gente. Frases como “somos o país do futebol” permeiam o senso comum nacional desde o século passado, sendo reforçadas por episódios de destaque pela grande mídia, tais quais os títulos da Seleção Brasileira de Futebol Masculina nas Copas do Mundo de 1958, 1962, 1970, 1994 e 2002. Ao mesmo tempo, é frequente a valorização de jogadores profissionais em razão das suas performances dentro das quatro linhas, o que lhes permite constantemente alcançar o status de ídolos locais, regionais, nacionais ou internacionais, a depender do atleta em questão.

Tudo isso corrobora para colocar o esporte bretão (uma vez que o modelo de jogo que conhecemos hoje se consolidou na Inglaterra do século XIX e posteriormente se difundiu para outros países) como um dos pilares da realidade de muitas pessoas que vivem no Brasil, como ocorreu com o autor deste trabalho. Não obstante, é necessário buscar compreender as origens, os mecanismos e os motivos para lidarmos com esta realidade. Em outras palavras, por que o futebol é tão “popular/famoso” em nosso país?

Academicamente, uma tentativa minha de resposta para a pergunta acima ocorreu na conclusão do curso de graduação em Licenciatura em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), no Instituto Multidisciplinar (IM) de Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro. Entre 2011 a 2015, elaborei a monografia intitulada **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola: o processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX,** cujo objetivo foi apresentar algumas possibilidades que ajudassem a explicar a difusão do futebol no início dos anos 1900 na então Capital Federal do Brasil, a qual foi escolhida como recorte geográfico.

A história do Rio de Janeiro é extremamente importante para compreendermos de que maneira o esporte se desenvolveu na região. Desde o período colonial, a cidade já se mostrava de grande relevância para os interesses políticos e econômicos, inicialmente da coroa portuguesa e posteriormente da elite brasileira. Tal cenário ampliou-se com o passar dos tempos até que, no século XVIII, foi oficializado com a sua transformação em sede do Vice-Reino. Pouco tempo depois, passou a ser o centro do Império Ultramarino

Lusitano de 1822 até a segunda metade do século XX, a capital do Brasil. E por que isso é importante?

O Rio de Janeiro se transformou, assim, em um modelo para as demais capitais brasileiras e cidades que buscassem se expandir. Ao mesmo tempo, também se comparava com outras regiões, tanto dentro quanto fora do Brasil, o que mostra que não há relação de influência unilateral. De todo modo, como a imagem do país no exterior, a cidade esteve frequentemente na mira do Estado em busca de melhorias.

O século XIX já indicava este caminho, como, por exemplo, a organização de uma comissão para estudar os melhoramentos que poderiam ser feitos na região. Um dos integrantes deste grupo, curiosamente, foi Francisco Pereira Passos, que na centúria seguinte iniciaria uma sequência de reformas urbanas que até hoje marcam a Cidade Maravilhosa.[1] Ele foi o primeiro, mas não foi o único.

As mudanças planejadas e implementadas no Rio de Janeiro, no entanto, não se limitavam apenas ao seu aspecto físico. Longe disso! A questão cultural e moral se fazia bastante presente, sobretudo nos anos 1900. Os ideais de modernidade comportavam a criação de um espaço estética e cotidianamente diferente do que se via até então. Era, por assim dizer, preciso mudar o corpo e a alma carioca, como se tentou fazer.

Obras de demolição e de construção, eliminação da sujeira material e do que se considerava humano e, principalmente, o estímulo à adoção de novas práticas foram algumas das iniciativas que marcaram o Rio de Janeiro a partir de então. Por outro lado, os grupos atingidos não se fizeram de sujeitos passivos desse processo histórico e muitas vezes se colocaram como vozes de resistências às mudanças que se tentou impor de cima para baixo.

Não podemos dizer que nesta luta houve um lado exclusivamente vencedor e outro apenas perdedor. Na batalha cultural, a ressignificação é um aspecto da manutenção de características que não se quer perder, ao mesmo tempo em que permite novos elementos, que precisarão ser aceitos como parte integrante a partir de então. A cidade do Rio de Janeiro, após a gestão de Pereira Passos, havia mudado, mas nela ainda era possível

[1] Reformas urbanas no Rio de Janeiro (1902 – 1908; 1920 – 1922; 1940; 2007 – 2016).

encontrar os "indesejáveis" ali presentes, seja por meio de ações ilegais, imorais ou mesmo informais.[2]

O esporte é um instrumento importante para analisarmos este processo. Inicialmente associado às práticas lúdicas, logo ganhou corpo e se desenvolveu em meio às mudanças que incidam sobre o Capital do Império. Com a Proclamação da República em 1889 as atividades esportivas ganharam novas funções, e especialmente no século XX passoaram a ser compreendidas pelo Estado dentro da lógica modernizadora. Assim, o turfe perdeu forças, enquanto o remo cresceu e muito com o apoio estatal. No esteio de suas características, principalmente de gerar um maior desenvolvimento físico de seus praticantes, impulsionou outras atividades semelhantes, como o ciclismo, o atletismo e o futebol.

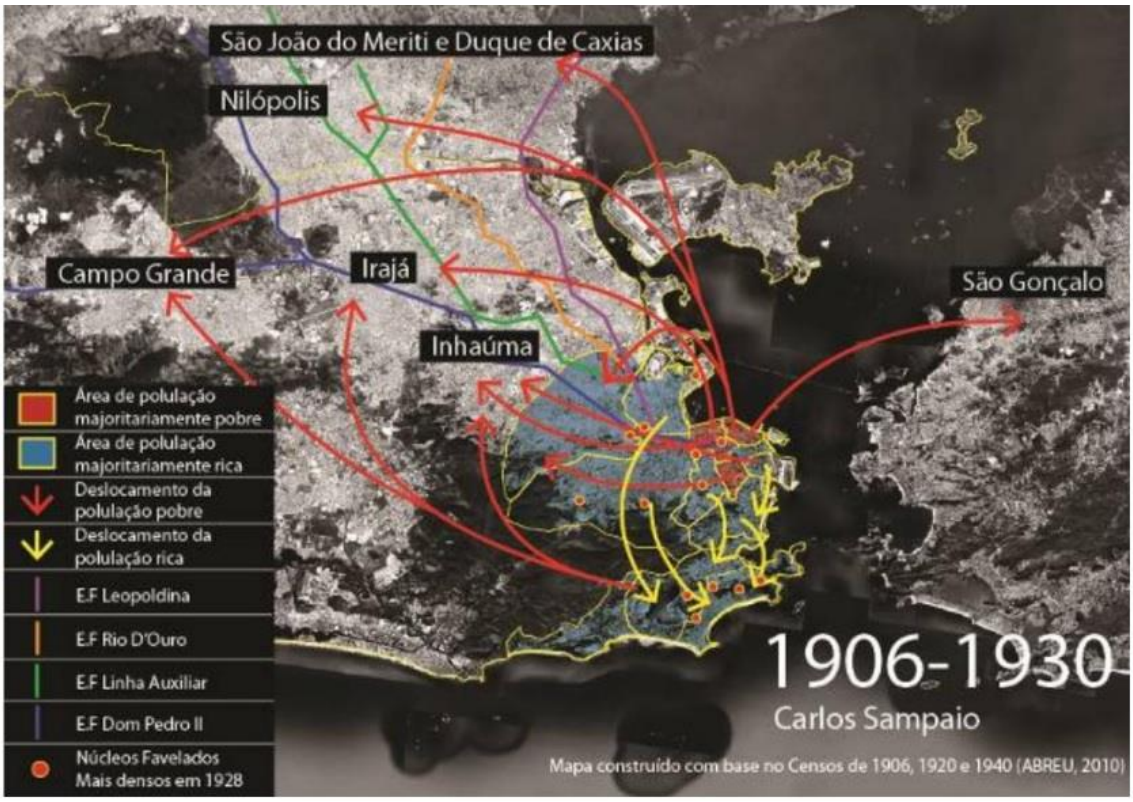
A expansão de cada uma destas modalidades guarda elementos próprios que explicam sua maior ou menor difusão sem que, no entanto, isto signifique que era completamente impossível determinado esporte não ser praticado por um grupo que hegemonicamente preferia outro. Assim, temos no futebol aquele que mais acumulou adeptos e que melhor se fez presente entre as diversas camadas sociais cariocas.

A história do Brasil está repleta de episódios em que a participação popular foi questionada, sobretudo por não se adequar a algum tipo de modelo específico. A Proclamação da República, por exemplo, teve em Aristides Lobo (ministro do interior do governo provisório de 1889), um de seus contemporâneos mais famosos, a definição do povo como "bestializado".[3] Contudo, atualmente, este mesmo episódio ganhou na concepção de José Murilo de Carvalho outro conceito: bilontra. Seguindo essa linha de raciocínio, "o bilontra é o cidadão que não foi. Está fora da política, assim como suas associações religiosas e de auxílio mútuo, as festas, o samba, o carnaval e o futebol",[4] como escreveu José Miguel Arias Neto.

As atividades culturais, de forma abrangente, não podem ser vistas restritas apenas ao seu objeto imediato – e assim tem sido cada vez mais graças aos estudos acadêmicos.

[2] MENEZES, Lená Medeiros de. Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
[3] CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
[4] CARVALHO, 1997.

Dessa forma, os esportes, com ênfase na presente tese em relação ao futebol, não são diferentes, motivo pelo qual tem se buscado tornar mais complexas as análises a respeito do ludopédio, indo além apenas do que acontece dentro das quatro linhas. A partir desta perspectiva, passamos também a refletir sobre o processo de desenvolvimento do futebol suburbano, relacionando episódios referentes à relva a processos que, inicialmente, poderiam não ser considerados em conjunto, mas que agora o são. Um exemplo disso em nossa análise é a estratificação sociogeográfica que ocorreu no Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX para o XX, mas que também pode ser observada em diversas outras cidades brasileiras. Observe o mapa abaixo, apresentado na dissertação de mestrado pela UFF de Lucas Nascimento de Mattos:[5]

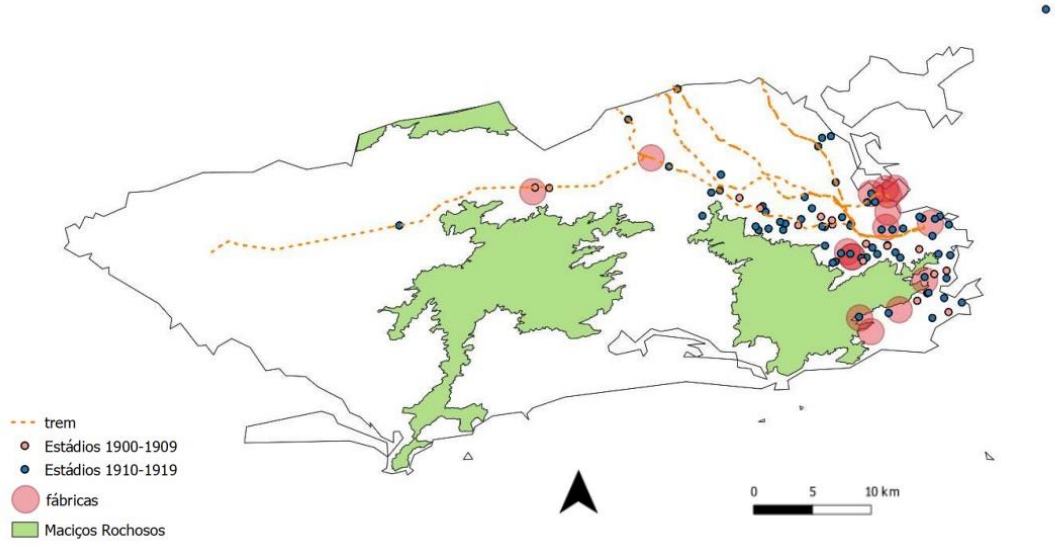


A perspectiva que versa o trabalho de Mattos é a de que houve um deslocamento em massa no Rio de Janeiro das pessoas de menor poder aquisitivo do centro da cidade para os arrabaldes (Subúrbios) a partir das reformas urbanas feita pelo prefeito Pereira

[5] MATTOS, Lucas Nascimento de. Um jogo de ocupação de espaços: o Club de Regatas Vasco da Gama no caminho da urbanização e o papel do futebol na (re)produção do espaço urbano (1915 – 1942). Niterói: UFF (Dissertação), 2022, p. 72.

Passos. No mapa acima, o geógrafo nos apresenta visualmente o seu argumento a partir de um mapa que concentra dados de diversos censos realizados. Em síntese, podemos dizer que as pessoas pobres foram segregadas do centro e da parte sul/sudeste no Rio de Janeiro.

Quando nos debruçamos sobre as partidas de futebol ocorridas no Rio de Janeiro no início do século passado podemos perceber que há diferenciação entre as regiões sobre não só a ocorrência das pelejas, mas também sobre a frequência e, como se percebe com ênfase na imagem abaixo, na concentração dos campos de jogos. De maneira geral, podemos identificar que os estádios se encontram no primeiro quartel dos anos 1900 instalados com maior pujança nas áreas que compõem as regiões central e sul/sudeste da Capital Federal.[6]



Embora a participação popular não tenha sido registrada de forma escrita como ocorreu em outros momentos da História Mundial com as elites,[7] ela fez parte da dinâmica política da sociedade em que ocorreu e a utilização de novas fontes ajudam a perceber isso. Mattos, relacionando informações de periódicos, censos e dados cartográficos,

[6] MATTOS, 2022, pág. 64.

[7] A definição de elite que utilizaremos é de "grupos de indivíduos que ocupam posições-chave em uma sociedade e que dispõem de poderes, de influência e de privilégio inacessíveis ao conjunto de seus membros" (HEINZ, Flávio Madureira. Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p.7).

contribui de forma bastante didática para isso e permite valorizar processos históricos outrora desconhecidos, uma vez que "embora os seus movimentos pareçam cegos e evasivos quando comparado aos de tipo moderno, eles não são sem importância ou sequer marginais".[8] O que nem sempre permitiu o desenvolvimento desta concepção foi a falta de fontes produzidas pelos próprios agentes históricos. Durante muito tempo, a restrição a respeito do que poderia ser uma fonte impediu de se dar atenção a estes aspectos que, por conseguinte, não se tornaram de objetos de estudos em larga escala.

A utilização da mais ampla documentação, por outro lado, permitiu que objetos outrora ignorados se tornassem estudos nas academias e permitissem, assim, dar mais voz aos antes excluídos. O futebol foi, portanto, um dos elementos que nos serviram para refletir sobre a maneira como aqueles que não se enquadram no conceito de elite que utilizamos no presente trabalho se posicionassem diante de situações do cotidiano em que se tentou exclui-la. O esporte bretão, praticado em seus primeiros momentos pelos jovens esportistas endinheirados do Rio de Janeiro, não ficou restrito a eles.

Se, por um lado, os *sportmen*[9] desfilavam pela Cidade Maravilhosa definindo o novo tipo de estrutura corporal do homem republicano, bem vestidos e prontos a disputar animadas partidas de *football*, a massa que não deixou seus registros escritos também gozou desses hábitos a sua maneira. O futebol, diferentemente do remo, do turfe, do ciclismo ou do alpinismo, não era refém de instrumentos para ser praticado, pois não exigia nem mesmo uma bola oficial. Desse modo, ele se mostrava bem mais acessível do que as práticas que exigiam um mínimo de requisitos para serem executadas.

Nos domingos, que desde o século XIX eram oportunidades de divertimentos para os trabalhadores do Rio de Janeiro, o futebol passou a ser inserido como uma das muitas possibilidades de entretenimento, sendo que, ao contrário de outras, era mais fácil de ser praticada. Interessante pensar também sobre quais trabalhadores estamos falando, pois, ainda no ano de 1917 a garantia de folga era justamente um dos pontos reivindicados pelas grevistas. [10] Segundo Edilene Toledo:

---

[8] HOBSBAWM, Eric. Primitive Rebels. NY, Norton & Company Inc, 1959, p.

[9] Sportmen: Esportistas ou desportistas, isto é, homens ligados à elite de determinada localidade que praticavam esportes modernos (JEUKEN, Bruno. Esporte na. primeira república: a história do espetáculo. Revista de História São Paulo, n.176, p.1-10, 2017).

[10] Para Toledo, o período de 1917-1920 foi o de maior mobilização dos trabalhadores na Primeira República, fundamentais para a construção dos trabalhadores como sujeitos políticos.

> A semana de 5 dias e meio também era uma reivindicação importante do operariado nacional e internacional. No Brasil, os trabalhadores não tinham folga semanal garantida por lei e em geral descansavam somente no domingo, ou nem mesmo no domingo. Reivindicavam então trabalhar de segunda a sexta e metade do sábado, de modo que pudessem ter algum tempo para repor as energias, cuidar das crianças e da casa.[11]

Assim, nos Subúrbios Cariocas (onde atualmente temos as Zonas Norte e Oeste), este esporte foi praticado e em torno dele se organizaram competições. A Liga Suburbana, torneio criado em 1907 e que durou até a década de 1920, é tão somente uma dessas situações que nos ajudam a analisar o futebol sob outros prismas que, outrora, eram ignorados. Como principal esporte no Brasil, podemos considerar o ludopédio como portador de grande relevância cultural em nossa sociedade e que, por isso, foi (e ainda é) objeto de disputa entre os agentes sociais. Razão pela qual, aliás, as narrativas muitas vezes são instrumentos destas batalhas.

Dessa forma, torna-se extremamente importante conhecermos mais e melhor as histórias que envolvem o futebol. No que tange, por exemplo, o futebol praticado nos Subúrbios[12] do Rio de Janeiro, é preciso realizar tal procedimento, isto é, analisar como se deu seu desenvolvimento a fim de confirmar ou não algumas hipóteses, como a que relaciona a sua existência ao abastecimento técnico de times de futebol: os Subúrbios são o celeiro de craque?

A concepção de que o futebol suburbano no Rio de Janeiro serve como celeiro, ou seja, formador de bons jogadores que depois se destacam em clubes que não são dos Subúrbios cariocas, é fruto de um processo de construção de narrativas que consolidaram essa ideia. De fato, não podemos negar que muitos jogadores iniciaram suas carreiras em times suburbanos e, posteriormente, se destacaram em outras agremiações. Contudo, a ligação dos times dos arrabaldes cariocas à formação de jogadores traz consigo a

[11] TOLEDO, Edilene. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2017, vol. 30, nº 61, p. 508.

[12] Optamos por utilizar em nossa escrita o termo Subúrbios, como "S" em maiúsculo, haja vista consideramos este termo um conceito próprio, sendo objeto de diversos trabalhos na ciência Geografia, os quais serão apresentados no decorrer dos capítulos.

diferenciação destes clubes com aqueles que seriam os destinos dos atletas revelados no quesito vitórias e títulos conquistados.

Novamente, não podemos negar que em 2023, no futebol profissional de alto rendimento, os clubes suburbanos estão aquém na conquista de resultados positivos em comparação aos popularmente chamados clubes grandes. Se tomarmos como base de análise o Campeonato Carioca de Futebol Profissional Masculino, temos no Rio de Janeiro um oligopólio nas conquistas pelos chamados "4 grandes": Clube de Regatas Vasco da Gama, Clube de Regatas Flamengo, Fluminense Football Club e Botafogo de Futebol e Regatas. Por isso, não é nosso objetivo neste trabalho desconstruir isso, muito menos criticar ou apontar como deveria ser o futebol de alto rendimento. Entretanto, podemos e devemos tentar compreender quais são as razões para este cenário.

Assim, um dos motivos para estudarmos o futebol suburbano do Rio de Janeiro na Primeira República é analisar com se deu, historicamente, a construção da vinculação de sua prática ao fornecimento de jogadores aos grandes clubes. Ainda que real, esta construção de ideia atende a interesses dos agentes sociais envolvidos neste processo que, propositalmente ou não, a consolidaram para além das quatro linhas e, de certa forma, impediram a percepção de outro lado deste processo: os deslocamentos de atletas de clubes grandes para as equipes suburbanas.

A perspectiva que se consolidou no Brasil dos estudos sobre a História do Futebol, assim como em outras áreas, tendeu a privilegiar determinados grupos sociais que fizeram valer sua influência para reforçar visões específicas de mundo. De forma bastante sintética, podemos dizer que a leitura de mundo de um grupo se sobrepôs sobre a de outros e, por isso, determinadas narrativas históricas tiveram mais influência.

O futebol narrado como objeto de um grupo elitista colaborou para construir uma perspectiva de sua história a partir da visão deste grupo sobre seus feitos e daqueles que não lhe eram semelhantes. Ao mesmo tempo, foi a partir da visão destes agentes que se fez compreender as ações de quem estava de fora. Um exemplo neste quesito é a tese de Doutorado em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP) **A Revolução Vascaína**, de João Manuel Casquinha Malaia Santos.[13] O trabalho se debruça sobre a

[13] SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese

montagem do time de futebol do Vasco da Gama, campeão Carioca de 1923 e formado por diversos jogadores vindos do futebol suburbano, mas que não necessariamente apresenta a visão destes indivíduos ou de sua agremiação: como é possível depreender do título, o objeto de análise tem como referencial os motivos e a visão dos vascaínos.

O trabalho desenvolvido por João Malaia Santos foi de grande relevância para outro trabalho feito por mim ao longo de minha trajetória acadêmica: **"Adiantam-se bastante nos subúrbios: o desenvolvimento do futebol na região suburbana do Rio de Janeiro (1907 – 1919)**, dissertação produzida durante o Mestrado em História Social, na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação da Professora Drª Lívia Magalhães. O objeto de análise daquele trabalho foi, essencialmente, a criação e os primeiros anos da Liga Suburbana de Futebol. O primeiro *insight* para desenvolver esta pesquisa foi o trabalho de Malaia Santos e o reforço de questionamentos acerca do papel ativo das equipes dos Subúrbios do Rio de Janeiro durante a transferência de jogadores para o Vasco da Gama. Dessa forma, é importante abrir espaço para as perspectivas suburbanas dos processos históricos de que fizeram parte, como fizemos em nossa dissertação. Todavia, no presente trabalho, almejamos ir além ao enfatizar a perspectiva de alguns clubes suburbanos ao longo da primeira metade do Século XX sobre o profissionalismo marrom, indicando alguns caminhos tomados por estas instituições para tentar "sobreviver" nos anos que antecederam e sucederam à profissionalização do futebol, bem como nos aprofundar em alguns personagens essenciais para entender este processo.

Não obstante, concluir tal objetivo não foi fácil e foram muitas adversidades além das esperadas. Como principal obstáculo tivemos a pandemia de Covid-19 que, por 2 anos, inviabilizou muitas das pesquisas necessárias para a produção desta tese, mas não podemos considerar que tal situação influenciou negativamente o resultado, haja vista a existência de outras ferramentas que supriram algumas das lacunas criadas.

Assim, apresentamos a seguinte divisão do texto que segue: "Capítulo 1 – Futebol e Historiografia: algumas reflexões", "Capítulo 2 – Rio de Janeiro: uma cidade esportiva",

(Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

“Capítulo 3 – O futebol carioca”, “Capítulo 4 – O futebol e os subúrbios”, “Capítulo 5 – A Febre Esportivas nos Subúrbios: o esporte para além das quatro linhas”.

Em “Capítulo 1 – Futebol e Historiografia: algumas reflexões” faremos uma análise do processo de construção da Historiografia do Esporte no Brasil, a fim de entender em que momento desta História da História nos encontramos. A ideia de construir uma parte específica para tratar do tema no presente trabalho se deve à dificuldade sentida ao longo da pesquisa em encontrar elementos teóricos para discutir o assunto dentro da historiografia. Como um campo de abordagem em constante construção, faz-se necessário refletir sobre o arcabouço teórico que cerca suas metodologias e perspectivas, mas, ao mesmo tempo, é necessário elencar alguns aspectos já consolidados na área, a fim de situá-la dentro da historiografia. Por isso, optamos por iniciar nosso trabalho justamente indicando em que fase ele se encontra em relação aos outros textos sobre os esportes no Brasil, bem como os motivos para isso.

No “Capítulo 2 – Rio de Janeiro: uma cidade esportiva” daremos ênfase ao processo de construção histórico do espaço geográfico que analisaremos, com o objetivo de situar espacialmente o nosso objeto de estudo.

No “Capítulo 3 – O futebol carioca” e no “Capítulo 4 – O futebol e os subúrbio” desenvolveremos de forma mais aprofundada um estudo sobre o futebol no Rio de Janeiro, discutindo suas trajetórias dentro e fora dos Subúrbios, mas tento estas localidades como referência central de análise. Aqui, almejamos refletir sobre as maneiras como ocorreram, suas semelhanças, diferenças, peculiaridades e elementos característicos.

No “Capítulo 5 – A Febre Esportivas nos Subúrbios: o esporte para além das quatro linhas” temos um momento de pensar a influência dos esportes suburbanos para além do campo esportivo. Diversos aspectos influenciaram e foram influenciados nesta jornada e que nem sempre fazem relação direta com o que ocorre dentro das quatro linhas. Por isso, optamos por encerrar a nossa análise identificando alguns deles.

Por fim, nas Considerações Finais apresentaremos algumas conclusões feitas do presente trabalho, mas também pontos que não foi possível analisar, como a realidade de alguns clubes suburbanos nos dias atuais, os torneios dos quais participam ou não participam, e outros tópicos que possam vir a ser explorados em novas pesquisas.

Capítulo 1 – Futebol e Historiografia: algumas reflexões

A história do futebol não é feita apenas pelos historiadores licenciados ou bacharelados pelas universidades no curso de História. Ela é trabalhada por pesquisadores de diversas áreas, bem como por testemunhas de períodos marcantes deste esporte. Disseminada por meio de variados sujeitos, a história do futebol, independentemente de onde e quem a esteja apresentando, precisa ser consubstanciada por meio das fontes, sendo para E. P. Thompson (1995) essa a prioridade de todo historiador.

Devido à influência da história social inglesa e da história social francesa, a concepção sobre fontes históricas foi ampliada, como apresenta Silvera Vieira de Araújo, em **História social e história cultural e suas influências na produção historiográficas sobre cidades no Brasil.**[14] Mais do que gerar possibilidades variadas de pesquisa, este cenário passa a exigir um cuidado cada vez maior daquele que com elas deseja trabalhar.

Refletir sobre esses aspectos é o objetivo principal deste capítulo que está estruturado da seguinte forma, além desta apresentação: A História do Esporte na Historiografia, História Social e História Cultural e Fontes utilizadas nas pesquisas sobre futebol.

1.1 A História do Esporte na Historiografia

O esporte entrou na academia no esteio da expansão dos estudos envolvendo a História Cultural e a História Social. Tal crescimento aconteceu na segunda metade do século XX. Desde o início da História do Esporte como uma subdisciplina, no início dos anos 1970,[15] os pesquisadores vêm trabalhando principalmente dentro de dois paradigmas: o da História Social e o da História Cultural, mas sem excluir as possibilidades de outras abordagens, como veremos.

Aqueles que trabalham no paradigma da História Social tipicamente incorporam o esporte em relações holísticas da sociedade e empregam conceitos e teorias sociológicas para explicar mudanças na natureza esportiva: em termos gerais, sua abordagem segue o modelo para o estudo da sociedade desenvolvido pelas ciências naturais modernas. Por contraste, como aponta Douglas Booth, a virada mais recente para a análise cultural, que

[14] ARAÚJO, Silvera Vieira de Araújo. História social e história cultural e suas influências na produção historiográficas sobre cidades no Brasil.
[15] STRUNA, 2000.

reside na tradição hermenêutica, permite observar o engajamento dos historiadores do esporte em novas teorias do discurso, textualismos e narrativas como formas de compreender como as pessoas interpretam seus mundos e suas experiências.[16]

Não obstante, a inclinação inicial das pesquisas deveu-se mais para o aspecto social dos esportes, ligado a vida das pessoas. Isso, no entanto, não significa que a parte cultural tenha sido ignorada, mas "quando a história do esporte emergiu como uma nova área de estudo, na década de 1970, muitos pesquisadores reivindicaram lealdade ao campo mais amplo da história social e sua ênfase em totalidades sociais e vida das pessoas comuns".[17] A maneira de trilhar este caminho produziu resultados variados e que, no primeiro momento, foram restritivos, isto é, "na maioria das vezes, isto significou simplesmente fazer referência aos contextos social, político e econômico amplos do esporte e explicar seu desenvolvimento como uma consequência de alguma forma ateórica de acumulação".[18]

Os formatos de abordar o esporte na História Social se ligaram, de maneira geral, a duas grandes teorias: o desenvolvimentismo e o marxismo. Em relação ao primeiro:

> A maioria dos historiadores do esporte apropriou-se do conceito para significar os produtos finais da urbanização e industrialização (por exemplo, melhoria dos padrões de vida, comunicação e transporte, redução da jornada de trabalho e inovações tecnológicas) e, então, num truque epistemológico clássico, aplicou a modernização como uma explicação causal do desenvolvimento do esporte na segunda metade do século XIX.[19]

As perspectivas esportivas sobre a ótica da História Social pela Teoria Desenvolvimentista, por sua vez, tiveram vida curta, pois em meados dos anos 1980 elas ganharam a concorrência expressa do marxismo, que embora tenha também tido pouca inserção no âmbito historiográfico, apresentou o esporte como um campo reprodutor do capitalismo e de sua tendência opressora. Todavia, em vez de oferecer uma alternativa

[16] BOOTH, Douglas. História do Esporte: Abordagens em mutação. Recorde: Revista de História do Esporte. Volume 4, número 1, junho de 2011, p.2.
[17] BOOTH, 2011, p.3.
[18] BOOTH, 2011, p.3.
[19] BOOTH, 2011, p.17.

pós-moderna para a História Moderna, o Marxismo forneceu uma forma moderna alternativa.

Ironicamente, segundo Both, o Marxismo passou pela História do Esporte tão rapidamente quando a modernização, porque fracassou frente ao escrutínio científico de críticos que demonstraram tensões irreconciliáveis entre a teoria e seus fatos históricos. Contudo, os marxistas contribuíram para uma visão crítica do esporte mais duradoura com a noção de hegemonia, a qual proliferou na neste campo historiográfico em meados dos anos 1990.[20]

O momento em que a dimensão cultural começou a fazer parte das pesquisas esportivas é difícil de precisar, bem como não é possível fornecer uma explicação única para este processo. Victoria Bonnel e Lynn Hunt localizam a virada cultural nos anos 1980 e 1990 e identificaram um punhado de fatores que contribuíram para isso, incluindo "questões sobre o status do social",[21] preocupações levantadas pelo retrato da cultura como um sistema simbólico, linguístico e representativo, dilemas metodológicos e epistemológicos aparentemente inevitáveis.[22]

Assim, Booth destaca que na história do esporte, a virada cultural não foi abrupta, nem regular.[23] Não obstante, a dimensão cultural também foi utilizada para refletir acerca do esporte. Ela, junto com a História Social, contribuiu para os estudos da temática esportiva. Daí a importância de conhecermos um pouco mais sobre estas contribuições.

1.2 **História Social e História Cultural**

A História Social, enquanto dimensão, surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 influenciada pelas críticas do grupo dos Annales contra aquilo que consideravam uma velha história política e pela maior relevância dada à historiografia marxista, que cumpriam fielmente um programa de filosofia da história voltado para o econômico e para o social tal como havia sido proposto pelos fundadores do materialismo histórico a partir de meados do século XIX. Sua contribuição para a historiografia dos esportes foi possibilitar "uma ampliação do conceito de fontes, multiplicação dos objetos de pesquisa

[20] BOOTH, 2011, p.17.
[21] BONNEL e HUNT, 1999, p.6.
[22] BONNEL e HUNT, 1999.
[23] BOOTH, 2011, p.8.

e uma abordagem das práticas dos grupos considerados marginais no contexto da história oficial".[24] Ao permitir a expansão nas concepções sobre o que poderia ser pesquisado, o esporte passou a ser objeto de estudo por parte da academia.

Esta abordagem, entretanto, esteve longe de ter um caminho uno. Como ressalta Darton, os historiadores sociais "acorreram não para preencher o vazio, mas para esgaravatar nas ruínas da velha nova história, não para reconstituir um passado único, mas para cavar em diversas direções".[25] Ao estimular que as pesquisas históricas enveredassem por outros caminhos, os esportes ganharam espaços para ser um dos novos campos a receber os olhares dos pesquisadores, dentre os quais destacamos os historiadores, mas não exclusivamente, pois houve uma aproximação com a antropologia, a qual fez as pesquisas privilegiarem "progressivamente abordagens socioculturais sobre os enfoques econômico-sociais até então predominantes".[26]

Tal ponto é extremamente relevante, pois o esporte enquanto objeto se conecta bastante ao cotidiano social em diversas perspectivas, ele aparece como um objeto que não pode ser trabalhado de forma linear. A principal influência desta corrente veio da Inglaterra, onde havia uma preocupação "em recuperar as experiências dos de baixo e as tensões provocadas pelo choque entre as classes ricas e pobres".[27] Como aponta Sharpe, com ela foi possível, dentre outros resultados identificados, "ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e acima de tudo explorar as experiências daqueles homens e mulheres cuja existência é tão frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história"[28]. Tal processo, por sua vez, exigiu, segundo Duby, novas questões que, para serem respondidas, fizeram ser necessária a observação de novas. Assim, surgem novos campos de investigação.[29]

---

[24] ARAÚJO, p.1
[25] DARTON, 1990, p.177.
[26] CASTRO, Hebe. História Social. In: CARFOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.50.
[27] AGRA, Giscard F. A urbs doente medicada: A higiene da construção de Campina Grande (1877-1935). Campona Grande: Editora Marcone, 2006, p.20.
[28] SHARPE, Jim. A história vinda de baixo. In: BURKE, Meter. A escrita da história. Novas Perspectivas. Editora Unesp, 1992, p.41.
[29] DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988, p.130.

A estrutura social, antes trabalhada, por exemplo, pelos marxistas como forma de indicar as dicotomias existentes entre os agentes, passou a ser objeto de reflexão para o desenvolvimento esportivo. Importante destacar que isso não eliminou a sua ambivalência, mas buscou explorá-la para evidenciar como este cenário também se refletia nos esportes. Cleber Dias, por exemplo, ao estudar os esportes na região do Mato Grosso[30] destaca que são nos locais em que se observa a existência de progressos modernos que também se percebe a maior disponibilidade de opções de lazer:

> De um lado, cidades ou partes delas "ultracosmopolitas", como todos os progresso modernos disponíveis: a praça ajardinada, a eletricidade, a água encanada, o telégrafo, o cinema e os esportes. De outro lado, porém, uma ruralidade arcaica, com mais caminhos para estradas de boi do que estradas para carros, com uma infraestrutura urbana no mais das vezes pobre, com poucos confortos e opções de lazer.[31]

O cenário descrito por Dias a respeito das estruturas sociais não se constitui em exceção, como o próprio pesquisador afirma. A historiadora Lilia Schwarcz, como bem lembrado por Cleber Dias, já salientava este ponto a respeito das manifestações culturais no Brasil de princípios do século XX. Para ela, as ambivalências faziam parte da realidade do país também em suas manifestações culturais, além da estrutura social, pois era possível observar "maxixe e lundu com música clássica, cordel com literatura acadêmica, transporte acelerado com o ritmo do lombo do burro, um país urbano ladeado pela realidade isolada dos sertões".[32]Estas manifestações sociais criam laços de sociabilidades entre os indivíduos que delas participam. Segundo Claudia Barcellos Rezende, "na teoria social, a noção de sociabilidade se refere geralmente a situações lúdicas em que há congraçamento e confraternização entre as pessoas".[33] Durkheim, por sua vez, trouxe a concepção de que neste processo é possível revigorar sentimentos coletivos, afirmar valores, reforçar certos tipos de relação e construir identidades, ou seja, "a sociabilidade

[30] DIAS, Cleber. Esportes nos confins da Civilização: Mato Grosso, 1920-1930. Topoi, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, jan/abr. 2017.
[31] DIAS, 2017, p.69.
[32] SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord). História do Brasil nação: 1808-2010 (A abertura para o mundo, 1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 19-33.
[33] REZENDE, Claudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: "cariocas" e "nordestinos" na Feira de São Cristóvão. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001, p.167.

seria dotada de um caráter positivo – construtivo, afirmativo – para as pessoas que dela participam".[34] Não obstante, estes não são os usos exclusivos que podem ser feitos pela abordagem da sociabilidade.

Rezende, sem renunciar ao que chamou de positividade advinda da prática de confraternização, propõe que em tais situações seja possível "realçar diferenças e realizar separações, principalmente quando está em questão a afirmação de certas identidades".[35] Para tanto, ela considerada o processo de construção identitário sob o prisma de Stuart Hall,[36] para quem a identidade é sempre relacional e contrastivo, trazendo em si um aspecto de negação do outro, e o insere a partir da lógica das relações de poder. Desta forma, passa a ser factível enfatizar as diferenças que separam segmentos sociais e se debruçar acerca das diferentes maneiras que os grupos diversos interpretam suas realidades.

Tal perspectiva tem grande validade para a História dos Esportes, em especial no Brasil, pois permitiu romper com paradigmas criados por pensadores da primeira metade do século XX e que se difundiram bastante no senso, como Gilberto Freyre e Mario Filho, de que as dicotomias sociais puderam ser equacionadas por uma convivência harmoniosa entre os seus agentes. Houve, na prática, limites para esta integração social e que podem e devem ser problematizados pelos estudos sobre as relações de sociabilidades a partir de manifestações culturais, como o futebol.

Pierre Bourdieu é outro autor que pode ser aplicado à construção de identidades por meio da prática esportiva, tendo em vista que ele não considera viável que todos os praticantes de um mesmo esporte o façam utilizando os mesmos significados.

> De fato, por falta de homogeneidade social dos praticantes, salvo raras exceções, os públicos definidos pelas práticas da mesma atividade funcionam como campos em que a própria definição de prática legítima está em jogo: os conflitos a propósito da maneira legítima de praticar ou das condições, mais ou menos raras, da prática – créditos, instrumentos, espaços, etc. – retraduzem quase sempre diferenças sociais na lógica específica do campo.[37]

[34] REZENDE, 2001, p.167.
[35] REZENDE, 2001, p.168.
[36] HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Lamparina, 2019.
[37] BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2015, p. 200.

A legitimidade a respeito de alguma prática cultural pode ser percebida na sociedade em que ocorre por vários caminhos. No caso do futebol, por exemplo, ela pode ser disputada pelas narrativas históricas em torno de um futebol "oficial" que conta com seu patriarca fundador (Charles Miller) diante de outra versão na qual não há uma origem própria, como é o caso do futebol praticado nos subúrbios do Rio de Janeiro, e muitas vezes exibido apenas como uma variante ou consequência do que os "legítimos" futebolistas faziam. Estas construções não estão cristalizadas para sempre, como afirma Elizabeth Jelin, pois seu "sentido é apropriado e ressignificado pelos diversos atores sociais, segundo as circunstâncias e o cenário político no qual se desenvolvem suas estratégias e seus projetos".[38]

Os grupos sociais influenciam as construções de memória no sentido que consideram mais condizentes aos seus objetivos. Neste sentido, a narrativa de o surgimento do futebol por meio de homens fundadores com vivência na Europa (como é o caso de Oscar Cox na história do futebol no Rio de Janeiro) atende ao objetivo da aristocracia social carioca de conectar sua prática à sociedade europeia e, assim, se diferenciar dos demais agentes sociais que também jogavam futebol, tanto que alguns pesquisadores como Duarte[39] trabalham com a perspectiva de que o surgimento deste esporte no Brasil se deu uma década antes de seu Pai Fundador ir e voltar do continente europeu. Sob esta ótica, o ludopédio começou a ser praticado nos anos de 1880 por marinheiros, em sua maioria estrangeiros, bem como por operários de empresas de estrada de ferro, como a SP Leopoldino Railway, da cidade Jundiaí, no estado de São Paulo.

Não obstante, a versão histórica que se consolidou com mais força para a história do futebol no Brasil foi a deste esporte nascendo através do gesto de Charles Miller. Por que tal processo se mostra necessário? Porque, como enfatiza Beatriz Sarlo, "o discurso da memória, transformado em testemunho, tem a ambição da autodefesa; quer persuadir o interlocutor presente a assegurar-se uma posição no futuro".[40] Ou seja, de que o futebol brasileiro seria monopólio exclusivo de apenas um único grupo social, homogêneo e que controlou a forma de inserção das demais camadas da sociedade.

[38] JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madri: Siglo Veintiuno, 2002, p. 2.
[39] DUARTE, O. Futebol: história e regras. São Paulo: Editora Markron Books, 1994.
[40] SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura, memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.54.

A criação de regras para as práticas esportivas, por exemplo, mais do que uma forma de ordenar o desporto é reflexo da construção de uma sociedade por meio de restrições e geradora de diferenciações sociais pelas manifestações culturais. O sociólogo alemão Norbert Elias se notabilizou pela análise do processo civilizatório no esporte, apresentando a concepção de que os regulamentos são uma forma organizar a canalização das tensões socais para as arenas em que são possíveis se manifestar, inclusive de forma violenta, mas controlada ou até mesmo autocontrolada pelos próprios agentes.[41]

As diferenciações a respeito da prática esportiva são, sem dúvidas, um elemento importante para a História Social. Leonardo Affonso de Miranda destaca que o conhecimento das regras do jogo era essencial entre os *sportsmen*, bem como a utilização de instrumentos típicos deste esporte que não era acessível a todos, dada à necessidade de possuir condições financeiras para tanto.[42] Assim, entre estes, a aquisição de "artigos inglezes, calçados, bolas, caneleiras, bombas"[43] e de um livro contendo as regras do futebol, como os que eram comercializados pela Casa Clark, se tornou um fator de diferenciação:

> A técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.[44]

A vinculação de produtos como condição necessária para participar de uma atividade esportiva também pode ser vista como uma característica socialmente excludente. A representação dos *sportsmen* bem trajados com indumentárias específicas para os esportes estava presente na infância e acontecia desde a tenra idade, como indicado na revista *A Estação*, em 1900, que descrevia como um jovem deveria se vestir para o momento de se exercitar.

[41] ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edição 70, 2019.
[42] MIRANDA, 2000.
[43] Correio da Manhã, em 20/03/1903, p. 1.
[44] PEREIRA, 2000, p.39.

> Costume para Sport (calção, camiza de sport, jaqueta aberta) para meninos de 13 a 15 annos – Calção de cazemira azul ou branca, jaqueta de flanella lawn tênis lisrada azul e branco como forro de extrafort, adiante, fazendo dupla forrada de entretela sobre 13 cent. Collarinho recortado. Algibeiras pospontadas. Camiza de flanella branca com collarinho deitado e gravata marujo azul; cinto de sport axul; gorro de jockey de duas cores, meias azues e sapatos brancos.[45]

Ainda assim, se para o grupo com capacidade financeira de adquirir estes instrumentos a sua utilização fazia parte de um ritual social, no qual se diferenciavam dos que não podiam, os excluídos, por sua vez, davam um novo significado a isso por meio de sua postura e conduta em eventos esportivos.

Logo, podemos ver que não foi apenas a História Social que se dedicou a refletir sobre aqueles que foram esquecidos pelos historiadores até a primeira metade do século XX. A História Cultural também enveredou por estes caminhos, pois "desce abaixo do nível letrado e entra-se num território onde a história e a antropologia se reúnem".[46]. O historiador Peter Burke a define como "uma narrativa na qual há a ênfase na dimensão cultural da experiência humana, em detrimento da análise de base estrutural enfatizada pelo marxismo".[47] Tal visão para Lynn Hunt[48] permite, por exemplo colocar os elementos culturais acima das questões econômicas e sociais, mas sem necessariamente que isto signifique antagonizá-los.

A cultura, surge, portanto, como um elemento capaz de estar presente nas mais diversas camadas sociais, revelar diferenciações econômicas e de sentidos sobre uma mesma prática através dos conflitos que podem ser identificados, como destaca Edward P. Thompson:

> A cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa – por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante – assume a forma de um "sistema".[49]

[45] A Estação, em 15/06/1900, p. 8.
[46] DARTON, 1990, p.19.
[47] BURKE, 1992, p.42.
[48] HUNT, Lynn (org). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.9.
[49] THOMPSON, Edward P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p.17.

Ao mesmo tempo, o historiador inglês enfatiza que esta tarefa pode não ser tão simples, principalmente porque "o próprio termo 'cultura', com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições dentro do conjunto".[50] Assim, qual deve ser o papel da História Cultural? O de buscar pontos de harmonia entre os agentes sociais ou de indicar as diferenciações de sentido entre estes provocadas pela distinção socioeconômica?

Segundo Roger Chartier, a história cultural busca identificar o modo como em diferentes lugares e momentos determinada realidade social é construída e interpretada.[51] Dentro desta vertente, portanto, o que interessa ao historiador não é ser capaz de determinar a verdade sobre determinado recorte histórico, mas sim refletir sobre como alguns elementos são compreendidos pelos diferentes sujeitos envolvidos nas mais variadas épocas.

Tal realidade pode ser bem aplicada acerca de algumas práticas culturais que refletiram diretamente no desenvolvimento do esporte, como aconteceu com o associativismo civil. Dias é um dos pesquisadores que o considera "elemento histórico importante para a difusão desta prática [prática esportiva], onde a fundação de clubes, ligas ou federações aparece como dinâmica privilegiada".[52] A difusão de associações traz consigo também o crescimento do "número de clubes, associações recreativas ou mesmo instalações para o lazer, como hotéis, teatros e cinemas. Esses locais integravam parte importante do ritual de sociabilidade e diversão das elites",[53] dando-lhe outras funções sociais a partir da disseminação de novas interpretações culturais.

Chartier, portanto, é um dos pensadores importantes para a utilização da História Cultural na reflexão sobre o desenvolvimento esportivo, como fruto da expansão dos objetos historiográficos que passou a conceber a importância de que toda a vida cotidiana está inquestionavelmente mergulhada no mundo da cultura. Diante disso, passou-se a dar atenção à dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada, sendo este o aspecto entendido também no que tange "aos gestos, do corpo e da sua

[50] THOMPSON. 1998, p.17.
[51] CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p.24.
[52] DIAS, 2017, p.70.
[53] DIAS, 2017, p.70.

maneira de estar no mundo social, isto é, do seu modo de vida",[54] o que não se restringe apenas ao momento de sua produção, mas também à recepção. O historiador francês também trouxe reflexões sobre como as pessoas não letradas podem participar de ambientes outrora vistos como exclusivos aos indivíduos letrados, o que tem grande contribuição aos estudos da História do Esporte.

A base do pensamento de Roger Chartier está na elaboração das noções complementares de Práticas e Representações, entre as quais está a produção (modo de fazer) e a recepção (modo de ver) dos objetos culturais. As Práticas Culturais podem ser entendidas como os produtos gerados e os padrões de vida cotidianos estabelecidos, enquanto as Representações Culturais são as apropriações feitas, "de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano".[55] Na História do Esporte, as relações de práticas e representações são extremamente importantes, mas não de forma limitada a apenas conhecê-las e sim, como enfatiza Joan Scott, a permitir investigações e discussões sobre "que representações simbólicas são invocadas, como, em quais contextos".[56]

Tanto a História Social quanto a História Cultural são inseridas na categoria de Dimensões por José D'Assunção Barros, devido aos seus "macro-campos capazes de se desdobrar em ambientes internos, de produzir interfaces mais diversificadas, e de darem margem a um número significativo de obras historiográficas".[57] Ambas as dimensões passaram a receber a atenção de pesquisadores brasileiros graças à amploação nos conceitos de fontes e campos de investigação.[58] Neste sentido, os esportes e, em especial o futebol, passaram a ser objeto de reflexão por parte da academia brasileira.

Apesar do enfoque que optamos por dar nesta parte do texto à História Social e à História Cultural, é indissociável que outras abordagens têm acrescido bastante nos estudos esportivo, sendo, por exemplo, a economia parte importante deste processo.

[54] BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, 2005, p.127.
[55] BARROS, 2005, p.139.
[56] SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, 1995, jul-dez, p.86.
[57] BARROS, 2005, p.11.
[58] SILVERA, p.5.

Inserindo o esporte como uma forma de entretenimento, é possível identificar seu crescimento a partir dos séculos XVIII e XIX relacionados aos avanços sociais e culturais de um determinado período. Como apontou Eduardo Gomes em sua tese de doutorado:

> Assim, quando olhamos para as relações entre a História Econômica e o esporte, é impossível realizar uma desassociação das ideias de mercado com a construção espetacularizada que se consolidou historicamente nas competições de modalidades esportivas, notadamente nas disputas do esporte em alto rendimento. Como entender que público pode ir a um jogo de futebol, desconsiderando o valor dos ingressos? Como saber quem pode ou não ser sócio desse mesmo clube sem analisar o valor dos ingressos? Como saber quem pode ou não ser sócio desse mesmo clube, sem analisar os valores das mensalidades que, por si só, já delimitam um corte de classe específico?[59]

Melo, Fortes, Drummond e Malaia também dão ênfase a esta perspectiva ao destacar a importância de analisar e problematizar as questões econômicas. João Malaia Santos, em especial, já chamava a atenção para este ponto em sua tese de doutorado:

> A historiografia apresenta um número considerável de obras sobre futebol no campo da História Social. Esses títulos serão amplamente utilizados como base para este estudo. Mas no caso da História Econômica ainda são poucos os trabalhos, e será importante para a continuidade desse estudo uma discussão mais aprofundada do futebol como objeto da História e, principalmente, da História Econômica.[60]

Colocando este aspecto da História Econômica diante da base introduzida por Roger Chartier, por exemplo, podemos refletir a respeito de o papel exercido pelo torcedor como responsável por participar da produção e do consumo esportivo. Novamente, Malaia aponta:

> quanto custava ser um torcedor [em 1922], notadamente torcedor da seleção brasileira nessas competições [Jogos do Centenário em 1922]. A venda de ingressos nessas competições, um serviço prestado pelo qual um consumidor se dispõe a pagar um preço pré-determinado, foi feita pela CBD. Os ingressos são um tipo de mercadoria elástica ao

[59] GOMES, Eduardo de Souza. Esporte, Nação e Relações Internacionais na América Latina: uma análise comparada dos Jogos do Centenário de 1922 (Rio de Janeiro) e dos Jogos Bolivarianos de 1938 (Bogotá). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2020.
[60] SANTOS, 2010, p.11.

> preço, ou seja, tem elasticidade de se ajustar às flutuações da procura. Por isso, seus preços foram exageradamente inflacionados em relação aos ingressos cobrados nas competições locais, devido ao grande sucesso dos eventos e à grande procura por bilhetes.[61]

A questão, por exemplo, envolvendo os preços dos ingressos não pode ser vista desconectada de outras necessidades sociais ou dos hábitos culturais que permeiam a ida a um jogo de futebol e que também se manifestam em questões econômicas: os gastos com transportes, alimentação e outros detalhes da programação estão inseridos nisso.

Como também considera Gilmar Mascarenhas de Jesus, é preciso entender o crescimento da prática esportiva dentro de um aumento de sua "espetacularização" como forma de entretenimento desde o século XIX, no Brasil, mas já existente em França e Inglaterra no século XVIII.[62] O Rio de Janeiro, como capital do Império e depois da República, é um espaço central para compreender a nascente indústria de diversão que se estabelecia no país e que nos possibilita até mesmo refletir sobre as diferentes formas de apropriação das diversas camadas sociais existentes.

A este respeito, por exemplo, este importante geógrafo nos ajuda a tornar possível reflexões sobre os diferentes processos de consumo das modalidades esportivas. Para Mascarenhas:

> Foi sem dúvida muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vinculava diretamente não apenas aos fatos de estes representarem uma via para a vida saudável, mas sobretudo ao fato de constituírem um elemento civilizador ao ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro. Quanto às camadas populares, parecem ter-se mantido inicialmente reticentes ao surto esportivo, até porque a adesão a esse modismo implicava custos materiais elevados (todo o equipamento era importado) e mesmo a assimilação de estranhos códigos de conduta.[63]

[61] MALAIA, João Manuel. A história econômica entra em campo: Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. Revista Econômica Política e História Econômica, ano 9, n.27, 2012, p.165.
[62] JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. Estudos Históricos, 1999.
[63] JESUS, 1999, p. 29.

A questão dos valores despendidos para a prática e o consumo esportivo é central para entender o seu desenvolvimento. No Rio de Janeiro, a Reforma Urbana é um capítulo importante para acompanhar tudo isso, principalmente a respeito do futebol, cuja popularização, segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, se consolida com a sua proliferação para os clubes suburbanos.[64] E por que há esta atenção especial aos subúrbios do Rio de Janeiro? Para Malaia:

> O próprio processo de urbanização e reforma da cidade do início do século XX foi decisivo para a difusão do futebol pelos subúrbios cariocas. A expansão urbana levava a população de baixa renda para os subúrbios, com espaço suficiente para a improvisação dos campos de futebol.[65]

Sendo assim, a própria configuração geográfica que se iniciou no Rio de Janeiro na primeira década de 1900 pode nos fazer chegar a esta conclusão, uma vez que a especulação imobiliária da zona central e o encarecimento da zona sul lançaram um grande contingente de indivíduos para os arredores da Capital Federal, área em que foram surgindo os chamados campos de várzea, onde foi possível desfrutar dessa prática. Por esse prisma, torna-se factível entender um dos elementos que tornaram o futebol mais afeito à realidade dos diversos grupos sociais do Rio de Janeiro: esse esporte, economicamente mais acessível do que seus concorrentes de época (remo, turfe, ciclismo, alpinismo), se inseria também na necessidade de muitos indivíduos encontrarem remédios para as doenças que os assolavam.

Na primeira metade do século XX, foi muito comum a ocorrência de epidemias em diversas regiões do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que o governo central buscava encontrar medidas que erradicassem essa situação, como foi o caso da vacinação obrigatória, os homens e mulheres que sofriam diariamente com isso buscaram maneiras de derrotar esses agentes patógenos, sendo os esportes importantes mecanismos

[64] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.10, n.19.
[65] SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933). Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008. p.5.

nesta luta. Se a alta sociedade incentivava seus integrantes a praticarem remo ou a montar a cavalo desde o século XIX, as camadas populares também tinham nessas novidades vindas da Europa maneiras de se tornarem mais saudáveis.[66]

De formas variadas, as camadas sociais que compunham o Rio de Janeiro sofreram com a febre esportiva que incidiu sobre a região na virada do século XIX para o XX e que, até os dias atuais, não se dissipou. O futebol, inserido nesse contexto, caiu nas graças das pessoas comuns que, às suas maneiras, conseguiram praticá-lo. Ante as inegáveis tensões sociais que cercavam esta e outras relações é possível identificar uma disputa pelo controle da prática futebolística.

Malaia, mais uma vez, traz elementos para a nossa reflexão que permitem debruçar a respeito da dimensão cultural de uma determinada sociedade pela forma e o pelo impacto econômico do lazer.

> Uma comparação da variação dos preços dos ingressos no futebol com os de outras atividades de lazer do período podem elucidar a maneira como tais eventos passavam a ser encarados tanto do ponto de vista dos organizadores, quanto dos consumidores de espetáculo. O preço dos ingressos, dos mais baratos aos mais caros, pode nos revelar uma certa classificação das opções de lazer, pelo menos das mais divulgadas na imprensa. Além das diferenças de preços entre as atividades, cada uma delas tinha também variação quanto aos valores cobrados. Quanto melhor a localização e acomodação para se assistir ao espetáculo, mais caros os ingressos.[67]

Tais perspectivas vão ao encontro do que também pensa Edward Palmer Thompson, outra referência historiográfica importante para nosso trabalho e que se destaca por analisar um objeto do ponto de vista social, cultural e econômico. Para ele, "não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de cultura".[68]

Os estudos econômicos, por sua vez, não devem apenas se debruçar sobre as grandes questões que permeiam uma sociedade, mas também adentrar nos detalhes

[66] SOUZA, Glauco José Costa. Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015, p.56.
[67] MALAIA, 2012, p.
[68] THOMPSON, 1998, p.194.

cotidianos que impactam ou podem impactar a vida dos sujeitos históricos. Geovanni Levi, por exemplo, já conseguiu com este procedimento determinar que os preços nem sempre são determinados pelas relações de oferta e demanda, podendo também sê-lo por aspectos que fogem deste mantra da economia livre.[69] Como ressalta João Fragoso, em "Para que serve a história econômica? Notas sobre a exclusão social no Brasil", "uma das novidades dessa abordagem foi a preocupação em analisar não somente o mercado como *locus* da produção ou das trocas, mas também o seu significado para a qualidade de vida dos diferentes grupos sociais".[70]

No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, a rápida popularização do esporte teve relação com sua dinâmica social e cultural, na qual "o consumo passou a ser uma esfera de construção das distinções sociais, sendo a principal fonte de diferenciação aos padrões importados".[71] Na Capital Federal da Primeira República, é possível identificar a existência de uma verdadeira cultura de massas devido às possibilidades de acesso de divertimentos para boa parte da população urbana, principalmente, na visão de Tiago de Melo Gomes, por conta da ampla gama de experiências vivenciadas em comum e que iam além das práticas esportivas, abarcando também novidades "no campo do vestuário, o cinema e as jazz-bands".[72]

Tal entendimento, por sua vez, abre um novo campo de reflexão a respeito das relações entre o esporte e o mundo dos negócios, como salientam os pesquisadores João Malaia e Victor Andrade de Melo.[73] Consideramos, no entanto, que se por um lado ocorre devido ao fato de os espetáculos atingirem o maior número possível de consumidores, por outro não permite a eliminação das tensões sociais existentes em torno das práticas culturais.

Para Victor Melo, Rafael Fortes, Maurício Drummond e João Malaia, a relação do esporte com o empreendedorismo é tradicionalmente apontada pela sua ligação com

[69] LEVI, Giovanni. Le pouvirau village. Paris: Gallimard, 1989.
[70] FRAGOSO, João. Para que serve a história econômica? Notas sobre a exclusão social no Brasil. Estudos históricos. Rio de Janeiro, 2002, nº 29, p.5.
[71] OLIVEIRA, 2014, p.179
[72] GOMES, Tiago de Melo. Um espelho no palco. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004, p.34.
[73] MELO, Victor Andrade de, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. "Casa Sportman – sempre imitada, nunca igualada": estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909-1922). História Econômica e História das Empresas. Vol. 23, nº 2 (2020), p. 495-525.

os elementos culturais e políticos, mas pouco dialoga com a História Econômica.[74] Não obstante, este não é apenas o único obstáculo. Há a necessidade também de estabelecer uma aproximação com um pensamento econômico nacional, o qual, na visão de José Luís Cardoso, pode permitir adaptar o "conhecimento econômico difundido a partir dos fluxos internacionais e responderam a seus problemas específicos".[75] Assim, com a comparação de outras realidades e a incorporação de debates teóricos dos grandes centros de difusão do conhecimento econômico, as pesquisas esportivas podem ascender em termos de perspectiva.

Segundo Porter e Vamplev, é justamente isso que se observa nos estudos de língua inglesa. O avanço do neoliberalismo, na visão de Melo e Santos, jogou luz sobre a participação das empresas nas diversas atividades (inclusive culturais) que chamou a atenção dos historiadores:

> No caso da língua portuguesa, há uma peculiaridade ligada à tradução do termo. Usam-se duas designações para enfoques analíticos diferentes: história das empresas e história empresarial. A primeira foca na evolução dos empreendimentos em suas relações com as mudanças contextuais. A segunda privilegia os olhares sobre as ações de empreendedores no processo de desenvolvimento dos negócios (Barbero, 2003). Gonçalves e Saes (2017), todavia, sugerem que há um tipo de abordagem que, em diferentes graus, cruza a história das empresas com a história empresarial. Os autores, inclusive, preferem o uso do termo "história dos negócios", para nós mais apropriado para definir o que buscamos investigar.[76]

A história dos negócios, ou *Business History*, permite estabelecer maiores relações com a cultura material e a história de vida das instituições empreendedoras. É nesta perspectiva que há uma aproximação de homens de negócio e às atividades lúdicas da indústria de consumo que se desenvolvem no Brasil desde o século XIX, principalmente nas cidades.

---

[74] MELO, Victor Andrade de, DRUMMOND, Maurício, FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Pesquisa histórica e história do esporte. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.
[75] CANTARINO, Nelson Mendes. Resenha Bibliográfica de CONSETINO, Daniel do Val; GAMBI, Thiago Fonelas Rosado. História do Pensamento Econômico: pensamento econômico brasileiro. Niterói: Eduff; São Paulo: Hucitec, 2019. 324p (Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil, v. 1 Organização geral: Luiz Fernando Saraiva). História econômica e História das Empresas, vol. 23, nº 2 (2020), p. 530.
[76] MELO e SANTOS, 2020, p. 498.

O termo indústria do consumo está intrinsicamente ligado à indústria cultural e, para Theodor Adorno, pode ser completamente diferenciado de cultura de massa, que utilizamos anteriormente. Essa, por sua vez, pode dar a ideia de que uma manifestação cultural surge espontaneamente das próprias massas, enquanto aquela "é a integração deliberada, a partir do alto, de seis consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior".[77]

O ambiente urbano é o cenário no qual boa parte destas reflexões vão ser aplicadas. Considerando a cultura como uma rede de significados socialmente estabelecidos, como definira Geerz, as cidades são os locais privilegiados devido às transformações econômico-sociais que passam.[78] No século XIX, a noção de modernidade é aplicada a este processo e, no caso brasileiro, traz à tona outros aspectos como, por exemplo, "a projeção de uma cidade que se quer, imaginada e desejada, sobre a cidade que se tem, plano que pode vir a realizar-se ou não".[79]

Gilmar Mascarenhas enfatiza a importância da cidade para o exercício da geografia histórica aplicada ao desenvolvimento esportivo. Para ele, é possível "vincular o surto da febre esportiva ao momento em que a espacialidade urbana finalmente se tornou apta a vivenciá-la",[80] sendo este aspecto, aliás, essencial para entender outros aspectos da história urbana, como, por exemplo, a remoção da herança colonial-escravocrata do Rio de Janeiro. Segundo o autor:

> No plano das sociabilidades e dos usos dos espaços públicos na cidade do Rio de Janeiro, talvez seja prudente basearmos-nos num longo processo de transição das estruturas da vida cotidiana, que se iniciou discretamente em 1808 com a abertura dos portos e a chegada da família real, trazendo um novo conceito de vida urbana. O movimento adquiriu força a partir de 1850, com a adesão crescente ao "mundanismo" (Buarque, 1994) e iria consolidar-se já em plena Belle Époque, quando finalmente novas possibilidade de experiências encontraram um cenário propício. Estudando o advento dos esportes modernos no Rio de Janeiro, esta é uma dimensão que nos interessa, a da passagem gradual de uma cidade vigiada e de escassa sociabilidade ao ar livre

[77] ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. n: Sociologia. Gabriel Cohn (org.); Florestan Fernandes (coord.). São Paulo: Ática, 1986.
[78] GERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
[79] PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, nº 16, 1998, p.283.
[80] JESUS, 1999, p. 19.

> para uma outra, em que o espaço laico e hedonista da modernidade veio subverter e dessacralizar os espaços públicos.[81]

Neste cenário, novamente Chartier e sua perspectiva via História Cultural podem ser bastante úteis envolvendo as práticas e representações. Mascarenhas caminha neste sentido ao propor reflexões desde o final do século XIX sobre o movimento de adesão aos esportes, ao lazer e ao ar livre, bem como a retomada dos espaços públicos e a liberalização dos costumes, o que pode se encaixar dentro das noções apontadas pelo historiador francês indicado acima. Para o autor:

> Várias modalidades esportivas conquistaram então ampla aceitação em nossos principais centros urbanos. A nascente indústria do entretenimento popular, particularmente na cidade do Rio de Janeiro, apresentou neste período um formidável ritmo de expansão. Novos hábitos foram sendo rapidamente incorporados ao cotidiano das cidades brasileiras, expandindo as formas de lazer e refuncionalizando os espaços públicos, num processo que alguns autores definem como a laicização ou dessacralização da vida cotidiana.[82]

A visão de Mascarenhas se dá essencialmente a partir da concepção de que a materialidade urbana e a organização interna da cidade são condições necessárias para o desenvolvimento esportivo, como vimos anteriormente. Nos espaços urbanos, há práticas sociais que intervém nele, ao mesmo tempo que existem representações por parte dos consumidores gerando sentidos de forma não linear, isto é, como um vaivém que caracteriza a circularidade cultural, conceito utilizado por Ginzburg.[83] E por que isso? Porque a historiografia atual não se limita a analisar apenas os sujeitos que deixaram os seus registros escritos ou, como nas palavras de Pesavento:

> Isto não quer dizer, para o historiador que os homens comuns não sejam dotados de sensibilidade ou que sejam incapazes de elaborar representações. Todavia, resgatá-las é um caminho que segue outras vias que não a fotografia bem enquadrada e significativa, a obra de arte, o romance urbano ou crônica bem escrita. Ler a cidade dos excluídos, pobres e marginais conduz o historiador a "escovar a história a contrapelo", como diz Benjamin, buscando os cacos, vestígios ou vozes daqueles que figuram na história como "povo" ou "massa" ou o que se

[81] JESUS, 1999, p. 21.
[82] JESUS, 1999, p. 25.
[83] GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

> encontram na contramão da ordem, como marginais. É nos registros policiais, nas entrelinhas dos jornais, nas "colunas do povo" dos periódicos, nas festas populares e nas manifestações de rua, nos acontecimentos singulares que quebram a rotina da vida urbana que podemos encontrar suas vozes ou resgatar os indícios do que seria sua ordem, chegando às representações coletivas de uma "outra" cidade.[84]

A utilização de novas fontes e o novo olhar incidindo sobre fontes antigas é determinante para o desenvolvimento dos estudos sobre a História do Esporte.

1.3 **Fontes utilizadas nas pesquisas sobre futebol**

A história do futebol não está presente na historiografia política do século XIX. Como vimos, foi preciso percorrer um longo e intenso caminho para se chegar em um contexto no qual estudar as manifestações culturais e sociais daqueles que nem sempre deixaram seus registros escritos viessem ao encontro da academia. Antes, foi necessário uma relativização e expansão dos conceitos de objetos históricos e das fontes, o que só foi conseguido na segunda metade do século XX. Assim, influenciado pela História Social e pela História Cultural, a historiografia passou a se debruçar sobre estes novos temas.

A utilização da imprensa como fonte de pesquisa é um elemento determinante para se analisar a história do futebol atualmente. Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em sua obra **Footballmania – Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938,** fez uso em larga escala para construir sua pesquisa.[85] Não obstante, vale destacar que os periódicos são erigidos por pessoas que não podem ser vistas como sujeitos neutros dos processos históricos em que estão inseridos. Logo, precisam ter suas informações vistas como elaboradas por sujeitos de fala que buscavam demonstrar sua visão de mundo. Pereira toma tais cuidados em seu trabalho e utiliza, ao total, 70 periódicos para refletir sobre a história social do Rio de Janeiro durante a primeira metade do século XX por meio do futebol.

Bourdieu apresenta uma possibilidade para o uso da imprensa como fonte história na História dos Esportes que não pode ser ignorado, uma vez que "os cronistas dos jornais,

[84] PESAVENTO, 1998, p.284.
[85] PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

agentes do campo esportivo, marcavam diferenças e reproduziam gostos e modos em relação ao que era considerado socialmente aceitável por meio de mecanismos de distinção".[86] Sob esta perspectiva, por exemplo, podemos discutir as construções de visão do esporte dentro dos discursos de modernidade presente nos séculos XIX e XX, bem como refletir sobre as lutas simbólicas travadas pelos grupos sociais que se debruçavam sobre as práticas esportivas. Laura Maciel corrobora tal perspectiva e acrescenta a importância da imprensa como fonte para analisar os modos de vidas de determinados grupos, mas enfatiza que a forma para fazê-lo não pode ser apenas como fontes de informação; é preciso entender os interesses em seus discursos.[87]

A imprensa enquanto fonte para o estudo da história esportiva no Brasil se deve à atenção que ela lhe deu a partir do século XIX e, principalmente, com a chegada dos anos 1900. Os jornais e revistas existentes passaram a deixar espaços cada vez maiores para informar sobre as notícias dos esportes e, posteriormente, páginas específicas para cobrir estas atividades foram criadas, bem como publicações exclusivas sobre o tema. Tais fatos são exemplos não só da difusão da prática esportiva na sociedade, como também, para os pesquisadores, demonstram as possibilidades de fazer uso destes materiais como fontes de pesquisa.

O trabalho jornalístico pode ser comparado a um registro diário dos fatos mais relevantes, na visão do redator e do veículo que publica sua matéria, sobre determinado assunto. Dentro desta concepção, é possível encontrar em seus acervos informações capazes de nos permitir refletir acerca do cotidiano dos temas de pesquisas, mas sempre tendo como norte o fato de que a imprensa não apresenta uma verdade absoluta a respeito do que retrata, pois, e optamos por nos repetir neste momento, seus textos são redigidos por pessoas que não podem ser vistas como sujeitos neutros dos processos históricos em que estão inseridos.

> Uma observação atenta da mídia permite perceber sua atuação simultânea como arena e agente. De um lado, os veículos funcionam como espaços em que múltiplas vozes se pronunciam [...]. Do outro

[86] BOURDIEU, 2015.
[87] MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, esfera pública e memória operária - Rio de Janeiro (1880-1920). rev. hist. (São Paulo), n. 175, p. 415-448, jul.dez., 2016

> lado, cada produto midiático interfere na dinâmica do campo, expressando posicionamentos, pautas e interesses próprios.[88]

Ainda assim, principalmente para as pesquisas esportivas, os jornais e as revistas são as fontes mais acessíveis e, por isso, também as mais utilizadas. Como afirma Juremir Machado da Silva:

> Lê-se o passado em toda sorte de vestígios, de vitrais a manuscritos e impressos. Jornais são marcas consagradas desses passados que batem à porta do presente, desses presentes futuros que jamais param de se atualizar e só esperam o toque mágico que os trará de volta. O jornalista, na pressa da sua labuta diária e por força dos clichês da profissão, costuma acreditar que sua obra perece no dia seguinte à sua publicação. Não percebe, muitas vezes, que se torna objeto de arquivo no mesmo dia em que perde atualidade. Os jornais do passado continuam, no silêncio dos arquivos, a gritar "extra, extra" e a iluminar, na obscuridade das encadernações, aquilo que, com a passagem de ano, se torna imprescindível compreender.[89]

Não obstante, nem todo objeto histórico é possível de ser analisado apenas pelo que está registrado. A dificuldade de os homens comuns deixarem registros escritos de sua história é um fator limitativo de quaisquer pesquisas na área de história social, porém, essa barreira pode ser superada pela ajuda de terceiros, como ocorre com os relatórios policiais e processos judiciais.

Sidney Chalhoub, em **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores do Rio de Janeiro da belle époque,** se notabilizou por utilizá-los e refletir sobre os aspectos das vidas sociais e das práticas culturais do proletariado carioca no início do século XX, pois, em sua visão, isto pode permitir "fundamentar historicamente a ideia de que havia uma pluralidade de sujeitos políticos na sociedade, lutando a seu modo para atingir objetivos que lhe eram caros e assim governar a própria vida".[90] Já Lima afirma que:

> Pela precariedade das fontes, muito pouco podemos detalhar acerca das elaborações e do imaginário da cidade construído por alguns desses

[88] MELO, 2013, p.114.
[89] SILVA, Juremir Machado de. Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017, p.13.
[90] CHALHOUB, 2012, p.7.

> grupos, ou pelo que Michael de Certeau chamou de "homem ordinário". "Os homens, personagens disseminados, caminhantes inumeráveis... multidão de heróis quantificados que perderam nomes e rostos",[91] que passavam anônimos pelas ruas e praças reformadas para perambular, trabalhar, conversar, pedir esmolas ou descansar, pouco deixaram registrado sobre as suas representações da cidade, uma vez que sua principal prática de transmissão de conhecimento se fazia sobretudo por meio da oralidade, registro que se pede com mais facilidade no tempo.[92]

O mesmo processo também pode ser aplicado para estudar o desenvolvimento esportivo, tanto para mensurar o crescimento das sociedades esportivas que, no caso do Rio de Janeiro, deveriam se registrar e ter autorização policial para funcionar, como também para auferir os conflitos sociais por trás das atividades esportivas. Esse último aspecto tem chamado a atenção de muitos pesquisadores, como o sociólogo Maurício Murad, para quem "o futebol acaba expressando a violência geral da sociedade. Então, aumentando a violência geral na sociedade, ela tende a aumentar também no futebol".[93] Com essa perspectiva, é possível enxergar o futebol como "uma metáfora possível de estruturas existentes básicas, uma representação da vida social".[94] Um exemplo disso, que abordaremos com mais profundidade nos capítulos posteriores, se deu em 1917, quando Brasil se viu em meio a um estado de sítio durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), as agitações sociais por conta da eclosão de greves e, como publicou *O Imparcial*, "deante das desordens e conflitos ultimamente verificados em nossos grounds de football",[95] um aumento da vigilância policial sobre as atividades futebolísticas.

A relação entre o futebol e as reivindicações que aconteceram durante a Primeira República já se faz presente desde o início do século XX. Em 1906, por exemplo, quando o Primeiro Congresso Operário indicou a necessidade de reforçar a campanha pela conquista ao direito das oito horas de trabalho a fábrica Bangu, onde havia surgido em 17 de abril de 1904 o Bangu Athletic Club, não abraçou a causa. O clube visto com uma entidade da fábrica trazia em seus estatutos a obrigação dos sócios de procederem "com a máxima correção quando uniformizados ou com o distintivo do club e quando estiverem

[91] CERTEAU, Michel De. A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994, p.57-58.
[92] LIMA, Eduardo José Silva. Recife entra em campo: história social do futebol em Recife (1905-1937). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2013, p. 77-78.
[93] MURAD, Maurício, 2007, em entrevista para o www.cidadedofutebol.uol.com.br.
[94] MURAD, Maurício, 2007, p. 17.
[95] O Imparcial, 30/11/1917, p.8.

no recinto deste".[96] Em seu artigo 50, por exemplo, estavam "expressamente proibidas, no recinto do club, as discussões de caráter político, religioso ou de nacionalidade",[97] uma forma de limitar o processo de socialização masculina ocorrido naquele clube que, muitas vezes, como aponta Simoni Guedes, passavam pelo futebol e geravam efeitos em assuntos políticos.[98]

De maneira geral, podemos ver que o Bangu e as forças policiais buscavam, com estas medidas, controlar as ações dos trabalhadores, jogadores e torcedores, pois o futebol não pode ser desconectado da realidade na qual se manifesta, assim como a História dos Esportes está atrelada às abordagens da História Social e da História Cultural. A utilização do Bangu é exemplo de trabalho que pode ser feito com os estudos dos clubes como fontes históricas. Estes, no entanto, são um objeto raro para se encontrar e utilizar nos estudos futebolísticos e muito disso se deve a pouco a atenção que os clubes dão ao registro da sua própria história. Tal cenário dá à História dos Esportes um caráter fragmentado e que se faz ainda mais presente para aqueles que estudam a história dos subúrbios, como é o nosso caso.

Segundo José de Souza Martins, autor da obra **Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo,**[99] o estudo deste objeto é, inicialmente, um reflexo do alargamento da concepção sobre as fontes históricas e de uma mudança acerca da visão estabelecida sobre a vida urbana. Para ele:

> É preciso repensar a cidade, sua história, suas possibilidades. O olhar que decorre do vivido no subúrbio é instruído pela experiência das rupturas inauguradas pela fábrica, pelos acidentes, pelas tensões, pelos confrontos inevitáveis de todos os dias, ocultados pela repetição tardia de formas, de movimentos, de palavras, de ideias. É um olhar que revela outras dimensões da vida urbana, porque é outro o imaginário de que faz parte.[100]

[96] Estatutos do Bangu AC, 2015, p.3.
[97] Estatutos do Bangu AC, 2015, p.10.
[98] GUEDES, S. L. Os Trabalhadores e o Futebol no Rio de Janeiro: A fundação do Bangu e a Democratização Social da Cidade. In. XV REUNIÃO DA SBPH, 1996. ANAIS DA XV REUNIÃO. CURITIBA. p. 25-30.
[99] MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hicitec; Unesp, 2002
[100] MARTINS, 2002, p.9.

A necessidade de desenvolver tal atividade exige também que se busquem novas fontes capazes de revelar as formas de manifestações suburbanas e até mesmo o entendimento a respeito do que são subúrbios. Para alcançar este objetivo, por exemplo, o historiador não deve ficar restrito à sua própria área, isto é, é preciso aprender e refletir por meio de outras ciências, como a Geografia, por exemplo.

O estudo do futebol, enquanto elemento de manifestação cultural, é objeto de estudo da História e vem ganhando cada vez mais espaços no ambiente acadêmico nos últimos anos. As pesquisas e trabalhos a respeito do tema produzidos nas universidades têm crescido o que gera, por conseguinte, um cenário diferente do que se via outrora, quando a temática esportiva não se fazia presente nos periódicos, livros e congressos universitários como atualmente.

A realidade contemporânea de maior atenção aos estudos esportivos não se fez da noite para o dia. Ela foi fruto de uma construção histórica, por meio da qual esse tema passou a ser demandado pela sociedade como objeto de reflexão acerca de si próprio, e cujos primeiros passos começaram ainda na transição dos séculos XIX para o XX. Foi neste período que surgiram as primeiras obras que trouxeram o esporte como assunto principal, mas ainda sem um grau de reflexão profundo, isto é, tais textos objetivavam a preservação da memória de práticas que ainda estavam em seus primeiros passos. Produzidas, em sua maioria, "por antigos praticantes e/ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades",[101] tais trabalhos careciam de aprofundamentos que permitissem uma discussão aprofundada e critica destes momentos, mas podem ser caracterizados como a primeira fase das pesquisas sobre a história dos esportes.[102]

Com o alvorecer do século XX, a perspectiva a respeito das produções sobre a história esportiva ainda manteve um caráter bastante militante e focada na experiência de grandes expoentes (inclusive politicamente). A narrativa de datas e fatos era, pois, um dos resultados deste período, que acabou por gerar uma "história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas"[103] como uma das características principais

[101] MELO, Victor Andrade de Melo, DRUMOND, Maurício, FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia (orgs). Pesquisa Histórica e História do Esporte. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013, p.32
[102] MELO, 2013.
[103] MELO, 2013, p.33.

da segunda fase das pesquisas esportivas. Em suma, o que se tinha até aqui eram as narrativas de episódios cronológicos que engrandeciam os agentes envolvidos e ligados a quem estava registrando seus feitos – isso quando os próprios atores não eram os que registravam a história.

Foi somente a partir de 1940 que os estudos envolvendo os esportes conheceu a sua terceira fase, com destaque para o futebol, e tiveram uma transformação importante. De lá até 1980 houve uma ampliação dos estudos sobre esta temática. Se até ali as fontes eram escassas e poucos críticas, o final da primeira metade do século XX presenciou um alargamento sobre as informações de origem e, como destaca Melo, com isso foi possível identificar trabalhos "que apontam para uma perspectiva mais crítica e interpretativa da história"[104]. Uma das obras mais simbólicas deste período e que até hoje segue como referência para os estudos sobre a história do futebol, embora não seja um trabalho histórico, é o livro **O Negro no Futebol Brasileiro**, escrito por Mario Filho.

O autor destaca que, embora tenha levado cinco meses para concluir o material, utilizou fontes variadas para refletir acerca de parte da história do futebol carioca. Os jornais foram fontes valiosas para a construção do trabalho de Mario Filho, mas, como ressalta o próprio autor, eles possuíam limitações, pois a consulta de jornais até a década de 1910 podia servir apenas para as estatísticas de resultados de jogo. Por isso, um dos aspectos mais peculiares trazido pela obra **O Negro no Futebol Brasileiro** foram as entrevistas com algumas testemunhas que vivenciaram parte do início do esporte na capital federal: "Essas conversas com os próprios personagens da história do futebol brasileiro é que iam enriquecer o meu ensaio. Personagens que viviam, que deviam se lembrar do que tinha acontecido naqueles tempos".[105]

É importante destacar que a História Oral, enquanto referencial teórico-metodológico, não é possível de ser afirmada como metodologia de pesquisa utilizada por Mario Filho. Não obstante, as conversas, como o próprio autor denominou, permitiram dar vozes aos sujeitos excluídos da história do futebol registrada até então. Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr em debate com Antonio Jorge Soares se alinham na perspectiva de que os relatos apresentados por Filho precisam ser vistos com os devidos cuidados

[104] MELO, 2013, p.34.
[105] FILHO, Mário. O Negro no futebol brasileiro. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 20.

metodológicos.[106] Porém, os autores de **Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol** destacam que "no entanto, não podemos nos dar ao luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária ao custo de perder em vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro".[107]

Os diálogos, obtidos por meio dos relatos orais, foram utilizados em conjunto com as informações conseguidas junto da imprensa e com imagens. Estas, por sua vez, foram responsáveis por ampliar à perspectiva em relação às fontes possíveis de serem utilizadas, como, por exemplo, em relação à história do goleiro Marcos de Mendonça, do Fluminense, contada por Mario Filho:

> Marcos de Mendonça teve a gentileza de emprestar-me o seu álbum, o mais completo repositório dos acontecimentos do futebol de 10 a 19. Com fotografias preciosas, com recortes de jornais, às vezes dez recortes de jornais diferentes sobre um mesmo jogo, o álbum de Marcos de Mendonça me serviu de muito, principalmente para acompanhar o que eu chamaria a história da importância do futebol. Importância que se sentia crescer com os recortes, com as fotografias. A estreia de Marcos de Mendonça, em 10, num jogo Haddock Lobo e Fluminense, um quarto de coluna. Em menos de três anos os jornais já davam uma página para um simples jogo. E, depois, o álbum fornecia nomes, me apresentava a uma porção de gente que eu podia consultar.[108]

Nesta terceira fase, portanto, temos uma mudança sensível em relação à construção historiográfica. Se no início do século XX as reflexões se davam de forma rasa sobre grandes expoentes (fatos e pessoas), a partir dos anos 40 isso começou a mudar

---

[106] Neste aspecto, é importante salientar que Antonio Jorge Soares não se obsta por completo em considerar a validade de O Negro no Futebol Brasileiro, desde que "a obra fosse tomada como mais uma fonte de informação e contrastada ou cruzada com outras" (SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. Estudos históricos. 1999, vol. 23, pág. 120). Aliás, este é um processo que faz o historiador Renato Lanna Fernandez em sua tese de doutorado O jogo da distinção: C. A. Paulistano e Fluminense F. C.: um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-1933), defendida em 2016, na FGV. No trabalho, ele desconstrói uma informação apresentada por Mario Filho em em uma partida realizada no dia 13 de maio de 1914 entre Fluminense e América, o jogador Carlos Alberto, com medo de sofrer uma hostilidade da torcida americana que o chamava de "negro pernóstico", teria passado pó de arroz no rosto para não ser reconhecido. Para Fernandez, o fato de não existir registros que comprovem que tal fato realmente ocorreu é um elemento que não o permite crer nesta narrativa de Filho ou, em outra hipótese, ao menos não enxergar a situação com o jornalista o fez. Ademais Mario Filho, o jogador após esse incidente teria saído do clube, mas as pesquisas de Renato Lanna Fernandez apontam para a sua a escalação em outras partidas posteriores, como o confronto entre o Fluminense e o Paulistano que dão título a sua tese.

[107] HELAL, Ronaldo e GORDON JR, Cesar. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. Estudos Históricos, vol.23, 1999, pág. 150.

[108] FILHO, 2003, p.20.

– não que tal cenário, necessariamente, significasse uma democratização em relação aos estudos, pois a perspectiva adotada por Mario Filho na obra se constituiu em uma das poucas iniciativas neste sentido para a sua época. O autor, por exemplo, tomou contato com a história de Marcos de Mendonça, mas não se limitou a reproduzi-la. A partir dela, tanto o leque de fontes, quanto a análise, foram expandidas de modo a permitir abordar temas não só ligados ao esporte (futebol), mas também relacionados à própria História do Brasil. O racismo é um elemento que se faz presente em **O Negro no Futebol Brasileiro**, tema intrinsicamente ligado à escravidão abolida legalmente em 13 de maio de 1888, mas que sem eliminar os resquícios destes quase quatro séculos de exploração da mão de obra africana, ainda se faz presente atualmente.

Novamente, Helal e Gordon Jr trazem uma visão interessante acerca das possibilidades de executar os estudos da questão racial por meio de **O Negro no Futebol Brasileiro**. Se por um lado Soares enfatiza este processo por meio dos debates envolvendo o amadorismo e o profissionalismo, Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr são mais diretos e inserem as considerações racialistas que se fazem presentes ao longo da formação da nação brasileira. Para eles, "é preciso situar o surgimento da prática desportiva do futebol no país dentro de todo esse contexto cultural"[109] e "os 'causos' de Mario Filho não provam, mas ilustram bem os reflexos dessa imagística, bem como da teoria do branqueamento".[110]

A diferença de visão sobre a obra se deve à dificuldade que há em determinar o seu gênero (se historiográfico ou fictício), razão pela qual é preciso também considerá-la sob outras perspectivas para além das que foram apresentadas até agora. Neste sentido, é importante destacar o trabalho de Marcelino Rodrigues da Silvae sua visão de **O Negro do Futebol Brasileiro** em dois aspectos: um como fonte histórica e outro como objeto de reflexão sobre o que dali pode ser considerado história.[111]

Mesmo que possamos vislumbrar avanços nos estudos sobre a História dos Esportes no Brasil, até 1980 alguns problemas persistiram. A periodização utilizada pelos pesquisadores não era autônoma, isto é, estava submetida a episódios grandiosos

[109] HELAL e GORDON JR, 1999, pág. 155.
[110] HELAL e GORDON JR, 1999, pág. 155.
[111] SILVA, Marcelino Rodrigues da. Mil e uma noites de futebol: o Brasil Moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

exteriores ao objeto analisado. Naquele momento, quando outros âmbitos da História Cultural e da História Social rompiam com essa linearidade, àqueles que se debruçavam sobre as reflexões esportivas se viam presos a cenários que só seriam superados a partir da década seguinte com a eclosão de uma nova fase destes estudos. Não obstante, é importante destacar que havia movimentos nos estudos sobre os esportes que iam na contramão desta realidade. Era possível observar desde a década de 1970 "a realização com maior frequência de investigações sociológicas e antropológicas ligadas ao esporte, entre as quais se destacam as contribuições pioneiras de José Sérgio Leite Lopes, Simoni Lahud Guedes, Roberto DaMatta e Maurício Murad".[112] Tais características nos permitem enxergar este momento como uma Quarta Fase das pesquisas sobre História do Esporte.

Ainda assim, tal movimento se tornou mais evidente a partir dos anos 1990 quando foi possível perceber uma proliferação de estudos do esporte na interface com o arcabouço das ciências humanas e sociais. Desta forma, foi notável o aperfeiçoamento das iniciativas de pesquisa, permitindo discussões com maior profundidade e a presença e o papel da prática nos diversos quadros socioculturais. Tem início, assim, a Quinta Fase dos estudos relacionados à história do esporte. Iniciada em 1990, ela dura até os dias atuais. Todavia, é importante também ressaltar que a História, enquanto ciência, não abraçou o esporte como objeto de estudo imediatamente. Havia para os historiadores a necessidade de ampliar o escopo em torno de uma História Social e/ou Cultural, mas ainda foi preciso superar alguns obstáculos para os esportes (dentre os quais está o futebol) se fazer presente na academia quase na virada para o século XXI.

Um dos primeiros trabalhos que se enquadram nesse novo contexto foi realizado pelo pesquisador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, denominado **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938**. Publicada como livro no ano 2000, a obra é fruto da sua tese de doutorado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) concluída em 1998, mas cuja pesquisa teve seu início quatro anos antes quando ele buscava fontes sobre outra temática, como explica o autor:

[112] MELO, 2013, p.35.

> Ingressante no doutorado em história social na Unicamp, propunham-me analisar a consolidação do nacionalismo nas primeiras décadas desse século, usando para isso os festejos do Carnaval carioca – sobre o qual já havia desenvolvido um trabalho anterior. Enfiado nos arquivos e bibliotecas do Rio de Janeiro, fui, porém sendo vítima progressiva de um estranho fenômeno: como se fosse uma conspiração orquestrada pelo destino, caíam em minhas mãos os mais variados documentos relativos ao futebol no Rio de Janeiro em suas primeiras décadas. [...] não me atreveria assim tão facilmente me entregar a um tema que aparentemente se mostrava ainda menos respeitável. Minha resistência, no entanto, não durou muito. Mostrando-me um mundo sobre o qual, até então, eu nunca refletira com maior seriedade, uma infinidade de relatórios policiais, artigos e livros conseguiu, aos poucos, minar minhas certezas.[113]

O relato feito por Leonardo Pereira nas primeiras páginas de seu livro sintetiza um pouco do quadro historiográfico a respeito da História dos Esportes no Brasil na virada para o século XXI. Apesar de ser possível identificar elementos de sua trajetória desde o século XIX, os anos 2000 ainda se depararam com uma certa hesitação em abordar esta temática. Não obstante, a ampliação da concepção de fontes que poderiam ser utilizadas pelos trabalhos historiográficos, iniciada na segunda metade do século XX, foi determinante para permitir também um alargamento dos objetos de estudo. Os esportes, dentre os quais o futebol, se beneficiaram disso.

Em **Footballmania** isso se faz presente ao longo das mais de 300 páginas de que é composta a obra. Fontes memorialísticas, atas de clubes, notícias de jornais e revistas de grande circulação, relatórios e estatutos são a base para a elaboração dos capítulos. Todavia, junto com eles é possível enxergar a presença de material literário, processo judicial e informações obtidas junto a periódicos de pequena e restrita circulação que outrora não viriam a ser utilizados para tratar do futebol. Ao longo dos últimos, tal processo tem permitido que a historiografia sobre o futebol aborde temas antes ignorados, como o processo de profissionalização e a prática futebolística nos subúrbios do Rio de Janeiro.

Em a **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**, tese de doutorado da Universidade de São Paulo (USP), João Manuel Malaia Casquinha

[113] PEREIRA, 2000, p.9.

dos Santos dá destaque ao processo econômico e social que ocorreu ao redor do futebol no Rio de Janeiro na primeira quarta parte do século XX, salientando o caráter ativo que o poder econômico das camadas de menor poder aquisitivo exercia neste esporte. Por meio de uma rigorosa "análise dos documentos relacionados ao futebol brasileiro, à imigração e à origem dos jogadores do Vasco da Gama, assim como de documentos que mostrem o desenvolvimento urbano e capitalista da cidade do Rio de Janeiro, em particular, e do conjunto do Brasil",[114] ele consegue "perceber claramente que o enquadramento deste esporte está em consonância particularmente interessante com as questões socioeconômicas do próprio país no início do século XX".[115]

Os periódicos da época foram as principais fontes de pesquisa para o trabalho de Santos, mas a eles se juntaram outros tipos de fontes, indo ao encontro do que analisamos no subcapítulo sobre fontes históricas:

> Será dada ênfase ao período inicial de crescimento da estrutura do futebol carioca, fazendo-se uso de documentos dos mais variados tipos, principalmente os periódicos da época, as atas e relatórios dos clubes, a legislação do período, os dados demográficos dos censos oficiais, os documentos relativos à economia da época, como tabelas de preços e salários, tabelas de consumo de alimentação e de despesas familiares, além de entrevistas dadas por jogadores. Algumas das obras utilizadas nestes trabalhos são livros escritos por pessoas que viveram na mesma época a que este estudo se dedica. Essas obras foram fundamentais, principalmente na reconstituição de alguns personagens do período e também na procura por valores de prêmios de jogadores que obviamente não eram divulgados em documentos oficiais.[116]

Em **A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923)**, dissertação de mestrado concluída em 2012, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nei Jorge dos Santos Júnior aprofunda um olhar sobre as relações entre futebol e identidade em algumas regiões suburbanas da Capital Federal, demonstrando com propriedade as ambivalências em torno do futebol no início do século XX. Especificamente, este trabalho mostra como o esporte foi importante também para reforçar a existência de um sentimento suburbano, por assim dizer, concomitante ao

[114] SANTOS, 2010, p.9.
[115] SANTOS, 2010, p.9.
[116] SANTOS, 2010, p.9-10.

processo que também ocorria entre outras regiões e agentes socioeconômicos cariocas. Por meio de jornais e outras fontes, o pesquisador mostra parte dessa construção em dois bairros específicos, mas cujos desdobramentos nos ajudam a perceber os múltiplos caminhos que a prática esportiva tomou em sua formação.

Os avanços nas reflexões sobre a história esportiva se fazem presentes não só na criação de novos trabalhos, mas também na revisão dos antigos. Em alguns momentos deste texto apresentamos concepções sobre o livro **A História do Negro no Futebol Brasileiro** e hoje muitas questões seguem o envolvendo, mas sem se limitar aos reducionismos do passado. O historiador Ricardo Pinto, por exemplo, consegue extrair do clássico texto de Mario Filho apontamentos que permitem aos pesquisadores extrair novas e atualizadas questões daquela obra:

> A obra em questão, do começo ao fim, está interessada em contar a história, basicamente, do futebol no Rio de Janeiro, com algumas passagens por São Paulo. Mesmo que isso não aponte para nenhum problema em si, associado ao título pode gerar, como gera, em larga escala, a falsa ilusão de que essa história daria conta de explicar as experiências do negro em outras regiões. Ausências como a formação da Liga da Canela Preta (1910\1912), em Porto Alegre, e a ascensão do Futebol das Camadas Populares em Salvador (1912), são apenas duas de tantas outras experiências que nos ajudam a ter clareza das limitações da obra de Mario Filho.
> Seguindo uma espécie de roteiro (surgimento, revolta, ascensão, provação e domínio) o livro perde de vista os interesses privados que negros e brancos buscavam dentro do esporte, não somente o futebol. Do mesmo modo, obscurece a forma dinâmica e complexa como ambos os grupos lidaram com os desafios que os novos tempos foram impondo as suas experiências. Bem como, afirma de forma categórica e equivocada que as questões referentes ao negro tiveram seus primeiros desdobramentos no Rio de Janeiro nos anos 20.[117]

A perspectiva de Pinto se faz em um período historiográfico no qual cada vez mais trabalhos surgem permitindo reflexões específicas sobre a história esportiva, diferente dos anos pretéritos em que, como afirmou Soares, "a carência de historiografia sobre futebol converteu o NFB [Negro no futebol brasileiro] em clássico".[118] Tal cenário, importante

[117] https://historiadoesporte.wordpress.com/2015/01/04/o-negro-no-futebol-brasileiro/, em 28 de dezembro de 2020, às 11h22min.
[118] SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. Estudos históricos. 1999, vol. 23, pág. 120.

dizer, não é benefício exclusivo da historiografia esportiva ou futebolista. Ela se faz presente em outros âmbitos dos estudos históricos e não só do século passado.[119]

Tal guinada historiográfica nos serve de inspiração para nos debruçarmos sobre as dinâmicas internas das práticas esportivas, em especial o futebol no Rio de Janeiro das regiões conhecidas como Subúrbios. Partimos do pressuposto de que foi justamente as possibilidades de vivenciar diária e intensamente o futebol que permitiu a sua difusão e disseminação na sociedade carioca. Isto, no entanto, não significa que todos os jogassem e, principalmente, que o fizessem da mesma maneira. Como as reflexões historiográficas que fizemos anteriormente nos mostraram, é preciso dar atenção às dicotomias dos grupos sociais envolvidos em manifestações culturais.

Dicotomias que, no entanto, não impediam o consumo de produtos e serviços pelos menos abastados economicamente e nem mantinham acessíveis estes itens apenas aos que detinham um maior poder aquisitivo. Este cenário, importante dizer, não se configura apenas no século XX, mas já se faz existente pelo menos desde a segunda metade dos anos 1800. André Boucinhas, doutor em Letra pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS), destaca que em 1870 as condições de vida dos trabalhadores, mesmo com todas as dificuldades e diante de uma forte desigualdade, permitiam existir margem para o consumo de supérfluos (aqueles que iam além das necessidades básicas) e até a acumulação de alguns bens.[120] Para ele, muito influenciado pelos trabalhos de Giovani Levi, as escolhas no mercado não eram fruto apenas de uma lógica econômica, mas também de aspectos importantes da cultura desses grupos.

Contudo, o fator monetário não pode ser desconsiderado ao se estudar a História dos Esportes. Sem dinheiro, a participação e a prática esportiva poderiam ser comprometidas. No Rio de Janeiro da Primeira República não eram poucos os desafios que os trabalhadores e trabalhadoras enfrentavam para sobreviver e o ano de 1917 acabou

[119] A historiografia sobre o período colonial do Brasil (1500-1822), por exemplo, não só tem apresentado novos elementos frutos de pesquisas empíricas, como também tem trazido nas questões a partir da leitura de seus textos clássicos. João Fragoso é um pesquisador que ilustra bem estas características ao destacar a importância do mercado interno para a economia colonial, como já havia destacado Caio Prado Júnior, por exemplo, mas se diferencia do autor clássico ao afirmar que a economia endógena foi a responsável por impulsionar todo o aparato econômico colonial.

[120] BOLCINHAS, André. Muito Além do Consumo de Pão: Condições de vida no Rio de Janeiro na década de 1870. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2019, vol.32, nº 66, p.172-194.

servindo de catalizador para expor as principais adversidades que enfrentavam, segundo Toledo:

> (...) eram, em termos gerais, jornada de oito horas, semana de cinco dias e meio, fim do trabalho de crianças, restrições à contratação de mulheres e adolescentes, segurança no trabalho, pagamento pontual dos salários, aumento salarial, redução dos preços dos alugueis e dos custos dos bens de consumo básicos, respeito ao direito de sindicalização, libertação dos trabalhadores presos durante as greves e recontratação de todos os grevistas demitidos.[121]

A partir desta perspectiva, temos a possibilidade de refletir que em muitos casos as barreiras econômicas (ou a diferença de renda) não era o critério exclusivo e talvez nem o determinante para impedir o ingresso de elementos de baixa renda a eventos dos mais ricos. Por isso, em muitos casos, era preciso estabelecer outros fatores de diferenciação e, principalmente, de segmentação. Na lógica trabalhista, os patrões começaram a diferenciar os bons trabalhadores dos maus trabalhadores a partir de características que viessem a ameaçar ou não a ordem vigente, bem como combater os aspectos que não lhes agradassem com o apoio da força policial. Novamente, Toledo nos indica que:

> Os trabalhadores não tinham muitas vezes nem ao menos o direito de reunião, havendo relatos na imprensa operária e memórias que revelam que nos períodos de repressão mais intensa os trabalhadores tinham que se reunir em casas de amigos, ou em matas nos arredores da cidade, ou chegavam a fazer as discussões caminhando, uma vez que qualquer reunião de pessoas poderia atrair a repressão policial.[122]

No âmbito esportivo, tal realidade se deu por meio das distinções estabelecidas a partir das regras, das vestimentas, do grau de instrução, da profissão e da cor da pele. Sob este último aspecto, aliás, é importante ressaltar que no início do século XX, poucos anos após a Abolição da Escravidão Racial que incidiu de forma oficial sobre os negros no Brasil até 1888, a estigmatização do cativeiro demandava sobre os ex-escravos ou seus

[121] TOLEDO, 2017, p. 507.
[122] TOLEDO, 2017, p. 509.

descendentes a execução de estratégias cotidianas para o exercício dos direitos inerentes a uma pessoa livre na Primeira República.

O aumento das barreiras práticas capazes de impedir o ingresso de agentes "indesejáveis" demonstra que, como afirma Natália Batista Peçanha, a partir das leituras de James C. Scott, "o estabelecimento das relações de dominação pressupõe simultaneamente resistências, uma vez que, para sua implementação e permanência, é necessário o uso do poder, muitas vezes contra a vontade dos subordinados".[123] Esta foi ao menos a tentativa a ser implementada no Brasil sob a roupagem de um discurso de modernidade civilizadora, mas que, como apontam Machado e Rocha Junior, para a maioria da população iletrada "construiu-se sob o domínio de uma pequena elite que ditava os caminhos a serem seguidos por toda população, de forma verticalizada e até autoritária".[124]

Este processo, por sua vez, nem sempre vai envolver a busca e o encontro com novas fontes históricas. Como afirma Jerzy Topolski, é perfeitamente factível "que uma mesma fonte de informação pode ser usada para construir vários relatos históricos de qualquer fragmento do passado".[125] Deste modo, também pode ser possível "descobrir a relação entre as formas de consumo e a segmentação da estrutura social: as lógicas que comandam os comportamentos têm valências diferentes não apenas em contextos diferentes, mas também em meios sociais diferentes no interior da mesma sociedade".[126]

Dentro de um espaço geográfico multifacetado como a cidade do Rio de Janeiro do início do século XX, por exemplo, nos deparamos com uma variedade de agentes sociais e com distintas realidades econômicas que só podem ser analisadas em sua plenitude levando em consideração diversos fatores (políticos, econômicos, sociais, culturais). O campo esportivo, como denomina Pierre Bourdieu, precisa ser considerado neste processo, mas ciente de que nem sempre ele o acompanhará no mesmo ritmo, pois

[123] PEÇANHA, Natália Batista. Que liberdade? Uma análise da criminalização das servidoras domésticas cariocas (1880-1930). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2019, vol.32, nº 66, p.290
[124] MACHADO, Aline Gomes e ROCHA JUNIOR, Coriolano P. A ginástica como prática educativa na Bahia (1850-1920). Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, 2019, p. 3.
[125] TOPOLSKI, Jerzy. O papel da lógica e da estética na construção de totalidades narrativas na historiografia. In: MALERA, Jurandi (org.). História & Narrativa. A ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016, p.
[126] LEVI, G. Comportamentos, recursos, processos: antes da "revolução" do consumo. In: REVEL, J. Os jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p.216.

mesmo escondido “pelos grandes acontecimentos da histórica econômica e política, tem o seu próprio ritmo, as suas próprias leis de evolução, as suas próprias crises, em suma a sua cronologia específica”.[127]

Um primeiro passo que julgamos ser necessário para alcançar este objetivo é analisar como se deram as relações entre o espaço físico (Rio de Janeiro) e as práticas culturais que estudamos aqui (os esportes). Para tanto, iniciamos o próximo capítulo abordando o Rio de Janeiro como uma cidade esportiva.

[127] BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Lisboa: Fim do século, 2003, p.183.

Capítulo 2 – Rio de Janeiro: uma cidade esportiva

O Rio de Janeiro a partir da segunda metade do século XIX se tornou uma cidade esportiva. Ainda como capital do Império, seu espaço físico passou a ser o local de transformações importantes e que serviram de referência para diversos outros municípios no estado e no país. Do ponto de vista político e econômico, por exemplo, temos os debates sobre a mudanças no regime de governo (se Monarquia ou República), bem como destaca Lívia Berdu, o surgimento de "grandes estabelecimentos fabris além da movimentação financeira de todo o país passar em grande parte pelas casas bancárias localizadas na cidade"[128].

Não se trata de uma revolução nas estruturas cariocas, mas tão somente de uma transição modernizadora, isto é, se na política não tivemos a mudança do regime de governo com alteração na estrutura política com a manutenção dos homens que a controlavam, na economia, como enfatiza Bárbara Levy, há a aceleração de um processo de industrialização sem a destruição dos mecanismos de produção tradicionalmente agrícola exportadora.[129]

O Rio de Janeiro, devido à sua condição privilegiada de porto distribuidor, também alçou projeção política. Assim, a partir de 1850, a cidade se colocava em posição singular como centro político e detentor de um mercado de grandeza considerável, ao mesmo tempo em que era pressionada a se modernizar e se assemelhar, cada vez mais, às outras capitais do mundo, em especial as europeias.

O pequeno aglomerado urbano que, segundo Lysia Bernardes e Therezinha Soares se assemelhava mais a um ajuntamento colonial na primeira metade do século XIX, passou por grandes transformações a partir da segunda metade daquela centúria.[130] De acordo com Bernardo e Soares:

> Surgiram rapidamente, a partir dessa época, números bairros, o que foi facilitado pela melhoria nos meios de transporte coletivo decorrente da introdução dos bondes. Subúrbios, arrabaldes ou simples povoações existentes nos arredores da cidade transformaram-se em poucas décadas em bairros populosos. Por outro lado, a construção das primeiras

[128] BERDU, Lívia Cintra. Trabalhadores negros no processo de formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro (1888-1910). Dissertação (Mestrado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018, pág. 26.
[129] LEVY, Maria Bárbara. A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.
[130] BERNARDES, Lysia M. C. SOARES, Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e região. Rio de Janeiro: Sec. Mun.Cultura: Dep. Geral de Doc e Inf, Cultural, 1990.

> ferrovias deu origem ao desenvolvimento de núcleos suburbanos m torno das estações, núcleos esses que, progressivamente, se iriam soldando para construir os bairros-subúrbios e a extensa zona suburbana atual.[131]

Para as autoras, ficou caracterizada no Rio de Janeiro como zona suburbana toda a área residencial e industrial constituída a partir das últimas décadas do século XIX, em torno das linhas do trem e que fossem direcionadas ao interior.[132] Por outro lado, a zona sul é constituída pelos bairros que dispõem do maciço litorâneo e ocupam os valores e planícies entre este e o mar.

Dentre os muitos bairros que surgiram nestas regiões, nenhum foi concebido de forma planejada, mas sim, como no caso da maioria das cidades brasileiras, em respostas às circunstâncias do momento, resultando o traçado, no mais das vezes, de adaptações dos sítios difíceis[133]. Em termos geográficos, este cenário explica a "maior irregularidade, seja na forma ou no tamanho dos quarteirões, seja na estrutura fundiária. [...] Nada daqueles quarteirões regulares, tão comuns nas cidades europeias".[134]

Importante também ressaltar que o surgimento de um bairro está ligado ao sentimento de identidade das pessoas que habitam um determinado espaço geográfico. E, para o nosso trabalho, é importante apresentar ao menos uma perspectiva teórica sobre tema a partir de leituras de obras feitas por especialistas na área, como Bernardes e Soares. Para elas:

> A noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade. Apesar de a administração municipal se aproveitar muitas vezes dessa noção para com ele rotular as circunscrições administrativas em que a cidade está dividida, não há, na maioria dos casos, coincidência entre a noção popular do bairro e as pequenas unidades administrativas ou fiscais. [...] A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta. Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes, que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esse reconhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro, é fruto da

[131] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 81.
[132] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 98.
[133] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 86.
[134] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 88.

> coexistência de uma série de elementos, que lhe dão originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam[135].

A Geografia é uma importante ciência para refletir acerca desta concepção. Bernardes e Soares defendem que cabe a ela identificar os elementos que permitem a caracterização de um bairro como tal, o que pode ser feito pelo seu conteúdo arquitetônico, social e papel dentro do organismo urbano. "A esses elementos de caracterização acrescentaremos, no caso do Rio de Janeiro, um quatro elemento, pela importância que tem na individualização de certos bairros desta cidade. Trata-se do sítio do bairro, isto é, do local onde se implantou".[136]

Na parte sul do Rio de Janeiro neste período, é frequente a existência contrastante de mansões senhoriais com as de pequenas casas de frente de rua, como na Rua Jardim Botânico. Na região norte, mais periférica ao centro, a urbanização se constituiu em regra pelo desmembramento de chácaras em uma grande diversidade de padrões fundiários representada por lotes estreitos e profundos. Tal processo se deu na transição do século XIX para o XX e marcou um capítulo importante na História do Rio de Janeiro, sobretudo pela ocupação das chamadas regiões suburbanas.

> Subúrbio era a zona distante do centro, com povoamento bem menos denso que o deste, e dotada de amplos espaços vazios ou ocupados por jardins, pomares ou hortas. Mas esses primeiros subúrbios logo foram conquistados pela rápida expansão da zona urbana, expansão que se fez em função de um meio de transporte que surgiu e se desenvolveu no transcurso da segunda metade do século XIX – bonde. Em 1898, já dizia Rui Barbosa: "bonde foi até certo ponto a salvação da cidade. Foi o grande instrumento, o agente incomparável do seu progresso material. Foi ele que dilatou a zona urbana, que arejou a cidade, desaglomerando a população, que tornou possível a moradia fora da região central". Foi assim, o bonde o primeiro meio de transporte a dilatar a área urbana da cidade, permitindo o adensamento da população fora da área central da cidade e transformando o que até então era chamado de subúrbio, em bairro.[137]

A visão romantizada de Rui Barbosa, entretanto, não comporta as tensões sociais que ocorreram neste processo. O fato de as regiões suburbanas passarem a ser compostas

[135] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 105-106.
[136] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 106.
[137] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 140.

por muitos trabalhadores, por exemplo, não significou a expressão do progresso material para eles e elas. Segundo a União Operária do Engenho de Dentro (UOED), em carta enviada ao jornal do Correio da Manhã, e que foi publicada em contexto de grande agitação social:

> são operários e proletários em sua maioria os habitantes do subúrbio desta capital, que lutam hoje mais do que nunca com a miséria que lhes invade o lar, onde já havia falta de pão, ar e luz.
> Com as reformas radicais e sucessivas por que está passando esta capital, affluiram aos subúrbios muitos e muitos habitantes, que até essa occasião moravam em outros pontos, o que veio a dar logar á promiscuidade natural e consequentemente á miséria e á fome.
> D'ahi o encarecimento enorme dos alugueis [que giravam em torno de 50$000 mensáis], e serem os moradores pobres obrigados a habitar verdadeiras pocilgas infectas e imundas.
> As oscilações cambiais dificultam o surgimento de vagas e aumento salariais no emprego, enquanto os gêneros de primeira necessidade continuam pelos mesmos preços: nós, que na maioria temos família numerosa, necessitamos por dia de: um kilo de carne secca, $900, um litro de arroz $300, um litro de farinha $140, meio kilo de assucar, $220, sal $040, café $200, lenha ou carvão $500, banha $400, que não variando de comedorias, é por dia 2$600, com 12$ de pão mensais, $800 de phosphoros, são no fim do mês 90$800.
> Esta importância é só para comedorias, porque naturalmente o operário deve ler um jornal, pertencer a uma associação, barbear-se, vestir-se e aos seus, fumar, e muito especialmente, sendo nós parte integrante da humanidade, também infelyzmente ficamos doente de quando em vez.[138]

As Reformas Urbanas capitaneadas pelo prefeito Pereira Passos escancararam geograficamente uma desigualdade disfarçada no Rio de Janeiro, pois "foram medidas que atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro em suas imediações, como a que habitava os subúrbios e zonas rurais da cidade".[139] Não houve preocupação com este fator, mas com o objetivo de modernizar a cidade que governava. Seus alvos principais foram aqueles que praticavam "a venda pelas ruas de vísceras de reses, expostas em tabuleiros",[140] os que exerciam "a prática rústica de ordenharem vacas leiteiras na via pública, que iam cobrindo

[138] Correio da Manhã, em 14/06/1905, pág.03.
[139] BERNARDES e SOARES, 1990, pág. 277.
[140] Boletim da Intendência, jul/set 1903, pág. 32.

com seus dejetos",[141] os "milhares de cães, que vagavam pela cidade, dando-lhe aspecto repugnante de certas cidades do Oriente"[142] e, principalmente, a "praga dos vendedores ambulantes de bilhetes de loteria, que, por toda a parte, perseguiam a população, incomodando-a com infernal grita e dando à cidade o aspecto de uma tavolagem".[143]

Modernizar, na visão daquele gestor público, era acabar com tudo aquilo que não se coadunava com o que ele enxergava em outras cidades. Gilmar Mascarenhas enfatizou este aspecto, como mostramos anteriormente ao destacar que o contexto da civilização relacionado aoideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que ser moderno era desejar ser estrangeiro[144] foi implementado no Rio de Janeiro: "O projeto urbanístico-sanitário foi inspirada na Europa, sobretudo nas cidades de Londres e Paris. Contudo, ele não foi simplesmente copiado, havendo uma adaptação dos modelos europeus à realidade da cidade".[145]

O grande objetivo das Reformas Urbanas era anular a situação periférica na qual se situava o Rio de Janeiro e, para isso, ele precisava aproximar a Capital Federal das capitais civilizadas da Europa. O que, em sua visão, não existia nas cidades europeia também não poderia existir aqui; aqui só poderia haver a estrutura física e os símbolos que engrandeciam o velho mundo. As obras arquitetônicas foram sua grande ferramenta para alcançar tal objetivo e, por meio delas, ele tentou criar a Paris Tropical: "Por exemplo, de acordo com Needell (1993), o Theatro Municipal, idealizado por Francisco Oliveira Passos, filho do Prefeito, foi uma versão carioca da Ópera de Garnier, de Paris. Para Lenzi (2000), a Orla de Nice foi a provável inspiração para a Avenida Beira-Mar".[146]

Curiosamente, foi para a Europa que Pereira Passos se mudou após a sua passagem pela Prefeitura do Rio de Janeiro, entre 1902 e 1906. De lá, ele pode acompanhar que a tentativa de europeização, aburguesamento e modernização da cultura por meio de mudanças físicas e culturais arquitetura, ideias e costumes"[147] não produziu os resultados esperados, principalmente nos dois últimos quesitos. Se no início das ações por ele

[141] Boletim da Intendência, jul/set 1903, pág. 32.
[142] Boletim da Intendência, jul/set 1903, pág. 32.
[143] Boletim da Intendência, jul/set 1903, pág. 32.
[144] JESUS, 1999, p. 29.
[145] SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 2019, pág. 06.
[146] SILVA, 2019, pág. 06.
[147] SILVA, 2019, pág. 02.

engendradas o objetivo era remover "a multidão de ambulantes e pequenos artesãos – traço característico da paisagem social do Rio de Janeiro desde os tempos coloniais",[148] o fim do processo das obras e dos vários decretos publicados, havia motivos para se lamentar:

> [...] sobre os passeios dos boulevards, levantaram-se desde as vésperas do natal, e ainda lá se conservam barraquinhas muito toscas de madeira e lona, onde se vende de tudo, mas principalmente brinquedos de toda espécie que algumas famílias pobres fabricam durante o ano em seus próprios aposentos. A municipalidade permite que todos esses gêneros de negócio, porque dele vivem aquelas famílias. Foi pela mesma razão que nunca quis proibir os vendedores de balas nas ruas, que muita gente queria que eu proibisse no Rio de Janeiro.[149]

O trecho transcrito acima pertence ao arquivo da família Passos e se encontra no Museu da República. Ele faz parte de uma das cartas que ex-prefeito trocou com Américo Rangel e, segundo Maria Isabel Ribeiro Lenzi, mostram uma faceta pouco explorada deste sujeito histórico: "a preocupação com as camadas mais desfavorecidas da sociedade".[150]

A desigualdade social existente no Rio de Janeiro é fruto do processo histórico de construção desta cidade, em que diversos interesses, cada um ligado aos seus objetivos mais imediatos, atuaram a fim de fazer valer a sua vontade. Nem mesmo durante as Reformas Urbanas de Pereira Passos existiu uma aliança clara entre o Estado e o capital, tendo em vistas que os interesses chegavam até mesmo a ser conflitantes entre estes, representados nas figuras dos construtores, especuladores e proprietários. Não há dúvidas que, ao término do processo, o capital internacional, o capital financeiro, os proprietários de imóveis das áreas valorizadas e a construção civil se beneficiaram, ao passo que os desapropriados não proprietários e os arrendatários tiveram seus interesses feridos. Todavia, este seria o preço necessário a se pagar para retirar os traços coloniais da agora Capital Federal da República dos Estados Unidos do Brazil. Mas como haviam sido erguidos estes traços coloniais?

[148] SILVA, 2019, pág. 280.
[149] LENZI, Maria Isabel Ribeiro. Francisco Pereira Passos – Possibilidade de um olhar. Revista Rio de Janeiro, n.10, maio-ag0, 2003, pág. 137
[150] LENZI, 2003, pág. 133

2.1 Modernidade e Modernização no Rio de Janeiro

O antropólogo Ruben George Oliven acredita que a modernidade é um tema constante nas análises da intelectualidade brasileira em diferentes épocas, com o objetivo de "saber como estão os brasileiros em relação ao 'mundo adiantado': primeiro a Europa e, mais tarde, os Estados Unidos".[151] Assim, a modernidade é vista como algo importado dos grandes centros por agentes sociais que conseguem acessá-la em sua origem e a trazem para o desenvolvimento nacional.

No Rio de Janeiro, este ideal permeou o seu espaço geográfico desde a primeira metade do século XIX e para isso podemos fazer uso dos relatos de George Gardner, superintendente britânico dos Jardins Botânicos Reais do Ceilão. Ele, que percorreu o Brasil entre os anos 1836 a 1841 afirmou que "o grande desejo dos habitantes da cidade [Rio de Janeiro] parece que é dar-lhes ares europeus",[152] todavia, é importante enfatizar que tal afirmação era aplicável apenas à capital do Império e aos seus grupos mais abastados economicamente.

Oliven novamente nos é útil, pois é um dos defensores da ideia de que umas das riquezas da dinâmica cultural brasileira é a reelaboração e a ressignificação do que vem de fora em algo novo e diferente. Peter Burke considera isto um fenômeno denominado por empréstimos culturais.[153] Este olhar é necessário para analisar as tentativas de modernização na cidade do Rio de Janeiro ao longo dos séculos XIX e XX

Um dos caminhos mais característicos para atingir a modernidade são as reformas urbanas, cujo objetivo, adaptado à realidade brasileira, era romper com as características coloniais de algumas localidades, as quais geravam um entrave ao desenvolvimento. Não obstante, as reformas urbanas, como agentes catalizadores da inserção da modernidade, não podem ser vistas apenas como alterações estéticas, urbanísticas, pois com elas há também uma modificação na mentalidade social.

No caso especificamente do Rio de Janeiro em um contexto que o moderno era ser estrangeiro, este ser de fora era também francês, ou seja, a modernização da então capital do país se daria inspirada nos moldes da capital francesa. Segundo Benchimol, a

[151] OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. São Paulo em Perspectiva, 2001, pág. 03.
[152] Gardner, 1945, pág. 5 apud OLIVEN, 2001, pág. 03,
[153] BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

base de referência para este processo fica evidente quando se percebe que o Barão de Haussmann "rasgou o centro de Paris, um conjunto monumental de largos e extensos bulevares em perspectiva, com fachadas uniformes de ambos os lados, reduzindo a pó os populosos quarteirões populares e o emaranhado de ruas estreitas e tortuosas".[154] Estas foram as mesmas características que Francisco Pereira Passos, que conhecia e admirava a cidade parisiense, empreendeu em sua gestão como Prefeito do Distrito Federal.

Importante destacar que esta modernização apresentava sentidos diferenciados, de modo que os seus resultados e interpretações variavam a depender do responsável pelo olhar. Assim "para os simpatizantes esta era a Regeneração, para os atingidos era o bota-abaixo",[155] mas Gilmar Mascarenhas também chama a atenção para este aspecto envolvendo a cidade moderna:

> [...] a modernidade urbana maximiza o duelo entre os setores hegemônicos e os amplos segmentos marginalizados: os primeiros formatam e normatizam, ao seu interesse, os espaços da vida pública; os demais, quase sempre, se recusam a (ou são impedidos/incapazes de) participar desta coreografia e recriam à sua maneira a vida cotidiana, apropriando-se inconvenientemente dos espaços públicos, ali instaurando, ainda que muitas vezes precária e brevemente, uma territorialidade alheia ao projeto elitista da modernidade.[156]

A concepção a respeito da modernidade pode ser vista de forma plural, isto é, não existe uma única modernidade, mas sim várias modernidades, no plural, como podemos depreender do que foi exposto acima por Mascarenhas. Isto é importante pois demonstra a complexidade do espaço urbano do Rio de Janeiro na transição do século XIX para o XX, razão pela qual as ações de Pereira Passos não puderam apenas modernizar a fisionomia carioca, mas tiveram que tocar nas práticas sociais usando, na maior parte das vezes, o argumento de que tal processo se fazia necessário em razão dos melhoramentos que traria para a higiene e a circulação pública.

Nesse processo, o estabelecimento de regras e elementos ordenadores foram essenciais e atingiram diversos indivíduos, como os pequenos comerciantes que agora

[154] BEMCHIMOL, 1992, pág. 218.
[155] SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. Por que fazer uma Reforma Urbana: Juiz de Fora um caso peculiar. Anais do I Colóquio do Lahes (Laboratório de História Econômica e Social): Juiz de Fora2005, pág. 05.
[156] JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as Feiras livres na cidade do Rio de Janeiro (1904-1934). Geo UERJ, [S.l.], fev. 2016, n. 2, pág. 29.

teriam que respeitar regras de salubridade, passar por frequentes visitas dos fiscais e, principalmente, pagar taxas para exercer suas profissões. Tudo, no entanto, com o objetivo essencial de afastar os elementos indesejáveis da Capital da República.

> Com a reforma da cidade, são intensificadas todas as formas de arrecadação para suplementar o financiamento das obras públicas, passando a se exigir com mais rigor as licenças para profissões autônomas e para o pequeno comércio, o que atingiria em cheio o comercio paralelo dos negros. Essa taxação visava implicitamente a acabar, ou pelo menos afastar do Centro, essa face da cidade que lhe dava, em algumas partes, o aspecto de uma feira africana.[157]

Neste sentido, consideramos que o trabalho escravo, abolido em 13 de maio de 1888, e a chegada em massa de imigrantes produziram alguns dos elementos importantes e em torno dos quais se substituiria a colonialidade pela modernidade na Capital brasileira. O comércio livre e feito nas ruas cariocas daria lugar à atividade comercial praticada nos mercados cobertos, os quais eram mais fáceis de fiscalizar e controlar, sem que se eliminasse a liberdade atribuída aos pequenos comerciantes, pois desde 1904 ficou permitida a existência de Feiras Livres nos bairros, mas cujo funcionamento deveria se restringir apenas aos domingos e feriados. Em 1916, entretanto, a Prefeitura expandiu o sistema das feira-livres com o objetivo e facilitar o escoamento da produção de alimentos que regiões suburbanas e rurais.

> As feiras-livres de então apresentam-se muito bem distribuídas por toda a mancha urbana, conforme atesta a relação contida em SILVA (1936), que aliás salienta o grande serviço por elas prestado ao abastecimento da cidade. Conclusão que se chega facilmente ao verificar a estratégia locacional do conjunto: todas as feiras-livres ocupam os pontos centrais de cada bairro, junto às estações ferroviárias (quando nos subúrbios), em vias e praças importantes, como Praça Saenz Peña, Praça da Bandeira, Largo do Machado, Rua Conde de Bonfim, Rua das Laranjeiras, Avenida do Mangue, Rua Barata Ribeiro, Avenida Suburbana etc. A maioria destas ocorria em dias úteis e em horários nos quais o movimento de tráfego atinge seu ápice (evidentemente, alguns anos mais tarde estas feiras migraram por força do incremento do fluxo de veículos). Este padrão locacional privilegiado demonstra o papel relevante que as feiras-livres cumpriam naquele momento.[158]

[157] MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, coleção Biblioteca Carioca, volume 32, 1995, pág. 70
[158] JESUS, 2016, pág. 35.

A mudança do poder público em relação às feiras-livres se deu por uma necessidade de abastecer o Rio de Janeiro. De nada valeria haver discursos modernos, obras e regras criadas para grupos que se vissem distantes do atendimento de seus anseios básicos, como a alimentação. Ao mesmo tempo, esta mudança é essencial para a manutenção da própria funcionalidade da modernização e fica controlada a espaços específicos dentro das regiões cariocas.

Esta mudança de perspectiva nos faz pensar o tamanho das obras de Pereira Passos, uma vez que seu projeto para as feiras só foi respeitado por pouco mais de uma década. A grandiosidade da ação do poder público no início do século XX se deve à expressão que ganharam no contexto de sua implantação e para os períodos subsequentes.

A construção da Avenida Central, que passou a se chamar Avenida Rio Branco em 1912 em homenagem ao falecimento do Barão de Rio Branco, é um exemplo para refletir sobre o processo de modernização a que foi submetido o Rio de Janeiro. Segundo Benchimol, ela "constituiu o eixo de todo o elenco de melhoramentos urbanísticos, projetados com a intenção de transformar a velha, suja e pestilenta cidade colonial portuguesa numa metrópole moderna e cosmopolita, à semelhança dos grandes centros urbanos da Europa e os Estados Unidos".[159] Nela foram construídos diversos edifícios que receberam instituições que simbolizavam a modernização proposta, como o Palácio Monroe, a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal.

Para alcançar este objetivo, a construção da Avenida foi feita em torno da segregação de determinados frações sociais por meio da atuação estatal que se valeu de mecanismos econômicos e jurídicos de expropriação e valorização. A expropriação e a demolição de casas e estabelecimentos comerciais foram os meios que possibilitaram rasgar a cidade. Para muitos dos moradores, como já dissemos, o destino pós-Reforma foi ocupar os morros no entorno do centro ou as regiões suburbanas. De acordo com Benchimol,

> No que se refere a pequena burguesia comercial e industrial radicada nas áreas diretamente atingidas, tudo indica que uma grande parte foi pulverizada, restando-lhe, como alternativas, a transferência para os

[159] BENCHIMOL, 1992, pág. 227.

> subúrbios ou áreas degradadas adjacentes ou a proletarização pura e simples. Entretanto, para uma parcela desses comerciantes e pequenos industriais, como Bhering ou a própria gráfica que editava a sofisticada revista Renascença, para aqueles enfim, que puderam permanecer no local transformado e valorizado pela ação do Estado, a abertura da avenida representou uma possibilidade de ascensão e enriquecimento (potencialização da escala de operações de acumulação para certos segmentos do capital comercial e Industrial).[160]

Os exemplos assinalados por Benchimol são exceções ao que se viu na região, pois houve uma mudança no perfil socioeconômico dos novos ocupantes em relação aos antigos. Este cenário pode ser objeto de reflexão por meio da mão de obra utilizada na realização das obras, a qual era composta por "trabalhadores [que] eram recrutados no dia a dia, entre o instável e abundante exército de reserva da cidade, numa relação semelhante à dos estivadores no cais do porto".[161] Na prática, não havia relação de estabilidade laboral, o que significava que eles eram escolhidos e demitidos livremente pelos engenheiros distritais, sem nem mesmo garantias em caso de acidentes que os invalidasse para o serviço.

A conjuntura laboral apresentada era a regra das relações no período, de modo que antes mesmo da "Reforma Pereira Passos" e da modernização, era assim que sobreviviam os trabalhadores e trabalhadoras que habitavam o centro da cidade. Mas, por que não puderam continuar ali após 1902? Foi somente a demolição de suas casas que os impediu de encontrar perto uma moradia que os atendesse? Não e isso pode ser explicado principalmente pela mercantilização do espaço urbano.

> Mas não foram só as demolições ostensivas que desabrigaram trabalhadores. A valorização e especulação com o solo (elevando o preço dos aluguéis), os outros impostos que acompanhavam o fornecimento de serviços como iluminação elétrica, calçamentos modernos, água, esgotos; a legislação municipal estabelecendo restrições e normas arquitetônicas para as construções urbanas; a proibição do exercício de determinadas profissões ou práticas econômicas (como a criação de animais domésticos, o plantio de hortas) ligadas à subsistência das famílias trabalhadoras... tudo isso atuava, indiretamente, como poderosa força segregadora, resolvendo,

[160] BENCHIMOL, 1992, pág. 230.
[161] BENCHIMOL, 1992, pág. 231.

> sobretudo, a área central da cidade, onde trabalhava e residia a numerosa e heterogênea plebe carioca.[162]

Engels,[163] com quem Benchimol dialoga em sua obra, enfatizou a valorização do terreno nas cidades que ocorreu após as reformas modernizadoras no continente europeu. Para aqueles que detinham oficialmente os espaços alvo da demolição, houve o pagamento de indenizações, mas para quem não se encaixava neste perfil a expulsão não foi acompanhada de compensação financeira. No espaço, uma vez modernizado, seu valor ficou mais caro e inacessível para quem não dispunha do alto poder aquisitivo, ou seja, a imensa maioria da população carioca.

> Ao mesmo tempo em que remodelava, junto com o governo federal, a estrutura material da cidade – demolições de prédios, abertura de avenidas, prolongamento e alargamento de ruas, reforma do calçamento, arborização e ajardinamento de praças etc – Pereira Passos usava seus poderes discricionários, nos seus primeiros meses de 1903, para colocar em vigor um elenco de decretos destinados a transformar "velhas usanças" que negariam ao Rio de Janeiro foros de capital "e mesmo de simples habitat de um povo civilizado".
> Foram medidas que atingiram frontalmente as condições de vida da grande massa popular não só a que residia e trabalhava no centro e em suas imediações, como a que habitava os subúrbios e zonas rurais da cidade. Alterara ou pretenderam alterar práticas econômicas, formas de lazer e costumes, profundamente arraigados no tecido social e cultural do Rio de Janeiro.[164]

Por tudo isso, diversos agentes não puderam aceitar calados as medidas governamentais e buscaram se fazer ouvir como vozes de resistência à modernização.

2.2 Resistências à modernização

> A venda de miúdos de reses em tabuleiro pelas ruas foi proibida em janeiro de 1903. Em janeiro do ano seguinte, porém, Passos voltou atrás e permitiu essa modalidade de comércio, até às 10 horas da manhã, com a condição de que os ambulantes transportassem os miúdos à cabeça ou em carros, em caixas de zinco divididas internamente (especificando-se minuciosamente as suas características e fixando-se multa em caso de infração).

[162] BENCHIMOL, 1992, pág. 288.
[163] ENGELS, Friedrich. A questão da habitação. Belo Horizonte, Aldeia Global, 1979, pág. 2.
[164] BENCHIMOL, 1992, pág. 277.

> Estava em jogo uma modalidade do comércio ambulantes de um gênero de consumo eminentemente popular. Passos voltou atrás ou porque foi impossível erradicá-la num contexto de recessão e desemprego que empurrava novos contingentes de trabalhadores às incontáveis modalidades do subemprego que caracterizavam o universo do trabalho urbano carioca, ou, pelo lado da reprodução da força de trabalho, por imposição da carestia e do agravamento das condições de vida da população, que exigiram a preservação de certas formas "anacrônicas" do sistema de abastecimento do Rio.[165]

As resistências à modernização proposta por Pereira Passos se fizeram, essencialmente, pela incompatibilidade do projeto apresentado com a realidade na qual ele foi implementado. Se por um lado o prefeito deseja extinguir o comércio de vísceras nas ruas cariocas por conta da insalubridade que o acompanhava, a conjuntura econômica o impedia de conseguir vedar os vendedores de encontrar formas alternativas para sobreviver, o que ficou corroborado na mudança da legislação municipal.

Ainda assim, Passos fez uso da máquina estatal para reduzir (já que não poderia eliminar) as modalidades de comércio ambulante, sendo a exigência do pagamento de licenças ou multas um instrumento bastante eficaz contra uma população que mal conseguia sobreviver pela venda de seus produtos. Todavia, alternativas foram criadas ou, como salienta Benchimol, "os mais variados subterfúgios foram usados para burlar o implacável fisco",[166] como indica, por exemplo, a exigência do Decreto nº 394, de 20 de fevereiro de 1903, para que "os mascates e os proprietários ou condutores que requeressem segundas vias de licenças"[167] tivessem que pagar o mesmo valor como se as tivessem pedindo pela primeira vez – tendo em vista o grande números de ambulantes que diante da fiscalização alegavam serem licenciados, mas que haviam perdido o documento comprobatório.

Estas eram algumas técnicas de resistências à modernização usadas por aqueles que se tentavam excluir dela, já que em muitos casos o projeto idealizado teve que se adequar a algumas peculiaridades da realidade, como também podemos identificar nas feiras-livres. Anteriormente, assinalamos que essencialmente por uma questão logística o poder público expandiu a sua realização, o que lhes deu um papel crucial no sistema de

[165] BENCHIMOL, 1992, pág. 278.
[166] BENCHIMOL, 1992, pág. 281.
[167] BENCHIMOL, 1992, pág. 281.

abastecimento. Para além disso, como destaca Mascarenhas, “com novo papel e ampla disseminação na mancha urbana, a feira-livre, agora finalmente tomada como elemento de funcionalidade na vida cotidiana, terá seu universo de relações sociais alterado”.[168]

Gilmar Mascarenhas faz uma importante análise deste processo e nos apresenta, de forma minuciosa, alguns aspectos deste período no que tange à ocorrência de feiras na Capital Federal:

> Pretendendo-se um estudioso diletante da cultura e dos comportamentos populares, o autor [SILVA, 1936] elenca uma série de passagens colhidas em suas visitas periódicas às feiras-livres cariocas, entre 1921 e 1934. Descreve os tipos sociais humildes e os diálogos entre eles, que, na postura elitista do autor, revelam sempre "algo de imaginoso entre os rudes" (SILVA, 1936:8). Cita diversas piadas que considera obscenas (emitidas principalmente por lusitanos, "que adoram as filhas coloridas do País) e que são dirigidas às moças morenas (nunca lhes atribui a cor negra), criadas (empregadas domésticas) a circular em ofício pela feira-livre, transportando sacolas. Toma tais momentos como transgressões, o que nos sugere a referência possível a um ambiente pretérito predominantemente austero no tempo de Pereira Passos. Cita ainda a presença de um violeiro nordestino, sentado sobre um caixote de madeira, a entoar "trovas brejeiras, aglomerando pessoas de mesma categoria, rindo e emitindo opiniões maliciosas" (op. cit.p.36). Neste momento, passa um bonde (estamos na praça Sezerdello Correa, em Copacabana) e um "moreno" pendurado no estribo grita para a turma: "Vamos ver, negrada!".
>
> A cena revela não apenas a presença de elementos populares no cotidiano de uma feira-livre no bairro mais sofisticado da cidade de então. Mostra também a possibilidade destes elementos realizarem encontros festivos no interior da feira, exercendo espontaneamente formas de sociabilidade que possivelmente não seriam admitidas no período de Pereira Passos, marcado pelo conhecido elitismo segregador. Considerando-se como válida tal hipótese, estaríamos diante de um processo de incorporação à feira-livre de práticas comportamentais distintas daquelas para as quais foi concebida. Práticas que apontam para o exercício de formas de sociabilidade alheias ao projeto civilizador vigente e que, de certa forma, resgatam um pouco do ambiente informal das velhas quitandas e dos quiosques.[169]

As apropriações culturais feitas pelos diversos grupos sociais existentes fazem parte de um processo de ressignificação atribuído ao que tentavam lhes impor. Roger

[168] JESUS, 2016, pág. 35.
[169] JESUS, 2016, pág. 35-36.

Chartier trabalha este processo dentro do que chama de práticas e representações Culturais, na quais as primeiras seriam as tentativas de imposição do poder público, visando moldar posturas e condutas, enquanto as segundas seriam os sentidos atribuídos pelos sujeitos que lhe atribuem um significado próprio. [170] Ele tece tais análises em ambientes sociais limitados, como, por exemplo, uma feira-livre ou mesmo uma rua.

Sônia Gomes Pereira apresenta uma situação que nos ajuda nesta reflexão.[171] Dentre as diversas mudanças introduzidas com a construção da Avenida Central, como dissemos, houve uma preocupação especial de Pereira Passos em extinguir o comércio ambulante insalubre e transformá-lo em algo mais higiênico e organizado. Tal ideia se aplica à venda de jornais, por exemplo, cujas bancas irregulares haviam sido demolidas durante a Reforma. Ao mesmo tempo, os novos prédios comerciais erguidos recebiam pessoas ávidas pelas informações cotidianas, haja vista não só o grande número de periódicos neste período e o fato de existirem publicações pela manhã, a tarde e até mesmo a noite, a fim de atualizar os interessados ao longo de um mesmo dia. Tem-se aí um cenário de demanda e oferta, bem ao estilo clássico do capitalismo.

Em 1905, o Rio de Janeiro ainda sentia os efeitos de mais uma crise econômica geradora de desempregos e obrigando as pessoas a se organizarem de diversas formas para sobreviver. Um destes caminhos era o exercício de atividade econômica informal, como acontecia antes das reformas urbanas, por meio da venda de jornais perto dos novos postes de iluminação. Pelo que nos apresenta Sônia Pereira, tal medida pode ser interpretada como um novo sentido atribuído àquele objeto físico.[172] Se a prefeitura do Rio de Janeiro almejava com isso estabelecer uma melhor iluminação em sua nova avenida, para os que necessitavam sobreviver, o local também era um ótimo ponto para instalar "seu caixãozinho à guisa de tamborete",[173] ou seja, estavam, assim, resistindo por meio da atribuição de um novo sentido à modernização. Para tanto, era importante que não desrespeitassem por completo as ordens públicas e mantivessem até mesmo uma relação cordial e de respeito para com os fiscais municipais.

[170] CHARTIER, 1988.
[171] PEREIRA, Sonia Gomes. A reforma urbana de Pereira Passos e a construção da identidade carioca. Rio de Janeiro: UFRJ (tese de doutorado), Escola de Belas Artes, 1992.
[172] PEREIRA, 1992.
[173] Jornal do Commercio, 1905, apud PEREIRA, 1996:199

Não obstante, nem todas as resistências à modernização foram tão pacíficas assim. Benchimol chama a atenção para este fator ao lembrar que aquele período "foi marcado por conflitos e lutas que convulsionaram a capital, resultantes de interesses privados feridos, de imposições discricionárias sobre as classes subalternas e da resistência esboçada por esses setores"[174] que podem ser identificados no processo histórico conhecido por Revolta da Vacina.

A Revolta da Vacina eclodiu durante o governo do Presidente Rodrigues Alves (1902-1906), tendo Pereira Passos à frente da Prefeitura do Rio de Janeiro, que se caracterizou por implementar uma reforma urbana modernizadora que atingiu em cheio o cotidiano dos menos abastados da cidade por ser feita "de cima para baixo". Ao mesmo tempo, os que participaram da revolta não estavam simplesmente contestando estas medidas, mas todo um conjunto estatal que não lhes gerava retorno deste a Proclamação da República, em 1889.

Antes da eclosão da Revolta, o objetivo do governo era realizar o saneamento e o melhoramento do Rio de Janeiro, cabendo ao médico-sanitarista Oswaldo Cruz liderar a iniciativa na área da saúde. Para tanto, ele entendia ser necessário eliminar os focos dos mosquitos que transmitiam a Febre Amarela e criou as Brigadas Mata-Mosquitos, grupos de funcionários que, acompanhados de policiais, entravam nas residências – muitas vezes sem autorização – para executar esta função. Todavia, quando se deparavam com imóveis que julgassem condenados, isto é, que não pudessem desinfectar, promoviam a sua derrubada, o que ficou conhecido como "bota-abaixo". Tal medida, claro, desagradou a população, principalmente os que foram atingidos com a perda do imóvel em que residiam.[175]

Oswaldo Cruz, entretanto, não parou por aí. Para conter a peste bubônica transmitida pelos ratos, espalhou raticidas pela cidade do Rio de Janeiro, bem como determinou a obrigatoriedade da população em recolher seu próprio lixo. Ademais, e talvez o ponto determinante para a eclosão do movimento, determinou que para combater a varíola seria necessário realizar a vacinação obrigatória da população. A esta medida, especificamente, se opôs a Liga contra a Vacinação Obrigatória.

[174] BENCHIMOL, 1992, pág. 319
[175] BENCHIMOL, 1992.

A rejeição à vacina era motivada, principalmente – mas não exclusivamente, como propõe Benchimol – por causa das práticas violentas empregadas pelos agentes do Estado para realizar a sua aplicação. Havia também outros aspectos, como a própria desconfiança em relação à efetividade da vacina e, como analisa Nicolau Sevcenko,[176] forte oposição política ao governo do Presidente Rodrigues Alves, mas o ponto que queremos chamar a atenção é o conjunto de circunstâncias ao longo deste processo ligados ao projeto de modernização e que contribuíram para a eclosão do conflito. Tanto que em termos cronológicos a Revolta da Vacina durou pouco tempo, tendo as agitações começado no dia 10 de novembro de 1904 e a suspensão da sua obrigatoriedade acontecido junto com a declaração de estado de sítio no dia 16 de novembro, todavia isto não reduz o alcance da sua importância.

Sem desconsiderar os demais fatores importantes para entender a Revolta da Vacina em toda a sua plenitude, queremos chamar a atenção neste episódio histórico ao sentido de resistência à modernização atribuída de "cima para baixo" e que estão presentes nas ressignificações feitas ao longo do processo. Se Oswaldo Cruz, por exemplo, pensava em combater as causas das doenças e não apenas os doentes, para ele, por exemplo, era importante eliminar os ratos e suas pulgas da cidade, sendo os raticidas importantes para isso. Contudo, do outro lado, havia uma população que convivia com a presença destes animais e que enxergou na ação uma possibilidade de se beneficiar.

Em 20 de setembro de 1903, mais de um ano antes da Revolta da Vacina, Oswaldo Cruz estabeleceu "um serviço de matança desses animais, constituindo-se para isso uma turma de empregados, vencendo cada um 60$ mensais e estando na obrigação de apresentar uma média mensal de 150 animais, sem o que serão dispensados".[177] O objetivo do Estado era claro: criar um serviço oficial para a eliminação dos ratos, mas esta decisão estatal teve outras representações junto às camadas menos abastadas economicamente, como podemos depreender do relato detalhado fornecido por Nascimento.

[176] SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
[177] Relatório apresentado a Sua Ex. o Sr. Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, pelo Diretor Geral de Saúde Pública, relativo ao ano de 1903, p. 19.

> Entretanto, nem tudo correu conforme o previsto durante a vigência da medida. Muitas vezes, durante a operação, a tão propalada malandragem carioca falava mais alto, e muitos cidadãos viram nela uma oportunidade para ganhar dinheiro fácil. Para tanto, ratos começaram a ser criados em currais e cercados pela cidade, foram "importados" de cidades circunvizinhas, como Niterói, e chegou-se ao cúmulo de se fabricar ratos de papelão e de cera, incinerados como de verdade nos fornos do Desinfectório Central.
> Dos principais "empresários" desse ramo, a imprensa carioca tornou um deles famoso. Conhecido como Amaral, acabou preso por conta desses atos ilícitos. É interessante notar que esses subterfúgios que a população criava e iam de encontro aos projetos de Oswaldo Cruz, não estão presentes na maioria dos documentos oficiais, mas sim em notícias e charges publicadas pela imprensa carioca, notória crítica do diretor da Saúde Pública.
> Em virtude desses problemas, a experiência de extermínio dos ratos teve que ser reformulada em meados de 1904. A compra e venda dos animais foi suspensa, e eles passaram a ser exterminados por envenenamento, com gases tóxicos aplicados nas galerias subterrâneas de água e esgoto, e caçados nos lugares mais insalubres da cidade, sem, todavia, se pagar pelos animais abatidos.[178]

O cenário real de crise econômica obrigou os agentes mais atingidos a se reestruturarem e buscarem dar novos sentidos à modernização. No caso da caça aos ratos, por exemplo, temos mais um capítulo semelhante a venda de miúdos nas ruas ou dos jornais nos postes de iluminação: são momentos em que as camadas sociais mais baixas inserem suas características e pedem respeito às suas necessidades. Nem sempre isto foi feito como na Revolta da Vacina, mas nos diversos casos, o Estado e a elite tiveram que se readequar diante do retorno dos indivíduos mais pobres. Um caminho para refletirmos sobre isso de forma mais aprofundada é analisando o desenvolvimento esportivo no Rio de Janeiro.

2.3 Febre Esportiva no Rio de Janeiro

A modernização do Rio de Janeiro estava associada à absorção das práticas europeias, principalmente as francesas (como demonstramos com Pereira Passos) e as inglesas (como trabalharemos agora em torno do esporte), as quais foram representadas por meio dos clubes sociais criados para a execução das mais diversas atividades.

[178] NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A peste bubônica no Rio de Janeiro e as estratégias públicas no seu combate (1900-1906). Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul-dez., 2013, pág. 122.

No que tange ao esporte, sua inserção na sociedade moderna se dava muito ligada ao desenvolvimento físico, ao que era compartilhado pela imprensa brasileira na transição do século XIX para o XX. O *Jornal do Brasil*, pouco mais de dois anos após a Proclamação da República, salientava que "de uma tal educação é parte integrante e indispensável a educação physica",[179] a qual, para o *Gazeta de Notícias*, deveria fazer com que "seus exercícios sejão diários, repetidos e logicamente progressivos".[180] O termo ligado ao progresso utilizado pelo periódico *Gazeta de Notícias* é, pois, de grande relevância para percebermos o quão da modernização que seria implementada pelos reformas urbanas de Pereira Passos já está, ao menos conceitualmente, presente anos anteriores e nos mais diversos ramos da vida social.

Como aponta Victor Melo, modalidades esportivas existiam e eram praticadas com regularidade na Capital Federal desde pelo menos a primeira parte dos anos 1800, graças especialmente aos "britânicos que na capital se estabeleceram por razões de comércio e/ou posições políticas junto à corte portuguesa (desde 1808) ou junto ao imperador (a partir de 1822)".[181] No princípio, tais práticas eram apenas uma das muitas diversões utilizadas nos momentos de lazer. A criação de clubes esportivos como espaços físicos e pontos de encontro para os amantes do esporte somente se consolidou a partir de 1840. O primeiro clube de turfe, por exemplo, surgiu em 1849 sob a denominação de Club de Corridas. Desde então, este esporte caminhou para ser o mais desenvolvido na então da Capital do Império.

> Podemos considerar as décadas de 1850 e 1860 como o período embrionário do turfe. Foi um momento marcado pela indefinição dos caminhos da modalidade, algo relacionado às próprias peculiaridades de uma sociedade que se abria para uma maior vivência pública, mas que ainda mantinha antigos padrões familiares que valorizavam mais as experiências privadas. No decorrer das décadas de 1870 e 1880, novos clubes são criados e se consolidam. Aumenta a popularidade da prática, como se pode ver registrado nos jornais.[182]

[179] Jornal do Brasil, 30/11/1891, pág. 7.
[180] Gazeta de Notícias, 16/08/1898, pág. 5.
[181] MELO, Victor Andrade de. O Esporte: Uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2015, pág. 52.
[182] MELO, 2015, pág. 53.

Apesar da expansão do turfe ao longo do século XIX, tanto que chegou a ter quatro prados ocupados por públicos em grandes quantidades, ele foi alvo de críticas e apontado como causador de uma "comodidade perniciosa do jogo, de dissipação e de um falso luxo".[183] Neste momento, em que o Rio de Janeiro estava preste a ingressar nos anos 1900, o esporte deveria ter mais do que a função lúdica e se tornar um agente difusor da modernidade idealizada pelo Estado e seus apoiadores.

O remo, prática esportiva que já existia na cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1850, ganhou força, sobretudo a partir dos anos 1880 e 1890, quando uma nova conjuntura para além dos fatores esportivos passou a ganhar força, ou, como explica Victor Melo:

> se delineiam na cidade um conjunto de mudanças, o forjar de novos parâmetros culturais a partir da ideia de construção de um "projeto de modernidade", que contribuem para fazer declinar as restrições ao esporte náutico, que a partir de então melhor se estrutura, passa cada vez mais a ser aceito pela população, bem como encarado como um sinal dos novos tempos.[184]

As mudanças que o pesquisador se refere podem ser resumidas pela difusão da prática dos banhos de mar, para além do seu poder estritamente terapêutico (mas este foi um ponto de bastante peso, sobretudo entre as camadas mais vulneráveis socioeconomicamente), a valorização das reuniões sociais em espaços públicos (ao contrário dos encontros nas residências que aconteciam) e à redução das restrições relativas à exposição corporal. Por meio desta conjuntura, criou-se o caminho pelo qual foi possível ao remo crescer.

O Estado teve um papel determinante para isto e, especificamente para o caso do Rio de Janeiro, no século XX, é importante mostrar o apoio que o prefeito Pereira Passos deu ao esporte.

> O prefeito ofereceu prêmios para competições, conseguiu subvenções públicas para estimular a prática, construiu instalações provisórias para algumas regatas, reduziu impostos para a importação de barcos mais

[183] Jornal do Brasil, 30/11/1891, pág. 7.
[184] MELO, 2015, pág. 57.

> velozes, constantemente convidou remadores para celebrar (e "enfeitar") o lançamento e a inauguração de obras.
> Ainda mais, em uma cidade em pleno processo de reforma e saneamento, incluiu a construção de instalações para o remo nos projetos de intervenção urbana. Se a Avenida Beira-Mar era uma de suas prioridades, nada como celebrar tal construção simbólica com um divertimento moderno e civilizado. Em 1905, Passos mandou instalar barracões que funcionaram como garagens de barcos para os clubes Botafogo e Guanabara, melhorou as condições dos locais onde a população se banhava com frequência (a praia de Santa Luzia e a praia do Boqueirão) e concedeu uma das solicitações mais antigas das agremiações: a construção de um espaço permanente para a realização das competições - o Pavilhão de Regatas, instalado na Praia de Botafogo, na altura das ruas D. Carlota e São Clemente. Mais do que servir somente às regatas, o Pavilhão rapidamente transformou-se em um centro de divertimentos para as elites. Situado em um local com bela e aprazível vista, possuía coretos para duas bandas de música, área central para autoridades, duas arquibancadas no térreo, espaço para o buffet. Já em 1906 estava dotado de luz elétrica (o que permitia que funcionasse até a madrugada). Nesse mesmo ano, inaugurou-se um bar com orquestra, uma casa de chá, além de oferecer excursões de barco pela Baía de Guanabara.[185]

Interessante notar que as regatas ganham uma conotação moderna, gozando do apoio estatal, pois se enquadram no que era esperado de uma prática neste sentido. Se para as corridas de cavalo uma das grandes críticas era a respeito do jogo de apostas, sendo, a depender do crítico, este fator apontado como o único para a sua difusão, para o remo estes argumentos não tiveram justificativa por longo tempo: "As regatas chegaram a ter apostas. Em 1895, todavia, as agremiações náuticas passaram a excluí-las das competições, combatendo o caráter de jogo de azar e apresentando o remo como um "esporte saudável", tanto física quanto moralmente".[186]

Portanto, antes mesmo da chegada de Passos à prefeitura do Distrito Federal, já havia a preocupação dos dirigentes dos clubes de remo em adequar à prática aos ditames modernos que se apresentavam. Gastão Cardoso, Presidente do Clube de Regatas Botafogo, em agosto de 1898, solicitava ao prefeito do Rio de Janeiro, Ubaldino do Amaral Fontoura, isenção fiscal para a construção de um espaço reservado da sua arquibancada "para as famílias dos sócios e convidados, na regata que dará em 14 de

[185] MELO, 2015, pág. 59.
[186] MELO, 2015, pág. 62.

agosto de 1898, conforme tem sido concedido em casos idênticos",[187] uma vez que era "o seu único interesse o desenvolvimento físico dos seus associados",[188] pois, como aponta Farias, "o clube é composto de amadores e não admite o jogo de poules".[189] Temos, desta forma, mais uma fonte que aponta para a vinculação do remo como o esporte moldado para se enquadrar na modernização que se buscava implementar na cidade.

Não obstante ao que vimos até aqui, é importante ressaltar que a "febre esportiva", como chamou Nicolau Sevcenko, não se resumiu a dois esportes ou apenas àqueles que guardam mais registros de fontes históricas disponíveis.[190] Temos conhecimentos da prática de atletismo, montanhismo, natação, pólo aquático, ciclismo, equitação, esgrima, tiro ao alvo, automobilismo, tênis e a prática que mais marcaria a cidade, o país e se tornaria também o objeto central de nossa pesquisa: o futebol.

A participação nas atividades esportivas, de maneira geral, era uma forma de se modernizar dentro do cotidiano de diversos grupos socais e, portanto, era importante tê-lo dentro da sociedade brasileira, como exortava o *Gazeta de Notícias*: "Ganha terreno em França a magna questão dos exercícios physicos da mocidade, especialidade que parecia até pouco privilegio da Inglaterra e da Allemanha. Quando os teremos n'este nosso caro Brazil?".[191] A chegada dos esportes se fez regida por regras e outros elementos de distinção social, os quais eram vistos como essenciais para o enquadramento dentro do que se podia considerar moderno. Por isso, as associações deveriam obter a autorização policial para o seu funcionamento, pois a polícia era um extremamente ligado a toda a transformação urbana do Rio de Janeiro e, especificamente a carioca, apresenta características diferenciadas das demais existentes no restante do país. Como ressalta o historiador Marcos Luiz Bretas, no Brasil, "as forças policiais foram organizadas a nível estadual, não como força nacional, como a francesa, ou local, como a inglesa",[192] devido

[187] Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice 49-4-5 (documentação avulsa – regatas) apud FARIAS, Claudia Maria de. Febre esportiva: o esporte náutico e a construção de uma nova paisagem urbana no Rio de Janeiro. Palestra no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 2007.
[188] Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice 49-4-5 (documentação avulsa – regatas) apud FARIAS, 2007.
[189] Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, códice 49-4-5 (documentação avulsa – regatas) apud FARIAS, 2007.
[190] SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3
[191] Gazeta de Notícias, 31/03/1891, pág. 4.
[192] BRETAS, Marcos Luiz, pág. 40.

a dimensão continental do nosso território desde a Independência e ao predomínio das oligarquias estaduais após a Proclamação da República. Não obstante, o mesmo autor lembra que "o Rio de Janeiro, sendo a capital, era uma exceção, com sua força policial sob o controle do governo central".[193]

Dentro desta conjuntura, a Polícia enquanto instituição não se manteve isolada do cotidiano social. Por sua função de colocar ordem no dia a dia da nova cidade que passava do século XIX para o XX, ela acabou por criar barreiras maiores para os menos abastados economicamente, que tinham mais necessidade de desrespeitar os ditamos da modernidade, enquanto aos mais abastados presume-se que eram protegidos e não policiados.[194] No cenário esportivo, o Departamento de Polícia era o local onde as associações deveriam comparecer e registrar seu estatuto como requisito essencial para o seu funcionamento oficial, mas no caso de entidades formadas por sócios endinheirados, este ato era acompanhado pela publicação do documento em Diário Oficial e, em alguns casos, até mesmo em jornais de grande circulação. Para os grupos não endinheirados, a verificação junto à autoridade policial era o único mecanismo.

Este é um aspecto interessante da Febre Esportiva Carioca. Temos neste cenário a distinção que se podia fazer a partir da capacidade de cada ente em se relacionar com o poder público. Se, por exemplo, podemos caracterizar esse período pela associação do crescimento de clubes e o apoio recebido do Estado, ao mesmo tempo temos que questionar o quanto essa realidade não acabou por tornar desigual o processo de expansão dos esportes no Rio de Janeiro.

Antes e além de o esporte fazer parte de uma industrial cultural, ele é para o cotidiano de seus praticantes uma forma de lazer. E ainda nesta configuração, a distinção e tratamento para com as atividades executadas se faz presente e com a atuação da Polícia infligindo diretamente nas formas de possibilidades. Como bem destaca Victor Melo:

> De fato, os jogos ligados às camadas populares eram frequentemente proibidos (como a víspora, a roleta e a loto), enquanto aqueles presentes nos fóruns das elites gozavam de reputação e muitas vezes eram mesmo denominado de esporte (como o xadrez e a dama). Ser era frequente entre as camadas populares, logo era considerado motivo de ação

[193] BRETAS, 1997, pág. 40.
[194] BRETAS, 1997, pág. 163.

> policial, algo pernicioso, ligado a uma consideração pejorativa de "jogo". Já se as elites os praticavam, ganhavam um caráter aristocrático, logo se constituindo em um possível sinal de status.[195]

Até mesmo a reprodução junto aos menos abastados das práticas identificadas junto às elites não escapava a este cenário, sobretudo pela identificação nos locais em que isso acontecia da ocorrência de brigas ou como se chamava no turfe, "tribofes".[196] Tais confusões não eram exclusividade de uma única camada social carioca, mas como afirma Melo "eram mais graves no hipódromo mais popular (exatamente o Prado Guarany)",[197] o que pode ter colaborado para a sua sobrevivência ter sido menor do que a encontrada nas entidades do gênero vistas como aristocráticas.

> Os clubes que funcionaram no Prado Guarany vieram a falir em função de sua própria desonestidade e/ou desorganização, mas também muito em decorrência das restrições impostas pelos clubes nobres da cidade. Esses clubes mais populares contavam muitas vezes com a presença de bom público devido aos preços mais baixos de entradas e de apostas, mas também porque se ajustavam mais ao gosto das camadas populares. Embora tivessem instalações menos luxuosas, cavalos "feios e de segunda categoria" e um programa muito confuso e eclético, muitas corridas animadas foram realizadas.[198]

O remo, esporte afeito aos ideais modernos e que teve grande expansão durante a transformação do Rio de Janeiro, também mostrava aspectos excludente. Se por um período era comum ver indivíduos mais abastados o praticando nas regatas e outros assistindo os eventos nas arquibancadas à beira-mar, alguns elementos modificaram esta realidade, sobretudo no início do século XX. Dos remadores passou-se a exigir que fossem associados dos clubes para concorrer, o que, em certos casos, poderia gerar barreiras econômicas a depender do valor da joia e das mensalidades. Ao mesmo tempo, havia regulamentos que inviabilizavam a participação de homens que exercessem determinadas profissões, como a de marinheiro, por exemplo, que era majoritariamente exercida pelos menos abastados, ex-escravos ou descendentes destes. Para o público mais

[195] MELO, Victor Andrade de. Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2001, pág. 109.
[196] Segundo Melo, Tribofe era a denominação para as confusões ocasionadas por burlas nos resultados.
[197] MELO, 2001, pág, 114.
[198] MELO, 2001, pág, 115.

pobre, o deslocamento provocado pela Reforma Urbana de Pereira Passos o afastou da enseada de Botafogo (na zona sul do Rio de Janeiro), onde ocorriam as principais provas, e o alto custo de transporte (dos subúrbios para a zona sul) em um cenário de crise econômica tornava inviável acompanhar regularmente o exercício prático deste esporte moderno. Não obstante, isto não os impediu de reproduzir algumas práticas esportivas em seus ambientes, bem como não evitou críticas à forma como se deu a Febre Esportiva no Rio de Janeiro.

2.4. Resistências à Febre Esportiva

> É isto. O Sr. William jogava muito ao football, fazia gymnastica, etc. Ora, sucedia-lhe muitas vezes, em França, com estas brincadeiras, rasgar as mãos. E quando se feria assim, punha tiras de collodio... Você não reparou no dia em que o Sr. Willy aqui almoçou se ele tinha as mãos com tiras ou panos?[199]

O relato acima faz parte de uma edição da seção Folhetins, do jornal *Gazeta de Notícias*, onde eram publicadas pequenas histórias contadas diariamente em formato de novela para atrair a atenção do público. Durante um tempo, esse periódico trouxe narrativas elaboradas por Pierre Salles que, por sua vez, eventualmente, fazia uso das atividades esportivas como pano de fundo para as suas estórias. Em uma delas, chamada "A caça os Milhões", o futebol e a ginástica são apresentados como atividades perigosas e que poderiam gerar lesões nos seus praticantes.

No trecho que escolhemos para abrir esta parte do capítulo são justamente estas atividades de lazer que são apontadas como possíveis causas para a lesão do personagem Sr. William. O grande mistério desta narrativa se dá em torno de como o rapaz teria adquirido estes ferimentos. O Sr. Girel, personagem da obra de Pierre Sales e autor da frase que reproduzimos acima, não acredita muito na justificativa dada pelo Sr. Robertson, outro personagem do folhetim e que era pai de William, e decide investigar até concluir que o jovem "durante dous mezes elle não foi lá",[200] isto é, ele não participava das partidas de futebol. Se não era com o esporte, como Willy (forma carinhosa como nosso personagem era tratado) teria se machucado?

[199] Gazeta de Notícias, 05/12/1899, pág. 01
[200] Gazeta de Notícias, 06/12/1899, pág. 03.

Com o avançar da estória, o mistério sobre as lesões de Willy foi resolvido quando Girel revelou que o garoto era "amante da pequena Lebienski"[201] e se machucara a fugir dos tiros disparados pelo seu marido, que, ao descobrir a traição, tentou matar os amantes, mas até onde acompanhamos a estória, havia falhado. "Lebienski apanhou um tiro no hombro, tanto que passou algumas semanas de cama; Willy escapou ao segundo tiro de Taupier, mas rasgou as mãos na frisa do muro...".[202]

O interessante para a nossa análise desta narrativa é a vinculação das práticas esportivas com o surgimento de lesões no corpo. Compreendemos, desta forma, que havia um certo receio quanto à utilidade de se dedicar as atividades físicas, mesmo no período que ficou caracterizado pela Febre Esportiva que varreu o Rio de Janeiro. Em outras palavras, o esporte ainda era um objeto de debate.

Uma das maneiras que encontramos estes debates é por meio da imprensa. O *Gazeta de Notícias*, por exemplo, ao mesmo tempo que nos possibilita encontrar manifestações preconceituosas contra as práticas esportivas em seus folhetins, também trazia informações de episódios conflituosos envolvendo o tema em localidades em que ele era algo consolidado, como na Inglaterra. William Gilbert Grace, chamado pelo periódico como dr. Grace, é apontado como o melhor jogador de críquete da Grã-Bretanha no século XIX, razão pela qual, em sua honra, havia sido aberta uma subscrição pública que contava com a contribuição de britânicos e "de todas as colônias distantes da raça anglo-saxonia".[203] Não obstante, o jornal brasileiro também enfatiza um outro lado que pode ser visto como negativo desta febre esportiva: o suicídio de um homem e a indisciplina laboral que pode estar associada à necessidade dos operários das fábricas em acompanhares partidas de futebol ou de críquete:

> Há poucos dias, em Birmingham, um homem, adulto e aparentemente no bom e pleno uso das suas faculdades, suicidou-se... por não poder assistir a uma partida interessante de Foot-ball.
> Por essa ocasião os jornaes ingleses notaram como os operários das fabricas abandonam o trabalho sempre que há partidas de Foot-ball ou de Cricket, na febre de jogo e de apostas, que inflamma este povo,

[201] Gazeta de Notícias, 07/12/1899, pág. 02.
[202] Gazeta de Notícias, 07/12/1899, pág. 02.
[203] Gazeta de Notícias, 04/11/1895, pág. 01.

> sempre tão indignado quando se mencionam as loterias portuguezas e hespanholas, ou quando se alude às touradas nos mesmos paizes.[204]

A crítica da imprensa inglesa é a respeito da vinculação das atividades esportivas com a prática de jogos de apostas, algo que também identificamos aqui no Brasil, especialmente em relação ao turfe e que, de certa forma, não se fez presente com a mesma conjuntura no remo e nem no futebol. Não é que não houvesse os jogos de sorte e azar em torno destes esportes – as loterias são um exemplo disso -, mas em um momento de saída do século XIX para o XX, era preciso ordenar, organizar, controlar e civilizar estes atos. No caso inglês que relatamos, por exemplo, a questão é a desordem associada ao vício do proletariado, isto é, o abandono do trabalho para apostar.

O ideal de ordem e progresso já se fazia presente no Brasil no início 1900. Junto com ele, como indicamos, caminhava a modernidade e contra eles não poderia haver sinais de atraso e de desordens. Neste sentido, o Estado deveria ser acionado e, assim, pôr fim aos elementos inconvenientes.

A imprensa, novamente, é um caminho em que conseguimos encontrar registros diários destes cenários, em especial a seção "Queixas do Povo", do *Jornal do Brasil*. Em 5 de setembro de 1902, por exemplo, ela apresentava a insatisfação contra "um botequim existente á rua de S. Diogo, próximo á rua Formosa, [em que] há constamente desordens entre vagabundos e mulheres de vida baixa, de maneira a não poderem ter socedo as famílias visinhas que nos pedem esta reclamação".[205] A falta de ordem é um ponto que vinha sendo combatido pelos governos do então Distrito Federal e, neste sentido, o esporte também era visto por alguns como um agente causador da desordem.

O futebol foi um esporte que teve rápida difusão no Rio de Janeiro, mas que também não ficou imune a isso, tendo em vista os conflitos que poderiam advir do simples ato de chutar uma bola, como encontramos em uma reclamação no *Jornal do Brasil*: "Queixam-se moradores da rua Barão do Flamengo de que essa rua está, á tarde e pela manhã, cheia de aficionados do jogo denominado foot-ball, e o jogam de modo que chegam a quebrar vidraças, como aconteceu com as do Hotel Estrangeiro".[206] Esta

[204] Gazeta de Notícias, 04/11/1895, pág. 01.
[205] Jornal do Brasil, 05/09/1902, pág. 02.
[206] Jornal do Brasil, 05/09/1902, pág. 02.

denúncia traz elementos interessantes daqueles que não compartilhavam da visão apenas benéfica da febre esportiva. Um primeiro que enfatizamos é de que enquanto houvesse sol, havia a prática do futebol, ou seja, em um cenário no qual a iluminação pública ainda se mostrava precária, era preciso explorar ao máximo a luz natural. Por outro lado, a maior parte das atividades laborais eram realizadas também no período diurno, de modo que podemos depreender dentre os apaixonados pelo futebol, havia alguns indivíduos que não trabalhavam ou abandonavam seus afazeres, ainda que parcialmente, para desfrutar do prazer futebolístico. Este é um aspecto criticado pela imprensa inglesa, como vimos anteriormente, e que encontra eco também entre os jornalistas e sociedade brasileira.

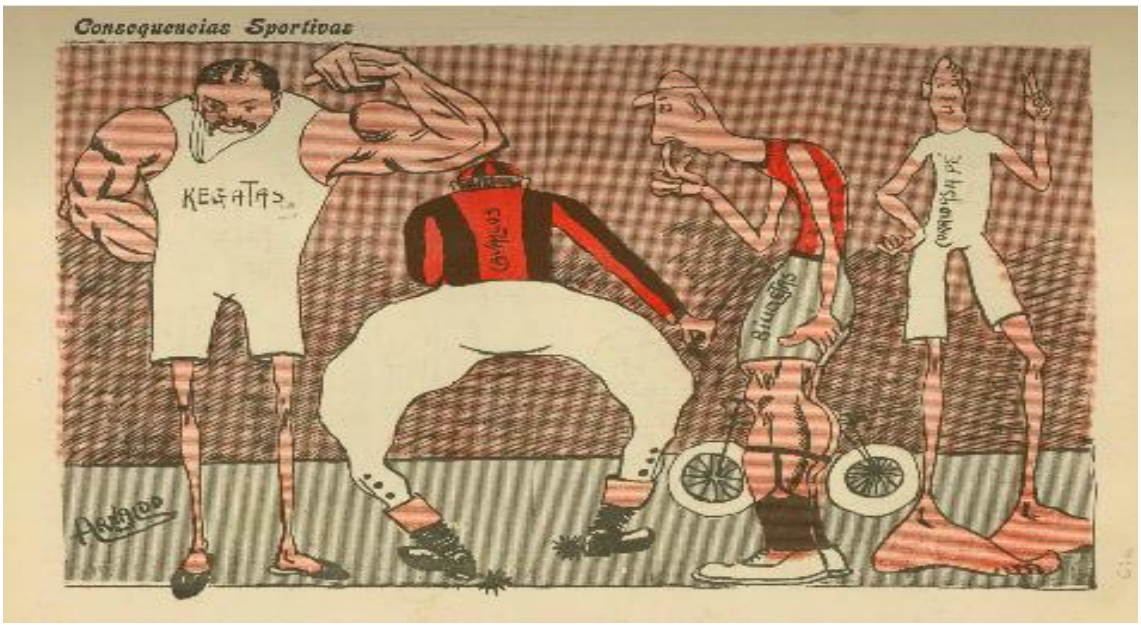
Além disso, existem mais dois pontos que gostaríamos de destacar acerca desta reclamação e o primeiro é em torno do local em que o futebol era jogado: uma rua movimentada e com estabelecimentos comerciais, como um hotel e que, portanto, necessitava da manutenção da ordem pública para o seu desenvolvimento. O segundo é a respeito do prejuízo financeiro provocado pela pratica futebolística desorganizada e, curiosamente, no Hotel dos Estrangeiros, tido como um dos principais do Rio de Janeiro naquele período e que, no mês seguinte, estaria novamente envolvido com um evento esportivo, mas que desta vez obedeceria aos ditamos da ordem e da moralidade que se buscava no Rio de Janeiro do início do século XX: a cerimônia de confraternização referente as partidas inter-regionais do Sport Club Internacional, de São Paulo, contra o Sport-Rio e o Fluminense Football Club, ambos do Rio de Janeiro. A vitória do Sport-Rio em um dos duelos foi seguida por um convite aos "seus collegas de S. Paulo para um banquete que effectuou-se no Hotel dos Estrangeiros".[207]

O fato de um evento futebolísticos da alta sociedade dar-se em local próximo de onde se tem registro do futebol de rua exemplifica bem as maneiras diversas que as complexas classes sociais cariocas adotaram o futebol. Esse tipo de encontro "Rio de Janeiro x São Paulo" foi muito comum nos primórdios do futebol, em virtude não só dos poucos times existentes, mas depois como uma forma de buscar provar a força de seu estado em outras regiões. Jogos com times do Rio Grande do Sul também ocorriam (O Sport Club Rio Grande excursionou pela cidade após chegar a bordo da embarcação Aymoré e foi recebido com enorme festa). No caso carioca, o Fluminense, clube fundado

[207] Jornal do Brasil, 06/10/1902, pág. 02.

por Oscar Cox – um dos difusores do futebol no Rio de Janeiro – era um dos que mais saia para jogar em outros estados.

Se por um lado a política higienista desenvolvida por Pereira Passos modificou a percepção estética do corpo dos brasileiros e a valorização do que seria útil para a manutenção da boa saúde, por outro é preciso lembrar que nem todos compartilhavam desta visão. A concepção de que antes o homem magro e pálido era a aparência do brasileiro imperial sofreu mudanças com a adoção do regime republicano, fazendo com que as suas feições se tornassem mais robustas devido à prática de exercícios físicos. Essa mudança de opinião não se deu da noite para o dia e nem gozou de unanimidade, havendo, conforme a charge abaixo indica, aqueles que viam nas práticas esportivas incentivadas pelo nosso *Haussman Tropical* fatores geradores da deformação do corpo humano, como parte da imprensa na época destacou:



208

Segundo Leonardo Pereira:

> A imagem, tratando do remo, do turf, do ciclismo e do pedestrianismo, reafirma a proliferação das associações esportivas na cidade; a ironia sobre os supostos benefícios que eles trariam ao corpo aparece, no

208 : http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=67&ano=1903 Acessado em 07/03/2014, às 13h14min apud PEREIRA, 2000, p.48.

> entanto, de forma evidente: longe de gerar indivíduos mais robustos e sadios, os esportes simplesmente contribuiriam para sua deformação.[209]

Àqueles que compartilhavam desta concepção podem ser entendidos como os que buscaram resistir à febre esportiva e se manifestaram por diversas maneiras. Utilizando os conceitos científicos da época, por exemplo, o médico Carlos Sussekind de Mendonça acreditava que as práticas esportivas eram prejudiciais ao desenvolvimento intelectual e, tomando o futebol como ponto de análise, acreditava que a febre que incidia no Rio de Janeiro enfatizava um "jogo de selvagens, incorreto e brutal, pouco científico e provavelmente mais prejudicial que útil para ir ensinar aos nossos filhos".[210] Não obstante, Mendonça não compartilhava da mesma visão acerta deste esporte na Inglaterra, pois via nos britânicos alguém que tinha no futebol não "um benefício físico, senão um dever moral, como um princípio tradicional",[211] pois fazia parte da sua história nacional.

A depender do momento vivido e da concepção política adotada o futebol poderia ser criticado. Os diferentes tipos de anarquismos existentes, por exemplo podem apresentar visões críticas a respeito das atividades lúdicas dos trabalhadores, enxergando nelas uma espécie de alienação e desvirtuamento dos ideais libertadores a que está destinada à classe trabalhadora, como aconteceu por um tempo com a prática futebolística.[212]

No início do século XX, parte do movimento anarquista viu na manifestação cultural por meio do futebol um elemento a ser rejeitado. Em determinadas análises, este esporte era apresentado como um inútil produto da burguesia que, pela exaltação do físico, anularia o intelecto do homem (semelhante com o que dizia o médico Carlos Sussekind de Mendonça) fazendo a emoção prevalecer sobre a razão e sendo responsável por inúmeras práticas de violência.[213]

O jornal *Terra Livre*, em 09 de outubro de 1906, refletia sobre o futebol da seguinte maneira:

---

[209] PEREIRA, 2000, pág. 48.
[210] SANTOS, Jorge Artur dos. Intelectuais Brasileiros e Esporte: Meio Século de disputas. São Paulo: Clube dos Autores, 2010, pág. 77.
[211] SANTOS, 2010, pág. 77.
[212] CABRAL, Michele Nascimento. Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer. Dissertação. UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.
[213] SANTOS, 2010.

> Quanto ao foot-ball, o caso foi assim: um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de football. Os patrões gostam que os operários gastem as suas energias nessas coisas e por isso o pedido foi logo satisfeito. Demais o jogo deveria ser entre o coreto e a casa do "senhor coronel" de certo para divertir os amáveis burgueses. O escravo também é palhaço.[214]

Tal visão, por sua vez, não visa apresentar os anarquistas como um grupo que ia contra o lazer, muito até pelo contrário, como aponta Cabral.

> A cidade do Rio de Janeiro oferecia muitas oportunidades de diversão, e o desenvolvimento deste "mercado do lazer" contava com a grande procura da população, composta de "clientes" de todas as camadas sociais. Desta forma, promover ações de lazer para a classe operária era ainda um bom investimento, que na maioria das vezes gerava bons lucros aos organizadores.[215]

Dessa forma, podemos pensar suas críticas diferenciando o lazer em dois tipos, como apresenta Michele Cabral: Divertimento alienado, ao considerar o tipo de lazer em que não há finalidade humanista, isto é, ele é feito apenas para diversão, fora dos sindicatos ou das associações culturais classistas; e o divertimento consciente, por levar em consideração o tipo de lazer em que os divertimentos têm fins solidários, isto é, voltado para ajuda de instituições de classe, com operários e para operários.

Assim, podemos perceber que a visão do jornal *Terra Livre* acerca do esporte bretão se dá vendo-o como um tipo de divertimento alienado, no qual não está presente a noção de engrandecimento para o homem, daí a pouca importância atribuída por alguns anarquistas na primeira década do século XX. Fundado por anarquistas em um período de grande agitação social no Brasil Republicano, ele compartilhava de perspectivas marxistas para a interpretação da realidade socioeconômica e cultural.

Um dos nomes que mais se notabilizaram nas críticas e resistências à febre esportiva foi o do literato Lima Barreto. Nascido em 1881 e falecido em 1922, o autor de Policarpo Quaresma via no futebol um projeto eugênico da elite do Rio de Janeiro e o condenava sob essa perspectiva, uma vez que este grupo era incapaz de reconhecer as

[214] Terra Livre, 09/10/1906, pág. 04.
[215] CABRAL, 2008, pág. 72.

peculiaridades culturais de nosso povo.[216] Lima Barreto teceu diversas críticas em suas crônicas às atividades esportivas, dentre as quais estava o futebol e que também não ficou imune às críticas do escritor que o considerava ter esta atividade o papel único e exclusivo de "causar dissensões no seio da vida nacional".[217] Neste sentido, ele liderou a organização de uma Liga Brasileira contra o Futebol, justificando sua perspectiva sobre o tema a partir de vários argumentos publicados em seus textos, como este:

> O que me moveu, a mim e ao falecido doutor Mário Valverde, a fundar a liga [Brasileira Contra o Futebol] foi o espetáculo de brutalidade, de absorção de todas as atividades que o football vinha trazendo à quase totalidade dos espíritos nesta cidade. [...] Percebi logo existir um grande mal que a atividade mental de toda uma população de uma grande cidade fosse absorvida para assunto tão fútil e se absorvesse nele; percebi também que não concorria tal jogo para o desenvolvimento físico dos rapazes, porque verifiquei que, até numa sociedade, eram sempre os mesmos a jogar; escrevi também que eles cultivavam preconceitos de toda a sorte; foi então, que me insurgi.[218]

O tempo, no entanto, mostrou que as resistências se tornariam em menor número ante a consolidação das práticas esportivas no Rio de Janeiro, em especial do futebol. Nem mesmo Lima Barreto pode negar a difusão desse esporte entre "a alta e a baixa sociedade cariocas",[219] ainda que mesmo diante do fracasso de seu projeto ele se colocasse como alguém que "combaterei [sic] sempre o tal de futebol".[220] A trajetória de Lima Barreto nas reflexões futebolísticas faz parte de um processo maior ligado à relação que futebol e literatura possuem. Bernardo Buarque de Hollanda e Gustavo Cerqueira Guimarães trabalham com a concepção de que este processo tem sido fértil e instável ao longo do tempo.[221] Se inicialmente há tensão sobre Barreto a respeito do novo esporte, com a sua difusão na sociedade e, principalmente, vinculação à constituição da identidade brasileira, esta perspectiva se modificou e o literato aderiu à febre esportiva futebolística.

---

[216] PONTES, Ludmila Alves. A visão de um Brasil Urbano: O Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.
[217] BARRETO, Lima. Toda crônica: Lima Barreto. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004, pág. 433-434.
[218] BARRETO, 2004, pág. 515-516.
[219] Careta, 08/04/1922, pág. 17.
[220] Careta, 08/04/1922, pág. 17.
[221] Hollanda, B. B. B. de, Guimarães, G. C., & Silva, M. R. da. (2023). Futebóis e modernismos: 100 anos da Semana de 22. FuLiA/UFMG, 7(3), 3–15.

Capítulo 3 – O futebol carioca

"Cox é um dos grandes responsáveis pela chegada do futebol ao Brasil"[222], segundo o site oficial do Fluminense Football Club, um dos mais tradicionais clubes do futebol brasileiro e um dos primeiros a serem fundados para a prática futebolística. Oscar Cox, considerado por alguns como o "pai" do surgimento do futebol em terras cariocas era um brasileiro que, a exemplo de alguns jovens na transição do século XIX para o XX, teve a oportunidade de realizar seus estudos fora do Brasil. Durante sua passagem pela Suíça, teve contato com o esporte que se difundira a partir da Inglaterra e o trouxe para sua terra natal.

Renato Lanna Fernandez, em seu célebre trabalho de mestrado sobre o Tricolor das Laranjeiras, apresenta elementos que destoam dos discursos a respeito de uma origem única para o futebol no Rio de Janeiro. Segundo o próprio:

> Alguns relatos já demonstram a prática do futebol na cidade antes de Oscar Cox. Clubes de origem inglesa como o Payssandu e o Rio Cricket já se divertiam com o esporte, assim como marinheiros ingleses aportados no Rio de Janeiro "jogavam uma bolinha" em horário vago. O próprio Cox, quando menino, teria tido contato com o jogo no colégio Abílio, com uma bola trazida pela família por volta de 1890 (Pereira, 2000: 21).[223]

Aos defensores do argumento a respeito do pioneirismo de Cox, como Mario Filho e Coelho Neto, estava o fato de que ele, ao regressar do colégio *La Ville*, em Lausanne, na Suíça, em 1897, trouxe, além da bola, as regras oficiais sobre o futebol que haviam sido unificadas em 1863 pela *Foot-Ball Association*, na Inglaterra. Mais do que elementos factuais a respeito da maior ou menor importância do episódio, temos aqui a disputa em torno do controle do futebol desde os seus primeiros chutes nas terras cariocas.

O esporte, como já mostramos, foi inserido na modernidade carioca ainda no século XIX e por diversas vezes a *aristocracia* buscou criar elementos para diferenciar a sua prática e consumo do que acontecia entre a *plebe*. O preço dos ingressos, a vedação à

[222] https://www.fluminense.com.br/sobre/a-historia. Acessado em 13/02/2021, às 15h32min.
[223] FERNANDEZ, Renato Lanna. Fluminense Foot-Ball Club: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). 2010. 195p. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2010, pág. 14.

participação de sujeitos de determinadas categorias e até mesmo a vigilância dos órgãos de repressão foram utilizados para atender à tal finalidade. O futebol não ficou imune a isso e uma das formas de perceber esta disputa é através da narrativa histórico em torno de seu mito fundador.

Marilena Chauí considera que o "mito fundador oferece um repertório inicial de representações da realidade",[224] por meio do qual determinados grupos podem justificar a sua existência. A figura de Oscar Cox, neste sentido, visa a atender uma perspectiva de afirmação por parte de grupos aristocráticos de controle sobre a prática futebolística, como detalha a pesquisadora:

> [...] do lado dos dominantes, ele opera na produção da visão de seu direito natural ao poder e na legitimação desse pretenso direito natural por meio das redes de favor e clientela, do ufanismo nacionalista, da ideologia desenvolvimentista e da ideologia da modernização, que são expressões laicizadas da teologia da história providencialista e do governo pela graça de Deus.[225]

A imagem de um agente introdutor de uma prática que se difundiu em uma sociedade, portanto, tem como um dos seus objetivos legitimar o controle de determinado bem cultural. A respeito do discurso que inicia a história do futebol no Rio de Janeiro, isto aconteceu em torno da figura de Oscar Cox como o pai do futebol carioca e foi reforçado por seus contemporâneos de maneira exaustiva.

Segundo Melo, a versão histórica do futebol carioca fundado e controlado pelo grupo aristocrático do qual fazia parte Oscar Cox também foi inserida no mundo acadêmico, ainda que seja neste âmbito onde ocorram as contestações mais intensas a ela. [226] Neste sentido, aliás, que o presente trabalho também visa a colaborar, uma vez que tem, essencialmente, finalidade acadêmica, não podendo, portanto, se furtar a este debate.

A origem do futebol no Rio de Janeiro, isto é, o registro que possa ser comprovadamente entendido como o da primeira partida disputada na capital do Império ou da República, a depender da datação desta fonte, não foi encontrado. Tem-se, como

---

[224] CHAUÍ, Marilena. Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000, pág. 07
[225] CHAUÍ, 2000, pág. 90.
[226] MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: "A origem" do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 3, jul/set. de 2017, pág. 920.

Fernandez indica, relatos sobre a sua prática desde o século XIX e, como ressalta Melo, notícias sobre a modalidade em outros países, bem como de que era jogado entre a comunidade britânica.[227]

O primeiro registro que encontramos na imprensa sobre a prática do futebol se deu no início do século XX, mais precisamente em no dia 05 de maio de 1901, na Praça da República, quando teve início "a temporada deste anno dos jogos gymnasticos dirigidos pelo professor Arthur Higgin"[228]. Por duas horas e meia, 19 moços se divertiram em três partidas de hockey e uma de football. Assim, "os parques e jardins [que] são abandonados ou apenas frequentados por vagabundos ou viciados"[229] conforme há 10 anos reclamava-se no Jornal do Brasil, começam a ganhar nova vida pela prática dos exercícios físicos a partir de iniciativas como as do professor Higgins:

> Durante boa parte do ano de 1901, o Professor Higgins dedicou a manhã de seus domingos a organizar partidas de hóquei e futebol na Praça da República para um grupo de garotos, inclusive seu filho, Jayme Higgins. Em algumas ocasiões contou com a participação de um dos maiores incentivadores do futebol na cidade anos subsequentes, Victor Etchegaray, que viria a ser um dos fundadores do Fluminense Football Club e um dos seus primeiros craques dentro de campo. Higgins organizava partidas entre cerca de 20 garotos, dividindo-os em dois grupos, os azuis e os vermelhos, e fazendo partidas por toda a manhã, desde que o tempo ajudasse. O Jornal do Commercio, um dos maiores jornais do país, divulgava, geralmente às terças feiras, como havia sido a prática esportiva de domingo. A iniciativa do professor Higgins mostra como a cidade estava ligada ao desenvolvimento da prática esportiva, apesar de muitas vezes a sua iniciativa ser frustrada.[230]

As frustrações do professor podem ter sido provocadas, em alguns casos, pelo mau tempo que impedia a realização de seus projetos ou pela falta de adesões em outras oportunidades. O futebol, ainda nessa época, era uma novidade – uma novidade simples de se praticar, se comparada às outras opções existentes na época – ainda muito ligada à colônia britânica estabelecida no Rio de Janeiro.

[227] MELO, 2017, pág. 920.
[228] Gazeta de Notícias, em 12/05/1901, pág. 04.
[229] Jornal do Brazil, em 30/11/1891, pág. 03.
[230] SANTOS, 2010, pág.15.

Tanto é assim que ainda em 1901, como aponta Fernandez, teve a realização do jogo inaugural do futebol no Rio de Janeiro[231] no Rio Cricket Club, clube de Niterói fundado em 1872 por ingleses, sendo um deles George Cox, pai de Oscar Cox. Lá, no dia 1º de agosto de 1901, um time formado por brasileiros e liderados por Cox teria empatado com a equipe da casa formada por jogadores ingleses residentes no Brasil e que, em sua maioria, eram funcionários do consulado, de bancos e de empresas de navegação marítima,[232] conforme relata Fernandez, com base na leitura de Paulo Coelho Netto (1969).

Porém, segundo Melo, não foram encontrados vestígios que de fato o jogo ocorreu.[233] Esta divergência, no entanto, nos aponta para uma questão envolvendo a historiografia do futebol brasileiro de que até o final dos anos 1970 as histórias do futebol brasileiro eram basicamente escritas fora da academia, principalmente por jornalistas e ex-atletas.[234]. Paulo Coelho Netto se enquadra bem neste cenário, filho de Henrique Maximiliano Coelho Netto, um dos mais famosos literatos do Brasil no século XX, e torcedor fanático do Fluminense, se destacou pela produção de obras literárias sobre a biografia de seu pai e sobre o clube de coração dele. Foi neste contexto que produziu as obras *Fluminense Pitoresco e Dramático*,[235] em 1969, e *Fluminense na intimidade Volume I*,[236] em 1955, e *Volume II*,[237] em 1969.

O período de produção destas obras ocorre dentro de um contexto que é chamado de Terceira Fase dos estudos relacionados à história do esporte no Brasil, caracterizando-se por um grande aumento na produção de conteúdo, mas ainda sem romper com características que podiam direcionar o entendimento dos pesquisadores, tais como:

> a utilização restrita de fontes; um caráter militante, a história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas; a preocupação exacerbada com o levantamento de **datas, nomes e fatos** [grife nosso]; uma abordagem centrada fundamentalmente na

[231] FERNANDEZ, 2010, pág. 16.
[232] FERNANDEZ, 2010, pág. 16.
[233] MELO, 2017, pág. 927.
[234] SANTOS, Joao Manuel Casquinha Malaia, DRUMOND, Maurício. A construção de história do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. Revista Tempo, vol. 19, n. 34, Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo, 2012, pág. 21
[235] NETTO, P. Coelho. Fluminense Pitoresco e Dramático. Rio de Janeiro. Editora: Minerva, 1969.
[236] NETTO, P. Coelho. Fluminense na intimidade - Volume I. Rio de Janeiro. Editora Borsoi, 1969.
[237] NETTO, P. Coelho. Fluminense na intimidade - Volume II. Rio de Janeiro. Editora Borsoi, 1969.

> experiência de grandes expoentes; o uso da periodização política em detrimento de uma periodização interna.[238]

A discussão, desta forma, a respeito do marco fundador do futebol no Rio de Janeiro pode ser vista como um embate de discursos que expressam visões distintas a respeito do mesmo objeto: o futebol. Para o presente trabalho, entretanto, optamos por entender a introdução deste esporte no Rio de Janeiro como o resultado de múltiplos esforços e agentes que, ainda no século XIX, já disseminaram elementos que permitiram a sua difusão a partir dos anos 1900.

Os ingleses que vivam no Rio de Janeiro neste período despontam como um dos principais agentes deste processo, pois para além do contato com a atividade na Grã-Bretanha, conseguiram executá-la no Brasil com outros compatriotas, inclusive os que não vivessem na mesma província, como era o caso dos paulistas. Segundo Melo, "Desde 1875, foram periódicas as disputas de críquete entre equipes das duas cidades (MELO, 2016). A partir de 1898, inclusive se tornaram mais comuns no The Rio News notícias sobre os jogos do ludopédio disputados na capital paulistana".[239]

O hábito cultural, neste sentido, se refletiu na difusão criação de instituições para a prática esportiva. Um dos primeiros clubes a praticar o futebol no Rio de Janeiro foi o Rio Cricket and Athletic Assotiation, de Niterói (fundado em 15 de agosto de 1872 com o nome de Rio Cricket Club, mas que em 15 de agosto de 1897 passou a ter a outra denominação), cujos associados eram predominantemente ingleses. A ligação deste clube com o futebol é visível em vários momentos, como em meados de 1902, quando uma festa foi organizada pela colônia britânica existente no Rio de Janeiro para a comemoração da coroação do Rei Eduardo VII. O evento ocorreu nos terrenos do Rio Cricket and Athletic Assotiation, em Icaraí. Como destacou o *Jornal do Brasil*, dentre as muitas atividades previstas para o dia estava a realização de uma partida de futebol, no qual o time dos brasileiros foi capitaneado por Oscar Cox e o dos ingleses por A. R. L. Wright.[240]

[238] MELO, DRUMOND, FORTES e SANTOS, 2013, pág. 33.
[239] MELO, 2017, pág. 926.
[240] Jornal do Brasil, 22/06/1906, pág. 04

Foi em 1902, também, que ocorreu a fundação do primeiro clube voltado para a prática do futebol: The Rio Foot-Ball Club que, apesar do nome, segundo Melo, era uma agremiação de nacionais e britânicos que tinha por pretensão se dedicar a outras modalidades, não somente ao ludopédio.[241] Poucos dias depois, mais precisamente em 21 de julho de 1902, foi fundado por Oscar Cox o Fluminense Football Club, que logo se tornou o principal time da capital federal.

Esses dados servem para mostrar que a prática do jogo de bola estava sendo abraçada por indivíduos que iam além aos da colônia inglesa. Aliás a criação daquele que no século XXI seria conhecido também como o Tricolor das Laranjeiras (em alusão às cores de seu uniforme e ao bairro que está localizada a sua sede) tem, segundo Fernandez, como uma das principais características o fato de o novo clube ter "seu caráter misto, aceitando desde os primeiros momentos brasileiros em seus quadros".[242] O próprio nome escolhido reforça este elemento, segundo o pesquisador:

> A escolha do nome possui duas versões, uma oficialmente aceita e outra não reconhecida pelo clube, porém muito popular. A primeira versão oficial afirma que o nome é oriundo do hábito de se chamar todos os cariocas, independente de serem da capital ou do interior do Estado, de fluminenses. A distinção entre fluminenses e cariocas só se estabeleceu depois de 1892, quando o Rio de Janeiro deixa de ser município neutro e passa a ser Distrito Federal. Antes de tal mudança, não havia distinção entre cariocas e fluminenses e todos eram chamados indistintamente de fluminenses. Após a lei, continuou o hábito de se usar o termo fluminense para os habitantes do Distrito Federal. Além disso, na excursão do Rio Team a São Paulo, os jornais referiam-se aos jogadores do Rio como fluminenses33. A impossibilidade da utilização do nome Rio em virtude da fundação do Rio Foot-Ball Club algumas semanas antes, levou à adoção do nome Fluminense Foot-Ball Club. Nesta versão, portanto, o costume determinou o nome.
> A segunda versão especula que uma vez não podendo usar o nome preferido, foi feita uma correlação ao vocábulo latino "flumen", que significa fluvial ou relativo a rio. Dessa analogia chegou-se ao termo Fluminense.[243]

[241] MELO, 2017, pág. 929.
[242] FERNANDEZ, 2010, pág. 20.
[243] FERNANDEZ, 2010, pág. 21-22.

3.1. O futebol carioca em seus primeiros chutes

O campo da rua Paissandu, em Botafogo, foi o local escolhido para receber o duelo entre o clube de Oscar Cox e o The Rio Foot-ball Club, marcando, assim, a primeira partida oficial de futebol envolvendo clubes cariocas. Todavia, nem mesmo no trabalho de Renato Fernandez é possível encontrar o resultado deste jogo. Em sua pesquisa, ele apresenta relatos acerca do entusiasmo que antecedia ao encontro, por meio de informações extraídas de periódicos da época, bem como a ênfase ao "nascimento das duas agremiações e nível do público composto do melhor da nossa sociedade"[244], além do destaque dado "a presença de moças da mais fina sociedade".[245]

Em nossa pesquisa, encontramos um aspecto curioso a respeito das primeiras partidas de futebol: a gratuidade. Nos primórdios do futebol carioca era comum ocorrerem jogos com entrada franca, como o que aconteceu no campo Payssandu Cricket-Club, em Botafogo, entre o Rio Foot-Ball Club e o Nictheroy (Rio Cricket). Este "salutar Sport, que também entre nos tem tomado bastante incremento",[246] diferentemente do que faziam o remo e o turfe, ainda não vendia ingressos para todas as suas partidas. Por um lado, é interessante refletir que o evento era destinado exclusivamente aos sócios das entidades e que buscava atrair a atenção de entusiastas das localidades em que acontecia, como um atrativo comercial, em meio às diversas atividades da indústria cultural existente naquele período. Naquele contexto, isso, certamente, foi mais um fator favorável para que pudesse se difundir no Rio de Janeiro, todavia, é importante destacar que a gratuidade não se estendia a todos os jogos, pois em algumas pelejas havia outros aspectos em disputa. Como aponta Fernandez:

> Entre 1902 e 1904, o Fluminense realiza uma série de jogos contra os seus rivais locais: o Rio Foot-Ball Club e o Payssandu Cricket Club. Esses confrontos eram marcados pela cordialidade, e foi essa mesma cordialidade que permitiu a união entre os times do Fluminense e Payssandu para enfrentar, no campo do Payssandu no Rio de Janeiro, o Sport Club Internacional de São Paulo.

[244] FERNANDEZ, 2010, pág. 33.
[245] FERNANDEZ, 2010, pág. 33.
[246] Jornal do Brasil, 19/04/1903, pág. 03.

> Em 1903, o clube realiza sua primeira excursão interestadual, indo a São Paulo para uma série de três jogos contra as equipes bandeirantes.[247]

O intercambio regional entre os futebolistas se mostrou, neste processo, como um elemento importante para a sua difusão e, principalmente, distinção entre aqueles que se consideravam os "melhores da sociedade carioca". O comércio também não pôde se manter alheio ao incremento a esse desenvolvimento, pois para os membros da alta sociedade a aquisição de materiais esportivos era, além de uma possibilidade, um símbolo de status, enquanto os comerciantes tinham neste fato uma ótima oportunidade de obter lucros. Por isso, a Casa Clark já realizava anúncios em 1903 de "artigos inglezes, calçados, bolas, caneleiras, bombas"[248] e de um livro contendo as regras do futebol. O interesse pelo esporte despertara o espírito empreendedor dos comerciantes.

O crescimento dos clubes esportivos dava respaldo para esse tipo de investimento, já que para os *sportmen*:

> a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.[249]

Em outras palavras, temos aqui a construção de um quadro no qual o consumo, mais do que um ato natural ou realizado pelo prazer individual, era também um símbolo de distinção social em sua forma e conteúdo. No início do século XX, este cenário possibilitou a criação de uma forte relação do esporte com a indústria de entretenimento e de comércio que havia no Rio de Janeiro, a qual se manifestava direta e indiretamente por meio da própria prática esportiva.

A publicidade era uma forma de manifestação indireta desta relação e, como no anúncio da Casa Clark (fundada no século XIX como loja de sapatos), isso se mostra presente, com a sua vinculação à existência de produtos que atendem ao interesse de uma

[247] FERNANDEZ, 2010, pág. 34.
[248] Correio da Manhã, 20/03/1903, pág. 02
[249] PEREIRA, 2000, pág. 39.

parcela da sociedade que deseja consumir seus produtos importados. A forma utilizada pela empresa para isso era por meio de comerciantes que importavam produtos europeus (em especial ingleses, franceses e escoceses) para o Brasil, como o sr. Hugh Young, gerente da companhia e que, além de "grão-mestre da maçonaria escosseza",[250] "foi negociante nesta praça durante mais de 30 annos"[251] até que encerrou sua carreira integrando o quadro de funcionários da dita empresa. Interessante destacar que a Casa Clark, sediada na Rua do Ouvidor, 67B, não era um empreendimento especializado apenas em artigos esportivos, mas disponibilizava uma grande variedade "com grande abatimento, diversos saldos de calçado inglez CLARK",[252] dentre os quais buscava atender ao público masculino e feminino.

O crescimento do futebol no Rio de Janeiro pode ser percebido neste período pelo interesse de empresas em vincular os seus produtos e a sua marca aos eventos esportivos, como no caso da Casa Clark, bem como também pelo aumento na criação de clubes voltados a sua prática ou de instituições já existente que passam a inseri-lo em suas atividades. É dentro deste processo, por exemplo, que surgem alguns dos mais importantes times na transição do século XX para o século XXI.

Além do Fluminense, cuja fundação abordamos anteriormente, data do dia 12 de agosto de 1904 a criação do Botafogo Football Club por "um grupo de colegiais com idades entre 14 e 15 anos, no chalé de um velho casarão em ruínas da Rua Conselheiro Gonzaga, esquina da Rua Humaitá com Largo dos Leões".[253] Em 18 de setembro de 1904, foi a vez de nascer o América Football Club, que se destacaria posteriormente por ter sua sede no bairro da Tijuca, mas que àquela altura era criado no bairro da Saúde.[254]

O futebol, ainda que inicialmente fosse muito vinculado à elite carioca, também estava acessível a outras classes sociais, de acordo com as suas possibilidades. Nem todos os trabalhadores, por exemplo, poderiam gozar das mesmas condições que os indivíduos mais abastados dispunham para os seus jogos. Contudo, em algumas oportunidades, isso foi possível, como, por exemplo, quando "diversos operários e empregados da fábrica de

[250] Correio da Manhã, 14/01/1902, pág. 02
[251] Correio da Manhã, 14/01/1902, pág. 02
[252] Correio da Manhã, 08/09/1902, pág. 03.
[253] https://www.botafogo.com.br/historia.php. Acessado em 18/02/2021, às 20h01min.
[254] http://www.americario.com.br/oclube_fundacao.asp. Acessado em 18/02/2021, às 20h06min.

tecidos do Bangu acabam de organizar, sob o título acima [Bangu Athletic Club], uma associação sportiva, onde serão explorados os jogos de football, cricket e lawn tennis",[255] e esses mesmos operários realizaram uma festa de inauguração, a qual compareceram mais de 140 sócios. Ainda que a decisão por essa fundação esteja atrelada aos hábitos dos funcionários britânicos do estabelecimento que, há quase uma década (é possível que, desde 1894, já houvesse jogos de futebol naquela área da Zona Oeste) praticavam futebol e cricket, atraindo para si grande público, como podemos perceber com o "grande nummero de socios e pessoas gradas que iam assistir aos matches"[256] e que não pertenciam, necessariamente, à colônia inglesa.

O futebol era em 1904 uma realidade incontestável dos domingos cariocas. Ao mesmo tempo em que clubes especificamente voltados para a sua prática eram fundados, outras agremiações já existentes começavam a incluí-lo como uma das atrações nos seus eventos. Esse foi o caso, por exemplo, do Clube de Regatas Vasco da Gama, que incluía o futebol em suas práticas festivas, juntamente com o atletismo e o tiro ao alvo. Um dos principais clubes de regatas da colônia portuguesa tinha em seus quadros adeptos de outros esportes e, ainda que não seja sua prioridade, tendeu a estimulá-los em datas festivas, como na homenagem ao presidente honorário Sr. Alberto de Carvalho e Silva, que estava de partida para a Europa,[257]

Nos primeiros chutes do futebol no Rio de Janeiro, um ponto que marcou os *sportmans* cariocas foram as suas trocas com os *footballers* de outros estados, em especial São Paulo, não só pela proximidade geográfica, mas também pela importância econômica e política no período. Tais situações eram oportunidades de sociabilidade entre os envolvidos e momentos de comparação a respeito do crescimento esportivo entre eles. Se em 1904, a capital federal, por sua vez, tinha no surgimento de clubes um elemento da sua expansão futebolística, na capital paulista, já havia sido "(...) assignada a lei municipal que autoriza a regulamentação do jogo do football".[258] Essa aprovação se dava 2 anos após ter início aquele que seria o seu campeonato estadual, fazendo com que a

[255] Jornal do Brasil, 23/04/1904, pág. 03
[256] Jornal do Brasil, 30/04/1904, pág. 02
[257] Jornal do Brasil, 07/01/1904, pág. 03.
[258] Jornal do Brasil, 07/01/1904, pág. 03.

institucionalização do jogo dê aos seus praticantes uma maior segurança jurídica. Segundo Negreiros:

> Com o aparecimento de alguns clubes preocupados com o futebol e que já disputavam jogos, estes em fins de 1901 fundaram uma entidade que deveria organizar o futebol em São Paulo. Assim, surge a Liga Paulista de Futebol (que será tratada, a partir deste momento, apenas por LPF), que já em 1902 organizou campeonatos. Ela administrou sozinha o futebol paulista até 1913, quando alguns clubes abandonaram a entidade pioneira para construir a Associação Paulista de Esportes Atléticos, a Apea.[259]

Não obstante, não era só no aspecto legal que a comparação com São Paulo incomodava a elite carioca; era muito mais a organização do esporte em si que preocupava. A LPF, por sua vez, a exemplo dos indivíduos que com alguns de seus clubes tinham contato, era comandada por "pessoas ilustres ligadas à política partidária da cidade e do estado. Encontravam-se também as famílias mais abastadas e tradicionais. Essas mesmas pessoas eram as dirigentes dos clubes de elite".[260]

A comparação trazia para os cariocas o afloramento cada vez maior do aspecto competitivo que envolvia os esportes. Internamente, este processo se mostrava cada vez mais presente com a difusão da prática de estabelecer premiações aos vencedores das partidas que, até então, eram tidas como amistosas. Pensando nisso e em se valorizar, o Club de Regatas Boqueirão organizou "matches sensacionaes e interessantes"[261] contra o Foot-Ball and Athletic Club (seus 1º e 2º times) e estabeleceu como prêmio uma artística e custosa estatueta de bronze.

A competitividade crescia, mas ainda estava distante do nível alcançado em São Paulo, que à época já possuía um campeonato. Este, aliás, era o ponto que mais incomodava os *sportsmen*: A falta de organização no futebol carioca contrastava com o futebol paulista e com o próprio remo carioca. Em um artigo do jornal *Correio da Manhã*

[259] NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916, São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado, pág. 31
[260] NEGREIROS, 1992, pág. 31.
[261] Jornal do Brasil, 09/02/1905, pág. 03.

de 29 de março de 1905, a culpa disso é atribuída aos "próprios foot-ballers, que tem deixado seu bello sport dormir na impopularidade",[262] a qual, segundo a matéria, seria superada com a criação de um campeonato. O jornal exorta os clubes a formarem uma união, tal qual ocorrera no remo e se notava em São Paulo, de modo que "o football fluminense ia collocar-se ao lado do paulista".[263]

3.2. **Assim nasceu o Campeonato Carioca**

Em 18 de maio de 1905, o *Jornal do Brasil* noticiava que "muito em breve vae ser fundada, a exemplo de S. Paulo, a liga das sociedades de football desta capital, ramo este de sport que este anno, principalmente, tem tido extraordinário incremento".[264] Alguns dias depois, ocorreu a primeira reunião para tratar do assunto entre as delegações do Fluminense, Foot-Ball and Athletic Club, Rio Cricket, Payssandu, Botafogo, Sport Club de Petropolis, Colegio Militar Foot-ball club, Andarahy, Bangu, Petropolitano e América. O objetivo dos envolvidos era muito claro: criar o Campeonato Carioca.

Alguns meses depois, o mesmo jornal noticiou: "Com a creação da Liga e consequentemente confederação das sociedades, será então, pela primeira vez, disputado entre nós o Campeonato do Rio de Janeiro para conquista de uma rica e artística taça que será adquirida para esse fim".[265] Esse prognóstico começou a ganhar contornos oficiais, em 08 de julho de 1905, quando, na sede do Fluminense, foi "finalmente, fundada a Liga de Football no Rio de Janeiro, a grande aspiração dos foot-ballers cariocas".[266] Ainda segundo o *Jornal do Brasil*, na mesma reunião, a qual "fizeram-se representar vários clubs"[267] foi eleita a sua primeira diretoria que teve a seguinte composição: Villas Boas, do Bangu ficou como presidente; Victor Etchegaray, do Fluminense, foi escolhido como vice-presidente; Rocha Gama, do Athletic and Club, foi escolhido secretário; e A. Pinto, do Botafogo, ficou com o cargo de tesoureiro. A exemplo do que acontecera em São Paulo, na Capital Federal o comando do que viria a ser considerada a sua primeira

[262] Correio da Manhã, 29/03/1905, pág. 02
[263] Correio da Manhã, 29/03/1905, pág. 02
[264] Jornal do Brasil, 18/05/1905, pág. 03.
[265] Jornal do Brasil, 10/07/1905, pág. 03.
[266] Jornal do Brasil, 10/07/1905, pág. 03.
[267] Jornal do Brasil, 10/07/1905, pág. 03.

competição futebolística oficial também ficou nas mãos de homens ilustres e bem abastados economicamente.

Poucos dias depois de tornar oficial a criação da Liga de futebol do Rio de Janeiro, os *sportsmen* cariocas foram estreitar laços de proximidade com o Estado, pois "o Sr. David M. Neill foi hontem [12/07/1905] convidar o sr. presidente da República [Francisco de Paula Rodrigues Alves] para assistir à partida entre Fluminense Foot-ball Club e Club Athleticano Paulistano".[268] O convite, ao que parece, foi aceito pelo presidente que, segundo o próprio *Jornal do Brasil*, em 17 de julho de 1905, esteve presente juntamente com seu chefe de casa militar Sousa Aguiar e os secretários Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho e Cesário Pereira. A partida, vencida pelo Paulista por 3 a 2, contou com uma atuação da mais elevada galhardia por parte do excrete carioca diante do time de Charles Miller e teve um público estimado em torno de 2500 pessoas, das quais se destacam as mulheres e os *sportsmen* da outras sociedades cariocas (América, Bangu e Botafogo, por exemplo), como descreveu o redator do *Jornal do Brasil* pelas fitas presas aos chapéus desses homens.

A presença das autoridades brasileiras aos eventos esportivos, uma prática cujas origens advêm da época Imperial, também passa a fazer parte da realidade futebolística no início do século XX. D. Pedro II, no gozo das suas prerrogativas de Chefe de Estado, era visto no século XIX assistindo às corridas de turfe ao lado de sua família e, aos domingos, também podia ser encontrado passeando a cavalo ao lado de sua esposa. Na República, os primeiros presidentes do Brasil também procuram reproduzir tal prática e eram vistos assistindo às corridas de regatas na enseada de Botafogo. Com a difusão do futebol, não nos estranha eles também se fazerem presentes.

O encontro, por sua vez, nos traz alguns elementos de reflexão. O primeiro deles é que sua realização acontece pouco tempo após a criação do que viria a ser o Campeonato Carioca, e vimos anteriormente a enorme pressão que os esportistas do Rio de Janeiro faziam em si mesmos para a criação de uma competição semelhantes à que existia em São Paulo. A partir de nossa pesquisa, entendemos que a presença do Club Athleticano Paulista, com Charles Miller, tem indícios de não ser aleatória, mas recheada de sentidos para os cariocas, o que, de certa forma, pode ser verificado pela presença de sócios de

[268] Jornal do Brasil, 13/07/1905, pág. 03.

diversas agremiações que fizeram partes das conversas que resultaram na fundação da Liga.

Ainda neste sentido, o convite feito ao Presidente da República para prestigiar o evento por parte dos *sportsman* do Rio de Janeiro traz consigo aspectos que ligam ainda mais o campo esportivo e o campo político. Francisco de Paula Rodrigues Alves, presidente do Brasil entre 15 de novembro de 1902 a 15 de novembro de 1906 era um político de longa data, formado em direito, que foi Conselheiro do Império e Presidente da Província Paulista no período (1887-188). Com o advento da República, seguiu ocupando cargos públicos relevantes no Poder Legislativo, onde foi senador por São Paulo (1893-1984, 1897-1900 e 1916-1918) e presidente (governador) do mesmo estado (1900-1902 e 1912-1916), o que mostra seu bom trânsito entre as elites brasileiras acompanhavam o duelo, como podemos inferir a partir das informações disponibilizadas pelos periódicos.[269]

Na Primeira República, sobretudo após a ascensão dos governos civis e do estabelecimento do que ficou conhecido por Política dos Governadores, "o Executivo federal passou a sustentar os grupos dominantes nos estados, enquanto estes, em troca, apoiavam a política do presidente da república, votando no Congresso com o governo",[270] como afirmam Marieta de Moraes e Surama Pinto em *A invenção republicana*. Ainda que a hegemonia de São Paulo esteja contestada pelo trabalho de diversos pesquisadores, [271]bem como nem mesmo a Política dos Governadores teria sido capaz de garantir a estabilidade do regime republicano, na dinâmica cotidiana deste jogo política era necessário aos políticos cortejarem aqueles que lhes davam votos, que lhes davam apoio durante seus governos. A própria maneira com tal ato era apresentado enfatiza um aspecto interessantíssimo, pois na maior parte das vezes a imprensa noticiava a sua situação como coluna social, descrevendo principalmente o comportamento dos agentes envolvidos.

[269] https://www.ebiografia.com/rodrigues_alves/. Acessado em 11/03/2023, às 18h36min.
[270] FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. Estado e oligarquias na Primeira República: um balanço das principais tendências historiográficas. Niterói: Tempo. 2017, 23 (3), pág. 429
[271] Podemos citar como exemplos de trabalhos que contestam essa hegemonia KUGELMAS, Eduardo. Difícil hegemonia: um estudo sobre São Paulo na Primeira República. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo 1986, e VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

O comparecimento de Rodrigues Alves ao *match* amistoso entre o Fluminense e o Paulistano pode ser entendido dentro desta ótica, ao passo que o convite por parte dos membros da elite carioca é perceber um dos omentos em que estes buscam ir ao encontro do governo federal, algo que, segundo Surama Pinto, não aconteceu em diferentes momentos da Primeira República.[272] Assim, como aponta Jhonatan Souza:

> Para a elite política republicana, a presença em eventos esportivos garantia visibilidade entre os espectadores das arquibancadas e os leitores de colunas esportivas, que noticiavam a presença de homens públicos nas tribunas. Ademais, estes mandatários colavam sua imagem a valores então associados à prática esportiva, como modernidade, civilidade, higiene e civismo.[273]

Não obstante, é preciso entender os diferentes graus que a presença de políticos poderia significar. Se no caso do Presidente da República, como indicamos acima, havia interesses da alta cúpula envolvidos e o seu convite, quando aceito, era motivo de orgulho para aqueles que o faziam, com os políticos locais, a relação era um pouco distinta e, mais do que a presença, estes, muitas vezes, "retribuíam as gentilezas dos clubes e ligas patrocinando seus eventos e arcando com os custos das taças e dos troféus disputados nessas ocasiões".[274] Como destaca Fernandez:

> Para animar o torneio, a firma A. Portela, dos mesmos proprietários da famosa confeitaria Colombo, mandou fazer uma taça com o nome da confeitaria que seria de posse definitiva do clube que a ganhasse por três vezes (Assef e Martins, 1997:31).[275]

A questão dos troféus foi um fator polêmico na primeira edição da Liga Metropolitana – o atual Campeonato Carioca. Para a primeira divisão que, como destaca Fernandez, seria disputada por apenas 6 equipes, a premiação principal ficaria a cargo da Confeitaria Colombo, por meio de uma taça instituída com seu nome. Todavia, esta

[272] PINTO, Surama Conde Sá. Elites políticas e o jogo de poder na cidade do Rio de Janeiro (1909-1922). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002
[273] SOUZA, Jhonatan Uewerton. A "Candidatura Sportiva" e outras aproximações entre esporte e polítca na Curitiba da Primeira República. Vozes, Pretérito & Devir, Dossiê Temático: História dos esportes. Ano VI, vol. V, nº 1, 2016, pág. 127
[274] SOUZA, 2016, pág. 128
[275] FERNANDEZ, 2010, pág. 49.

premiação seria dada aos 1º times da 1ª divisão, enquanto para os 2º times da 1ª divisão seria entregue a Taça Caxambu, "oferecida à Liga pela Empreza de Aguas Mineraes de Caxambu"[276]. Importante enfatizar que, naquele período, o futebol não permitia a substituição de jogadores durante as partidas, razão pela qual os "reservas" disputavam uma competição entre si que, em 1906, foi vencida pelo Botafogo, enquanto o Fluminense ganhou o que seria o torneio principal. Não obstante, o ponto central que gerou debates foi o fato de haver premiações para a 1ª divisão, enquanto nada estava reservado para a 2ª divisão.

O ano de 1906 começou, porém, sem que a composição do Campeonato Carioca se mostrasse completa. O projeto original previa 12 clubes disputando o torneio, que, por sua vez, seriam divididos entre a 1ª e a 2ª divisão, sendo que a divisão principal seria disputada entre os 1º e 2º *teams*. Esta, por sua vez, contaria com a participação do Bangu Athletic Club, do Botafogo Football e Regatas, do Fluminense Football Club, do Football and Athletic Club, do Payssandu Cricket Club e do The Rio Cricket and Athletic Association.

A 2º Divisão, porém, ainda estava sem a sua tabela montada. Em 1905 acreditava-se que ela "compor-se-a do America, do Internacional e de mais outros quatro clubs"[277], mas, no ano seguinte (em 1906) o América era o único clube confirmado no torneio. Diante deste impasse, que se persistisse obrigaria a equipe americana a ficar a temporada em descanso, enfrentando apenas no seu final o pior time da 1ª divisão para que, assim, se fosse vencedora, pudesse alçar à elite, o clube solicitou à Liga Metropolitana a sua inclusão na 1º divisão, que, consequentemente, seria disputada por 7 times. Por 8 votos contra 4, contudo, a tentativa foi rechaçada.

Percebemos, portanto, que desde as conversas que antecederam a realização do Campeonato Carioca, a 2ª divisão já contava com certo desprestigio propositalmente, haja vista o pouco interesse que despertou nas equipes do Rio de Janeiro. E, como veremos mais para a frente, não é que existissem poucas agremiações praticando o futebol e muito menos desinteressadas em jogar uma competição, mas estas não se sentiam interessadas,

[276] O Seculo, 01/11/1906, pág. 04.
[277] Jornal do Brasil, 30/05/1905, pág. 03.

em geral, em compor um quadro menos importante. Ao mesmo tempo, a 1ª divisão apresentava em si um caráter distinto do restante do futebol carioca.

O Estatuto que dava fundamento legal ao primeiro campeonato de futebol do Rio de Janeiro estipulava que a inclusão de um novo clube à Liga estava sujeita a proposta de dois clubes membros, da aceitação pelas assembleias dos clubes e da diretoria da Liga. Neste sentido, o Riachuello Foot-ball Club, por proposta do América e do Bangu[278] e a Associação Athletica Collegio Latino Americano foram os clubes aprovados pela Liga para, juntamente com o América, disputarem a 2ª divisão do Carioca. Contudo, a polêmica estava longe de acabar. Segundo Fernandez:

> Estabelecendo regras bem rigorosas, a LMF mantém o controle do jogo impedindo que ele perdesse sua imagem refinada. Para ingressar na liga, os clubes tinham que aceitar as regras da Foot-Ball Association, inclusive usando termos em inglês, além de pagar 50$000 anualmente e 30$000 de mensalidade. A aceitação de novos associados viria da indicação de dois clubes da liga. O clube, para ser aceito, deveria possuir um campo com as dimensões propostas pela Liga. Tais exigências colocavam obstáculos para o ingresso de clubes menores (Pereira, 2000:63-64). Se não era possível impedir que o futebol se espalhasse de maneira indiscriminada pelos mais diversos bairros da cidade, pelo menos garantiria um espaço onde a distinção e o refinamento estariam preservados. O Fluminense, autor da iniciativa, ganhou a presidência da liga com Francis Walter entre 1905-1906[279]

O formato em que se deu a disputa da 2ª divisão também foi motivo de discussão. Um texto enviado por uma pessoa que o assinou com o pseudônimo de Roldana questionou a atitude da Liga Metropolitana em desenvolver o futebol de forma desigual, o que, segundo o autor, deveria exigir que "para isso ella conseguir, torna-se necessária a justiça"[280] que seria alcançada com a disponibilização de uma taça ao vencedor da 2ª divisão, nos mesmos moldes do que já acontecia com o campeão da divisão principal. Roldana sugeria que as ambas as taças (Taça Colombo e a Taça Caxambu) deveriam ser distribuídas entre as duas divisões existentes, mas a decisão da Liga em utilizá-las para premiar os 1º e 2º times da 1ª divisão seria, em sua visão, a prova da desigualdade

[278] Jornal do Brasil, 18/03/1906, pág. 03.
[279] FERNANDEZ, 2010, pág. 49-50.
[280] Gazeta de Notícias, 22/04/1906, pág. 02.

atribuída para as disputas, o que não colaborava em nada para a exaltação desse importante esporte.

No domingo seguinte a essa publicação, um artigo de autoria de Americano (outro pseudônimo) questionou as ideias de Roldana. Segundo ele:

> pela leitura dos Estatutos da Liga vê-se que todos os club a ella filiados, quer da 1ª, quer da 2ª divisão, estão em igualdade de condições e gosando dos mesmos direitos, sendo que o desmembramento do campeonato em duas divisões importa exclusivamente a conveniência do jogo, sem outro fim perceptível.[281]

Americano, em uma visão claramente favorável à estrutura erguida no futebol carioca, em que a distinção entre os seus praticantes não era apenas estimulada, mas vista como necessária, escreveu que "os 2º divisionários muito devem louvar a Deus (não de galinhas) por não ser uma taça esse premio, porque se fora haveriam talvez 3º teams da 1ª divisão para conquistá-la".[282] A perspectiva de que o vencedor da 2ª divisão era, portanto, premiado com a glória de ascender à divisão principal corrobora a versão das distinções identificáveis por meio do futebol. Ainda que tenhamos identificados algumas discussões acerca da composição da 2ª divisão da Liga Metropolitana, estas não eram os empecilhos ao início do torneio de futebol.

O fato de os clubes conseguirem pagar 50$000 anuais para se filiarem a liga não garantia que eles tivessem condições de arcar com as despesas correntes para se manter no campeonato, pois, além da anuidade, havia multas (pela ausência do árbitro indicado pelo clube, por exemplo), despesas com deslocamentos (transporte) e aluguel dos campos de jogos sem, contudo, haver nos clubes menores garantia público presente para a arrecadação com ingressos que sustentassem esses investimentos. É preciso termos em mente que havia outros esportes em voga naquele período, como já mostramos ao falar da industrial cultural esportiva existente no Rio de Janeiro desde o século XIX.

A montagem do calendário do Campeonato é um bom exemplo disso, pois ela se viu sujeita à compatibilidade com os outros tipos de jogos. O Rio Cricket e o Payssandu, clubes da colônia inglesa, tidos como nomes certos na disputa do título da 1ª divisão em

[281] Gazeta de Notícias, 29/04/1906, pág. 02.
[282] Gazeta de Notícias, 29/04/1906, pág. 02.

1906, sabiam que não poderiam jogar "em certos dias, visto ter que disputar o campeonato de cricket [e] em dous dias de agosto jogará lawn tennis",[283] respectivamente.

A despeito deste cenário, o fato é que o Campeonato de Football do Rio de Janeiro, com 270 jogadores inscritos – "o que excedeu a expectativa de muitos"[284] teve início às 15h30min do dia 03 de maio de 1906 (domingo), quando o Fluminense venceu o Paysandu por 7 a 1. A supremacia do tricolor carioca[285] sobre os demais adversários, demonstrada já na rodada inaugural, foi confirmada ao término do campeonato quando o clube das Laranjeiras sagrou-se campeão com apenas uma derrota e tendo, no jogo do título, goleado o Football And Athletic por 11 a 0.

O sucesso do Campeonato de Futebol do Rio de Janeiro foi imenso e, como o sucesso desse esporte no Rio de Janeiro era inegável, influenciou a realização de outros torneios já no ano seguinte, ocasião em que suas regras sofreram mudanças para se tornar ainda mais distinta dos elementos que não eram benquistos pela elite carioca. O maior exemplo disso foi a vedação à participação de jogadores "de cor", expressão à época utilizada para se referir às pessoas negras, ou seja, o Campeonato Carioca de 1907 não poderia ter entre os seus jogadores um atleta negro.[286] Contudo, a presença de homens negros, pobres e trabalhadores já era comum nas partidas de futebol disputadas no Rio de Janeiro. A procura para assistir aos jogos do Fluminense, por exemplo, como mostrados nas imagens abaixo da Revista *O Malho*, publicada em 28 de outubro de 1905, evidencia isso:

[283] Jornal do Brasil, 24/01/1906, pág. 02.
[284] Jornal do Brasil, 15/04/1906, pág. 02.
[285] A época já usava o uniforme nas cores encarnado, verde e branca, aprovada em Assembleia do dia 15 de julho de 1905, por proposta de Oscar Cox e Mário Rocha ante a dificuldade de encontrar uniformes nas cores branca e cinzenta, conforme se pensou originalmente.
[286] Gazeta de Notícias, 10/05/1907, pág. 03.

O MALHO

SCENAS CARIOCAS

O pessoal que não se aperta quando trata de se divertir. Não querendo ou não podendo marchar com o arame-da entrada, para assistir ao jogo do *foot-ball* no *ground* da rua Guanabara, Club Fluminense, o rapazio faz diversas escaladas, acocora-se sobre os muros, e dahi, muito commodamente, aprecia todas as peripecias desse jogo que se vai tornando tão popular.

O MALHO

SCENAS CARIOCAS

O pessoal que não se aperta quando trata de se divertir. Não querendo ou não podendo marchar com o arame-da entrada, para assistir ao jogo do *foot-ball* no *ground* da rua Guanabara, Club Fluminense, o rapazio faz diversas escaladas, acocora-se sobre os muros, e dahi, muito commodamente, aprecia todas as peripecias desse jogo que se vai tornando tão popular.

287

O Fluminense atraía para suas exibições indivíduos que iam além do público elitista que tradicionalmente ocupavam os lugares nas arquibancadas de seu *ground*. Para apreciar um jogo de boa qualidade técnica, os homens e as crianças mostrados na foto, "não querendo ou não podendo marchar com a arame [dinheiro] da entrada, para assistir ao jogo de foot-ball no ground da rua Guanabara",[288] se utilizam de diversos métodos para "aprecia todas as peripécias desse jogo que vai se tornando tão popular".[289] Afinal,

[287] http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=163&ano=1905. Acessado em 07/03/2014, às 11h15min.

[288] O Malho, 28/10/1905, pág. 31.
[289] O Malho, 28/10/1905, pág. 31.

há menos de 3 anos do dia em que foi tirada a foto, havia jogos do mesmo Fluminense gratuitos.

Em 1907, entretanto, tomou-se uma medida para impedir este cenário:

> A decisão da nova liga, de certa forma, poupava os clubes de fazerem leis de distinção pela cor em seus estatutos. Em toda a nossa pesquisa não encontramos nenhuma resolução explicita à proibição de negros no Fluminense. Estabelecia-se uma regra maior e pronto: os clubes, mesmo que quisessem, não poderiam aceitar negros. A artimanha só não teve apoio do Bangu, clube de origens operárias que só participava da liga pela origem inglesa de seus diretores. Ele se desligou da liga não disputando o campeonato de 1907.[290]

A atitude do Bangu se dava em um contexto em que a concordância com a vedação imposta pela Metropolitana produziria a exclusão de jogadores essenciais para o seu time. Esportivamente, sair daquela competição não significava ficar alheio aos torneios que aconteciam pela Capital Federal, pois havia "cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra".[291] Assim, o time ligado à fábrica de tecidos saiu do Campeonato e foi disputar a Taça Bangu. Naquele ano, outro clube que também deixou a competição foi o Rio Cricket para disputar a União Sportiva Fluminense.[292]

Em 1907, a então chamada Liga Metropolitana de Futebol modificou a sua denominação para Liga Metropolitana de Sports Athleticos.[293] O gesto, no entanto, trazia consigo a ampliação das práticas esportivas envolvendo os clubes a ela filiados. Alinhado aos anseios da modernidade de desenvolver o corpo por meio dos esportes, buscava-se com isso incentivar o exercício físico como fator de desenvolvimento da saúde da população, algo que ia ao encontro da realidade dos *sportsmen* cariocas. Mas, afinal de contas, quem eram estes sujeitos?

3.3. Os *sportsmen* no Rio de Janeiro

[290] FERNANDEZ, 2010, pág. 51.
[291] O Paiz, 15/03/1907, pág. 03.
[292] O Paiz, 15/03/1907, pág. 03.
[293] Gazeta de Notícias, 02/02/1907, pág. 03.

A visão dos *sportsmen* no Rio de Janeiro remete, em parte, ao saudosismo que, segundo Mario Filho, traz a memória de um futebol em que "os jogadores [eram] claros, bem brancos, havia até loiros nos times, ia-se-ver: inglês ou alemão. Poucos morenos. Os mulatos e os pretos, uma raridade, um aqui, outro ali perdiam-se, nem chamavam atenção"[294]. Tal narrativa é uma representação social da visão do autor que, ao concluir sua obra **O Negro no futebol brasileiro**, em 1947, busca construir um significado por meio da rememoração para consolidar uma versão histórica em sua obra.

Desde os anos 1970, entretanto, como aponta Villa Boas, a utilização da memória na história passou a ser problematizada "como fonte histórica e como fenômeno histórico, e começam, a partir daí, a analisar aspectos relacionados aos princípios de seleção da memória, à variação de lugar para lugar, ou de um grupo para outro, sua mudança com o passar do tempo, seus modos de transmissão e usos do esquecimento"[295]. Neste sentido, a construção de visão dos *sportsmen* erguida por Mário Filho não pode ser entendida como um passado fixo e esgotado, pois "cada geração, em seu passado específico, une passado e presente de maneira original, elaborando uma visão particular do processo histórico"[296].

Dessa forma, Mario Filho realiza a consolidação do que seria um *sportsman* com algumas características: o conhecimento da língua inglesa, sobretudo durante o período em que os termos utilizados no futebol ainda não haviam sido traduzidos; o ato de se associar aos clubes esportivos e, em dias de jogos, utilizar uma fitinha com as cores da agremiação em volta seu chapéu; o conhecimento da prática esportiva em instituições oficiais, como a escola/universidade ou o clube ao qual fazia parte.[297] Estas características possibilitavam a construção de uma noção de identidade entre eles, a qual, por sua vez, como afirma Woodward, só fazia sentido se tomada em sentido relacional em comparação ao outro.[298] E quem é esse o outro?

---

[294] FILHO, 2010, pág. 29
[295] VILLAS BÔAS, Lúcia. História, Memória e Representações Sociais: Por uma abordagem crítica e interdisciplinar. Cadernos de Peqsquisa, v. 45, n. 156, abr/jun, 2015, pág. 250.
[296] REIS, Jose Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003, pág. 09.
[297] FILHO, 2010
[298] WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2014.

O outro, dentro desta perspectiva apresentada por Mario Filho, seria o sujeito que não dominava o idioma português (analfabeto ou pouco alfabetizado) e nem o inglês, que não era sócio do clube e, como mostramos anteriormente, tinha que fazer peripécias para assistir aos jogos no alto dos morros, pois, principalmente, estava fora das instituições oficiais que ensinavam as práticas esportivas (escolas, universidades e os próprios clubes). Este sujeito, diferente do *sportsman*, em um primeiro momento, foi excluído do futebol "oficial" do Rio de Janeiro, mas não da prática esportiva, pois a executava nas ruas, nos campos improvisados, o que, segundo a visão de Filho, produziu alguns dos jogadores mais talentosos do país, mas que não foram vistos como os esportistas a que ele se referia e sim como "profissionais" do futebol.

Dentre os muitos jogadores que Mario Filho viu, o que melhor se adequou a sua projeção como *sportsman* foi, em sua opinião, Marcos de Mendonça, "símbolo de elegância, sofisticação e espírito amador",[299] goleiro nas décadas de 1910 e 1920. O seu nascimento já traria, para Filho, elementos que corroboravam esta visão, pois se deu em uma família aristocrata do Arraial de Meia Pataca (atual Cataguases), no estado de Minas Gerais, como corrobora Leonardo Pereira:

> Já aos seis anos mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro. A cidade atravessava um grande surto de febre amarela, que matou sua prima de dez anos e sua avó e contaminou o jovem Marcos. Passado o drama da chegada, entretanto, ele logo se entregou ao cosmopolitismo da capital da República. Levava uma vida semelhante à de muitos outros garotos endinheirados de sua idade, educados nos melhores colégios da cidade e sempre a par das últimas novidades trazidas da Europa.
>
> Uma destas novidades, Marcos conheceu de perto em 1905, quando tinha ainda cerca de dez anos. Viu, pela primeira vez, uma partida de futebol disputada entre um time paulista e um carioca, com uma pequena assistência. O fascínio do jovem Marcos pelo jogo foi imediato. Logo em seguida, ele começou a se iniciar nas artes do jogo da bola nos campos próximos à sua casa, passando em 1908 a frequentar, com mais regularidade, os jogos do campeonato da Liga Metropolitana de Sports Atléticos. Torcia loucamente pelo América Foot-ball Club – em cujo segundo time já jogava seu irmão Luiz.[300]

[299] FERNANDEZ, 2010, pág. 118.
[300] PEREIRA, 1997, pág. 25.

O resumo bibliográfico sobre Marcos de Mendonça, por si só, é um exemplo do seu status diferenciado, pois muitos praticantes do futebol no mesmo período – possivelmente, a imensa maioria - não chegou ao ponto de manter registros escritos da sua vida. Ademais, a situação econômica privilegiada é um fator de destaque e que lhe permitiu ter uma educação próxima aos ideais de modernidade da época ligados aos hábitos praticados fora do país.

Não obstante, Pereira ressalta que havia resistências à febre esportiva, como também mostramos neste trabalho, e que estas teriam buscado impedir Mendonça de praticar o esporte bretão. Um dos motivos apontados para isso era "a saúde debilitada pela febre amarela que contraíra na infância, agravada por um forte sarampo e por uma infecção intestinal"[301]. A maneira encontrada por Mendonça para sair deste cenário, no entanto, foi jogar futebol escondido de seus parentes e atuar como goleiro, posição que, fisicamente, se desgastava menos do que os jogadores de linha.

A sua estreia em um jogo "oficial" aconteceu em 1910, então com 15 anos de idade, quando foi chamado às pressas para substituir Ayres Barroso, goleiro do Hadock Lobo em duelo amistoso contra o Fluminense. Na ocasião, Luiz, seu irmão, foi quem sugeriu a sua participação, pois atuava na equipe recém fundada e foi considerado um dos responsáveis para o início da carreira deste grande goleiro. A sua estreia aconteceu com uma derrota por 5 a 0 para o time das Laranjeiras, mas "o jovem goleiro teve [sic] sua atuação reconhecida pela crônica esportiva do período – tendo, inclusive, defendido um pênalti quando o jogo ainda estava no dois a zero"[302].

A biografia de Marcos de Mendonça apresenta elementos extraordinários, semelhantes às grandes epopeias mitológicas. Não obstante, um dos aspectos que mais nos chamam a atenção na narração de sua história de vida está relacionado ao tipo de jogo do qual fazia parte e, no primeiro momento, desejamos nos ater ao aspecto geográfico por ser a Zona Sul do Rio de Janeiro que, no início do século XX, ganhou projeções de distinção social que perduraram das décadas seguintes e até pelo menos o primeiro quartel do século XX, quando escrevemos este trabalho.

[301] PEREIRA, 1997, pág. 27.
[302] PEREIRA, 1997, pág. 28.

Cardoso destaca que a "invenção" da Zona Sul como local urbanizado e moderno, sendo, portanto, mais valorizado e ocupado pelas camadas de maior status social, se deu a partir das Reformas de Pereira Passos.

> Assim, a ocupação e o desenvolvimento do bairro de Copacabana viriam completar a feição deste Rio de Janeiro moderno, que seria o símbolo da República recém implantada e das suas classes dominantes. Copacabana e, por mimetismo, a "zona sul" seriam a representação do espaço social das novas elites.[303]

O setor imobiliário investiu nesse conceito a fim de valorizar seus empreendimentos e difundir a ideia de existir ali "um novo estilo vida", junto com os imóveis do bairro – tal qual ainda acontece nos primeiros 25 anos do século XXI. O Poder Público participou ativamente deste processo ao criar uma estrutura que facilitasse a sua ocupação, como por meio da construção da Avenida Litorânea, hoje conhecida por Avenida Atlântica, e na abertura de um novo túnel. Como destaca Cardoso, não demorou muito e naquela "nova" região "se instalaram, em sofisticados palacetes de tipos arquitetônicos diversos, figurões da República e diversos políticos ligados ao governo municipal. Muitos destes, também proprietários de ações da companhia que loteou o bairro"[304].

No período em que Marcos de Mendonça concedeu seus depoimentos a Mario Filho, a Zona Sul já havia sido inventada:

> Os hábitos dos banhos de mar, dos esportes, do turismo, da vida noturna nas ruas eram trazidos pelas elites, conectadas com hábitos europeus em suas viagens, e eram francamente difundidos pela imprensa na época, não só nos jornais de circulação mais geral, como nos jornais de bairro. Além das crônicas, foram difundidas muitas fotos das praias e de banhistas. [...]
> O termo "zona sul" tomou função de "topônimo" a designar vasta área da cidade, onde as camadas mais favorecidas da população habitam em sua maior parte até hoje, em oposição aos "subúrbios"/ "zona norte". O conceito/ símbolo de "zona sul" se tornaria, no entanto, uma

[303]CARDOSO, Elizabeth Dezouart. Estrutura Urbana e Representações: A invenção da zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. GeoTextos, vol. 6, n. 1, jul 2010, p.84.
[304] CARDOSO, 2010, p. 84.

> representação das elites, e a própria representação da cidade do Rio de Janeiro moderno.[305]

Foi nessa região que os *sportsman* praticaram o futebol e construíram para si um discurso de origem deste esporte no Rio de Janeiro, tendo como pai fundador estadual Oscar Cox. Todavia, é preciso reforçar que apesar das representações regionais contrastante entre Subúrbio e Zona Sul, na prática, é possível encontrar a presença do que chamamos de aristocracia social e/ou econômica nas regiões suburbanas. A respeito da figura dos *sportsman* nestas localidades, aliás, podemos encontrá-los com perfis que destoam do proletariado apenas de "chão de fábrica" que se busca enfatizar como presente em bairros de maior desenvolvimento industrial.

Os Subúrbios do Rio de Janeiro constituíram-se em regiões que após as Reformas de Pereira Passos receberam uma grande quantidade de pessoas de baixo poder aquisitivo. Se a invenção da Zona Sul se deu com a constituição de uma imagem "elitista", as Zonas Norte e Oeste conhecidas como suburbanas foram associadas a indivíduos de baixo poder aquisitivo. Todavia, apesar de estas regiões contarem com inúmeras vilas operárias, por exemplo, isso não significou que *sportsman* eram, necessariamente, apenas membros dos chãos de fábricas ou elementos de atividades tidas como de baixa qualificação.

No bairro atualmente conhecido por Marechal Hermes, por exemplo, foi construída uma Vila Operária cujo projeto teve início no governo do Presidente da República cujo nome serviu de inspiração para a localidade (1910 – 1914). Em seu governo, aliás, como aponta Oliveira, foi posta em prática uma política de construção de moradias populares que se alinhavam a outros objetivos para além do fornecimento de habitações para o proletariado, acossado pelos altos preços de aluguéis: estavam voltados "também para a educação, modernização das Forças Armadas e para a substituição das oligarquias estaduais, sobretudo no norte e no nordeste do Brasil"[306]. Por isso, tais estruturas eram projetadas para contarem com "escolas, creche, jardim de infância, teatro, sociedade de tiro, Correio e Telégrafo, maternidade, hospital, estação de trem, praças e casas de vários tamanhos e usos"[307].

[305] CARDOSO, 2010, p. 86-87.
[306] OLIVEIRA, Alfredo Cesar Tavares de. O bairro de Marechal Hermes: da moradia operária à habitação social (1910 – 1956). Tese (Doutorado), UFF: Niterói, 2009, p. 75.
[307] OLIVEIRA, 2009, p. 76.

Dessa forma, ainda que o projeto encontrava-se em um contexto proletário diferente, por exemplo, do que se identificava em Bangu, não é possível ignorar o fato de que havia um controle sobre a conduta individual expressado por meio de normas, como um código de condutas. Todavia, o projeto não chegou a ser concretizado de forma completa por conta de problemas econômicos, em especial devido "à paralisação rentista da moradia operária [e] a depressão econômica de 1913 que, ao derrubar o preço do café e da borracha, colocou por terra investimentos do capital estrangeiro em ferrovias, edificações e portos"[308]. Não obstante, o espaço, mesmo sem ter concluídas suas obras, foi ocupado essencialmente por funcionários públicos, uma das categorias que iria compor o *scratch* do Sport Club União, equipe esportiva fundada no ano seguinte na região.

O Sport Club União foi uma associação esportiva fundada na noite do dia 4 de novembro de 1915 por "alguns rapazes residentes á Villa Marechal Hermes, reunidos no jardim fronteiro á estação"[309]. Seus quadros de futebol foram compostos, ao longo desse tempo, por indivíduos que podem ser classificados em termos ocupacionais como "comerciantes, operários, sub-officiaes do exercito e estudantes"[310].

Dentre os fundadores da entidade, estavam Manuel Pereira de Lima, ex submaquinista do couraçado São Paulo, que trouxe o Marechal Hermes da Fonseca para assumir seu mandato na Presidência da República, em 1910. Outro nome relevante para os quadros do S.C. União foi o de Homero Mesquita, presidente da instituição a partir de 1923 e que, como *sportsman*, chegou ao cargo de presidente da Liga Brasileira de Desportos[311] e juiz pelo Andarahy na Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)[312]. A associação a mais de um clube era comum entre os amantes dos esportes no início do século XX. Entretanto, como amador no esporte, Mesquita fez sua carreira profissional do Lloyd Brasileiro, onde atuou como escriturário e auxiliar de escrita[313].

O Lloyd Brasileiro consistiu em uma empresa privada para a prestação de serviços públicos relativos à marinha mercante estatal para auxiliá-la na navegação internacional

[308] OLIVEIRA, 2009, p. 86.
[309] O Paiz, 04/11/1926, p. 10.
[310] O Paiz, 04/11/1926, p. 10.
[311] A Rua: Semanario Illustrado, 15/01/1927, p. 4.
[312] A Rua: Semanario Illustrado, 08/03/1927, p. 4.
[313] Correio da Manhã, 06/09/1919, p. 6.

(transatlântica). Ele teve sua autorização para funcionamento dada pelo Ministro da Agricultura por meio do Decreto 208, de 19 de fevereiro de 1890, e até 1913, quando passou a fazer parte do patrimônio nacional, teve oito regimes administrativos diferentes:

> passou por intervenções do governo federal e do Branco do Brasil, foi transformado em sociedade anônima, sofreu uma liquidação forçada e seus bens vendidos em leilão, foi novamente reorganizado nos moldes de uma empresa privada até ser definitivamente encampado em 1913.[314]

Entre 1913 a 1937, período no qual Homero Mesquita foi funcionário da instituição, o Lloyd ficou sob a responsabilidade do Ministério da Fazenda. Neste período, sobretudo após a Primeira Guerra Mundial, as atividades da empresa aumentaram com mais comércio de exportação e de importação nos portos nacionais. Foi nesta época que Mesquita foi promovido dentro dos quadros intermediários da entidade.

Dessa forma, podemos perceber que nem sempre os Subúrbios do Rio de Janeiro irão apresentar indivíduos pobres ou sem conexão alguma com as camadas mais abastadas que residiam no "inventada Zona Sul". Temos aproximações inclusive de forma proposital, como o próprio S. C. União nos possibilita perceber. As cores alvinegras da entidade não foram escolhidas de maneira aleatória, mas, segundo Oscar Whight da Silva, seu primeiro 2º secretario e um dos fundadores, devido à simpatia nutrida pelo Botafogo Football Clube, agremiação pertencente à Zona Sul do Rio de Janeiro. De 1915 a 1922 o clube manteve as cores preto e branca na sua indumentária, até que para evitar a confusão por semelhanças com outros times teve que mudar ao ingressar na Liga Brasileira de Desportos, conforme explicou o Sr. Wright da Silva:

> Como sabem, quando o União filiou-se á Brasileira, lá encontrou o Preto e Branco F.C., cujo uniforme era igual ao nosso. Por condescendência dos dirigentes desta entidade, no primeiro anno, não fizemos alteração, porém, no anno seguinte, com tristeza minha, isto em 1922, mudamos o uniforme para a disposição actual [camisas pretas e calças brancas, com meiões negros]. Era o primeiro igual ao do Botafogo e é o segundo muito parecido com o do Vasco.[315]

[314] FILHO, Alcides Goularti. Companhia de navegação Lloyd Brasileiro: uma trajetória de déficit financeiro e desenvolvimento econômico. História Econômica & História de Empresas, v. 12, n. 2, 30 set. 2020.
[315] O Paiz, em 04/11/1926, pág. 10.

Ainda tendo que mudar, o S.C. União manteve o padrão preto e branco em seu uniforme, semelhante a outros clubes admirados pelo sócio da agremiação suburbana. As representações eram variadas em torno dos *sportsman* suburbanos e dos ligados a entidades da Liga Metropolitana mas, em muitos casos, era possível identificar os mesmos indivíduos atuando nos dois espaços geográficos, como foi o caso de Sebastião Pinheiro, mais conhecido como Villa. Segundo o periódico *O Paiz*, esse *sportsman* foi expulso do América sob a acusação de alta traição por ter abandonado sua agremiação em dia de jogo para defender outra instituição: os Fantasmas Azuis dos Subúrbios cariocas, o Engenho de Dentro A.C. O episódio aconteceu em 1918 e segundo Raul Rocha, secretario interino do clube filiado à Metro, teve a aprovação unânime dos sócios da entidade:

> A directoria, reunida hoje, resolveu, por unanimidade de votos, excluir do seu quadro social o Sr. Sebastião Pinheiro (Villa), conforme incurso no art. 22, letra E, dos estatutos, considerando as provas exnherantes colhidas em desabono da conducta do mesmo senhor.
> A directoria, assim procedendo, julga satisfazer ao desejo de todos os associados do America F.C., acatando inteiramente o parecer da comissão de desportos, a quem, pelos estatutos, incumbe zelar pelos mais altos interesses da nossa sociedade.
> A directoria lamenta que actos como este venham a turbar a vida gloriosa do club, ofendendo, essencialmente, os seus interesses desportivos, e espera que cada associado coopere com os seus esforços para o seu engrandecimento, único meio do America F.C levar avante os seus alevantados designios, cumprindo a missão que lhe compete em nosso meio social.
> Rio, 24 de juhlo de 1918 – Raul Rocha, secretario interino.[316]

Ainda de acordo com *O Paiz*, Villa foi eliminado por ter deixado "de tomar parte no jogo com o Andrahy A. C., indo, no entanto, jogar, pelo Engenho de Dentro, no campeonato da Liga Suburbana"[317]. A atitude, entretanto, não era surpreendente por não ser a primeira vez que ela era executada pelo *player*, o qual já teria "traído" as equipes do Bangu e do São Cristóvão. Todavia, Villa nesta oportunidade teria simplesmente abandonado o América durante o intervalo da partida para jogar um *match* pelo Engenho de Dentro. Aliás, o periódico, embasado no relato das pessoas que testemunharam a

[316] O Paiz, 27/07/1918, p. 10.
[317] O Paiz, 27/07/1918, p. 10.

situação, afirma que o jogador chegou ao campo suburbano com o uniforme da equipe que abandonara.

O período histórico em que aconteceu este episódio é o mesmo que podemos identificar a existência de práticas associadas ao "profissionalismo marrom", que pode ser entendido como o processo de remuneração de jogadores de futebol de forma não oficial, haja a vista a vedação legal para isso. Nesse sentido, é possível encontrar indivíduos transitando como jogadores entre a competição que viria a ser o atual Campeonato Carioca de Futebol do Rio de Janeiro (a Liga Metropolitana de Futebol) e as competições alternativas, isto é, as Ligas que serviriam de opções para muitos clubes que não encontraram ou não desejaram tomar parte naquele torneio. Todavia, as relações futebolísticas entre os agentes envolvidos nestas práticas iam para além dos atores que integravam as quatro linhas do campo.

Entre os *sportsman* temos também a figura de dirigentes, como foi Horário Homero, e de jogadores, como Villa, sobre os quais falamos anteriormente. Dessa forma, mais do que indivíduos isolados participando desse fluxo, temos a presença da família Joppert, fundadora do Riachuelo Football Club, primeiro campeão da Liga Suburbana de Futebol, em 1907, mas que também tinha membros ligados ao Botafogo Futebol Club, que se tornava um importante clube da Zona Sul do Rio de Janeiro e vencedor, em 1907, da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (hoje entendemos esta edição do torneio como a segunda do Campeonato Carioca).

Segundo o *Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial*, Armando, Carlos e Gustavo Joppert atuavam, respectivamente, como dentista e corretores mercantis no início do século XX, profissões, aliás, bem distintas as de estafetas e *chauffers* que também praticam o futebol nos subúrbios cariocas .[318] Eles foram três irmãos que, em 19 de outubro de 1905, na Rua Diamantina, no bairro do Riachuelo (local em que residia Carlos), ajudaram a fundar o clube que levaria o nome do bairro. No entanto, desde o início possuíam ligações com o Glorioso Alvinegro, o Botafogo, e a utilizaram para organizar partidas amistosas entre a equipe da Liga Metropolitana e o time da Liga Suburbana. Quando o time de Flávio Ramos, por exemplo, decidiu inaugura seu estádio

[318] Almanak Laemmert: Admnistrativo, Mercantil e Industrial, 1907, p. 457

na Rua Voluntários da Pátria, em 1908, foi à equipe dos irmãos Joppert convidada para o desafio vencido pelo Fogão por 5 a 0, no 1º time, e 15 a 0, no 2º time.

Ao mesmo tempo em que Armando Joppert exercia o cargo de vice-presidente do primeiro quadro administrativo da Liga Suburbana de Futebol, ele atuava no meio campo do Riachuelo. Outros membros de sua família, entretanto, tinham laços com os subúrbios cariocas, mas, esportivamente, defendiam as cortes botafoguense. Wingand, Ernâni, Orlando e Haroldo Joppert, entre os anos 1914 a 1921 estiveram presentes nos *scratchs* futebolísticos do Botafogo.

A existência de personagens como estes nos ajuda a não enxergar o futebol suburbano como algo dicotômico em relação ao futebol praticado na Zona Sul e no centro do Rio de Janeiro. Ainda que com dinâmicas próprias, estes futebóis se encontravam e os sujeitos que os praticavam também, haja vista que muitos deles faziam parte da mesma categoria socioeconômica, mesmo que separados geograficamente, a aristocracia carioca.

3.4 Guilherme Paraense

Um mesmo sujeito histórico pode ter seu nome atrelado a diversos momentos da História. Guilherme Paraense é um destes personagens, pois em nossa pesquisa está relacionado ao período em que atuou como um dirigente de clubes e entidades suburbanas, todavia, neste mesmo período, ganhou projeção mundial ao conquistar a medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Antuérpia de 1920, na categoria Tiro de Revólver.

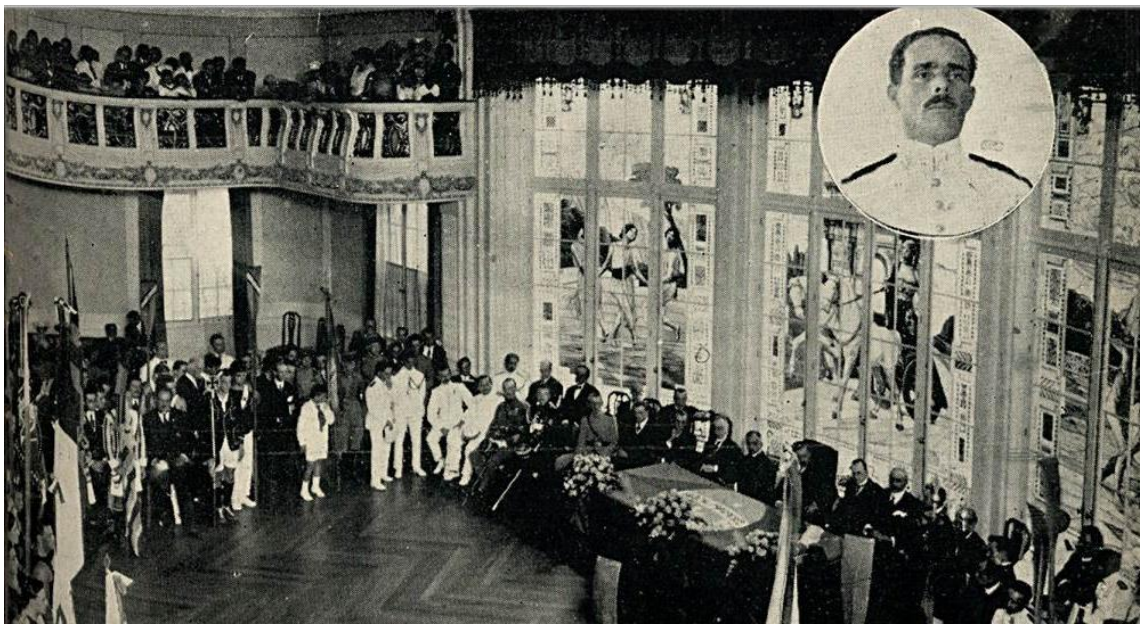
A revista *O Malho*[319], por meio de uma charge, interpretou o fato o conectando a aspectos nacionalistas, isto é, a vitória de Guilherme Paraense era a vitória do Brasil, do esporte brasileiro, sobre seus concorrentes mundiais europeus e estadunidense. A medalha de ouro olímpica conquistada por Paraense foi, também, a primeira do gênero na história esportiva do nosso país.

[319] O Malho, 14 de agosto de 1920, p. 25.

Coelho Netto, na revista *Theatro & Sports*, interpretou o episódio não como o resultado dos esforços pessoais de seu realizador, mas "o penhor da admiração e orgulho da Patria Brasileira"[320], assim como o próprio Paraense que, por diversas vezes, fez gestos públicos entendidos como típicos de serem associados ao nacionalismo. Na cerimônia em sua homenagem feita pela Liga de Defesa Nacional, no salão nobre das Laranjeiras, sede social do Fluminense Football Club, um local tido como símbolo para a elite esportiva brasileira da época, ele prestou deferimento à bandeira brasileira durante a sua condecoração.

Segundo a revista *Theatro & Sports*, o "distincto official, num gesto feliz, representativo da veneração do brasileiro pela sua bella bandeira, após haver apertado a mão do dr. Epitacio Pessoa [Presidente da República], curvou-se e beijou respeitosamente o pavilhão nacional, orgulhosamente desdobrado sobre a mesa"[321]. As imagens do evento foram fotografadas, como podemos observar abaixo:[322]

[320] Theatro & Sports, 29 de janeiro de 1921, p. 11.
[321] Theatro & Sports, 29 de janeiro de 1921, p. 11.
[322] Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico Espusiante, 29 de janeiro de 1921, p. 1



Segundo o site do Ministério da Defesa:

> Guilherme Paraense nasceu em Belém do Pará, em 25 de junho de 1884. Aos cinco anos de idade, foi morar na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, frequentou a Escola Militar de Realengo, entrando de vez para carreira militar na Escola Militar da Praia Vermelha, sendo, em 1912, já com vinte e oito anos de idade, declarado aspirante a oficial.[323]

[323] https://www.gov.br/defesa/pt-br/composicao/secretaria-geral/secretaria-de-pessoal-ensino-saude-e-desporto-sepesd/departamento-de-desporto-militar-ddm/tenente-coronel-guilherme-paraense. Acessado em 06/09/2021, às 12h16min.

Aspirante a oficial, Guilherme Paraense logo se destacou na prática de tiro e não demorou a se tornar instrutor nesta modalidade. A partir de 1911, por exemplo, já era o responsável por elaborar e aplicar um programa de ensino de tiro na sociedade Tiro Brazileiro Pavunense,[324] sediada à Rua João Vicente, nº 39, Estação de Madureira[325]. O talento de Paraense no tiro já era reconhecido até por seus superiores, como fez questão de destacar o general Marques Porto, em edição do Boletim do Departamento de Guerra, a respeito da devido à brilhante apresentação feita pelo nosso personagem em evento solene de formatura durante a visita do general Julio Rocca, ministro plenipotenciário da Argentina.

A década de 1910 apresenta elementos interessantes no que tange à corrida armamentista, um dos fatores que provocaram a eclosão da Primeira Guerra Mundial. As potências da Europa Ocidental e que serviam de modelo para o Brasil, investiam elevados recursos no desenvolvimento tecnológico de novas armas, entendidas como necessárias para manter o equilíbrio entre os interesses antagônicos vigentes, ao passo que se cunhou o termo "Paz Armada" para sintetizar este período histórico. Ao mesmo tempo, os brasileiros eram vistos por aqueles que acompanhavam as questões militares como "muito atrasados", sobretudo pela dificuldade que encontravam para desenvolver algumas práticas básicas, como a execução de tiros:

> Nós, em questão de tiro, estamos muito atrasados; o nosso armamento ainda é dotado de aparelhos, de pontaria, que deixam muito a desejar.
> O tiro de guerra ainda não passou do embryão: as nossas sociedades de tiro, talvez, pela perniciosa rotina, não cultivam o tipo como deve ser, limitando-se, apenas, a eternos exercícios em alvos circulares concêntricos, abandonando os figurativos, que são os encontrados nos campos de batalha. [...]
> O tiro sobre figurativos moveis, não temos noticias, e, no entanto, é o alvo mais comum em combate. Parece-me que o exmo. Sr. general inspector vai tratar dessa questão, dando uma orientação inteligente, o mais possível da realidade.[326]

[324] O Paiz, 10/08/1911, p. 7.
[325] A Tribuna, 10/11/1911, p. 3.
[326] A Imprensa, 13/09/1912, p. 2.

A figura de Guilherme Paraense neste cenário, para o redator de *A Imprensa*, destoava dos demais pela capacidade que apresentava nas questões de tiro, haja vista os resultados que obtinha nos concursos realizados pelas sociedades do gênero. Instrutor de tiro na Pavuna, ele se tornou também em 1914 secretário no Tiro Brazileiro do Leme[327] antes de ser promovido de Aspirante a Oficial para 2º Tenente[328] e passando a executar novas funções, como a de escrivão em inquéritos militares[329].

O 2º Tenente Guilherme Paraense pode também ser definido como um *sportsman* de sua época. Sócio do Sport Club Mackenzie, ele era um militar de carreira em um cenário no qual as práticas esportivas eram estimuladas entre os membros das Forças Armadas Brasileiras. Segundo Karina Cancella, não foi no século XX que surgiu a preocupação a respeito da preparação das tropas nacionais:

> A necessidade de ampliação e melhor treinamento dos militares evidenciada pelas experiências no Paraguai [1864 – 1870] motivou a busca por recrutamento de homens nos chamados Tiros de Guerra, associações civis onde técnicas de tiro ao alvo eram treinadas e passaram a ser utilizadas como uma "reserva" para o Exército.[330]

Assim, percebemos que o 2º Tenente Paraense está inserido em um processo histórico maior e que estava além das questões estritamente militares. Original do estado do Pará, o nosso personagem nasceu em 1884 na cidade de Belém e chegou ao Rio de Janeiro, com 5 anos de idade, em 1889, quando foi proclamada a República. A mudança de regime político teve, como é de conhecimento notório, uma participação decisiva das nossas Forças Armadas, haja vista ter sido o ato derradeiro liderado por Deodoro da Fonseca, Marechal do Exército. Sob novos ares, os militares sabiam que precisavam mudar para garantir a sua relevância e, por isso, entre os oficiais, abriu-se espaço para indivíduos que não pertenciam às camadas mais nobres. De acordo com Cancella:

---

[327] O Paiz, 06/02/1914, p. 10.
[328] A Rua: Semanario Illustrado, 30/04/1915, p. 3.
[329] Gazeta de Notícias, 29/11/1916, p. 3.
[330] CANCELLA, Karina Barbosa. O ESPORTE E AS FORÇAS ARMADAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, PPGHC, Rio de Janeiro, 2013, p. 32.

> O Exército Brasileiro, no início do século XIX, preservava ainda a estrutura do Exército Português que tinha seu oficialato composto basicamente por jovens nobres. No entanto, ainda na década de 20 daquele século, para que fosse possível sua sobrevivência, foi necessário que se relaxassem os critérios de nobreza passando a ser incorporados também como cadetes "os filhos de oficiais das forças de linha, das milícias, das ordenanças e de pessoas agraciadas com o hábito de ordens honoríficas" (CARVALHO, 2006, p. 16). Ao longo do século XIX, esse processo se intensificou e o recrutamento passou a ser realizado entre os descendentes dos próprios oficiais, entre grupos de renda mais baixa e posição social mais modesta.[331]

A abertura na estrutura do exército brasileiro foi o que permitiu a inserção de um sujeito com o perfil de Guilherme Paraense. Ao mesmo tempo, a "maior aproximação dos militares das práticas de atividade física e esportiva de forma sistematizada" foi o que criou estruturas para permitir a sua ascensão enquanto esportivas praticante do tiro ao alvo.

Aliás, desde 1890 esta era uma das atividades cujo desenvolvimento era necessário para a modernização das Forças Armadas, como preconizado pelo Decreto nº 371, de 2 de maio daquele ano que aprovou o regulamento para o funcionamento do Colégio Militar, instituição criada para promover a especialização dos militares e desenvolver "na infância brasileira o gosto pelas armas".[332] O esporte, de forma sintética, se inseriu bem nessa conjuntura e foi visto como uma ferramenta capaz de preparar melhor as tropas brasileiras e atrair a juventude, por ser "elemento disciplinador, instrumento diplomático, além de práticas de recreação e lazer".[333]

O pensamento do Exército Brasileiro na década de 1910 era bastante influenciado pela forma como se organizava a força militar terrestre alemã, para a qual os esportes eram vistos como uma forma de desenvolvimento físico para a defesa da pátria. A sua prática, entretanto, não poderia ser feita de qualquer maneira, mas seguindo métodos científicos, para o qual a ginástica é um bom exemplo. "A gymnastica não é ensinada unicamente a um restrito numero de indivíduos para serem exhibidos em occasião de

[331] CANCELLA, 2013, p. 32.
[332] BRASIL. Relatório do Ministério da Guerra, 1890, p. 22
[333] CANCELLA, 2013, p. 84

festa, não",[334] ou seja, deveria ser algo contínuo e aberto ao maior número possíveis de indivíduos, razão pela qual a instrução ganha peso e, com isso, as atividades desenvolvidas por Guilherme Paraense, haja vista "a necessidade de implementação de melhorias no processo de treinamento dos brasileiros seguindo estes modelos de sucesso".[335] Isso, importante destacar, sem excluir a sua utilização nas solenidades oficiais e nos eventos sociais, como parte dos programas de entretenimento tão comuns no Rio de Janeiro do primeiro quartel do século XX (em que se estava presente o desenvolvimento de uma indústria do lazer).

Guilherme Paraense, por sua vez, seguiu na carreira de instrutor de tiro ao longo da década de 1910. Campeão Brasileiro de Revolver nos anos de 1913 e 1914, ele se tornou, em 1917 professor no Curso de Aperfeiçoamento da Infantaria do Exército Brasileiro. No ano seguinte, venceu novamente o Campeonato Brasileiro. Seus feitos credenciavam na categoria o homem que residia na Rua Possolo, nº 136, Inhaúma, Subúrbio do Rio de Janeiro,[336] eleito para o cargo de presidente da sociedade de Tiro 249, de Jacarepaguá.[337]

Como *sportman*, Paraense se fazia presente em outros segmentos esportivos e ocupando lugar de destaque. No Cascadura F.C., por exemplo, era seu presidente;[338] no Mavilles, era tido como um sócio ilustre.[339] Não obstante, se por um lado o futebol era um esporte bastante difundido no Rio de Janeiro na década de 1910, haja vista o grande número de clubes espelhados pelo estado, Guilherme também se fazia presente ao ocupar o cargo de presidente da Liga Suburbana, até então a principal competição da modalidade nos subúrbios cariocas. Os detalhes referentes a esta competição abordaremos de forma mais aprofundada à frente, todavia ela nos permite enxergar a figura de Guilherme Paraense como um dos *sportsmen* da Capital Federal e, como tal, presente nos Subúrbios cariocas, mas não restrito a eles.

[334] Boletim Mensal do Estado Maior do Exército, vol. IV, n. 1, outubro de 1912. Ministério da Guerra, Imprensa Militar: 1912, p. 75-78.
[335] CANCELLA, 2013, p. 111.
[336] A Epoca, 16/07/1917, p. 3.
[337] A Noite, 04/01/1918, p. 4.
[338] Gazeta de Notícias, 05/01/1919, p. 6.
[339] A Epoca, 18/11/1919, p. 7.

Em 1920, Guilherme Paraense já havia alcançado o posto de Primeiro Tenente e foi um dos representantes do Brasil nos Jogos Olímpicos de Antuérpia, na Bélgica. De lá, como já mostramos, ele retornou com a primeira medalha de ouro da história do Brasil, conquistando-a no Tiro. Ele chegou ao torneio credenciado como "o campeão do Brasil de 1913, 1914, 1916 e 1917; campeão do Rio de Janeiro em 1915 e 1918".[340] Dessa forma, o redator de *A Rua* considerava quase certa a vitória brasileira, tendo em vista "os atiradores brasileiros haverem obtido os melhores pontos nas provas eliminatórias".[341] E assim o foi: "três medalhas foram conquistadas por atletas brasileiros, todas na modalidade Tiro: um ouro individual com o então Tenente Guilherme Paraense, uma prata individual com o Dr. Afrânio Antônio da Costa e um bronze na disputa por equipes".[342]

Após a conquista, não foram poucas as homenagens aos medalhistas, em especial ao Tenente Paraense, que passou a frequentar eventos também na Zona Sul do Rio de Janeiro, com especial destaque à solenidade apontada anteriormente no São Nobre das Laranjeiras, diante do Presidente da República. Suas conquistas não se encerraram ali e, em 1922, ele trouxe medalhas de ouro e de prata para o Brasil nos Jogos Latino-americanos do Rio de Janeiro em comemoração ao centenário de nossa independência. Em uma ocasião, inclusive, o suburbano Guilherme Paraense representou Epitácio Pessoa, Presidente da República, em solenidade na Delegacia Fiscal de São Paulo para a "inauguração solemne dos retratos dos Srs. Dr. Epitacio Pessoa, presidente da República, Homero Baptista, ministro da Fazenda, e coronel Benedicto R. de Oliveira Junior, director geral do Thesouro".[343]

A fama de Guilherme Paraense entre os seus contemporâneos foi enorme após as conquistas internacionais, tanto que em concurso nacional promovido pela revista *Fon-Fon*[344] ficou 2º lugar na categoria *sportsmen* entre os brasileiros vivos. Na ocasião, ele recebeu 17.356 votos, sendo superado apenas por Arnaldo Guinle, que obteve 18.829 menções. Dessa forma, seu nome passou a ser considerado como importante dentro da

[340] A Rua: Semanario Illustrado, 28/06/1920, p. 1.
[341] A Rua: Semanario Illustrado, 28/06/1920, p. 1.
[342] CANCELLA, 2013, p. 150.
[343] Gazeta de Notícias, 16/11/1922, p. 5.
[344] Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico Espusiante, 28/03/1925, p. 29.

publicidade, em especial a relacionada às armas como fez a empresa estadunidense Winchester Repeating Armas Company:

> WINCHESTER
> PRECISÃO!
> O Capitão Guilherme Paraense, do Exercito Brasileiro, venceu o Campeonato Individual de Revolver nas Olympiadas de Antuerpia, usando balas S & W 38 special, fabricadas pela WINCHESTER REPEATUNG ARMAS COMPANY, cujos efeitos balísticos são os mais uniforme do mundo. [...]
> Peçam balas fabricadas pela WINCHESTER REPEATING ARMAS COMPANY.
> Nw haven. Conn, E. U.A.
> (Á venda em todas as boas casas de armas e ferragens.)[345]

Apesar de todo o reconhecimento, existiram críticos ao nosso *sportsman*. No final da década de 1920, a capacidade de Guilherme Paraense com o revólver durante combates foi questionada, como relatado no jornal *Diário Carioca*. Durante os embates protagonizados pelo Movimento Tenentista de 1922 a 1927, Paraense atuou junto ao Governo Federal para reprimir a ação desses grupos, em especial no combate à Coluna Miguel Costa – Prestes. Isso, segundo o periódico, teria mostrado que a habilidade do medalhista olímpico com o revólver não é a mesma em um campo de batalha.

> Quando o Rondon, do Paraná, com seus vinte mil homens vacilava em oferecer combate aos três mil revoltosos do Isidoro, uma patrulha de rebeldes, num Ford, encontrou-se com outra força comandada pelo capitão Guilherme; houve tiroteio; o Paraense carregou quatro vezes o pente de sua arma e não conseguiu alvejar nem mesmo o carro dos revoltosos. Depois disso, no acampamento, os officiais pilheriavam com o campeão, dizendo que ele perde a pontaria toda vez que o alvo responde aos seus disparos.[346]

A narrativa acima aborda um dos confrontos entre as forças governistas, liderada pelo General Rondon, na tentativa de capturar os revoltosos liderados pelo Marechal Isidoro Dias Lopes, no Paraná. O episódio, em si, aconteceu, todavia não podemos fazer mais considerações sobre a participação de Guilherme Paraense naquele momento histórico. Ainda assim, só o fato de haver críticas a sua habilidade com o revólver nos faz

[345] Careta, 15/05/1925, p. 7.
[346] Diario Carioca, 08/09/1929, p. 6.

refletir que na década de 1920 o esporte não gozava de unanimidade a respeito dos seus impactos positivos na sociedade.

Em relação ao futebol, por exemplo, ele encontra situações que viriam a provocar grandes mudanças nos anos seguintes. Não obstante, é preciso que tenhamos mais claramente definido como foi o processo de institucionalização dessa prática esportiva no Rio de Janeiro, com destaque para a criação de clubes esportivos e a adoção deste jogo junto a entidades associativas.

3.5. O futebol como objeto de disputa entre os clubes esportivos

Anteriormente, apontamos que o surgimento de clubes esportivos para a prática do futebol como um ponto importante para o desenvolvimento deste esporte. O surgimento de entidades como o Fluminense Football Club e o Botafogo Football Club fazem parte do início da história futebolística no Rio de Janeiro. Todavia, ela não está restrita aos hoje considerados "times grandes" e, se por um tempo esta visão teve força, deve-se às disputas que envolvem o futebol.

Em grande parte, a Historiografia do Esporte se manteve por mais de um século refletindo o que acontecia nas demais área da pesquisa histórica: narrativas centradas em grandes figuras, expoentes de maior destaque.[347] Dessa forma, não estranha o fato de os indivíduos que não deixaram seus registros escritos ou que tiveram menos espaços para que outras pessoas contassem suas histórias se mantivessem ignorados.

Nos anos 1990, teve início uma mudança nesse cenário e novas vozes passaram a ser ouvidas e lidas. Com isso, a disputa em torno da história do futebol ganhou a inserção de novos fatores, como a presença das camadas outrora esquecidas como sujeitos ativos, e passou a apresentar elementos com potencial de trazer modificações para o quadro apresentado até então, mas sem deixar o futebol de ser um objeto de disputa entre os clubes esportivos que, por trás de si e por meio da História, mostram aspectos que vão além das quatros linhas neste jogo.[348]

Tomando as narrativas históricas como representações, como proposto por Roger Chartier, podemos entende-las como um conjunto de diferenciações (sejam por

[347] MELO, 2013.
[348] MELO, 2013.

classificações, divisões ou hierarquizações) que busca entender o mundo a partir de visões criadas por grupos sociais. Seguindo este sentido, o autor enfatiza que tais ações possuem um elevado grau de intencionalidade, isto é, "produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezados".[349] Assim, podemos refletir sobre as intenções por trás do processo de institucionalização do futebol no Rio de Janeiro no início do século XX.

Um primeiro ponto importante para a nossa análise consiste em pensar o que há por trás das narrativas a respeitos dos pais fundadores do futebol no Brasil, com destaque para a então Capital Federal. Considerando os aspectos de consenso historiográfico sobre o pioneirismo de Charles Miller, em São Paulo e para o Brasil, e de Oscar Cox, no Rio de Janeiro, propomos refletir por quais motivos estas narrativas se consolidaram junto aos pesquisadores da época e no imaginário social.

Considerando que a representação é uma peça-chave para a nossa análise e, por isso, vamos utilizar algumas concepções apresentadas por Roger Chartier.[350] Assim, entendemos as figuras de Miller e Cox como símbolos de determinados grupos sociais interessados em consolidar uma determinada visão de sociedade. Como pontapé inicial, nos debruçamos sobre a questão de gênero, pois ambos os sujeitos apresentados são homens e estão presentes em uma sociedade na qual as mulheres têm maiores obstáculos para se apresentarem como agentes portadoras de voz ativas.

Desde antes da Proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, já havia no Brasil uma grande preocupação por parte do poder público e das elites conservadores, com a relação entre as novas práticas sociais e o comportamento humano. Já mostramos, por exemplo, os debates em torno da difusão de práticas esportivas e dos impactos na sociedade brasileira. Logo, era preciso também criar mecanismos para referendar conceitos tidos como importantes para alguns grupos nesse período e, assim, a narrativa em torno de homens, isto é, pais fundadores do futebol brasileiro, ganhou força.

O pioneirismo masculino a respeito da difusão do futebol no Brasil foi naturalizado em um primeiro momento, mas não foi o único: a questão racial não pode

[349] CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER. Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 17
[350] CHARTIER, 1990.

ser ignorada diante da falta de problematização a respeito da etnia dos pais "fundadores". O fato é que Charles Miller e Oscar Cox são dois homens brancos, mas a questão que nos chama a atenção é por que, no Brasil, coube aos brancos serem considerados fundadores do futebol? Garner já nos apresenta um aspecto que serve de ponto de partida para esta reflexão sobre a universalização do branco, uma vez que a "branquidade passou a representar humanidade, normalidade e universalidade: "os brancos são não somente uma determinada raça eles são apenas a raça humana".[351] No Brasil, essa perspectiva se faz presente desde o período Colonial (1500-1822) e, principalmente, após a Independência, ela também é estimulada no Império (1822-1889) e durante a Primeira República (1889-1930). Segundo Renato Pasti:

> A fundação do Estado foi seguida da necessidade de invenção da cidadania, abrindo espaços para o surgimento das narrativas destinadas a construção da comunidade imaginada nação brasileira. Influenciado fortemente pelo pensamento filosófico positivista do século XIX, as teorias racistas ganharam terreno nos projetos nacionais, sobretudo a corrente do darwinismo social e a defesa da eliminação das raças "não-civilizadas", ou seja, os povos não-brancos, como percebido nos pensamentos dos principais representantes brasileiros dessa corrente teórica: Raimundo Nina Rodrigues, Silvio Romero e Oliveira Viana.[352]

A civilização, neste sentido, está associada a fazer parte do que é considerado mais moderno e, no alvorecer dos anos 1900, isto significava praticar os esportes ingleses e modernos. Charles Miller e Oscar Cox fazem isso e trazem para seu país instrumentos que permitirão a outros, como eles, fazerem o mesmo. Este é o "fardo do homem branco" que estes sujeitos carregam em nossa história, segundo as narrativas constituídas neste período.

Como apontam Jean Ribeiro e Joyce Corrêa, Cox e Miller são retratados como homens inteligentes e amantes dos esportes, duas características tidas como valiosas por diversos grupos sociais na transição do século XIX para o XX: a elite socioeconômica brasileira, "que desde o período imperial vislumbraria uma estratégia bio-política de

[351] GARNER, S. Whitness: an introduction. Londres e Nova York: Routledge, 2007, p. 43
[352] PASTI, Renato. Branquidade e Racismo no Brasil: O branqueamento assimilacionista na transição da Monarquia para a República. Anais do IX Encontro Estadual de História: História e Movimentos Sociais. Bahia, 2018, p. 4.

controle e dominação social"[353]. Para as mulheres desse período, entretanto, o cenário era completamente diferente, como aponta Aline Santos, pois sua independência "não podia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e idéias que reforçassem a imagem da mulher-mãe".[354]

Outro ponto tido como diferenciador para a imagem dos fundadores do futebol brasileiro e do Rio de Janeiro é a sua educação na Europa. No Brasil, enquanto perdurou o domínio colonial, ao contrário do que aconteceu nas regiões dominadas pela Espanha não vivenciou-se o desenvolvimento de universidades – na América Espanhola, no momento da conquista da Independência, existiam quase trinta instituições com essas características.[355] Assim, Portugal limitou seus colonos americanos às universidades europeias, em especial, a de Coimbra e a de Évora, únicas então existentes na metrópole. A criação de estruturas deste tipo só começou em 1808 com a transferência da Corte Real Portuguesa para o Brasil e, sob as ordens de D. João (naquela época ainda futuro D. João VI), mas não houve grandes impactos perante a elite nacional que seguiu mandando seus filhos para a Universidade de Coimbra, a qual formou a maioria dos homens envolvidos nas principais decisões políticas do Brasil durante e após a sua Independência.[356]

A partir da segunda metade do século XIX, a influência da Inglaterra e da França passou a ser mais forte nas terras brasileiras, sobretudo no que tange ao desejo da modernidade. Dos franceses, por exemplo, é possível notar neste período os hábitos de sociabilidade coletiva, em substituição às antigas práticas de lazer restritas aos ambientes do próprio lar. No que se refere aos ingleses, por sua vez, temos a introdução de máquinas e produtos industrializados (telégrafos, bondes e estradas de ferro, por exemplo) que participam do dia a dia de diversas pessoas, como indicam os anúncios de jornais do período valorizando explicitamente aquilo que era produzido na Inglaterra. Até mesmo

[353] RIBEIRO, Jean Carlo e CORRÊA, Joyce Nancy da Silva. Higienismo e os primórdios do esporte: os casos do Acre e de Goiás. FuLiA / UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018

[354] SANTOS, Aline Tosta dos. A construção do papel social da mulher na Primeira República. Revista Em Debate - Fascículo nº8, PUC-RIO, 2009, p. 4. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=14404@1.

[355] BETHELL, Leslie (org.) História da América Latina. Vol 1: América Latina Colonial. São Paulo/Brasília: EDUSP/FUNAG, 1997.

[356] CARVALHO, José Murilo. A Construção da Ordem.

na seara cultural, como a valorização dos banhos de mar, tão importante para o crescimento do número de praticante dos esportes náuticos, em especial o remo[357].

Os esportes modernos, aliás, são o ponto que gostaríamos de analisar, pois, considerados "nascidos" na Inglaterra, se disseminam por boa parte do mundo ocidental ainda no século XIX e início do século XX, como ocorreu no Brasil. Considerada um dos berços da modernidade,[358] a Inglaterra se torna um dos destinos dos filhos da elite brasileira nos anos 1800 para os estudos, até porque, com a difusão da influência britânica pelo planeta, muitos ingleses de nascimento passam a viver longe de sua terra natal, criam famílias e optam por mandar membros da sua prole para estudar em seu país de origem. Nestes cenários descritos, podem ser inseridas as histórias de Charles Miller e Oscar Cox, ambos filhos de pai bretão que viviam foram de seu berço e, assim como eles que saíram de casa para "disseminar" a modernidade pelo mundo, os filhos seguiram essa trajetória "civilizatória" e fizeram o mesmo ao trazer o futebol para São Paulo e Rio de Janeiro.

As histórias destes dois homens brancos e educados no estrangeiro foram referendadas pelos primeiros pesquisadores dos esportes, os quais se caracterizaram, como dissemos no início deste trabalho, pela preservação da memória de práticas que ainda estavam em seus primeiros passos. Produzidas, como afirma Melo, em sua maioria, "por antigos praticantes e/ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades",[359] a história esportiva ainda mantinha um caráter bastante militante e focada na experiência de grandes expoentes (inclusive politicamente). A narrativa de datas e fatos era, pois, um dos resultados deste período, que acabou por gerar uma história servindo com a finalidade de provar e legitimar posições previamente estabelecidas[360] em um período que a História, enquanto ciência, buscava se afirmar.

A História, enquanto ciência, surgiu no século XIX e, como tal, estimulou a criação de discursos e narrativas para referendar um tipo de visão que se basearia, isto é, teria como fontes documentos oficiais (Escola Positivista). Havia, importante destacar, outras perspectivas históricas no período, como a Escola Metódica, criada na Alemanha, cujo principal expoente foi Leopold Von Ranke e que defendia a propagação de "uma

[357] MELO, 2000.
[358] ELIAS, 2019.
[359] MELO, 2013, p. 32
[360] MELO, 2013, p. 33.

História Científica destituída de especulações idealistas e metafísicas",[361] mas no Brasil, o que se enraizou foi, segundo Karvat, uma estrutura histórica de trazer "à luz o verdadeiro caráter da nação brasileira".[362] Assim, adotou-se um modelo clássico de eventos fundadores e de caráter exemplar capaz de criar uma marchar linear e progressiva unindo passado, presente e futuro.

O papel do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838, foi essencial para isso e teve seu modelo disseminado entre a população no sentido de estabelecer padrões discursivos, como, por exemplo, no estabelecimento de um panteão de heróis e figuras notórias. Assim, é possível construir experiências capazes de guiar aqueles que têm acesso às narrativas históricas.

Seguindo essa proposta, os historiadores dos esportes deram início à construção de discursos com origem no surgimento de mitos-fundadores, capazes de constituir-se em modelos, exemplos, para os esportes modernos. No caso do futebol desenvolvido no Rio de Janeiro, em especial, a figura de homens como Charles Miller e Oscar Cox assume o papel de representar, fisicamente, a visão que seus grupos sociais possuíam a respeito daqueles que poderiam participar de forma ativa desta prática esportiva, mas isso não se confirmou na realidade, como mostra o desenvolvimento do futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro.

[361] KARVAT, E. C. A HISTORIOGRAFIA COMO DISCURSO FUNDADOR: REFLEXÕES EM TORNO DE UM "PROGRAMMA" HISTÓRICO. Revista de História Regional, [S. l.], v. 10, n. 2, 2007, p. 7. Disponível em: https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2215. Acesso em: 20 maio. 2022
[362] KARVAT, 2007, p. 8

Capítulo 4 – O futebol e os subúrbios

O futebol se difundiu por várias regiões do Rio de Janeiro, isto é, esteve longe de se manter restrito a uma área geográfica e a um grupo social. A prática deste esporte nas regiões suburbanas do então Capital Federal é um grande indicativo disso e sobre o qual a historiografia a respeito do tema não discorda. Todavia, como mostramos acima, não podemos também nos furtar de discutir por que algumas visões se sobrepuseram sobre outras.

Neste sentido, vamos entrar na relação entre o futebol e os subúrbios cariocas, a qual, por sua vez, traz elementos que comportam muitos imaginários que ainda permanecem na atualidade. Um primeiro ponto que não podemos ignorar se refere à definição da prática esportiva que estamos analisando e se ela deve ser vista de forma singular (única) ou plural (variada). Como enfatiza Arlei Damo em um texto de abertura da revista FuLiA /UFMG para um dossiê sobre futebóis, "(...) não vem ao caso o fato de que sigamos falando mais de futebol, antes de que estamos empenhados em falar dele no plural, das formas até menos consagradas ou que estão sendo só agora visibilizadas"[363]. Dessa forma, o futebol ou os futebóis suburbanos precisam ser vistos em toda sua complexidade e diversidade, haja vista os mesmos conceitos serem aplicados para as regiões que estudamos.

Se pensarmos que no início do século XX as regiões suburbanas passaram por diversas alterações que transformaram os seus aspectos geofísicos e socioeconômicos, podemos tentar estruturar como se deu o desenvolvimento de determinadas manifestações culturais, com destaque às práticas futebolísticas. Temos, dessa forma, discursos que referendam e criticam o processo que aconteceu de forma mais incisiva a partir dos anos 1900, bem como também estamos diante de fatos que foram acolhidos de formas diversas pelos pesquisadores. De maneira geral, podemos dizer que para muitos a ideia de subúrbio está ligada à concepção de região ocupada por pessoas pobres e detentoras de um menor capital intelectual; o mesmo processo de construção mental se faz em relação ao futebol, pelo qual o subúrbio se torna apenas um celeiro de craques para os grandes clubes. Essa visão comporta em si muita semelhança com a que predomina em discursos sobre a

[363] DAMO, Arlei. Futebóis: Apresentação. Fulia/UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018, p. 3.

relação metrópole-colônia, na qual a segunda tem a função exclusiva de servir, isto é, abastecer a primeira.

A construção deste tipo de pensamento já encontra obstáculos necessários graças aos estudos da Decolonialidade, cuja proposta é enfrentar a colonialidade e o pensamento moderno. Com ela, é possível resistir e desconstruir conceitos, perspectivas e padrões impostos a grupos excluídos ou subalternizados por longos períodos de tempo. Segundo esta perspectiva, é possível colaborar para a descaracterização dos espaços coloniais como simples "celeiros" para os espaços centrais/metrópoles e, desse modo, também podemos desconstruir antigas hierarquias entre regiões de uma mesma região geográfica, como no caso de uma cidade, especial a cidade do Rio de Janeiro, antiga capital federal do Brasil.[364]

Dessa forma, optamos por refletir sobre as relações futebolísticas envolvendo clubes e ligas dos subúrbios do Rio de Janeiro entre si e diante de agremiações e competições organizadas por instituições de outras regiões, em especial o Centro e Zona Sul da cidade. Tradicionalmente, este processo foi percebido como eram percebidas pela Historiografia dos séculos XIX e primeira metade do XX a respeito das relações colônia-metrópole: aquela seria um simples "celeiro" para esta. Não obstante, estudos mais recentes indicam possibilidades diferentes para pensarmos estes processos e, por isso, a reprodução hierarquizada não é vista como suficiente para explicar a complexidade envolvida.[365] Nosso objetivo aqui é desestruturar estas narrativas, uma vez que elas não se configuram como "verdades absolutas" e são frutos da visão de pessoas em uma determinada época – ainda que tenham transcendido o período cronológico.

Outro ponto importante para nós é discutir a ideia de Subúrbio ou Subúrbios. Pensar sobre o subúrbio do Rio de Janeiro é, por si só, um equívoco se tomar como objeto inicial de análise a perspectiva de que estamos falando de uma região única, pois se trata de diversas regiões próximas geograficamente, mas com muitas peculiaridades. Assim, a

[364] QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana, p. 227-278. Buenos Aires: Clacso, 2005.

[365] Trabalhos como os de Nei Jorge dos Santos Júnior (A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Andaraí e Bangu (1914-1923) e A vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895-1929) e de Marcelo Vianna (COM O POVO DE BANGU, SEUS HERÓIS: a formação do bairro operário no final do século XIX, o operário-jogador e o profissionalismo às claras em 1933) são alguns exemplos.

primeira vertente sobre a qual nos debruçamos é pensar em Subúrbios, no plural, ao invés de subúrbio, no singular, haja vista as complexidades existentes nestes objetos de reflexão.

A partir disso, podemos abordar o tema fugindo de certas armadilhas do senso comum, sendo a primeira que destacamos o fato de muitas pessoas o enxergarem como espaços geográficos restritos a pessoas com menor capital financeiro e cultural. Como regiões atingidas pelas reformas do Prefeito Pereira Passos, os Subúrbios passaram por transformações importantes que alteraram o seu aspecto visual (terras foram ocupadas por casas) e econômico (terrenos baldios deram lugares a comércios e residências alugadas), modificando também a sua composição social. De fato, muitas pessoas que tomaram os Subúrbios como locais de moradia e trabalho o fizeram por não terem condições financeiras de ocuparem outras regiões, mas não foram os únicos e nem essa foi a única razão, haja vista haver também empresários (donos de estabelecimentos comerciais, donos das casas alugadas), militares (ainda que de média patente) e políticos que também viviam nos Subúrbios cariocas.

Por isso, nossa análise parte de uma perspectiva na qual consideramos as regiões suburbanas do Rio de Janeiro como estruturas múltiplas e complexas, diante da qual precisamos acionar diversos elementos para conseguirmos fazer reflexões abrangentes a respeito do conteúdo. Neste sentido, no presente capítulo, partiremos da conceituação do eram os Subúrbios de forma genérica e, para isso, contaremos com a ajuda de geógrafos e pesquisadores de outras áreas para além da História, a fim de definir nosso objeto.

Na sequência, vamos também apresentar e discutir de que maneiras os Subúrbios do Rio de Janeiro no início do século XX eram vistos, caracterizados e como estavam inseridos no processo de modernização promovido na então Capital Federal. As concepções criadas por agentes sociais, bem como as versões estatais sobre o tema serão nosso objeto de análise por meio de discursos proferidos direta ou indiretamente.

Uma vez estabelecida as bases conceituais de nosso objeto, podemos nos preocupar de que maneiras os esportes, em especial o futebol, se desenvolveu. Como objeto disputado por narrativas com interesses específicos, a prática futebolística chegou às regiões suburbanas e nelas se enraizou em contextos singulares que se aproximavam e

se distanciavam do que ocorria em outras localidades – em especial o Centro e a Zona Sul.

As proximidades no desenvolvimento do futebol suburbano com as demais regiões passam pela sua inserção como prática em eventos sociais, organização de amistosos, criação de clubes e competições ("Ligas Alternativas). Não obstante, há distanciamentos que passam pelo perfil dos sujeitos envolvidos, sobretudo em comparação com o que acontecia no Centro e na Zona Sul do Rio de Janeiro. É a partir deste ponto de comparação que realizaremos nossa análise.

4.1 – Os Subúrbios

O conceito do que vem a ser Subúrbios é importante para nos ajudar a delimitar a área em que estamos trabalhando. Do ponto de vista geográfico, refere-se às áraoeas que circundam as regiões centrais dos aglomerados urbanos, tendo origem etimológica na palavra inglesa *suburb*, que significa "sub-cidade". Esta conceituação tem origem na expansão urbana internacional, em especial o processo que se desenvolveu na Europa Ocidental e nos Estados Unidos

A concepção de que a população suburbana carece de infraestrutura básica[366] dialoga com a visão de Giancarlo Livman Fabretti para quem os Subúrbios podem ser definidos como "a área do entorno metropolitano no qual a classe trabalhadora proletarizada foi se estabelecer"[367], o que lhe dá uma nova concepção de espaço. Temos, dessa forma, uma contextualização do conceito de Subúrbios para além do aspecto geofísico, haja vista ser ele um objeto que passa a ganhar sentidos variados pelas transformações que homens e mulheres fazem em território. Não obstante, ele tem como característica na construção da sua palavra ser algo menor do que a cidade, uma espécie de intermediário entre à área urbana e a rural.

Nesse sentido, o que temos um pronto ponto para refletir de forma abrangente sobre o tema Subúrbios: a sua diferenciação da *urb*, isto é, da cidade. Esta, por sua vez, pode ser compreendida como um complexo de modernidade e de desenvolvimento, características que não são vistas em que está fora do mundo urbano. Assim, cria-se uma

[366] SOTO, William Héctor Gómez. P. 2.
[367] FABRETTI, Giancarlo Livman. A metropolização vista do subúrbio: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2013, p.9.

identidade, já na construção do próprio termo, na qual os Subúrbios nascem em posição distanciada no que tange ao sentido em relação à cidade.

Portanto, permite-se que seja criada uma identidade urbana e outra suburbana, as quais trazem consigo elementos bastante diferentes. Se na cidade há modernidade e desenvolvimento, nos Subúrbios isso pode até acontecer, mas de forma pouco semelhante ao que acontece nas regiões centrais a fim de caracterizar as separações entre ambos. Para Mumford, a separação entre os Subúrbios e a cidade só se concretizou no século XX, com a "propagação do ideal democrático valendo-se da multiplicação e da produção em massa"[368] e produzindo uma "comunidade segregada, apartada da cidade não só pelo espaço, mas pela estratificação de classes"[369]. E, para Yordana Naciff e Erika Kneib:

> (...), os processos de urbanização global, tanto internacional quanto nacional, levam à conformação de comunidades segregadas, denominadas suburbanas. Contudo, há uma certa diferença nas configurações desses novos aglomerados urbanos que precisam ser ressaltadas. Enquanto têm-se nos subúrbios de alta renda nos Estados Unidos, no Brasil essas novas comunidades segregadas são atreladas ao conceito de periferias, sendo conformadas por população de baixa renda, marcadas pela precariedade e pela escassez de assistência e de recursos.[370]

De acordo com Cool, a ideia de "segregação" produz uma concepção de separação de grupos pelos mais variados motivos, como questões étnicas, etárias ou culturais, mas Naciff e Kneib identificam como causa principal para isso a divisão e luta de classes.[371] Para as autoras, esse é um processo desenvolvido pelo capitalismo que carrega consigo contradições econômicas e sociais da sociedade econômica,[372] podendo ser de dois tipos: voluntário ou involuntário:

> Saboya (2009, p.1) aponta que a primeira "refere-se àquela em que o indivíduo ou uma classe de indivíduos busca, por iniciativa própria, localizar-se próximo a outras pessoas de sua classe"- como são os casos dos subúrbios norte-americanos e dos condomínios fechados [na

[368] MUMFORD, 1998, p. 525.
[369] MUMFORD, 1998, p. 533.
[370] NACIFF, Yordana Dias das Neves e KNEIB, Erika Cristine. Os Subúrbios e Periferias nas metrópoles: um estudo sistêmico aplicado à Região Metropolitana de Goiânia. Anais XVIII ENANPUR 2019, p. 4.
[371] COOL, 2012.
[372] NACIFF e KNEIB, 2019, p. 5.

> atualidade]. Por outro lado, a segregação involuntária "é aquela em que as pessoas são segregadas contra a sua vontade, por falta de opção" – referência evidente às periferias brasileiras.[373]

No Brasil, os Subúrbios se formaram no final do século XIX de forma voluntária e, principalmente, involuntária, sobretudo no Rio de Janeiro. Para a geógrafa Elizabeth Dezouzart Cardoso, subúrbio pode ser definido como a área na cidade do Rio de Janeiro situada "em torno dos caminhos das estradas de ferro, englobando dezenas de bairros onde se localizavam moradias da maior parte as camadas de baixa renda"[374]. A pesquisadora destaca que, originalmente, o termo referia-se a área distante do centro e com pouca densidade populacional, mas no caso do Rio de Janeiro a força deste termo foi tamanha que provocou um deslocamento para vinculá-lo a indivíduos de menor poder aquisitivo. Esta definição vem ao encontro do que também analisa Maurício de Almeida Abreu ao ressaltar o fato de as regiões suburbanas terem sido ocupadas pelas camadas pobres da população carioca a partir das reformas de Pereira Passos, as quais direcionaram um grande contingente de pessoas para os subúrbios.[375]

O trabalho de Leonardo Soares dos Santos corrobora este sentido ao destacar que "ainda na década de 1890, o subúrbio era habitado predominantemente por uma pequena classe média composta em sua maioria por funcionários civis e militares de baixo escalão, comerciantes e alguns operários",[376] pois esses indivíduos podiam arcar com as despesas de translado para o Centro da cidade. Não obstante, principalmente após as Reformas de Pereira Passos, essas regiões receberam um afluente de gente pobre que modificou o significado de seu termo. Segundo este autor, a modernização da Capital foi um fator que contribuiu para esta mudança, já que a urbanização, o saneamento e o alargamento das principais vias do Centro da cidade e da nascente Zona Sul davam às demais regiões suburbanas um aspecto rural, devido também a grande presença de fazendas, sítios e outros espaços agrícolas naquelas regiões. Contudo, essas paisagens também sofreram modificações neste processo.

---

[373] NACIFF e KNEIB, 2019, p. 6.
[374] CARDOSO, Ellizabet Dezouzart. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX – Os Subúrbios Cariocas. URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP, p. 238.
[375] ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2010
[376] SANTOS, Leonardo Soares dos. De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n.2, 2015, p.64.

Fatores econômicos e políticos foram determinantes para isso. A região central do Rio de Janeiro passou na transição do século XIX para o XX por diversas reformas, de modo que o espaço físico se tornou mais valioso, mas, para isso, foi necessário deslocar pessoas, destruir moradias e promover uma verdadeira transformação no que era o centro do Rio de Janeiro. À medida que o preço do terreno foi aumentando e o número dos cortiços diminuindo, muitos moradores não tiveram como se manter nas suas habitações, o que intensificou a ocupação dos morros do entorno e, principalmente, das regiões planas que ladeavam o espaço central carioca. Assim, áreas rurais do que hoje chamamos de Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense se transformaram em um grande polo de atração para pessoas que não conseguiriam mais viver perto da Central do Brasil, mas que com ela precisavam ter contato por razões muitas vezes profissionais.

Nos Subúrbios, como indicamos acima, o aspecto geográfico ainda era mais rural do que urbano, com destaque para a existência de chácaras e terrenos com grande vegetação. Parte da imprensa da época enfatizava isso, ao apresentar os Subúrbios como regiões em que "espessas mattas de arvores gigantescas desenrolam-se ás nossas vistas e suas garimpas parecem querer tocar no firmamento".[377] Posteriormente, estas belíssimas matas assim descritas deram lugar à alcunha de "Mato Grosso"[378] ou "Sertão".[379]

Dessa forma, reforçamos que no Rio de Janeiro o termo Subúrbios traz mais do que uma simples localização geográfica, sendo a caracterização de regiões que, muitas vezes, eram vistas de forma pejorativa quando comparadas ao centro. Fernandes, por exemplo, estuda suas semelhanças com os sertões:

> As características objetivas que podem aproximar os subúrbios dos sertões estão associadas à escassez dos aparatos urbanos e recursos técnicos disponíveis naquele momento, a exemplo da falta de calçamento e iluminação pública, da precariedade em relação aos transportes, da ausência de saneamento básico, entre outros quesitos, que a partir do início do século XX ficaram restritos às áreas centrais do Rio de Janeiro, já prontamente modernizadas e civilizadas pela reforma de Pereira Passos.[380]

[377] Progresso Suburbano, em 16/04/1902, p. 5
[378] O Suburbio, em 07/09/1907, p. 1.
[379] FERNANDES, Felipe Moura. Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. Tese (Doutorado). São Paulo, USP, 2012.
[380] FERNANDES, 2017, p. 164.

A perspectiva pejorativa adotada em alguns casos para caracterizar as regiões suburbanas permitiu a construção de identidades por parte daqueles que ali habitavam, para lá se mudavam e também por aqueles que dos Subúrbios estavam distantes. Em todos os casos, é preciso ressaltar que, como aponta Kathryn Woodward, a identidade é relacionale que, para tanto, depende de algo fora dela para existir.[381]

Em relação aos Subúrbios do Rio de Janeiro, a construção de suas identidades ocorreu, entre outros caminhos, por meio de símbolos que reforçaram a existência de disputas na capital federal. Elizabeth Dezouzart Cardoso apresenta alguns aspectos deste embate em seu trabalho **Representações e Identidade na Cidade na Primeira Metade do Século XX – Os Subúrbios Cariocas**, em que analisa as noções pejorativas envolvendo as regiões suburbanas. Para a autora, a maior parte desta concepção partia dos veículos da imprensa de grande circulação no Rio de Janeiro, cujas sedes, em sua maioria, ficavam localizadas nas áreas centrais da cidade, ao passo que "as publicações do Subúrbio criaram e veicularam representações tanto positivas quanto negativas sobre a área em foco, cada uma anulando a outra".[382]

A imprensa, segundo Cardoso, foi determinante para a atribuição de características pejorativas para os Subúrbios em um período no qual, curiosamente, bairros como Copacabana, Leblon e Ipanema, que, do ponto de vista geográfico, também poderiam ser considerados Subúrbios por estarem no entorno do Centro, receberam outras descrições. A pesquisadora, por sua vez, enfatiza que até a segunda década do século XX é prematuro caracterizar estes bairros como pertencentes à Zona Sul, como nos dias atuais, mas o mesmo não se aplica as áreas norte e oeste que já eram vistas como suburbanas. Segundo Cardoso: "Essas representações vieram inclusive a, além de ajudar a cimentar a valorização da Zona Sul e o processo de autossegregação das camadas de renda superiores aí, criaram enorme preconceito relativamente ao Subúrbios, seus moradores e quase tudo de que lá viesse".[383]

Por parte da imprensa suburbana, isto é, aquelas cujas sedes estavam localizadas nos Subúrbios do Rio de Janeiro, a abordagem era variada no que tange ao destaque às

[381] WOODWARD, 2014, p. 8.
[382] CARDOSO, 2014, p. 237.
[383] CARDOSO, 2014, p. 245.

características negativas e positivas, bem como dos motivos e formas para isso. Quando, por exemplo, se fazia necessário obter junto ao Estado melhorias em espaços públicos, podemos identificar uma ênfase maior nos aspectos negativos que fazem parte das realidades suburbanas, ao mesmo que o fundo do discurso traz em si o desejo de transformações semelhantes às encontradas em outras localidades da cidade. A edição do jornal *O Suburbio*, de 27 de julho de 1907, é dos exemplos que encontramos para fazermos nossas análises:

> A rua dr. Dino [Lino] Teixeira [bairro do Riachuelo], a principal do logar, está deploravelmente conservada. Cheia de buracos e sem calçamento, metamorphoseada n'um lençol de lama e pra maior divertimento dos transeuntes, uma malta de cães bravios preambulam por ahi atacando e perseguindo os transeuntes.
> É percorrida em toda a extensão por uma linha de bonds que só aparecem de 30 em 30 minutos, cujos animaes, devido ao seu estado de fraqueza, mal podem transportar os passageiros que chegam atrazados aos seus destinos. (...) Notamos que a hygiene desconhece a existência deste logar, distante 20 minutos da Estação, porque é considerável o numero de pântanos e charcos, cujas estagnadas contribuem para a insalubridade.[384]

O veículo que realizou a publicação definia-se como um porta-voz das populações suburbanas "independente, noticioso, literário e consagrado aos interesses locaes"[385], cujo um dos objetivos era proporcionar aos seus leitores "e ao publico em geral todo o conforto, todo bem estar"[386]. Para tanto, *O Suburbio* usa os espaços de suas páginas para solicitar "urgente providencias, chamamos a atenção das autoridades locaes"[387] a fim de resolver problemas de falta de infraestrutura e de saneamento básico nas regiões suburbanas, tal qual acontecia no centro da cidade, como deixa explícito em publicação do dia 7 de setembro de 1907:"O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos não é o botocudo que era há meia dúzia de anos apenas. É tempo de cuidar também dos pobres subúrbios, se não apodreceram já roídos pela gafieira, nos braços deprimentes do abandono, em que têm vegetado até agora".[388]

A ênfase nos aspectos negativos suburbanos é, portanto, reforçada como um artifício da imprensa local para chamar a atenção à urgência que há na resolução dos seus problemas. Todavia, isso faz parte da construção de identidade dos Subúrbios cariocas e se faz presente até os dias atuais. O mesmo vale para os aspectos positivos encontrados nos arrabaldes da cidade do Rio de Janeiro, como o crescimento econômico proporcionado pelo aumento da ocupação da região, em especial o comércio localizado

[384] O Suburbio, 27/07/1907, p. 1.
[385] O Suburbio, 27/07/1907, p. 1.
[386] O Suburbio, 27/07/1907, p. 1.
[387] O Suburbio, 27/07/1907, p. 1.
[388] O Suburbio, 07/09/1907, p. 1.

próximo às linhas do trem, locais também de grande atração para a construção de moradias. O jornal *Progresso Suburbano*, que se definia como um órgão noticioso, recreativo e literário que foi criado para "pugnar pelos interesses da população dos subúrbios",[389] é um bom exemplo para analisarmos esse caso. Sem deixar de lado a função na qual se colocava de dar "o grito de alarma todas as vezes que for necessário para despertar nossas autoridades e pôl-as alerta",[390] ele fez uso de outros mecanismos que não a ênfase nas características pejorativas para falar sobre os Subúrbios Cariocas:

> Procuraremos por meio de publicações tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se ao do centro comercial.
> Não trataremos de política; procuraremos deleitar nossos leitores com boas poesias, contos amenos, sciencias, literatura e diversões.[391]

O fato é que, ao analisarmos algumas de suas publicações na primeira década do século XX, podemos perceber que o foco de cobertura deste veículo são as regiões suburbanas por meio de anúncios comerciais e informações sobre eventos sociais, poesias e notícias a respeito das associações locais. Havia uma seção intitulada "A vida nos subúrbios" no qual, por sua vez, o *Progresso Suburbano* destaca sua visão sobre os Subúrbios e a forma como pretende trata-los:

> Rápido e bem rápido tem sido há anos para cá o desenvolvimento dos subúrbios. A população da zona suburbana tem crescido de uma maneira extraordinária; o commercio tem-se espalhado e desenvolvido consideravelmente levando a vida e a nimação em todo logal onde tem penetrado.
> Vê-se por toda a parte como que a vida querendo surgir forte e vigorosa; mas, ao mesmo tempo, vê-se tolhida por grandes empecilhos, verdadeiras barreiras invencíveis que não a deixam prosseguir, tudo isto devido á falta de melhoramento locaes.[392]

É possível identificar que tanto *O Subúrbio* quanto o *Progresso Suburbano* s eram veículos de imprensa que cobravam o poder público para que traga às suas regiões melhorias, ou seja, modernizações compatíveis com as que foram feitas no centro do Rio de Janeiro. Esta característica lhes é indissociável, tal qual também é o fato de isto fazer parte da construção de identidades suburbanas. Não obstante, a maneira, a forma de fazê-

[389] Progresso Suburbano, 02/03/1902, p. 1.
[390] Progresso Suburbano, 02/03/1902, p. 1.
[391] Progresso Suburbano, 02/03/1902, p. 1.
[392] Progresso Suburbano, 02/03/1902, p.1.

los é diferente, sobretudo no que tange à ênfase as realidades e potenciais locais e às expectativas de mudança.

A respeito da visão sobre as situações locais, o *Gazeta de Notícias* deixa claro como os aspectos pejorativos ajudaram na construção de imagens bastantes negativas para as regiões suburbanas. Periódico carioca fundado em 2 de agosto de 1875 para lutar pela abolição da escravatura e pela proclamação da República, o *Gazeta* teve como uma de suas principais características no início do século XX estar alinhado aos interesses e objetivos do Estado.[393] Neste sentido, não é de estranhar a forma negativa com que tratava os Subúrbios cariocas, visto como regiões em que "os malfeitores de toda casta que neste último tempo tem infestado".[394] Ao contrário desta perspectiva, mas ainda no mesmo periódico em época distinta, Lima Barreto, ao escrever sobre o bairro do Méier, destacava a pujança comercial da região que a tornava "o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos".[395]

Para o poder público, em termos geográficos, as regiões suburbanas do Rio de Janeiro compreendiam o 4º distrito da Capital Federal, regiões que, segundo o Código de Posturas, poderia não ter canalização de esgoto.

> Art. 17. Nos subúrbios, onde não existir canalização de esgoto, haverá sempre nos terrenos, distante pelo menos seis metros de qualquer casa habitada, dous semidouros ou fossas, sendo um para aguas servidas e outro para materiais fecaes, para onde serão canalisadas as mesmas aguas, e materiais dos prédios nos mesmos terrenos construídos. Estes semidouros serão sempre divididos em dois tanques pelo menos, sendo suas paredes cimentadas, e o fundo de terra permeável com a profundidade de quatro metros mínimo.[396]

A falta de saneamento permitida no ordenamento jurídico brasileiro para a sua Capital era sentida pelos habitantes dos Subúrbios cariocas, como vimos acima na Rua Dr. Dino Teixeira, no bairro do Riachuelo. Ainda que o Código de Posturas exigisse

[393] LEAL, Carlos Eduardo. Verbete: Gazeta de Notícias. Rio de Janeiro, FGV. Disponível em: http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias. Acessado em 09/06/2022, às 6h54min.
[394] Gazeta de Notícias, 14/12/1905, p. 4.
[395] Gazeta de Notícias, 06/10/1921,p. 3.
[396] Código de Posturas: Leis, decretos, editaes e resoluções da intendência municipal do districto federal: compilação feita por ordem da prefeitura. Rio de Janeiro: Typ. Mont'alverne, 1894, p. 354

padrões para contornar a situação, não eram incomuns encontrarmos pelas regiões suburbanas locais em que os padrões de higiene exigidos para outras localidades se faziam desconhecidos, ou seja, o cotidiano local indicava situações nas quais os projetos higienistas do Brasil não iriam sair como o planejado; o desenvolvimento do futebol nos Subúrbios é mais um exemplo disso.

4.2. O Futebol nos Subúrbios Cariocas

O futebol não chegou ao Rio de Janeiro para ser jogado entre as camadas pobres. Ele foi inserido na capital federal como um dos diversos instrumentos modernos que eram importados da Europa e, inicialmente, era direcionado para a parte da sociedade que se identificava com o continente europeu: homens brancos e letrados que podiam se dedicar aos esportes devido a sua paixão por tais atividades. Não obstante, ele rapidamente se tornou um objeto de disputa entre as classes sociais, já que foi apropriado por diversos indivíduos, diferente do que aconteceu com outras práticas esportivas.

Por ter características diversas de outros esportes da época, como o remo e o turfe, o futebol se inseriu mais facilmente nos hábitos das camadas médias e pobres, parcela considerável na composição socioeconômica da população que ocupava os subúrbios cariocas, como indicaram Abreu (2010) e Fabretti (2013) ao estudarem o processo de ocupação dessas regiões. Comparando o futebol com outras modalidades esportivas é possível perceber que "sua principal diferença era a possibilidade cotidiana de sua prática. O futebol proporcionava ao torcedor a reprodução do jogo em qualquer espaço e momento".[397]

Um dos motivos que nos ajudam a compreender este processo está ligado à questão econômica. Um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição de adquirir uma bola de futebol, já que, segundo o *Jornal do Brasil,* se estima que este instrumento estivesse custando em torno de "cinco, seis mil réis cada uma".[398] E, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar "a tal porqueira com tudo quanto

[397] COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e Produção Cultural no Brasil: A Construção de um Espaço Popular in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006, p.239.
[398] Jornal do Brasil, 09/08/1905, p. 2.

apanham que é redondo",[399] inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês – o que reforça o caráter substituível dos instrumentos necessários para jogar futebol. Enquanto o salário de um estafeta ou de um empregado do Jardim Botânico estava na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente, a aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava uma única vez entre 6% a 8% do orçamento desses trabalhadores.[400]

Não obstante, a questão financeira não foi a única que permitiu ao futebol se inserir mais fácil fora do grupo dos mais abastados. Na febre esportiva que incidia sobre a capital federal no início do século XX, não faltaram opções do gênero para quem estivesse disposto a praticá-las. O futebol, por sua vez, não exigia um local específico para ser jogado, ao contrário do remo, que precisava inegavelmente de espaços aquáticos. Dessa forma, não foram poucos os jogos que ocorreram nas ruas ou em terrenos baldios, como relatou Synesio Passos ao Gil Blas sobre uma das impressões do seu cotidiano: "Em frente a minha casa há um pequeno espaço de terreno sem construção e mais ou menos plano, ao qual creanças deram o destino que tem hoje, nos perímetros urbanos, qualquer terreno assim baldio – é campo de foot-ball".[401] E assim o futebol chegou aos Subúrbios do Rio de Janeiro, superando barreiras econômicas, sociais, geográficas e culturais.

Não temos, como já apontamos anteriormente, o registro de um Pai-Fundador para o futebol suburbano, tampouco podemos encontrar uma origem consensual no que tange à sua prática, mas isso não nos impede de encontrarmos registros sobre as práticas futebolísticas desde o início do século XX. No que tange à criação de clubes nos Subúrbios voltados ao esporte bretão, temos o Football & Athletic Club, fundado em 1903 por moradores do Andaraí e que foi um dos incentivadores da criação da Liga Metropolitana de Futebol.[402] Mudando de nome para Associação Athletica Internacional, ele não era o único clube esportivo da região.

A criação de clubes voltados para a prática futebolística é um bom indicador da difusão desse esporte, os quais, quando tendo seu nascimento destacados pela imprensa,

[399] Jornal do Brasil, 09/08/1905, p. 2.
[400] SOUZA, 2015, p. 54.
[401] Gil-Blas, 02/09/1920, p. 11.
[402] ASSAF, Roberto e MARTINS, Clovis. História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010, p. 19.

recebiam também elogios aos fundadores. A fundação do Athletic Mangueira Club, por exemplo, foi mencionada no *Gazeta de Noticias* com formação "por grande número de rapazes fortes e conhecedores deste salutar sport".[403] Não era incomum a divulgação em jornais da época sobre a fundação de clubes esportivos. Neste fato divulgado, por exemplo, podemos ver uma dessas situações. Este periódico foi um dos principais do Rio de Janeiro, e chegou às ruas cariocas ainda durante o período imperial, em 2 de agosto de 1875, trazendo aos seus leitores notícias sobre artes, modas, literaturas, teatro e acontecimentos notáveis.[404] Vendido a quarenta réis, como afirma Nelson Sodré, ele provocou uma verdadeira revolução por ser um periódico popular e barato.[405] Além disso, expandiu seu raio de atuação com o passar do tempo. No início do século XX, os folhetins deram lugar às reportagens, os artigos políticos, às entrevistas, e começou a ganhar espaço temas até então considerados secundários, como o esporte– com destaque especial ao futebol.[406]

Já o surgimento do Athletic Mangueira Club deve-se ao grande número de adeptos do esporte bretão na região, os quais, caracterizados como detentores do saber deste jogo, se juntam para fundar uma agremiação que permite o exercício dessa prática. Além disso, a nota em si nos permite perceber que era comum a criação de um clube de futebol.[407] Importante destacar que na região da Mangueira, o Athletic não era a única associação do gênero, haja vista a existência na região do Sport Club Mangueira, fundado por operários da fábrica Chapéus Mangueira e que também se dedicava às atividades esportivas, dentre as quais se encaixa o futebol. Este, por sua vez, também incentivava a prática do críquete entre seus sócios com a expectativa, na visão do *Gazeta de Notícias*, de gerar o interesse cada vez maior de outros adeptos.[408]

O primeiro campeão da segunda divisão da Liga Metropolitana de 1906 também era um dos incentivadores do futebol suburbano, sendo, inclusive, apontado como um dos iniciadores da Liga Suburbana que viria a ser criada em 1907. Buscando interagir com

[403] Gazeta de Notícias, 13/04/1907, p. 3.
[404] Gazeta de Notícias, 02/08/1875, p. 1.
[405] SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1966, p. 257
[406] http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias. Acessado em 24/01/2018, às 11h43min.
[407] Gazeta de Notícias, 22/05/1907, p.4.
[408] Gazeta de Notícias, 22/05/1907, p.4

equipes de diversas regiões, o Riachuelo figurava como um dos principais desenvolvedores da prática e costumava fazer partidas amistosas contra times como o Botafogo, por exemplo:

> Bateram-se em forte peleja os primeiros teams do Riachuelo e Botafogo. Ambos valentes, um é o vencedor do premio Gazeta de Notícias e outro o detentor da Caxambu Coup. Graças ao entrainement e a fortaleza que existem actualemnte no primeiro team do Riachuelo, o Botafogo perdeu por cinco goals. Ninguem esperava semelhante resultado. Ao começar o jogo, no lado do Riachuelo notava-se grande receio e algum acanhamento. Conhecedores, no entanto, como são do campo, levaram grande vantagem sobre o adversário.[409]

O rendimento apresentado dentro de campo pelo time do Riachuelo é elogiado pelo *Gazeta de Notícias*, o que nos permite identificar no time suburbano um domínio das técnicas futebolísticas. Ao mesmo tempo, o Riachuelo é uma sociedade importante para refletirmos sobre o quadro social dos *sportsmen* que praticavam o futebol nos Subúrbios do Rio de Janeiro nos primórdios. Como já dissemos acima, membros da família Joppert, que fundou o clube, atuavam no alto comércio e possuíam ligações com o time do Botafogo, o que pode ser um fator que permitiu a realização do amistoso. Este quadro social, por si só, já nos mostra a complexidade que temos ao analisar as regiões suburbanas do Rio de Janeiro, mesmo sobre o prisma do futebol, já que não é uma área exclusiva de participação de homens e mulheres de menor poder aquisitivo.

Processo parecido encontramos com o time do Andarahy. Fundado em 09 de novembro 1909 com o nome de Andarahy Athletico Club, esta instituição tinha como objetivo "promover e facilitar o desenvolvimento physico de seus associados por meio dos sports atléticos em geral, e em particular, pela prática do futebol".[410] Ligado à Fábrica Cruzeiro, este clube possuía uma relação próxima com os administradores da empresa, tanto que a construção do seu campo se deveu em grande parte à iniciativa destes gestores. Não obstante, a relação do Andarahy com a Fábrica Cruzeiro não era a mesma que outros clubes ligados à indústria possuíam, como acontecia com o Bangu Athletic Club. Como destaca Santos Junior, "Embora seu quadro de sócios fosse formado pelo administrador

[409] Gazeta de Notícias, 21/04/1907, p.3.
[410] Gazeta de Notícias, 21/04/1907, p.3.

e pelos dirigentes da Fábrica, seus estatutos não expressavam formalmente qualquer ação em que a empresa fizesse valer, dentro do grêmio, seus próprios interesses".[411] Isso, no entanto, não significava um distanciamento do clube da empresa. Mantinha-se um elo que, por exemplo, facilitava o alcance de recursos financeiros, quando necessários, o que permitiu a Santos Junior considerá-lo um clube da fábrica.

A construção do campo do Andarahy foi um bom exemplo disso. Os custos não poderiam ser financiados somente pelo clube e contou com aportes da empresa. Uma vez erguida, a estrutura passou por reformas, mas já na década de 1920 o seu aluguel era considerado uma importante fonte de renda para o clube suburbano. Em 1922, o Andarahy Athletico Club fazia questão de cobrar pela utilização do espaço.

> Illmo. Sr. Presidente do America Fabril Foot-ball Club. Presente, Em resposta ao officio de V.S. Cumpre-me informar que a Directoria deste Club resolveu cobrar a importância de Rs. 50$000 (cinquenta mil réis) por cada jogo no presente campeonato desse grêmio. Aproveito a oportunidade para fazer sentir a V.S., que por motivos financeiros, exclusivamente, foram a razão que determinamos a Directoria a estipular a taxa supra. Sem mais, sou com estima e subida consideração. (Ass.) Mario C. Bacellar 1º Secretario.[412]

A celeuma se dá pela mudança de postura do Andarahy em relação à cessão de seu campo a associação dos operários da Companhia America Fabril. Segundo Mário Filho , a cobrança da taxa surpreende a associação, pois, anteriormente, tal processo ocorria de forma gratuita.[413] Sendo o America Fabril composto por associados do Andarahy, tal cobrança, na visão do periódico *O Exemplo*, cuja finalidade era tratar exclusivamente dos assuntos da associação dos operários da Companhia America Fabril, é injusta.[414] Não obstante, àquela altura as relações entre instituições esportivas alcançavam outro nível, diferente do que se observava no período de criação da Liga Suburbana.

---

[411] SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Um "clube da fábrica" e um "clube de fábrica": o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – v.12, n.2, 2013, p.113.
[412] O Exemplo: Órgão da Associação dos Operadores da America Fabril, 17 de junho de 1922, p. 05.
[413] FILHO, 2003, p. 91.
[414] SANTOS JUNIOR, 2012, p. 57.

4.3. A Liga Suburbana de Football

> "Nos subúrbios os matchs de domingo. Adiantam-se bastante nos subúrbios o enthusiasmo e animação pelos jogos athleticos. Já se fala numa liga suburbana e a rapaziada não pensa noutra cousa. Domingo ultimo foram disputados vários matchs".[415]

Chamada de Liga Suburbana de Futebol, a primeira competição de grande porte que temos registros de ter acontecido nos Subúrbios cariocas foi uma consequência do desenvolvimento deste esporte nas regiões suburbanas, como podemos verificar pelo surgimento de diversas entidades esportistas. Seu início foi em 1907 e congregou para a sua edição inaugural "sociedades congêneres, não filiadas à Liga dos Sports Athleticos [novo nome da Liga Metropolitana de Futebol]"[416]. Essas, importante destacar, não eram exceção no universo futebolístico do Rio de Janeiro, pois havia "cerca de doze a quinze clubs fora da Liga Metropolitana, alguns dos quaes bem florescentes e reunindo bons elementos para a disputa de uma prova de honra"[417] e cujas algumas falaremos mais à frente.

Dessa forma, o surgimento da Liga Suburbana não se configurou como um caso atípico ou extraordinário dentro do futebol carioca, mas sim um exemplo de seu desenvolvimento por diversas regiões e não restrito àquelas em que jogavam os homens de maior poder aquisitivo ou melhor *status* social. A Liga Suburbana de Futebol começou em 05 de maio de 1907 e contou com a participação dos seguintes clubes: Riachuelo Football Club, Sport Club Mangueira, Nacional Football Club, Pedregulho Football Club e Sampaio Football Club. O torneio foi disputado apenas na primeira divisão, mas contou com a sua separação entre os primeiros e os segundos times das equipes associadas, uma vez que na época não havia substituição e era possível separar os jogadores entre os que chamamos de "principais" e de "reservas".

No primeiro quadro, o título ficou com o Riachuelo, que já havia, no ano anterior, conquistado a Segunda Divisão da Liga Metropolitana, mas o segundo quadro não foi decidido dentro de campo, pois o Riachuelo contestou a vitória do Mangueira sob a acusação de o clube ter utilizado jogadores que atuavam em outras competições cariocas.

[415] Gazeta de Notícias, 28/03/1907, pág. 04.
[416] O Paiz, 21/03/1907, pág. 04.
[417] O Paiz, 15/03/1907, pág. 04.

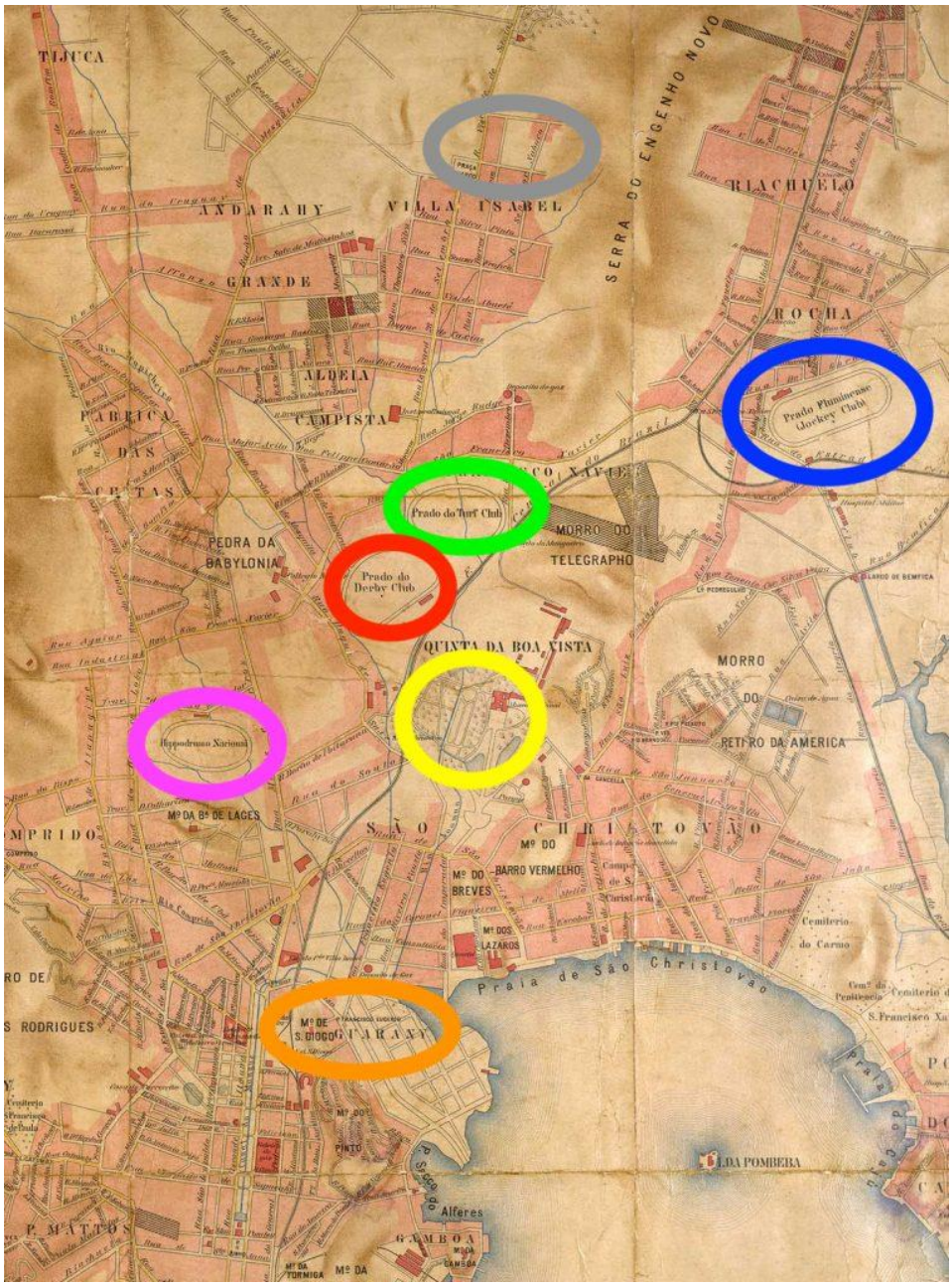
[418]O acirramento da rivalidade entre os clubes suburbanos já é um sinal da inserção do futebol nas regiões dos Subúrbios cariocas, ganhando força devido à construção de identidade que estas associações vão criando interna (em suas ruas e bairros) e externamente (perante outros bairros e cidades). A própria denominação das equipes já traz consigo estes signos, por assim dizer.

O Riachuelo Football Club havia sido fundado no dia 19 de outubro de 1905 pela família Joppert. Logo em seu segundo ano de existência (1906) fez parte da Liga Metropolitana de Futebol (que hoje chamamos de Campeonato Carioca), mas jogando a 2ª divisão. Vencedor daquela edição, se credenciou para disputar a partida de acesso contra o último colocado da seção principal, o Football and Athletic Club, mas foi derrotado por 5 a 2 e, pelo regulamento da época, deveria seguir na divisão de acesso pela temporada seguinte (1907). Sem o desejo de seguir nesta disputa, o clube foi um dos líderes da Liga Suburbana, isto é, uma nova competição na qual faria parte do grupo principal, como forma de demonstrar sua força no Rio de Janeiro, a qual estava associada ao bairro do qual fazia parte e cujo nome era o mesmo da agremiação.

O Sport Club Mangueira foi outra instituição importante para a nossa análise, pois, assim como o Riachuelo, trouxe consigo o nome do bairro ao que pertencia e se identificava. Sua fundação ocorreu em 29 de julho de 1906, no antigo campo do Turf Club e já no segundo ano de sua existência fez parte da Liga Suburbana de Futebol.[419] O bairro da Mangueira, além de contar com o S.C. Mangueira, também contava com o Athletic Club Mangueira, o que nos indica ser uma área pujante em termos esportivos nos Subúrbios Cariocas. E assim o foi.

As corridas de cavalo, mais conhecidas como Turfe, se fizeram presentes por ali bem antes. O esporte foi praticado no Brasil desde o século XIX e apesar do destaque que teve o Jockey Club, localizado no bairro da Gávea, na Zona Sul, ao longo desse processo, a Zona Norte do Rio de Janeiro, isto é, regiões suburbanas também receberam locais para a prática deste esporte, como podemos identificar no mapa abaixo:

[418] Correio da Manhã, em 06/10/1907, p.8.
[419] A Imprensa, 30/07/1909, p. 5.



Jockey Club (1 – azul), Clube de Vila Isabel (2- cinza), Turf Club (3 – verde), Derby Club (4 – vermelho), Hipódromo Nacional (5 – lilás), Prado Guarany (6 – laranja), Quinta da Boa Vista (7 – amarelo – apenas para referência). Fonte: Biblioteca Nacional

O campo do Turf Club, local de fundação do S.C. Mangueira, ficava próximo à estação de trem de São Francisco Xavier, perto de outros hipódromos e do bairro do Riachuelo, mostrando as interconexões existentes nos bairros suburbanos em torno das práticas esportivas que vão além do futebol e serão analisadas mais à frente. Todavia, já nesse primeiro momento, podemos compreender as razões para a existência de mais de

um clube esportivo no bairro da Mangueira, haja vista as diversas identidades ali presentes em torno do campo esportivo e que também se manifestaram nas rivalidades então construídas, como entre o Club Sport Mangueira e o Riachuelo Football Club a respeito do título de campeão dos 2º *teams* da Liga Suburbana de Futebol de 1907.

A discussão ganhou espaço em alguns jornais do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, e apesar de o reclamante (Riachuelo) propor um jogo desempate para resolver o embate, o Mangueira, em carta publicada, não só negou a acusação como um novo confronto, considerando "injusta clamorosa que lhe é feita, e muito menos a imposição de um desempate, pois é impossível haver desempate, onde não há empate"[420]. Sem solução, o S.C. Mangueira ameaçou deixar a Liga Suburbana, algo que assustou seus organizadores, ao ponto de lhe oferecerem o título dos segundos quadros, mas que não fez o clube mudar de ideia.

Em 1908, a Liga Suburbana de Futebol deu sequência aos seus jogos sem a participação dos dois vencedores do ano anterior, pois, além do Mangueira, o Riachuelo também a deixou. Os motivos para esta decisão, entretanto, estavam longe de ser um possível desinteresse de seus associados pelo futebol ou mesmo para as práticas esportivas. A realidade do clube dos irmãos Joppert, por exemplo, era bem distinta disso, de acordo com *O Paiz*:

> Vão muito adiantados os trabalhos da construcção do ground deste club. O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento [...].
> Agora mesmo, no intuito de trenar os associados, visto como desligou-se da Liga Suburbana, este clube acaba de instituir o Campeonato Jupyra que será disputado anualmente somente pelos teams compostos de seus associados.
> Bravo ao Riachuelo![421]

O exemplo do Riachuelo não é um caso isolado nas regiões suburbanas do Rio de Janeiro. A construção de um campo próprio era uma necessidade esportiva, econômica e social para os clubes e seus associados. No que tange ao aspecto do esporte, por assim dizer, há o fato de possuir um campo para mandar seus jogos e praticar seus treinos, sendo

[420] Correio da Manhã, 06/10/1907, pág. 08.
[421] O Paiz, 24/05/1908, pág. 08.

este um fator importante a fim de dar aos jogadores conhecimentos a mais sobre a relva em que vão atuar. A respeito do fator econômico, ainda que não se configurasse uma prática explícita no período do amadorismo no futebol carioca, havia a cobrança de valores para ceder o lugar a outros clubes e, principalmente, os valores arrecadados com a venda de bilhete eram uma das mais importantes formas de financiamento das entidades esportivas neste período. Por fim, mas não menos importante, temos o aspecto social que, segundo Gilmar Mascarenhas, permitiu a construção de espaços esportivos para atender aos interesses das elites locais:

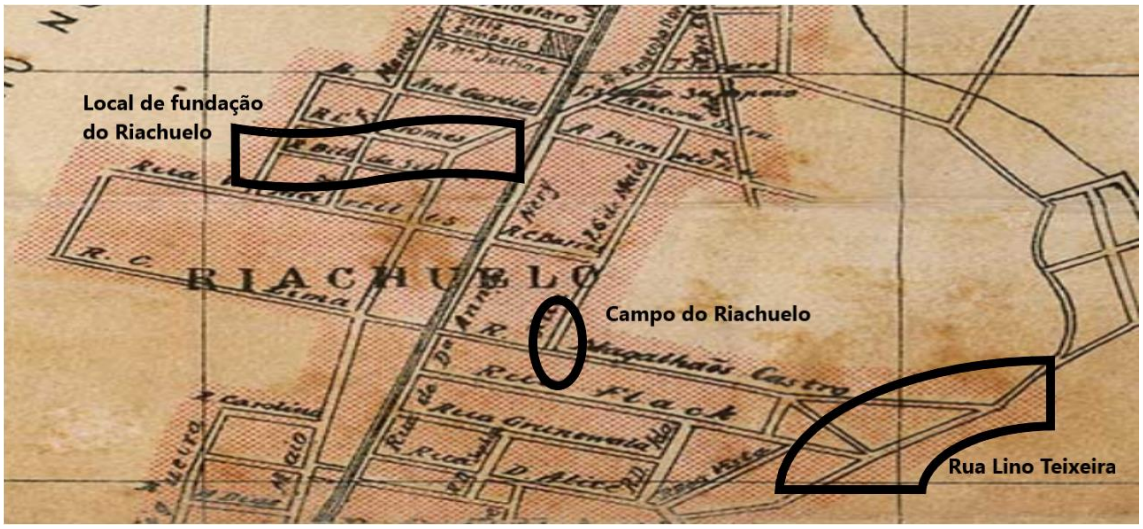
> Nesse sentido, nossos primeiros estádios eram destinados exclusivamente às elites. Sua geografia é inequívoca: localizados nos bairros mais nobres, e como equipamentos de pequeno porte (geralmente uma única estrutura edificada que sequer cobria toda a extensão de um dos quatro lados), apresentavam uma arquitetura mais assemelhada a um confortável teatro, porém, a céu aberto.[422]

Mesmo localizado próximo à estação de trem do Riachuelo, local, como mostramos anteriormente, que tinha ao seu redor regiões com problemas causados pela falta de saneamento básico, não podemos deixar de enfatizar que a localidade era uma das mais disputadas entre as regiões suburbanas devido à proximidade com o transporte sobre trilhos. Segundo Fernandes, um dos traços que permitiu a caracterização dos Subúrbios Cariocas foi a sua relação com bairros ferroviários, ainda que, como aponta Maurício de Abreu, este processo de expansão dos meios de transporte separou a cidade - a *urb* da *suburb*, sendo aquela caracterizada por ter bondes elétricos e essa pelos trens.[423]

Não obstante a estes apontamentos, a ocupação suburbana na virada do século XIX para o XX foi bastante diversa, de modo que a proximidade entre casas mais luxuosas, habitações simples, comércio, linha do trem e campo de futebol era evidente, como podemos perceber pelo exemplo do Riachuelo. Fundado na Rua Diamantina, casa de Carlos Joppert, o clube fez seu campo perto da estação de trem do bairro, entre as ruas

[422] MASCARENHAS, Gilmar. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014, p. 107.
[423] ABREU, Maurício de A. O Rio de Janeiro no século XIX: da cidade colonial à cidade capitalista. In: Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPP, 2013 e FERNANDES, 2017

Conselheiro Castro e Vinte e Seis de Maio, perto do logradouro Lino Teixeira, criticada pela falta de higiene, como podemos ver no mapa abaixo:



424

Ao estudar de forma aprofundada o bairro do Engenho de Dentro, subúrbio do Rio de Janeiro, Serfaty destaca a relação de seus moradores com a região, na qual alguns possuíam locais tanto de moradia como de sustento, enquanto outros poderiam apenas residir e também aqueles que apenas lucravam com o lugar:

> Acompanhando o crescimento de construções no Engenho de Dentro entre os anos de 1876 e 1904, podemos assim afirmar que os proprietários que investiam seus capitais na compra de terrenos e imóveis o faziam com objetivos diversos – que iam desde a proposta de edificar a própria moradia até a intenção de reverter o investimento numa renda mensal através de diversas modalidades de aluguel de imóveis, sejam casas, quartos, lojas ou avenidas. [425]

No caso do Riachuelo, em especial, a família Joppert, cujos membros frequentavam eventos sociais junto à elite carioca, participavam de forma ativa da política carioca e retiravam suas rendas de atividades comerciais, isso também se aplicava. A

[424] http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170649/cart170649.jpg. Acessado em 16/06/2022, às 10h06min.
[425] SERFATY, Elaina Reioli Cirilo. Pelo trem dos subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906). Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2017.

Revista da Semana, periódico de variedades e que se destacou por ser a pioneira no Brasil ao utilizar novos processos fotoquímicos,[426] dedicou parte de uma de suas edições para falar sobre o bairro do Riachuelo, em 1909, apresentando-o, segundo a *Revista da Semana*, como um bairro "que se recomenda pelo seu adiantamento, o que lhe dá foros de aristocrático"[427]. Aproximadamente 10 mil pessoas viviam por ali e conviviam com alguns problemas, como a falta de calçamento em ruas recém-criadas, falta de saneamento em algumas áreas e falta de policiamento dada à amplitude física.

Dentro desse cenário, a Rua Diamantina, por exemplo, na qual foi fundado o Riachuelo F.C., é apontada como um logradouro dos mais salubres do bairro, mas desprovida de calçamento. O futebol também não passa incólume ao texto de a *Revista da Semana*, sendo destacado o seguinte:

> Tem um centro sportivo, onde o "foot-ball" é enthusiasticamente cultivado e em cujo "ground" se reúnem na estação respectiva as principaes famílias da localidade, que vão levar os seus aplausos á mocidade que se exercita e que lhe proporciona horas de inteira satisfação nos arriscados lances do vulgarizado e estimado "sport".[428]

O centro esportivo ao qual a matéria se refere é o campo do Riachuelo F.C. que, àquela época, não fazia mais parte da Liga Suburbana de Futebol, mas ainda desenvolvia de forma ativa suas atividades junto aos seus sócios. Assim como ele, muitos clubes não faziam parte da Liga Suburbana e nem por isso tinha restringido o seu desenvolvimento esportivo. O Centro Sportivo do Engenho Velho, por exemplo, é um caso que demonstra isso em 1907, mesmo ano em que teve início a principal competição dos subúrbios:

> Dia a dia mais se desenvolve no espírito da mocidade o gosto pelos sports que tanto têm concorrido para a resistência physica e admirável robustez intelectual dos ingleses e americanos do norte. [...]
> No ex-Oriente Athletic Club e hoje Centro Sportivo do Engenho Velho, encontrarão as família do bairro Engenho Velho um centro de diversão e de desenvolvimento physico perfeito e completo para as crianças,

[426] https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-da-bn-20-de-maio-de-1900-lancamento-do-periodico-revista-da-semana/. Acessado em 28/06/2022, às 07h27min.
[427] Revista da Semana, 21/03/1909, p. 05.
[428] Revista da Semana, 21/03/1909, p. 06.

> rapazes e senhoritas desde que sejam estabelecidos todos jogos ao ar livre de que cogitam os estatutos hontem aprovados.[429]

Os subúrbios do Rio de Janeiro, a despeito da organização de grandes competições, conheciam um grande desenvolvimento esportivo já na primeira década do século XX, até porque algumas de suas equipes buscavam espaço em competições que eram disputadas por instituições para além das existentes nas regiões suburbanas. Em 1907 o S.C. Mangueira disputou e rompeu com a Liga Suburbana de Futebol e 1908 organizou apenas torneios entre os seus sócios e, naquele mesmo ano, já estava filiado à Liga Metropolitana de Sports Athleticos para disputar as suas divisões inferiores, como também aconteceu com o Riachuelo.

Esta realidade nos ajuda a entender o enfraquecimento na cobertura por parte da imprensa da própria Liga Suburbana de Futebol nos anos subsequentes a sua inauguração, ao passo que também evidenciam a ativa vida esportiva dos Subúrbios do Rio de Janeiro. Os principais jornais da cidade em termos quantitativos de circulação, como *Gazeta de Notícias*, o *Paiz, Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã* traziam poucas informações sobre o andamento e até mesmo a existência da competição, ao passo que a impressa nos Subúrbios, por sua vez, se mostrava com poucos registros disponíveis para que possamos conhecer alguns acontecimentos deste período. Desta forma, ainda que tenhamos algumas informações sobre ações da Liga Suburbana em 1908 e 1909, foi somente em 1912 que encontramos fontes mais contundentes que apontam para a tentativa de sua (re)organização.

Naquele mesmo ano, ocorreu em 3 de novembro a criação do Engenho de Dentro Football Club (a partir de 1916 passou a se chamar Engenho de Dentro Athletico Club), como um os símbolos do desenvolvimento futebolístico na região. O bairro de sua criação era o mesmo que dava nome à agremiação e era considerado um dos principais das regiões suburbanas do Rio de Janeiro. Historicamente, ele, juntamente com Cascadura, Cupetino, Piedade, Encantado, Pilares, Praia Pequena fez parte da região do Inhaúma, antes de cada um se tornar um bairro próprio.[430] A partir do final do século XIX, mas sobretudo no início dos anos 1900, a região passou a ser ocupada por vários operários que buscam

[429] Jornal do Brasil, 28/07/1907, p. 10.
[430] SANTOS, 1996, p. 17-18

emprego na oficina de trem ali existente, bem como em outros empreendimentos fabris que, de acordo com o Código de Posturas Municipais de 1890, estavam proibidos de funcionarem nas regiões centrais da cidade.

> No Engenho de Dentro, além das oficinas da Estrada, que empregava centenas de operários em seu complexo, havia também a fábrica de Companhia de Curtumes São Lázaro que iniciou suas atividades no Engenho de Dentro em 1899. Em 1890, os moradores do Engenho de Dentro se queixavam da fumaceira que invadia suas casas, vindas das chaminés das inúmeras fábricas de fumo instaladas na localidade, indicando também a presença de tais fábricas. Além dessas, encontramos anúncios de uma Olaria de Tijolos e telha, de propriedade de José Domingues, em 1891 e que funcionava há uma década na localidade. Domingos José Ferreira, tinha uma Fábrica de café moído, na rua Engenho de Dentro, segundo lista de fábricas do Almanak Laemmert. Além de anúncios em 1890, procurando "moços" e "operárias do sexo feminino" e torneios para trabalharem na Fábrica de Fósforos Brasileiros.[431]

Tais empreendimentos tornaram-se viáveis após a instalação do transporte ferroviário ligando o Engenho de Dentro ao Centro do Rio de Janeiro. Com isso, não só as mercadorias poderiam ser deslocadas de um espaço para outro, como também pessoas podiam fazer este trajeto, devido ao preço acessível dos bilhetes. Em 11 de maio de 1871, foi inaugurada a Estação de Trem de Engenho de Dentro, em torno da qual, segundo Lima Barreto, em sua crônica *A Estação*: "Se aglomeram as principais casas de comércio do respectivo subúrbio. Nas suas proximidades, abrem-se os armazéns de comestíveis mais sortidos, os armarinhos, as farmácias, os açougues e – é preciso não esquecer – a característica e inolvidável quitanda".[432]

No século XX, a demanda em torno dos trens era diversa, de tal forma que a cobrança sobre seus serviços também se dava de maneira diferenciada. Em 1906, nos "trens dos subúrbios, o bilhete de 1ª classe custava $300 e o de 2ª, $200; nos trens do Ramal de Santa Cruz pagava-se $700 na 1ª classe e $400, na 2ª; por fim, nos trens das demais linhas os valores eram de 1$200 para a 1ª classe e $700, para a 2ª".[433]

---

[431] SERFATY, 2017, p. 61-62.
[432] Lima Barreto. "A estação". Beatriz Resende (org.). *Lima Barreto. Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2005, p. 21
[433] MIYASAKA, 2011, p. 40

Já no ano seguinte:

> Em 1907, de acordo com informações encontradas no livro Memória Histórica da Estrada de Ferro Central do Brasil, a passagem de ida e volta, na 2ª classe de "trens do subúrbio", era de $300. Desse modo, o valor mensal gasto com transporte caía para 7$800. Segundo dados da estatística industrial, desse mesmo ano, o salário mínimo diário de homens e mulheres que trabalhavam em fábricas de tecido de algodão, era de 3$400 e 2$500, respectivamente. Isso significa que a despesa com transporte correspondia a 8,8% e 12% de seus rendimentos diários.[434]

Assim, podemos ver que os valores cobrados para utilizar os transportes ferroviários não eram, em um primeiro momento, fatores de repulsão aos grupos proletários, os quais, aliás, engrossaram o perfil socioeconômico das regiões suburbanas. Miyasaka (2011), por exemplo, nos apresenta que em 1906 (no final da gestão de Pereira Passos à frente da prefeitura do Rio de Janeiro) a região de Inhaúma (dentro da qual estava o Engenho de Dentro) tem um total de 81% de sua população economicamente ativa. São aproximadamente 30 mil trabalhadores existentes naquela localidade.[435]

Dessa forma, foi nessas regiões suburbanas que a sua primeira grande competição futebolística dos Subúrbios ressurgiu em 1916 por iniciativa do periódico *Gazeta Suburbana*, que intensificou os preparativos para efetivar o que antes estava apenas no campo das tentativas: a volta da Liga Suburbana de Futebol. Outro periódico, *A Notícia*, noticiou:

> Amanhã, ao meio-dia, na redacção da Gazeta Suburbana, no Engenho de Dentro, effectua-se mais uma reunião dos foot-ballers suburbanos.
> Nesta reunião ficarão estabelecidas definitivamente as bases e as condições do torneio para a disputa da taça, instituída por aquele semanário. Serão, outrossim, discutidas as bases geraes para a fundação da "Liga Suburbana de Foot-Ball", de accordo com os desejos manifestados em reuniões anteriores.
> Não tendo sido enviados convites especiaes, os promotores deste movimento em prol do sport nos subúrbios podem o comparecimento das directorias que estiveram presentes na ultima reunião e das directorias dos demais clubs suburbanos de foot-ball.[436]

[434] MIYASAKA, 2011, p. 40
[435] MIYASAKA, 2011, p. 55
[436] A Notícia, 30/04/1916, pág. 06.

A informação acima nos apresenta dois aspectos importantes para pensarmos as regiões suburbanas. O primeiro deles está ligado ao apoio de um importante órgão de imprensa local para as práticas esportivas: a *Gazeta Suburbana*, que circulou no início da década de 1910 até pelo menos o ano de 1920, e se definia como um seminário crítico, literário e dedicado aos interesses da zona suburbana. Instalado em bairros dos subúrbios, como o de Todos os Santos (Rua José Bonifácio, nº 52), Méier (Rua Lia Barbosa, nº 13) e o Engenho Dentro (Rua Dr. Bulhões, nº 11), se colocava geograficamente perto dos acontecimentos sobre os quais se propunha a noticiar, pois tinha como objetivo "trabalhar pelos subúrbios"[437]. Segundo Santos Junior e Melo,

> Nos esportes, notadamente no futebol, alguns desses periódicos enxergavam um importante objeto para a construção de elos de sociabilidade, além do atrativo de interesse do potencial público comprador. Por isso, com regularidade noticiavam os resultados dos jogos dos campeonatos e a programação dos clubes locais, principalmente daqueles que disputavam a Liga Suburbana[438].

Como apresentam os autores havia um interesse comercial por trás do apoio da imprensa dos subúrbios ao desenvolvimento esportivo e isto nos ajuda a trabalhar o segundo ponto que nos chamou a atenção acima: a possibilidade de qualquer clube suburbano participar das reuniões de (re)criação da Liga Suburbana de Futebol. Em 1907, ano de criação da entidade, houve uma restrição logo em sua largada, pois o Mangueira Football Club liderou as ações para a reunião de fundação da Liga, mas limitou o convite inicialmente a algumas poucas instituições. Em 1916, entretanto, o que se observa é uma ampliação neste diálogo, sem que, necessariamente, possamos afirmar que toda e qualquer entidade poderia participar, isto é, não estamos falando de uma democratização de acesso ao futebol organizado.

A Liga Suburbana de Futebol, a partir de 1916, também estabelecia regras para diferenciar os seus participantes, como, por exemplo, pedia aos clubes interessados em se associar "uma relação de seus sócios e jogadores, com indicação de residência, profissão

[437] Gazeta Suburbana, 08/09/1910, pág. 01.
[438] SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge e MELO, Victor Andrade de. "Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos": posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920). Porto Alegre, v. 20, n. 01, jan/mar de 2014, pág. 195.

e local em que a exercem, dos que forem diretores".[439] Tal exigência era acompanhada de outras como o "pagamento da taxa de filiação de 30$000, sendo que esta taxa será restituída ao club que não for aceito"[440], ou seja, ainda que a entidade se mostrasse aberta a ter novos associados, estes precisam se encaixar dentro do perfil almejado por seus líderes.

Tais restrições, no entanto, estiveram longe de impedir o crescimento da competição e dos esportes nos subúrbios. Nos anos 1916, 1917 e 1918, o Engenho de Dentro A. C. se consolidou como o tricampeão da Liga Suburbana de Futebol e ganhou o apelido de Fantasmas Azuis, em alusão às cores de seu uniforme. No ano de 1919, o Bomsucesso Football Club ficou com o título principal, em uma temporada de inflexão para a competição futebolística dos subúrbios. Ao mesmo tempo, havia outras ligas semelhantes, abrindo novos campos para a prática do jogo,[441] como podemos perceber com a criação da Associação Athletica Suburbana.

4.4. As Ligas Suburbanas

A Associação Athletica Suburbana foi criada em 27 de maio de 1915 por uma iniciativa do Metropolitano Football Club, tendo sua sede no bairro suburbano de Cascadura (Estrada Real, nº 2099).[442] Inicialmente, ela se mostrou aberta à participação de diversos clubes, mas não a todos, pois recusou "o pedido de filiação do Engenho de Dentro Football Club", por motivos que não foram publicados.[443] Equipes como o Patria Football Club, do Engenho Leal, e o Modesto Football Club, de Quintino, também participaram de sua edição inaugural que contou apenas com uma divisão, mas fracionada entre os primeiro, segundo e terceiros quadros conquistados, respectivamente, pelo Metropolitano, Fidalgos F.C, de Madureira, e Opposição F.C, de Piedade.

Os critérios para participar da Associação Athletica Suburbana eram parecidos aos da Liga Suburbana: taxa de filiação, também chamada de joia, no valor de 30$000 e mensalidade de 10$, além de bom comportamento.[444] Segundo *O Paiz*, o Argentino

[439] O Imparcial, 23/02/1917, pág. 07
[440] O Imparcial, 23/02/1917, pág. 07
[441] PEREIRA, 2000, pág. 69.
[442] Jornal do Brasil, 29/05/1915, pág. 10 e Jornal do Brasil, 18/06/1915, pág. 10
[443] Jornal do Brasil, 18/06/1915, pág. 10
[444] O Paiz, 13/03/1919, p. 08.

Futebol Clube, de Cascadura, por exemplo, que seria bicampeão da Liga Suburbana de Futebol em 1924 e 1925, foi eliminado da Associação Athletica em 1919 por reincidência na provocação de distúrbios, enquanto o América Suburbana e o Opposição foram excluídos por atraso na mensalidade[445].

O periódico destaca que o Opposição buscou se defender das acusações salientando que o real motivo para a sua eliminação não era apenas a inadimplência, mas a recusa da Associação Athletica Suburbana em continuar permitindo a participação daquele clube "constituído por operários e achando-se em optimas condições de treino"[446]. O atraso da mensalidade não foi negado em carta assinada por Joaquim Guimarães, 2ª secretário do clube, porém a razão para isso não era a falta de dinheiro e sim uma enfermidade que teria assolado o sr. Aristides Cardoso, tesoureiro do Opposição, que chegou a comparecer a sede da Athletica dois dias após o vencimento do prazo para efetuar o pagamento, tendo, no entanto, seu ato sido recusado.

Tomando como exemplo o caso descrito acima, podemos perceber outro aspecto envolvendo o futebol suburbano: o esporte como símbolo de distinção social também nos arrabaldes do Rio de Janeiro. E. P. Thompson nos apresenta um elemento importante para refletir sobre a concepção de classe social e que pode ser aplicada à aristocracia suburbana: a experiência. Para Thompson, "A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus".[447]

Neste sentido, a formação social de um grupo se dá pela construção histórica e não como algo pronto e dicotômico. Assim, a criação de status social e hábitos culturais não nasce pronta, mas é erguida ao longo de processos de disputas entre classes que buscam legitimar a sua visão de mundo. Por isso, em um cenário de futebol no Rio de Janeiro em que as elites socioeconômicas buscam referendar seus modos de vida, não é impossível de considerar, com base nas fontes que possuímos até agora, que nos Subúrbios alguns grupos aristocráticos desejam segregar os agentes esportivos em moldes

[445] O Paiz, 13/03/1919, p. 08 e O Paiz, 18/08/1919, p. 09.
[446] O Paiz, 06/09/1919, p. 09.
[447] THOMPSON, 1987, p. 10

semelhantes aos observados em outras localidades, como nos clubes que faziam parte da Liga Metropolitana e eram constituídos por moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Tais distinções, por assim dizer, se faziam presentes nos aspectos materiais e imateriais do futebol suburbano, que passavam pela exigência de equipamentos e estruturas físicas (campos de jogos adequados, profissões específicas, valores financeiros cobrados de forma periódica) até a construção de discursos que referendassem uma segregação entre os seus praticantes. Como destaca Oliveira:

> Essa classe se forma devido ao conjunto de práticas discursivas semelhantes (as quais podem ser exemplificadas a partir do discurso construído sobre a cidade e sobre a prática esportiva onde, de certo modo, este grupo possui consciência de seus objetivos mútuos e unem-se de modo a potencializar o alcance de sua visão de mundo, construindo uma série de estratégias e ferramentas para tal). Como também por um conjunto de características semelhantes no tocante à ocupação nos âmbitos da importância na política e da economia local (afinal, mesmo não consistindo em único fator determinante, estes âmbitos são relevantes na análise), revertendo-se num grupo destacado no âmbito social (e por isso, dominante).[448]

A Liga Suburbana, também em 1919, já apontava para este cenário, ainda que os discursos disciplinadores referentes à conduta dos *sportsmen* viessem da *Gazeta Suburbana*. O periódico, que cobria as principais notícias a respeito dos Subúrbios do Rio de Janeiro e das atividades esportivas que por ali aconteciam, considerava-se um dos principais responsáveis pelo retorno da competição e naquele momento se via atordoado com alguns episódios que ocorriam nos jogos e fora dos jogos suburbanos. No duelo entre Bonsucesso x Engenho de Dentro, uma atitude do jogador Martins foi duramente criticada por não se enquadrar no padrão de bom comportamento almejado pelas atividades esportivas, como defendia o redator Cezarino Cezar, vítima da postura do jogador da equipe suburbana:

> [...] o player Martins ao terminar o jogo, aproximou-se de uma compacta massa de senhoritas e senhoras e em voz alta e clara exclama: Como é que a Liga Suburbana vai progredir?!

[448]OLIVEIRA, Elis da Silva. Football, modernidade e distinção social: apropriação da prática do futebol pela classe dominante em Porto Velho nos anos 1920. TCC (Graduação em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2014, p. 56.

> Pois se quem ali manda e dá as cartas é o bêbado chronista Cezarino Cezar.
> Orasrs, tal procedimento é digno do seu autor:
> Que me julguem a vasta roda desportiva e a imprensa do Rio onde há dezoito anos milito.
> Provavelmente esse player que me não conhece, confundiu-me com algum habitual companheiro seu ou então perdeu de todo o uso da razão!
> Qual a causa que determinou o player a proceder, eu ignoro! E, como não fui atingido pelo vil insulto, aconselho ao mentiroso e grosseiro player que se envolva com os comparsas da sua camarilha e não venha procurar com os salpicos da sua peçonhenta baba manchar reputações inatacáveis.[449]

Cezarino Cezar foi um jornalista gaúcho que por mais de duas décadas atuou na cobertura dos Subúrbios do Rio de Janeiro e antes de ingressar na carreira jornalística atuou como auxiliar de escrita na Imprensa Nacional. Com passagens pela Revista do *Commercio*, chegou ao *Gazeta Suburbana* em 1919 e logo se tornou o representante deste veículo de comunicação para os assuntos esportivos, representando-a perante a Associação de Cronistas Desportivos e junto autoridades políticas, como o prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin.[450]. Casado com professora municipal Nadina Agrella, fez sua vida nos arrabaldes cariocas e era considerado alguém "que em materia de sport tem amplos e acentuados conhecimentos"[451].

A agressão verbal de Martins foi condenada há um século e também é condenada na atualidade, todavia o papel do historiador não é julgar os fatos pretéritos, mas interpretá-los a luz das fontes e metodologias disponíveis. Neste sentido, podemos perceber que a reação de Cezarino Cezar, para além da indignação pessoal por ter sido ele vítima de uma violência, demonstra o descontentamento com um comportamento diferente do esperado naquela atividade esportiva. Era por isso, por exemplo, que os organizadores das competições e dos clubes estabeleciam critérios para participação, como fatores financeiros, atividade profissional e até local da prática esportiva, isto é, uma forma proposital destes agentes de estabelecerem critérios para se distinguirem de outros grupos.

[449] Gazeta Suburbana, 02/08/1919, p. 07
[450] O Paiz, 01/03/1913, p. 03; O Paiz, 28/04/1919, p. 08; O Paiz, 01/05/1919, p. 05; O Paiz, 26/05/1919, p. 05; O Paiz, 11/07/1919, p. 09.
[451] Gazeta Suburbana, 12/07/1919, p. 03 e Gazeta Suburbana, 10/05/1919, p. 03.

Com a Associação Athletica Suburbana não era diferente, mas a rigidez demonstrada por ela não afastava a associação de clubes suburbanos na virada da década de 1910 para 1920. De acordo com o *Jornal do Commercio*, a partir do novo decênio, a entidade, como sinal de maior procura por parte dos clubes suburbanos, aumentou o valor cobrado como joia para 40$000 como necessário para ingressar na entidade.[452] Neste momento, sua sede deixou de ser em Cascadura para ficar na Rua Domingos Lopes, em Madureira, ao mesmo tempo que alguns clubes que antes estavam na Liga Suburbana passaram a pleitear um lugar junto a também conhecida como "Liga dos Subúrbios". Um dos casos mais emblemáticos neste processo foi a aceitação como sócio do The Rio Football Club, que havia sido fundado em 12 de julho de 1902, no bairro de Botafogo, sendo o primeiro clube voltado para a prática do futebol de que temos registro na até então Capital Federal. Apesar do nome, o clube "era uma agremiação de nacionais e britânicos que tinha por pretensão se dedicar a outras modalidades, não somente ao ludopédio",[453] e participou por alguns anos da competição União Esportiva Fluminense, que envolvia algumas equipes da cidade de Niterói e Zona Sul do Rio de Janeiro. Em 1919, entretanto, o clube havia disputado a Liga Suburbana de Futebol, mas em 1920, segundo o periódico *A Razão*, desejava se filiar à Associação Athletica Suburbana por não concordar com parte do estatuto daquela.[454] A troca, todavia, contou com protestos do então presidente da Liga Suburbana, Guilherme Paraense, junto à Athletica Suburbana, como o representante do Sport Club Irajá, que disputava esta competição. Interessante notar a circulação social que possuía Paraense entre as entidades dos subúrbios cariocas, ao ponto de ele ser sócio de mais de uma delas, o que permite enxergá-lo como um dos *sportsmen* do Rio de Janeiro naquele período. O resumo de sua biografia nos ajudou a entender melhor este processo.

Tenente do Exército, ele compunha socioeconomicamente uma classe intermediária no Rio de Janeiro do primeiro quartel do século XX – algo que hoje entendemos por classe média. Contudo, na região, sua patente o destacava e o aproximava da aristocracia suburbana. Ao mesmo tempo, ele era um grande entusiasta dos esportes e já havia composto a diretoria do Cascadura F.C., antes de chegar à presidência da Liga

[452] Jornal do Commercio, 28/02/1920, p. 06.
[453] MELO, 2017, p. 929.
[454] A Razão, 13/04/1920, p. 07.

Suburbana de Futebol, em 1919. Sua grande glória, no entanto, seria alcançada em 1920 quando conquistou o campeonato mundial de tiro de revólver.[455] Ainda assim, sua voz foi a única contra o regresso do The Rio F.C. à Athletica Suburbana, o que não impediu que a movimentação fosse aprovada.

A década de 1920 marcou as ações da Associação Athletica Suburbana no sentido de manter o alto nível de sua competição e, de certa forma, de tentar impedir a desordem que assolava os gramados do Rio de Janeiro por meio da violência. Mario de Araujo, jogador do S.C. Irajá, por exemplo, teve a sua matrícula cassada após agredir com um pedaço de madeira o adversário José da Silva, que defendia o Fidalgos F.C, como publicou o *A Razão*.[456] Importante destacar que, de acordo com o noticiado pelo periódico, não eram apenas os indivíduos dentro do campo que causavam confusão, mas também aqueles fora das quatro linhas, como dirigentes dos clubes e até mesmo torcedores, como o sr. Manuel Antunes Baptista, cuja presença foi vedada em jogos organizados pela Associação Athletica Suburbana "por ser um elemento provocador de distúrbios e descréditos desta Associação".[457] A arbitragem também era um alvo constante de violência, como o juiz da partida entre os 3º times de Yolanda e Comercial, em 1922, que foi agredido pelo jogador João Antonio Cruz, do Yolanda, mas que, de acordo com o art. 53 do Estatuto da Associação Athletica Suburbana, seria apenas suspenso por apenas 8 dias.[458]

Dentro deste processo, percebemos que a Associação Athletica Suburbana estabelecia contatos com entidades que iam além do que podemos chamar de subúrbios do Rio de Janeiro. O caso do The Rio F.C é um bom exemplo, já que a entidade estava sediada em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro, mas ele não é o único, pois na segunda metade da década de 1920 a instituição já trazia em seus regulamentos mudanças para permitir o ingresso de clubes não só de fora das regiões suburbanas, mas também da própria cidade do Rio de Janeiro. Como destacou o *A Rua*:

> ASSOCIAÇÃO ATHLETICA SUBURBANA. Filiação de clubs.

[455] O Paiz, 04/12/1920, pág. 06.
[456] A Razão, 25/06/1920, pág. 06.
[457] A Razão, 25/06/1920, pág. 06.
[458] O Paiz, 07/06/1922, pág. 07.

> De accordo com o disposto no artigo 58, dos Estatutos em vigor, a Associação Athletica Suburbana aceita pedidos de filiação de clubs situados na zona suburbana do Districto federal ou no município de Iguassu, no Estado do Rio de Janeiro que queiram disputar campeonatos, torneios, pela mesma dirigidos. Como para essa disputa seja necessário que o club interessado se inscreva durante o mez de Março, segundo determina o artigo 9º do Codigo de Football, os clubs que desejarem disputar o campeonato ou torneio, no corrente ano, devem pedir filiação com a máxima urgência, de forma a poderem se inscrever em março, depois de aceita a filiação. As condições são as seguintes:
> 1º) Ter licença da policia local do Districto Federal ou do Estado do Rio, para funcionar;
> 2º) Ter Estatutos que não contradigam os da Associação e que sejam aprovados posteriormente, pelo Conselho Superior;
> 3º) Ter directoria idônea, devendo constar do requerimento de filiação a indicação da residência, profissão e local em que a exercem seus diretores;
> 4º) Possuir na zona suburbana do Districto Federal, ou no município de Iguassu no Estado do Rio de Janeiro, sede e praça apropriada para o desporto que praticar, própria ou arrendada, de acordo com as exigências dos respectivos regulamentos;
> 5ª) Juntar um desenho de pavilhão e modificá-lo, se assim for julgado conveniente;
> 6º) Haver depositado na tesouraria a quantia de 5$, importância da joia de filiação a qual será restituída, no caso de não ser concedida a filiação pedida;
> 7ª) Modificar a sua denominação se assim for necessário;
> A mensalidade cobrada pela Associação é de 15$, sendo conferidos aos vencedores de todas as series e em todos os três quadros, os premios constantes dos estatutos, estando estes á disposição dos interessados.
> Na sede social, sito á Estrada Marechal Rangel, numero 302, Madureira, será encontrada diariamente das 19 ás 22 horas, pessoa prompta a dar todas as informações.[459]

A região de Iguassú, como apontada pela notícia do jornal, atualmente pertence ao município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. O local se desenvolveu ao longo século XIX como ponto de escoamento da produção de café que vinha das regiões de Vassouras e Valença e teve em 1858 um acontecimento que transformou sua dinâmica socioeconômica, a chegada da Estrada de Ferro Dom Pedro II. A ferrovia se consolidou como importante para a região e o entorno da estação de Maxambomba adquiriu maior relevância municipal até que, em 1891, Iguassú foi elevada à categoria de cidade e distrito. Segundo Adriano Moraes,

[459] A Rua, 04/03/1927, pág. 04.

> Com a preocupação maior em solucionar os problemas de saneamento básico dos arredores da cidade do Rio de Janeiro, Raul de Moraes Veiga, recém-eleito presidente do estado, através do seu decreto de número 1716, de 26 de novembro de 1919, criou a prefeitura de Nova Iguaçu, nomeando o sanitarista paulista Mário Pinotti, chefe do posto de profilaxia rural do município, para o cargo mais alto do executivo municipal. A escolha do médico não é desmedida, pois o mesmo foi trazido para o Rio de Janeiro através de uma iniciativa do Presidente do Estado de estabelecer convênios com o Diretor Geral de Saúde Pública Carlos Chagas[460].

A preocupação higienista com a região também se manifestou por meio das práticas esportivas. Em 1920, "na estação de Nova Iguassú, Estado do Rio, o encontro das adextradas equipes"[461] do Souza Cruz Football Club e do Sport Club Iguassú aconteceu no campo da equipe da Baixada Fluminense, mas terminou com uma sonora goleada de 6 a 1 do time visitante, todavia o jogo mostrou que "a assistência era numerosa, vendo-se representado no campo e que Nova Iguassú tem de mais selecto em amantes do bello jogo bretão".[462] Isto, no entanto, se bem pode ser visto como a comprovação do desenvolvimento futebolístico na região, todavia não excluía a necessidade de continuar investindo nas estruturas esportivas, pois havia muito o que progredir, já que o redator de *O Paiz* afirmava ser "de lamentar, no emtanto, que em vista da importância que tem o club, não fossem ainda construídas archibancadas para os apreciadores"[463].

O processo de abertura de inscrições para outros clubes fora das regiões suburbanas era também um indicativo das dificuldades que a "Liga dos Subúrbios" enfrentava. Em 1927, por exemplo, a Associação Athletica Suburbana já não conseguia encerrar as inscrições dos clubes que a disputariam no prazo estabelecido por falta de associados.[464] Outro indicativo para isso se dá pelo preço da joia cobrada que, se no início daquela década era de 40$, na sua parte final estava em 5$, com a cobrança de uma mensalidade no valor de 15$, ou seja, financeiramente a instituição buscava se mostrar

[460] MORAES, Adriano dos Santos. Eis que surge uma prefeitura: a Guarda Nacional, a política local e o município de Nova Iguaçu na Primeira República. Nova Iguaçu: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2012, pág. 26.
[461] O Paiz, 05/10/1920, pág. 07.
[462] O Paiz, 05/10/1920, pág. 07.
[463] O Paiz, 05/10/1920, pág. 07.
[464] A Rua, 08/04/1927, pág. 05.

mais acessível aos clubes que desejassem disputar seu torneio,[465] ante a dificuldade anterior para manter a competição.

A vida esportiva suburbana não estava perdendo forças, pois o enfraquecimento do Associação Athletica Suburbana era, em parte, fruto das disputas entre os seus membros, em parte também reflexo do surgimento de outras competições, como, por exemplo, a Liga Leopoldinense de Futebol. Foi para onde se transferiu, em 1927, o Internacional Football Club, agremiação fundada em 03 de outubro de 1904, no bairro de Botafogo. A decisão de Joaquim Gonçalves, presidente do clube, surpreendeu a Athletica, mas tinha como um dos motivos "o desejo da conquista do título de campeão da Liga Leopoldinense de Football"[466] e o "apoio incondicional do presidente desse Liga".[467]

As relações entre os dirigentes suburbanos eram reconhecidas como um dos fatores que abalavam a Associação Athletica Suburbana. No 12º aniversário da entidade, o periódico *A Rua: Semanário Illustrado* enfatizou este ponto ao destacar "todas as vicissitudes por que tem passado a gloriosa entidade"[468] devido a "uma forte crise motivada pela política interna em que se dividiam os representantes".[469] Dessa forma, equipes importantes deixaram a instituição naquele ano, como o Sport Club Delicia, que havia sido fundado em 29 de novembro de 1924, em Madureira, e que no início de 1927 foi escolhido para representar a "Liga dos Subúrbios" em uma excursão à Barra do Piraí.[470] O Magno Football Clube, que também era de Madureira, fundado em 15 de agosto de 1913, tido como "o alicerce em que se assentava o prestigio da Associação"[471] também deixou a entidade em 1927 por desavença entre os seus dirigentes.

A falta de organização nos jogos da Associação Athletica Suburbana ganhou espaços cada vez maiores na imprensa. Na reta final do campeonato de 1927, por exemplo, as brigas dentro de campo e a alteração de resultados geravam dúvidas sobre a lisura da entidade, como aponto o citado *A Rua*:

[465] A Rua, 04/03/1927, pág. 04.
[466] A Rua, 09/09/1927, pág. 05.
[467] A Rua, 09/09/1927, pág. 05.
[468] A Rua, 27/05/1927, pág. 04.
[469] A Rua, 27/05/1927, pág. 04.
[470] A Rua, 23/04/1927, pág. 04.
[471] A Rua, 16/08/1927, pág. 04.

> O encontro 3 de Maio x Commercial foi interrompido pela invasão de campo por assistentes que ainda raptaram o juiz e o representante!!...
> O encontro do campeonato da série B, entre o 3 de Maio e o Commercial, teve um desfecho sensacional.
> Segundo nos informaram o jogo transcorria regularmente e ao faltarem 10 minutos para o final, os assistentes não se conformando com uma decisão do juiz da partida, invadiram o campo, provocando um serio incidente e. na forma do costume... o "pão comeu" de verdade...
> Feita a digestão e, assim acalmados os ânimos, os dois quadros mantinham-se em campo, promptos a recomeçarem o jogo, mas as "torcidas" não consentiram e, parodiando os paulistas, sentaram e deitaram em campo.
> A vista disso, o juiz deixou de continuar o jogo e, em companhia do representante, dirigio-se para a sede do club local para preencher os requisitos do boletim.
> Novamente os torcidas entraram com o seu jogo e após driblarem o juiz e o representante os levaram de roldão em meio delles, deixando os diretores do 3 de Maio em apuros.
> Quando o jogo foi suspenso o 3 de maio estava vencendo por 3 goals a 2.
> Nos segundos teams o 3 de Maio venceu ainda por 2 a 0.
> Entretanto, não estranharemos se hoje, o boletim do jogo der entrada na Associação com outro resultado.
> Hoje tudo é possível no infeliz sport suburbano.[472]

Assim, a Associação Athletica Suburbana ficou sem forças para se manter como uma entidade esportiva autônoma nos subúrbios e ante ao fortalecimento da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA) da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT), que recebiam em suas divisões inferiores o ingresso de muitos clubes suburbanos que, outrora, disputavam o seu torneio, como era o caso do Fidalgos F.C.[473]. Finalmente, ocorreu, então, a fusão com outras competições, surgindo, assim, a Associação Carioca de Esportes Athleticos (ACEA). De acordo com o *Diario Carioca*:

> Com a reunião conjunta, ante-hontm, levada a effeito pelos representants dos club filiados, a Associação Athletica Suburbana e Liga Leopoldinense de Football, ficou fundada a Associação Carioca de Esportes Athleticos e consequentemente o desaparecimento das duas velhas entidades suburbanas. [...]
> Podemos informar com segurança, que a nova entidade funcionará na sede da ex-Liga Leopoldinense de Football, sita á rua D. Anna Nery

[472] A Rua, 22/11/1927, pág. 04.
[473] A Rua, 16/08/1927, pág. 04.

> 335, que possue optimas instalações, contando desde já a nova entidade com 22 clubs.[474]

A essa altura, o peso das entidades suburbanas era cada vez menor no Rio de Janeiro, mantendo-se apenas como órgão relevante local e amadoramente, já que seus principais clubes migravam para competições maiores. A Liga Suburbana de Futebol presenciou isso, mas de uma forma diferente da Associação Athletica Suburbana.

4.5. Os Subúrbios, o Mercado da bola e outros problemas

A partir de 1919, a Liga Suburbana de Futebol se deparou com um problema: seus principais clubes estavam perdendo seus jogadores essenciais para equipes da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Esta conjuntura ficou conhecida como Profissionalismo Marrom, assim entendida como o processo de remuneração de jogadores de futebol de forma não oficial, haja a vista a vedação legal para isso, e teve grande repercussão no futebol dos Subúrbios do Rio de Janeiro. Se por um lado eles passaram a ser visto por alguns como um celeiro de craques, por outro muitos suburbanos não se enxergassem assim. Como publicou *O Imparcial*:

> A Suburbana é no futuro campeonato o celeiro da Metropolitana
> Para os sportmen que entende que a entidade suburbana não preenche os fins progressivos do desenvolvimento sportivo da nossa terra, como de quando em vez se propala nas rodas desportivas, levamos ao conhecimento daqueles que de facto se interessam pelo progresso do football, o escandaloso caso de suborno, de vantajosas promessas de bons empregos, de gordas gorjetas que estão sendo postas em prática aos jogadores da Suburbana para se filiarem aos diversos clubes das três divisões da Metro.
> Já sobe a número superior de 20 players que se transferiram com malas e bagagem para a entidade da Rua Buenos Aires. E depois digam que a Suburbana não é o celeiro da Metropolitana.[475]

As relações produzidas acima eram corroboradas pelas reclamações dos dirigentes de clubes suburbanos, como era o caso do Engenho de Dentro que, em 1919, era o tricampeão dos 1º times da Liga Suburbana de Futebol. Com tamanho sucesso dentro de campo, os Fantasmas Azuis, como ficaram conhecidos, estavam assustados com o assédio

[474] Diário Carioca, 05/08/1928, pág. 08.
[475] O Imparcial, 22/03/1919, pág. 04.

que seus jogadores estavam recebendo, em especial, naquele momento, do Clube de Regatas Vasco da Gama. Clube que, inclusive, havia conseguido contar com o apoio de ex-jogadores suburbanos na sua diretoria, como foi o caso de Achiles Pederneiras, campeão pelo Engenho de Dentro mas, naquele momento, dirigente do clube carioca fundado por portugueses.

Por meio de uma carta, divulgada na *Gazeta Suburbana*, este cenário foi apresentado pela ótica de quem se indignava com a perda de jogadores pelo Profissionalismo Marrom:

> Illmo. e Exmo. Sr. Redactor Sportivo da Gazeta Suburbana. Cordeaes saudações. Dirijo-me a V. Ex., por ser o único homem capaz, neste momento, de enfrentar a situação, e, por ser o bem feito jornal que V. Ex. tão bem dirige, o único órgão suburbano que trata com carinho do sport no subúrbio. Quero-me referir ao Sr. Achiles Pederneiras, que, como toda gente sabe, está fazendo um papel indigno e ante sportivo. Esse Sr. Pederneiras, que jogou no Engenho de Dentro, e é actualmente Director sportivo do Vasco da Gama, não se envergonha de seduzir players desse club para o Vasco, promettendo naturalmente o que não tem competência para dar, e, embora tenha, não deixa por isso de ser evidente o seu papel. A Directoria do Engenho de Dentro precisa tomar providências seria nesse sentido, pois, qualquer dia, o nosso glorioso club ficará sem elementos, visto o Sr. Pederneiras carregar todos para o Vasco da Gama. Grato pela publicação desta, subscrevo-me, de V. Ex. Cdo e leitor, M. P. A.
>
> [...]No torneio Initium promovido hadisa pelo glorioso e intrépido Palmeiras, tomou parte o Vasco da Gama, apresentnado em seu team vários elementos do Engenho de Dentro. Dentre elles, vimos Nelson (Chauffer), Pederneiras e Quintanilha.
> Mas será mesmo possível que esses players abandonem seu glorioso club para jogar por um club estranho a elles, como é o Vasco?
> Não queremos crer, mas...em todo caso...esperemos os acontecimentos...[476]

A reclamação dos suburbanos, entretanto, não teve força suficiente para evitar o processo. Um exemplo marcante foi a transferência do goleiro Nelson da Conceição do Engenho de Dentro para o Vasco da Gama. O arqueiro, que exercia a profissão de chauffer, não poderia jogar a Liga Metropolitana se continuasse nesta atividade, por isso,

[476] Gazeta Suburbana, 05/04/1919, pág. 03.

ao jogar no Cruzmaltino, passou a ser trabalhador do comércio e, informalmente, receber para defender a meta vascaína.[477] Nesse sentido, Santos destaca que:

> O jogador de futebol se convertia em um verdadeiro trabalhador urbano. Com a popularização dos esportes e, principalmente, com o fenômeno futebol, jogadores oriundos das camadas menos abastadas se mostravam bons jogadores em clubes menores e passavam a ser interesse das grandes empresas do futebol, aquelas agremiações com potencial para lotar estádios e ter rendimentos anuais na casa das centenas de milhares de contos de réis. Aliás, esse novo trabalhador encaixava-se bem no modelo de trabalhador das cidades no início do século XX.[478]

Assim, jogadores das competições suburbanas passaram a fazer parte da competição de maior porte que hoje conhecemos como Campeonato Carioca. Esta tendência também acompanhou os clubes esportivos que, com o aumento de divisão da Metropolitana, passaram a fazer parte dela. O Bonsucesso Football Club, entidade criada em 12 de outubro de 1913, foi campeão da Liga Suburbana de Futebol em 1919 mas, no ano seguinte, estava nas divisões inferiores da Metro e, em 1921, era o campeão da 2ª divisão da Liga Metropolitana de Desportos Terrestres. Naquela mesma década, ele ainda venceria a modalidade em 1926, 1927 e 1928. Na década de 1930, os times suburbanos seguiram dominando a Série B do Cariocão, com o Engenho de Dentro a conquistando nos anos de 1932 e 1935, e o Modesto, tradicional time da Associação Athletica Suburbana, sendo campeão em 1934.[479]

Estes, no entanto, não foram os únicos problemas enfrentados pela Liga Suburbana naquele período, pois havia um embate entre a entidade e a imprensa acerca dos rumos escolhidos pela primeira. Mais especificamente, o jornalista Cezarino Cezar acusava Guilherme Paraense de usar a Liga para benefício próprio, como deu a entender nas críticas feitas pelo não comparecimento da instituição a um festival organizado pelo *Gazeta Suburbano*.

[477] SANTANA, 2013.
[478] SANTOS, 2010, pág. 212.
[479] ASSAF, Roberto e MARTINS, Clovis. História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

> Por determinação do seu presidente e mais diretores, a Liga Suburbana foi impedida, contra a vontade geral, de figurar no festival da Gazeta!
> Essa injustificável e ante-sportiva determinação impediu a representação da Liga de tomar parte no festival, calcando aos pés, o desenvolvimento progressivo dessa entidade e, praticando a maior das desconsiderações a um periódico dos subúrbios!
> Como sabe o vasto circulo sportivo dos Subúrbios, a Gazeta Suburbana foi a fundadora da Liga Suburbana, depois de para esse altruístico fim, ter enviado os maiores esforços, emprestando depois de congregados os melhores elementos que militavam nessa época o football nos subúrbios, a sua redação, para as iniciais e preparatórias secções!
> Todo o mundo sabe o que é a imprensa, a alavanca poderosa do progresso, que tudo pratica em proveito do desenvolvimento progressivo de todos os ramos e negociações da vida; a ella são dispensadas todas as considerações, todas as atenções, todo o acatamento e respeito pelo seu importante papel na vida.
> A directriz da Liga, assim não o entende, visando não sabermos o que impediu, depois de uma demora e proposital resposta de ultima hora a sua representação de tomar parte no festival desse orgam, que tudo tem feito pelo engrandecimento dessa Liga!![480]

A disputa entre parte da imprensa suburbana e a Liga Suburbana de Futebol mostra uma faceta a respeito da importância que este esporte possuía na região. Mais do que simplesmente uma atividade lúdica e competitiva, seu controle era importante como status social, ao passo de uma ausência em uma festividade ser considerada um grave desrespeito. Os festivais esportivos detinham grande importância na sociedade, sendo considerado parte dos elementos que constituem as redes de sociabilidade, principalmente para as elites locais que viam neles formas de prestígio pelo comparecimento de elementos sociais importantes. Logo, a ausência ou a recusa a um convite era vista como um sinal de falta de estima ou até mesmo desrespeito, como interpretou o *Gazeta Suburbana*.

Não suficiente, o periódico buscou referendar seus argumentos apontando os prejuízos simbólicos que o ato liderado por Guilherme Paraense teria provocado à entidade esportiva, os quais iam além das questões financeiras utilizadas como justificativas por ela. Segundo a Liga Suburbana, a participação dos clubes associados ao festival prejudicaria o duelo entre Cascadura x Confiança, mas era comum em momentos de menos tensão as partidas das competições serem adiadas por conta de eventos festivos,

[480] Gazeta Suburbana, 19/07/1919, p. 05.

logo, foi de estranhar essa postura, ao passo que a *Gazeta* rebateu enfatizando a importância que tem a sua atuação para o bem da própria instituição esportiva.

> Sendo a Gazeta um periódico da imprensa brasileira, e, tendo feito o que tem feito a Liga, com o seu festival prejudicava os interesses dos clubs filiados e não dava resultado!?
> Essa só de uma directriz, que em tão pouco tempo esquece por completo os favores que recebe, olvidando também que nesse festival a Liga lucraria muito mais, que a mingoada porcentagem do que trata o art. 64 letra c. Por que no festival sua representação figurava em logar de destaque e se ia apresentar no festival desse orgam bem fazejo a um publico competente e selecto, ficando portanto o seu quadro bem conhecido e dando uma demonstração cabal do seu valor, e, lucraria com essa propaganda o necessário para o seu grande desenvolvimento.[481]

Este episódio não se configurou como um ato isolado de embates entre a Liga Suburbana e o *Gazeta Suburbano*, pois pouco tempo depois a organizadora da competição dos Subúrbios Cariocas foi novamente alvo de críticas na figura de seu presidente. Em um dos casos, Guilherme Paraense era acusado de desrespeitar o regulamento da própria competição ao transferir uma partida de futebol envolvendo o clube que presidia: o Cascadura Foot-ball Club.

> Vem despertando em todas as rodas sportivas os mais sérios commentarios a respeito da transferência do match Cascadura x Confiança, que devia ter se realizado no dia 14 do passado!
> Sabemos que esse ilegal acto será na Liga Suburbana discutido na mais cerrada argumentação por parte de alguns representantes, que escudados nos dispositivos legaes, irá punir severamente a quem cabe a responsabilidade. Nem pode deixar de ser esse o procedimento desses srs correptos representantes, para a moralidade da Liga, que ultimamente vem sofrendo uma grande debacle.
> A Gazeta Suburbaana está informada de que a transferência foi levada a efeito pela determinação do presidente da Liga e também do Cascadura. Foi difícil de acreditar nessa informação, porque ella é falha, ilegal e arbitraria, pois o sr. Presidente não tem esse poder.
> S.S. não pode resolver um caso dessa importância disponto da Liga como se fosse uma propriedade particular.
> Ao menos não nos parece razoável.

[481] Gazeta Suburbana, 19/07/1919, p. 05.

Veremos em que vai dar esse encrencado caso![482]

Na visão do *Gazeta*, a postura do tenente Guilherme Paraense era vista como autoritária, de alguém que agia sem pensar no melhor para a Liga Suburbana e, consequentemente, no melhor para o bom desenvolvimento do futebol nos arrabaldes do Rio de Janeiro. As leis, segundo o periódico, ou se adaptavam aos interesses do presidente da Liga, ou eram ignoradas. No caso ilustrado acima, a legislação foi ignorada em benefício dos interesses do militar, mas em outro momento houve uma adaptação para que, novamente, segundo o jornal, prevalecesse a vontade do mandatário:

> O QUE VAI PELA LIGA SUBURBANA
> Para provarmos a veracidade do que temos dito da desastrada marcha em que vai trilhando a infeliz Liga Suburbana, transcrevemos abaixo uma nota publicada a semana passada pelo nosso ilustre colega do O Imparcial.
> Admirem...
>
> A LIGA SUBURBANA EM POLVOROSA!
> Ao que fomos informados reina completa anarchia na Liga Suburbana, onde seu actual presidente é o único que diz: "Eu quero, eu posso, eu mando!..."
> Ainda na ultima assembléa ali realizada, o presidente ameaçou expulsar do recinto o representante do Engenho de Dentro.
> Deu causa a esse incidente haver o representante do tricampeão suburbano protestado contra o funcionamento da assembléa isto porque estavam presentes apenas oito representantes, o que é contra os estatutos, que exige nove representantes.
> O livro de presença, não há duvida, constava nove assignaturas, mas antes de ser aberta a assembléa, o representante do Modesto havia se retirado.
> O caso é que o presidente, depois de se manifestar grosseiramente ao representante do Engenho de Dentro, fez a assembléa funcionar com a minoria (8!).
> O representante destacado exigiu fosse lavrado em acta o seu protesto, não só contra a realização da assembléa como também pelo modo descortês com que fora tratado pelo presidente, mas foi o mesmo que tivesse falado ao deserto!...
> Como se verifica, ás coisas lá pela Liga Suburbana, com tal presidente, estão ficando da cor do Gradin...[483]

[482] Gazeta Suburbana, 26/07/1919, p. 06.
[483] Gazeta Suburbana, 02/08/1919, p. 07.

Diante das informações que constroem uma imagem crítica a Guilherme Paraense, não nos cabe julgar ou escolher um lado com base no ponto de vista do *Gazeta Suburbana*. Há a concepção da qual partilhamos no presente trabalho de que a mídia possui grande força para criar uma "versão dominante" na sociedade, a qual é a resultante de embates entre diferentes forças sociais, as quais estão presentes no conflito entre o dirigente e a imprensa. Dessa forma, optamos por utilizar as referidas informações como parte do processo de reflexão acerca dos motivos que provocaram o enfraquecimento da Liga Suburbana de Futebol, sendo o autoritarismo de Guilherme Paraense um deles.

A partir de 1920, o futebol suburbano passou a ter espaços junto à Liga Metropolitana que, reconhecida como liga oficial junto à Confederação Brasileira de Desportos, precisava se colocar como uma entidade de maior abrangência. No entanto, este processo se deu cercado pelas diferenciações que marcavam os clubes fundadores, dentre os quais destaco Fluminense, Botafogo e América, dos novos associados, nos quais podem ser inseridos os clubes dos subúrbios ou com jogadores oriundos destas regiões, como era o caso do Vasco da Gama. Não obstante, a própria Liga Suburbana acabou migrando como entidade para se tornar uma sub-Liga da Metropolitana, ficando, assim, submetida aos ditames desta instituição e, portanto, perdendo sua autonomia. Neste sentido, ela chegou até mesmo a deixar de ser sediada nas regiões suburbanas para instalar sua secretaria na Rua da Constituição, nº 12, no Centro do Rio de Janeiro.[484]

Este processo, importante destacar, não foi unânime entre as entidades suburbanas, o que não impediu a sua concretização. Com a saída dos principais jogadores e dos principais clubes suburbanos, a Liga local se enfraqueceu enquanto entidade, ao mesmo tempo que a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres e, posteriormente, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, a Metro, por assim dizer, cresciam. Por isso, as competições suburbanas, ainda que não desaparecidas, se tornaram menos relevantes nos subúrbios cariocas, assumindo um caráter não oficial.

4.6. Absorção, Fusão e Desaparecimento das Ligas Suburbanas

A década de 1920 ficou marcada como um período em que o futebol suburbano se manteve bastante ativo, mas teve que se reorganizar no que tange à organização de

[484] O Paiz, 22/02/1921, pág. 06.

competições próprias. Os embates envolvendo a Liga Suburbana de Futebol e o *Gazeta Suburbana* provocaram o enfraquecimento de ambas as instituições, mas isso não significou uma redução das atividades esportivas na região. Como publicou *O Imparcial*, Guilherme Paraense foi afastado do cargo de Presidente da Liga Suburbana de Futebol e do Cascadura Foot-ball Club,[485] ao passo que o clube suburbano liderou, sob nova gestão, a iniciativa de fundar uma nova entidade esportiva nos Subúrbios Cariocas: a Liga Suburbana de Sports Athleticos[486], cuja sede ficava na Avenida Suburbana, nº 2868, mesmo endereço da sede do clube que a liderava.

A Liga Suburbana de Futebol continuou a existir, mas perdeu a associação de alguns clubes, como o Bomsucesso, campeão dos 1º times em 1919, que ingressou na Liga Metropolitana, e do Engenho de Dentro, que passou a fazer parte da Liga Suburbana de Sports Athleticos.[487] No final de 1920 e, mais precisamente, no início de 1921, novas competições continuaram a surgir nos arrabaldes do Rio de Janeiro, ocupando espaços deixados por outras entidades e também avançando sobre um território que trazia nos clubes desejosos de disputarem competições. Assim, no bairro de Bangu, surgiu a Liga Suburbana Carioca de Sports, que:

> tem sua sede á rua Ferrer, n. 119, estação do Bangu; são condições precisas para filiação o seguinte:
> a) Depositar, a titulo de joia, a quantia de 30$000;
> b) Ter directoria idônea, comprovada;
> c) Remetter, em desenho, o pavilhão e a cor do uniforme, sujeitando-se se for preciso modifica-lo;
> d) Remetter um officio pedindo filiação, com todas as explicações, afim de facilitar os trabalhos da comissão de syndicancia;
> e) Remetter, junto ao officio de que trata a letra d), uma relação de todos os diretores, bem organizada, constante de nomes, residências, profissão, naturalização, estado civil, idade, logar em que exerce a sua profissão e o cargo que exerce na directoria do club, tudo pela ordem[488]

Os critérios para a aceitação de novos inscritos são semelhantes aos identificados nas outras competições suburbanas. O valor de 30$000 cobrado de joia em 1921 era semelhante ao que a Liga Suburbana, por exemplo, cobrava no final da década de 1910,

[485] O Imparcial, 23/01/1920, p. 08.
[486] O Imparcial, 07/02/1920, p. 09.
[487] O Paiz, 13/04/1920, p. 07.
[488] O Paiz, 04/12/1920, p. 06.

mas em períodos de mais instabilidade dentro e fora do campo, como no final da década de 1920, em que algumas competições suburbanas apresentavam mais dificuldades para encontrar associados, o valor da joia era reduzido, tal qual ocorreu com a Associação Athletica Suburbana, em 1927, quando a quantia cobrada para ingressar nela ficou em 5$000.[489] Diante dessa realidade, uma das perguntas que nos surge é a seguinte: por que o futebol competitivo em alguns clubes suburbano reduzia, enquanto jogadores suburbanos eram "convidados" a atuar em instituições, inclusive algumas dos Subúrbios do Rio de Janeiro?

A questão econômica nos parece ser um fator importante de análise, pois, ainda que tenhamos encontrado diversos exemplos de elementos no campo esportivos dos Subúrbios do Rio de Janeiro atuando de forma ativa, não podemos ignorar o fato de que a maior parte dos habitantes dessas regiões a partir do século XX se constituiu, socioeconomicamente, de pessoas de baixo poder aquisitivo. Dentro dessa possibilidade, sobretudo diante do aumento do custo de vida identificado nos anos 1920, sem que houvesse uma elevação dos salários, podemos considerar que as práticas de lazer se tornaram menos frequentes, quando exigiam o pagamento de algum valor (ingresso, mensalidade, joia para se associar a algum clube). Assim, entendemos que a redução na possibilidade de suburbanos em se tornarem sócios de clubes do seu bairro, bem como a diminuição de frequência aos jogos, fez com que muitas dessas instituições deixassem de existir e, consequentemente, suas Ligas tiveram que se adaptar a novos formatos para tentar sobreviver.

A Liga Suburbana de Futebol, por exemplo, foi absorvida na época pela Liga Metropolitana de Futebol e, posteriormente, muitos de seus clubes se tornaram parte das divisões inferiores do que passamos a chamar como Campeonato Carioca de Futebol (Bomsucesso, Engenho de Dentro e Olaria são exemplos de agremiações que seguiram este caminho). A Associação Athletica Suburbana, por sua vez, buscou resistir as possibilidades de fusão ampliando o raio de atração de clubes com a possibilidade de ter associados de fora da Capital Federal, como da região conhecida por Baixa Fluminense e que atualmente é composta por municípios como Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São João de Meriti. Na década de 1920, ao menos dois clubes destas localidades fizeram parte

[489] A Rua, 04/03/1927, pág. 04.

da Associação Athletica Suburbana: Terra Nova, de Nova Iguaçu,[490] e Esmeralda Football Clube, de São João de Meriti.[491]

Não obstante, apesar de o seu empenho, bem como o de demais entidades esportivas, no último quartel dos anos 1920 a saída para muitas competições suburbanas foi a fusão. Como exemplo, temos notícia publicada pelo *Diário Carioca* em 1928:

> DA FUSÃO DA ASSOCIAÇÃO ATHLETICA SUBURBANA E A LIGA LEOPOLDINENSE DE FOOTBALL SURGIU A ASSOCIAÇÃO CARIOCA DE DESPORTOS ATHLETICOS [AMBAS SÓ ACEITAVAM AMADORES JOGANDO]
> Com a reunião conjunta, ante-hontm, levada a effeito pelos representants dos club filiados, a Associação Athletica Suburbana e Liga Leopoldinense de Football, ficou fundada a Associação Carioca de Esportes Athleticos e consequentemente o desaparecimento das duas velhas entidades suburbanas. [...]
> Podemos informar com segurança, que a nova entidade funcionará na sede da ex-Liga Leopoldinense de Football, sita á rua D. Anna Nery 335 [já foi antes na Estrada do Porto, 273, Bomsucesso], que possue optimas instalações, contando desde já a nova entidade com 22 clubs.[492]

A fusão, isto é, união de Ligas esportivas, foi uma forma de manter ativos clubes suburbanos e todos aqueles que não dispunham de condições de disputarem os torneios organizados pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos ou pela Liga Metropolitana, as quais haviam ampliado o raio de atração de novos associados ao permitirem mais clubes nas suas divisões (de 6 times em 1906 agora era possível ter até 12 equipes, por cada divisão, no fim dos anos 20, como conseguimos analisar a partir das comparações que fizemos a respeito dos clubes que participaram das competições). Esse processo, por um lado, exigiu novas formas de atuação das competições suburbanas e de seus clubes, mas não significou uma redução das práticas esportivas nas localidades; muito pelo contrário: tinha-se naquela conjuntura uma movimentação grande de *sportsmen* ingressando e saindo de clubes suburbanos, da Metro e também de fora do Rio de Janeiro.

[490] A Rua: Semanario Illustrado, 24/05/1927, p. 04.
[491] A Rua: Semanario Illustrado, 29/06/1927, p. 05
[492] Diário Carioca, 05/08/1928, p. 08

Capítulo 5 – A Febre Esportivas nos Subúrbios: o esporte para além das quatro linhas

> A história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.[493]

A autonomia definida para o esporte por Pierre Bourdieu lhe permitiu estabelecer o conceito de campo esportivo, pelo qual as suas atividades gozariam de atributos próprios relacionados ao seu âmbito. Todavia, a especificidade não pode ser confundida com o isolamento, isto é, o esporte não pode ser estudado dissociado dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos em que está inserido, razão pela qual criamos o presente capítulo.

Pensar nos Subúrbios do Rio de Janeiro é, por si só, lidar com regiões complexas e interligadas entre si e com as demais localidades ao seu redor. Tais ligações não se restringem a apenas elementos geográficos, mas derivam de diversos aspectos que podem ou não estar diretamente ligados ao esporte, bem como também podem ser consequências do desenvolvimento esportivo ou, por fim, situações que utilizam as atividades esportivas para se manifestar.

A existência de uma "indústria do lazer" no Rio de Janeiro é uma realidade pelo menos desde o século XIX e, como tal, não foi constituída apenas de práticas (atos, atividades) lúdicas, mas também de produtos (cerveja, por exemplo) e estruturas físicas (disponibilização de transporte) necessários ao seu bom funcionamento. Por isso, pessoas fizeram deste segmento uma atividade econômica importante para a sua sobrevivência, bem como outros viam neste segmento formas de sociabilidades e até mesmo de obter ganhos políticos. Os usos do esporte são variados!

5.1. A economia esportiva nos Subúrbios Carioca

O esporte é uma atividade que consiste em algo a ser feito pelos seus praticantes, mas esta não é sua única dimensão, pois além de ser praticado de forma individual ou

[493] BOURDIEU, 2003, p. 137

coletiva, ele também pode ser consumido de forma assistida e até mesmo falada. Em todos os casos, os praticantes e amantes dos esportes estão sujeitos às publicidades e à lógica de consumo que permeiam a indústria cultural, mas de forma variadas a depender da posição que ocupam em relação ao ato esportivo no momento: se praticante ou não.

Dentro desta perspectiva, precisamos pensar o futebol para além das quatro linhas e um primeiro ponto que nos chama a atenção é analisar como ele foi inserido dentro de uma realidade mais ampla que pode ser definida como Indústria do Entretenimento. No final do século XIX, por exemplo, o crescimento do Remo no campo esportivo agitava a cidade do Rio de Janeiro aos finais de semana. Homens e mulheres se faziam presentes à enseada de Botafogo para acompanhar as regatas e, cientes do evento social em que tais atividades se configuram, empresas se valiam dos mais variados artifícios para inserirem seus produtos na satisfação das necessidades daquele público.

A Casa do Baptista, por exemplo, já possuía o hábito de anunciar seus produtos vinculados a atividades de grande apelo na sociedade carioca. O Carnaval, já parte das festividades no século XIX, servia para a divulgação de produtos por parte da empresa. A Casa do Baptista anunciava seus produtos vinculando a satisfação das necessidades dos foliões à aquisição de produtos de sua loja.

CARNAVAL DE 1890
14 e 16 PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO 14 E 16
Próximo a sociedade do Derby-Club

Na casa sem rival, sublime do Baptista
Tudo inspira prazer, durante o carnaval
Existe um não sei que que nos seduz a vista,
Mais bello que o sorrir de fada sideral

Rapazes e raparigas,
Foliões da fina graça,
Entre sorrisos e figas
É certo que a vida passa
Rapazes e raparigas.

Pé no ar e riso á bocca
Chalogas, gritos e troça,
Toda a risada é ainda pouca
Outra cousa não faz mossa
Pé no ar e riso á bocca.

Prantos, ais, desconsolos
São prazeres das tristezas;
Deixa isso para os tolos,
São calunias e torpezas
Prantos, ais, desconsolos.

Cara dura para tudo,
Pudor a parte, um instante;
Fora o typo carrancudo,
Viva o galate e o tratante
Cara dura para tudo!

Fingimento, já se vê,
Carnavalescos truz l...
Vestidinhos de bêbe,
Do princez ou de avestruz,
Fingimento já se vê.

Qualquer typo fica bem,
Barbas postiças, sacristã,
Castro Urso, Pedro Cem,
A questão é que resista;
Qualquer typo fica bem.

Desde que ponham-se á pista
E que vá entrando alguém
Cá em casa do BAPTISTA,
Qualquer typo fica bem.

Do bello Carnaval gozem suas folias!
Chegai-vo ao BAPTISTA, oh! grandes folgazões
Bigodes elles tem diversos fantasias
Cabelleiras ás mil, bisnagas ás porções!

AS TRANÇAS MONSTRO
Alugam-se fantasias officina de costura no sobrado, tornam-se encommendas de fantasia com antecedência.

PREÇOS RASOAVEIS
CASA DO BAPTISTA[494]

A estrutura do anúncio indica uma tentativa de ligar o prazer das festividades carnavalescas à aquisição de produtos da Casa do Baptista para estes tipos de eventos. Localizada no Centro do Rio de Janeiro, o estabelecimento deixa claro em outra propaganda que seus produtos não são exclusivos ou mesmo voltados para as camadas

[494] Gazeta de Notícias, em 01/02/1890, p.4.

sociais mais abastadas economicamente. No caso do Carnaval, assim como acontecera com o futebol, a acessibilidade a grupos excluídos de certas práticas seria um dos fatores para sua difusão.

CARNAVAL
NOVIDADES
Só casa especial de artigos carnavalescos da
14 e de 16 LARGO DO ROCIO 14 E 16
PREDIO NOVO
onde funccionará o armarinho do Alfredo

Grande officina de roupas de fantasia por preços ao alcance das mais pobres creaturas.

100,000 KILOS DE CONFETTI!!!
Parizienses genuínos, de variadas cores políticas sem areia, sem salycilato, nem papeis de jornaes.

A 2$800 O KILO
Enorme guarda-roupa de theatro para alugar por preços baratíssimos.

ÚNICA CASA QUE TEM
Os Gigantes – anões – barrigudos – o diado !... Lantejoulas prateadas só aqui,

Typos taes como: fregoli na bumba! Has de comer! Fica manso, mano! Chorando sempre e sempre chorando! Mesmo porque...quem não chora não mama! Mascara desde 300 réis, estalos, luvas, meias, língua de sogra em salmoura e seccas e um segredo!

ATTENÇÃO!!!
VIVER.....E MORRER
(TO BE OR NOT TO BE)
Intrepidos galhofeiros! Foliões!
Sacerdotes de Momo! so quereis
Bellas fantasias por poucos tostões
Vinde ao largo do Roccio

Lembrai-vos, pagodistas, que a vida
Dura um momento, e só tereis
Gosos, mulheres, musica divertida
Vindo á casa do Baptista

Aqui quem faz o preço é o freguez
Vinde, foliões, alegre rapasiada!
O Carnaval é melhor que marmellada
Todos correm ao Baptista
O Rei do Carnaval

> Na casa sem rival sublime do Baptista
> Tudo inspira prazer, durante o carnaval
> Existe um não sei que que nos seduz a vista,
> Mais bello que o sorrir da fada sideral[495]

A vinculação de produtos como condição necessária para participar de um evento social abrange também as atividades esportivas. Especializados na comercialização de itens e na prestação de serviços que envolviam a ornamentação e o embelezamento, a Casa do Baptista, já no final do século XIX, fazia de uma de suas mais recentes novidades um dos requisitos necessários às jovens que acompanhavam as regatas em Botafogo.

"Todos correm para comprar os pentinhos para os lados última novidade para senhoras: é extraordinária a venda diária devido ao variado sortimento. Só na casa do Baptista, cabelleireiro, praça Tiradentes",[496] dizia o anúncio feito em *Gazeta de Notícias*. A novidade também poderia cair bem nas Regatas da enseada de Botafogo, eventos que atraíam os olhares de senhores e senhoras e poderiam ser melhor aproveitado pelas moças que adquirissem os pentinhos. Afinal de contas, eles eram apresentados como produtos utilizados pelas moças bonitas que ocupavam as arquibancadas e as baleeiras de Botafogo.

> Regatas em Botafogo. Toda moça bonita não vai domingo às regatas sem ir á casa do Baptista comprar os pentinhos dourados para os lados, na moda, único que tem o maior e variado sortimento neste gênero. Ver, para crer. Só na praça da Constituição, em frente aos bonds de Villa Isabel.[497]

Um dos pontos que podemos depreender até então está atrelado ao surgimento de uma indústria de entretenimento em torno das práticas esportivas. Segundo Melo, foi a partir da transição do século XIX para o XX que podemos observar na cidade o desenvolvimento e a melhor estruturação de um mercado de diversões. Foi neste momento também que as propagandas deste ramo começaram a se desenvolver.[498]

---

[495] Gazeta de Notícias, em 01/02/1890, p.4.
[496] Gazeta de Notícias, em 04/06/1895, p.3.
[497] Gazeta de Notícias, em 12/10/1895, p.3.
[498] MELO, Victor Andrade de. Esporte, Propaganda e Publicidade no Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, n.3, maio, 2008, p. 28.

> Se os primeiros anúncios, publicados desde o quartel inicial do século XIX nos nossos pioneiros jornais ou na forma de cartazes, painéis e folhetos distribuídos pela cidade e/ou afixados em estabelecimentos comerciais, eram muito simples, com informações deficientes, sem imagens e normalmente ligados à venda de posses (casas, escravos, móveis) ou oferta de serviços individuais (profissionais liberais em geral), no *fin de siècle* percebe-se uma clara mudança, um aperfeiçoamento das iniciativas de divulgação dos "novos milagrosos produtos do progresso", notadamente relacionados à saúde e à higiene, duas preocupações crescentes no contexto de construção do ideário da modernidade.[499]

A publicidade foi uma peça central durante o desenvolvimento futebolístico no Rio de Janeiro, uma vez que havia um mercado estruturado de entretenimento no qual este esporte foi inserido. Os pesquisadores Vitor Melo e João Malaia Santos trabalham com a perspectiva de que ele começou a ser construído ainda no período colonial, isto é, no século XVIII, quando as terras cariocas foram transformadas em sede do vice-reinado. Não obstante, foi tão somente a partir do século XIX que os divertimentos tiveram maior espaço dentro da dinâmica citadina, o que, paulatinamente, permitiu aos esportes obterem grande destaque. [500]

Neste trabalho, consideramos as práticas esportivas como parte do processo de modernização e modernidades introduzidos em larga escala no Rio de Janeiro a partir do século XIX. De início, elas eram tidas como hábitos amadores, isto é, praticados pelo desejo de seus praticantes, sem nenhum interesse econômico. Todavia, algumas atividades se tornaram mais valorizadas do que outras e a sua simples organização passou a exigir a utilização de recursos financeiros, ainda que predominasse o discurso amador como justificativa principal para a sua execução.

Tomando como objeto de análise o futebol neste processo, podemos perceber que os *matchs* amistosos dos finais de semana aumentaram nos primeiros anos do século XX, o que passou a exigir sua inserção como parte da programação dos clubes existentes ou mesmo a criação de novas entidades com essa finalidade exclusiva ou principal. Ao mesmo tempo, critérios financeiros começaram a surgir, como, por exemplo, na aquisição

[499] MELO, 2008, p. 28-29.
[500] MELO, Victor Andrade de., SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. "casa sportman –sempre imitada, nunca igualada": estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909 – 1922). História e Econômica & História de Empresas, vol. 23, nº 2, 2020, p. 496.

de produtos esportivos necessários para a prática do jogo e o pagamento de valores referentes a associação junto aos clubes sociais. Em um curto espaço de tempo (1902 a 1906), podemos também identificar a cobrança de bilhetes/ingressos para as partidas futebolísticas, isso antes do surgimento de competições organizadas entre os clubes. Melo e Santos destacam que:

> A rápida popularização do esporte no Rio de Janeiro teve relação com sua dinâmica econômica (progressivo crescimento de fluxo de negócios, bem como diversificação societária) e cultural (a busca de sintonia com padrões culturais oriundos de países considerados civilizados e padrões de uma certa modernidade). No início do século XX, esse processo se articulou ainda mais intensamente com novos padrões de consumo que se estruturavam. Ele teve como uma das marcas a região central da cidade, celebrada com a construção da Avenida Central, expoente das reformas urbanas em curso.[501]

Com a difusão do futebol como parte da indústria de entretenimento já existente no Rio de Janeiro desde o século XIX, padrões de consumo rapidamente fizeram parte do cotidiano daqueles que se identificavam com a prática esportiva, como, por exemplo, a aquisição de periódicos que abriam cada vez mais espaços para o esporte, como apontam Melo e Santos. Um levantamento realizado por esses autores na Hemeroteca Digital Brasileira, por sua vez, permitiu quantificar isso ao perceber que, entre as décadas de 1850 e 1920, não só a palavra *sport* apareceu cada vez mais nos periódicos fluminenses como também cresceu significativamente o número de títulos que abordaram o assunto (mesmo quando houve a redução do total de revistas e jornais).

[501] MELO e SANTOS, 2020, p. 496.

Tabela 1 – Presença da palavra *sport* em periódicos disponíveis na base da Hemeroteca Digital Brasileira (1850-1929)

Décadas	Total de periódicos HDB	Número de periódicos com a palavra *sport*	Número de vezes em que a palavra *sport* aparece no período na HDB
1850-1859	177	10 (5,6%)	54
1860-1869	254	18 (7,0%)	65
1870-1879	345	38 (11,0%)	193
1880-1889	514	75 (14,6%)	3.506
1890-1899	286	93 (32,5%)	13.479
1900-1909	271	92 (34,0%)	13.330
1910-1919	209	126 (60,0%)	34.673
1920-1929	173	131 (75,8%)	59.597

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira (elaborado pelos autores).

[502]

A inserção de fatores econômicos nas práticas esportivas se deu como necessária ao seu próprio funcionamento, mas não podemos ignorar os traços de segregação presentes neste processo dentro da própria dinâmica esportiva, como destaca Leonardo Pereira:

> [...] a técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas.
> Essa sofisticação apareceria, ainda, na dependência material que esses clubes passam a manter com os produtos importados diretamente da Inglaterra.[503]

A materialidade econômica é o nosso foco aqui. Em um primeiro momento, o desenvolvimento da prática esportiva exigia, ao menos em tese, a aquisição dos devidos equipamentos. Sem entrar neste momento nas possibilidades de utilização de material alternativo e improvisado para os jogos de futebol, o cenário é que ao menos para aqueles que os praticavam dentro de clubes sociais, inclusive em clubes suburbanos, era necessário adquirir os materiais compatíveis com o jogo disputado. Assim, surgiu o mercado de consumo de vestimentas e bolas de futebol, as quais se tornaram elementos obrigatórios nas atividades futebolísticas envolvendo clubes esportivos, o que foi explorado pelos empreendimentos da época, como, por exemplo, a Casa Clark, ao

[502] MELO e SANTOS, 2020, p. 499.
[503] PEREIRA, 2000, p. 39.

divulgar anúncios em 1903 de "artigos inglezes, calçados, bolas, caneleiras, bombos. etc"[504] e das regras de futebol. O interesse pelo esporte despertara o interesse dos comerciantes. O crescimento dos clubes esportivos e, principalmente, a fundação de entidades dedicadas especialmente ao novo esporte, davam segurança para esse tipo de investimento.

Nos Subúrbios, um dos sustentáculos para aqueles que buscavam auferir renda do futebol foi o surgimento da já apresentada Liga Suburbana de Futebol, em 1907. Com ela, por exemplo, houve uma ampliação no mercado de taças comemorativas, já que em sua primeira edição "essa liga instituiu dois prêmios sendo um para os primeiros *teams* e outro para os segundos"[505], o que foi expandido com a organização frequente de torneios de curta duração nos inícios das temporadas.

Outro segmento econômico atingido positivamente pela disseminação do futebol foi o da construção civil, haja vista a transformação de terrenos muitas vezes baldios em campos devidamente organizados para atender aos padrões estabelecidos pelos próprios *sportsmen*. Como já salientamos anteriormente, o Riachuelo construiu o seu *ground* perto da estação de trem do bairro e, para tanto, precisou realizar diversas obras no terreno para atender aos interesses de seus sócios e, consequentemente, estimulou uma indústria já existente e bastante estimulada pela Reforma de Pereira Passos, como noticiou *O Paiz* em 1908:

> O campo, que fica esplendidamente localizado em ângulo da rua Vinte Seis de Maio e Conselheiro Magalhães Castro, na estação Riachuelo, tem grande largura, maior comprimento.
> Ao fundo, já foi iniciada a construcção do pavilhão, que consta de aposentos especiaes para mudança de roupa, banheiro, etc. secretaria Buffet, sala de assembléas e mais dependências necessárias.
> É todo cercado de zinco, bastante alto.
> A planta de construcção determina a o circumdameno do ground, propriamente dito, por uma larga pista para corridas de bicycletas, etc.[506]

[504] Correio da Manhã, 20/03/1903, p. 2.
[505] Jornal do Brasil, 09/04/1907, p. 4.
[506] O Paiz,24/05/1908, p. 3.

As empresas especificamente voltadas para a comercialização de materiais esportivos também existiam nos Subúrbios do Rio de Janeiro. No mesmo ano em que o Riachuelo construía a sua própria praça de esportes, a empresa *Calzolaria Fegore. Ercole Celento*, localizada na rua Dias da Cruz, 27, no bairro Meyer anunciava no Jornal *O Subúrbio*, com sede no mesmo bairro, seus produtos cuja especialidade eram os "calçados para Foot-Ball".[507] A Liga Suburbana também foi um importante ponto de referência para a valorização de produtos esportivos, pois ela não pode deixar de ser vista como um símbolo da prática futebolística nas regiões. Dessa forma, esta mesma competição pode entendida como uma marca relevante a ser vinculada por agentes econômicos. Em 31 de julho de 1918, a revista *Tico-Tico* trouxe em suas páginas elogios a um determinado instrumento comum no futebol: "As bolas Victoria produzem o mesmo efeito que as estrangeiras. A Liga Suburbana adopta-as e com grande resultado".[508] A mensagem nos chama atenção devido à relação de garantia de satisfação atribuída ao produto pela sua utilização na principal competição de futebol dos subúrbios. Além da bola, os responsáveis por conduzi-las também ganhavam projeção para ser garoto-propaganda de alguns produtos, como ocorreu com Nelson da Conceição.

A figura de Nelson da Conceição é trazida para a discussão em razão de um anúncio feito sobre o goleiro sobre um suplemento alimentar que exemplifica bem o que fora apontado por Melo. *Fortinfican*, um tônico muscular vendido em algumas farmácias cariocas, era um dos muitos produtos indicados por especialistas em saúde da época a fim de trazer benefícios para quem os consumisse. Neste sentido, a fim de gerar maior interesse e venda deste produto, a afirmação de que o mesmo era utilizado por Nelson é apresentada em um jornal de grande circulação como o *Correio da Manhã*:

> Certifico que tenho obtido muito bons resultados com o uso do "FORTIFICAN", sentindo-me sempre bem disposto para os jogos. (a.) NELSON DA CONCEIÇÃO. Rio, 24 de Maio de 1922. Firma reconhecida ao Tabelião Paula Costa. Eis o que diz o querido e valoroso keeper do invencível Vasco da Gama, a respeito do FORTIFICAN, o tônico da moda.

[507] O Suburbio, 08/08/1908, p. 3.
[508] Revista Tico-Tico, em 31/07/1918, p.18.

> O FORTIFICAN dá saúde, força e vigor. Encontra-se nas boas Pharmacias e Drogaria Gramado, Rua 1º de março n.16.[509]

Considerado um dos melhores goleiros do futebol carioca, Nelson da Conceição é garoto propaganda no momento em que a relação entre capital e esporte começava a se entrelaçar no Rio de Janeiro. Mais do que uma prática lúdica ou elemento com finalidade puramente esportiva, o esporte era também uma chance de auferir renda. A venda de produtos era tão somente uma dessas facetas, sendo, pois, a venda de bilhetes para os jogos um elemento de grande importância.

João Malaia Santos ressalta em sua pesquisa que o Vasco da Gama, clube que Nelson passou a defender após deixar o Engenho de Dentro Athletic Club, conseguia obter em algumas partidas do Campeonato Carioca de 1923 cerca de 20 contos de réis, já descontando as despesas com a realização da partida e com o pagamento de bichos.[510] Sem campo próprio, o Clube da Cruz de Malta alugava o estádio das Laranjeiras, do Fluminense, e pagava uma taxa de aluguel pela utilização. As vendas das bilheterias eram, portanto, parte importante da renda de um clube. Consequentemente, essa possibilidade gerava a necessidade de atrair jogadores de maior capacidade técnica.

Nos subúrbios, a realidade das equipes em relação à arrecadação dos jogos não era a mesma. De acordo com *O Imparcial*, equipes da Liga Suburbana, por sua vez, tinham prejuízos em algumas partidas que os colocava em condição de inferioridade financeira para com outros times, principalmente aqueles que jogavam as divisões principais da Liga Metropolitana.[511] Um dos clubes que mais sofreu com isso foi o Engenho de Dentro A. C., que, em relação ao caso de Nelson da Conceição, viu alguns de seus principais elementos se transferirem para times com maior poder aquisitivo, como era o Vasco da Gama e obter retornos financeiros.

> Em disputa por jogos do campeonato, Nelson poderia ganhar pelo menos 200$000 por partida. Citando como exemplo, no mês de julho de 1923, o Vasco enfrentou, na sequência, as equipes do Flamengo, do América e do Fluminense. A título de comparação, em 1922 os operários de construção civil ganhavam: 199$999 (pedreiro), 180$000 (carpinteiro) e 173$333 (pintor). Em 1923: 212$499 (pedreiro) e

[509] Correio da Manhã, em 14/08/1923, p.10.
[510] SANTOS, 2010, p. 297-298.
[511] O Imparcial, em 16/10/1920.

> 199$999 (carpinteiro). Dessa forma, Nelson poderia ganhar em uma única partida mais do que o salário mensal de um carpinteiro da construção civil. Com a sequência dos referidos três jogos, isso equivaleria a 600$000.[512]

A despesa que o Vasco fazia para contar com este bom elemento futebolístico era elevada, porém, o retorno advindo das bilheterias compensava. Nelson, garoto-propaganda de tônicos musculares, primeiro goleiro negro campeão da 1º Divisão da LMDT, mostrava dentro de campo que o capital aplicado pelo time português valia a pena. Não obstante, o Vasco não era o único clube a fazer pagamentos aos seus jogadores para desenvolverem o seu futebol dentro de campo e nem mesmo o único capaz de fazer um espetáculo para um público cada vez mais exigente.

A difusão do Profissionalismo Marrom foi o principal sinal das consequências econômicas do futebol suburbano e, apesar de tradicionalmente lhe ser creditado um caminho quase único de saída de bons jogadores dos times e das Ligas dos Subúrbios para os clubes da região central e da Zona Sul por razões financeiras, é preciso enfatizar que via era de mão dupla – ainda que majoritariamente tenha sido no primeiro sentido. Ou seja, se em 1919 o Engenho de Dentro reclamava de perder jogadores para times da Liga Metropolitana e, consequentemente, se ver tecnicamente enfraquecido nos jogos da Liga Suburbana de Futebol, o mesmo não valia para todas as equipes dos Subúrbios Cariocas, como era o caso do Manguinhos F.C.

Fundado em 25 de novembro de 1915 por funcionários do Instituto Souza Cruz, no bairro de Manguinhos, no Rio de Janeiro, a equipe não se filiou a nenhuma liga alternativa em seus anos iniciais, mas isso está longe de significar uma ausência de atividades da sua parte. Próximo ao natal de 1918, um *match* amistoso contra o Lusitano chamou a atenção de vários amantes do ludopédio:

> MANGUINHOS X LUSITANO. Conforme noticiamos, realizou-se ante-hontem, na aprazível praça de sports da estação de Amorim, o esperado encontro acima.
> A archibancada do club de J. Cunha achava-se completamente cheia, do que há de mais chic nos subúrbios da Estrada de Ferro Leopoldina.

[512] SANTANA, W. P. As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924). Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013, p. 71.

> O ground apresentava um bello aspecto. Cedo ainda era grande o movimento de automóveis, associados e torcidas de ambos os [...][513]

As boas participações em jogos amistosos serviram de destaque para alguns jogadores do time suburbano, como foi o caso de Durval Massaferri, que atuava na defesa e passou algum tempo no time do Vila Isabel, da Liga Metropolitana, antes de retornar ao Manguinhos.

> MASSAFERRI REAPARECEU NA EQUIPE PRINCIPAL DO MANGUINHOS
> Enfrentou no ultimo domingo, a equipe do Praia Vermelha, o conhecido player Durval Massaferri, que há temos deixou seu club para defender o club de Silvares, na Liga Metropolitana.
> Massaferri voltou treinadíssimo e possuindo melhor jogo, formando com Horario e Tavares uma barreira intransponivel.[514]

A intensificação de movimentação de jogadores neste período mudando de clube é grande, o que caracteriza a existência de um Mercado da Bola no futebol carioca, haja vista a saída de jogadores de clubes suburbanos para equipes da Liga Metropolitana e vice-versa, como podemos observar abaixo.

> O foot-baller Sebastião Pinheiro foi eliminado do America por alta traição – A directoria do sympathico campeão de 1916, em sua reunião de ante-hontem, eliminou do seu quadro social o foot-baller Sebastião Pinheiro, vulgarmente conhecido por "Villa", por "alta traição".
> O motivo que levou os dirigentes do America assim proceder foi porque Sebastião Pinheiro, á ultima hora, deixou de tomar parte no jogo com o Andrahy A. C., indo, no entanto, jogar, pelo Engenho de Dentro, no campeonato da Liga Suburbana.
> De Sebastião Pinheiro outro procedimento não se esperava, pois não foi o America F.C. a sua primeira vitima.
> O Bangu que o diga, quando em 1916, o mesmo figurou no seu team em jogos amistosos, chegando a tomar parte no torneio Initium; na ocasião em que devia entrar em campo, para disputar o primeiro jogo oficial, desapareceu, passando o "bolo" no club suburbano.
> O S. Christovão foi sua victima varias vezes, assim como tem sido outros.
> Villa, segundo nos asseguraram compareceu ao campo do America, achando-se uniformizado até o half-time do 2º team, quando, por

[513] O Paiz, 24/12/1918, p. 8.
[514] O Paiz, 16/01/1919, p. 10.

> "encanto", sumiu-se, aparecendo no campo do Engenho de Dento, ainda com o uniforme do campeão de 1916.
> A directoria do America, eliminando Sebastião Pinheiro, baixou o seguinte edital: "A directoria, reunida hoje, resolveu, por unanimidade de votos, excluir do seu quadro social o Sr. Sebastião Pinheiro (Villa), conforme incurso no art. 22, letra E, dos estatutos, considerando as provas exnherantes colhidas em desabono da conducta do mesmo senhor.
> A directoria, assim procedendo, julga satisfazer ao desejo de todos os associados do America F.C., acatando inteiramente o parecer da comissão de desportos, a quem, pelos estatutos, incumbe zelar pelos mais altos interesses da nossa sociedade.
> A directoria lamenta que actos como este venham a turbar a vida gloriosa do club, ofendendo, essencialmente, os seus interesses desportivos, e espera que cada associado coopere com os seus esforços para o seu engrandecimento, único meio do America F.C levar avante os seus alevantados designios, cumprindo a missão que lhe compete em nosso meio social.
> Rio, 24 de julho de 1918 – Raul Rocha, secretario interino".[515]

Uma das possibilidades para a construção destes cenários era a questão financeira, segundo alguns contemporâneos. O investimento financeiro para atrair bons jogadores era um recurso utilizado neste período, como forma de reforçar equipes de futebol em seus desafios, mas, oficialmente, havia uma proibição para tanto, o que gerou a criação de caminhos alternativos para se conseguir alcançar tal resultado: o pagamento de "bicho", uma espécie de premiação, em dinheiro ou outra forma monetizável para *players* que trocassem de agremiação. Isso, como podemos ver, era executado por alguns, mas criticados por outros, como fez a revista *Gil-Blas*.

> O Sport Nacional Amadores e profissinaes.
> [...] "Vencer, custe o que custar", é o seu lemma. E como para vencer em football há dous meios: o sportivo e o suborno, eles optam pelo segundo, e desde a formação dos seus "teams" começa o trabalho do suborno, atraindo bons jogadores de outros clubs sob promessas varias, não faltando nem mesmo as luvas, como é caso sabido. [...].[516]

O recurso ao amadorismo era uma alternativa que aqueles críticos à inserção do poder financeiro no futebol tinham, um apelo ao coração dos amantes do futebol ante à sedução que o dinheiro poderia trazer. Todavia, o futebol precisava de recursos

[515] O Paiz, 27/07/1918, p. 10.
[516] Gil-Blas, 25/08/1922, p. 23.

financeiros para ser praticado, desde o simples jogo em um campo improvisado à realização de uma partida decisiva de uma competição. A diferença entre eles era a quantidade de dinheiro a ser utilizado, pois os duelos que atraíam os maiores públicos, os campeonatos, por assim dizer, necessitavam custear diversas despesas para a sua realização, como, por exemplo, o pagamento de impostos. Inserido como atividade dentro da Indústria do Entretenimento em desenvolvimento no Rio de Janeiro, o futebol também se valeu de algumas artimanhas para driblar as tributações públicas e, assim, permitir maiores retornos monetários aos seus organizadores.

5.2. Futebol, Subúrbios e Política

René Remond é um dos grandes nomes nos estudos sobre História Política e considera que "não há hoje muitas realidades da nossa sociedade que a história política não tenha começado a explorar"[517]. Logo, não podemos dissociar o futebol das atividades políticas no ambiente em que era praticado. Para tanto, usaremos tendências histográficas que relacionam Política e Cultura, algo também pensado por esse autor ao definir os novos domínios da História Política:

> A política se apoderou de toda espécie de problemas que não lhe diziam respeito inicialmente, e com os quais a história política jamais tivera antes, portanto, de se preocupar. À medida que os poderes públicos eram levados a legislar, regulamentar, subvencionar, controlar a produção, a construção de moradias, a assistência social, a saúde pública, a difusão da cultura, esses setores passaram, uns após os outros, para os domínios da história política.[518]

A política é, portanto, uma modalidade da prática social e, como tal, precisa ser vista como um elemento ativo e presente nas atividades sociais, dentre as quais estão incluídas as do tipo esportivo. Atualmente, observamos que o esporte faz parte de um conjunto de políticas públicas organizado pelo próprio Estado e muitas vezes considera-se o momento inaugural o ano de 1930 com a chegada de Getúlio Vargas à Presidência da República no Brasil. Sem sombras de dúvidas, este momento é um grande marco de inflexão no que tange ao papel de atuação do Poder Público no incentivo – e tentativas de

[517] REMOND, 1994, p.
[518] REMOND, 1994, p. 24.

controle – das atividades esportivas, mas existem experiências anteriores que precisam ser analisadas, como a relação entre Futebol, Subúrbios e Política no Rio de Janeiro antes de 1930.

O primeiro ponto que gostaríamos de chamar a atenção neste processo é a relação entre autoridades públicas e *sportsmen*. Para tanto, nos debruçaremos na presença, ou o desejo dela, de personalidades políticas nos eventos esportivos. A presença do Estado às práticas esportivas é um claro sinal do apreço e incentivo que tem nelas. O fato de o Imperador D. Pedro II comparecer às corridas de cavalo ajuda a popularizar esse esporte na sociedade brasileira imperial. Com a mudança de regime político e as modificações que a sociedade brasileira foi passando, o foco de apoio esportivo também mudou. As reformas urbanísticas capitaneadas por Pereira Passos traziam consigo a necessidade de adequar a cidade do Rio de Janeiro aos novos meios de transporte que ali estavam sendo implantados, ao mesmo tempo que o cavalo estava perdendo sua utilidade como o principal provedor dos traslados e substituído por outros veículos, dentre os quais se destaca o transporte sobre trilhos. Assim, o apoio estatal passou a ser direcionado para outras atividades esportivas.

A valorização do mar, enquanto ponto essencial para uma boa saúde, revitalizou a importância dadas às provas de regatas. Vimos acima que no terceiro quartel do século XIX elas já existiam e atraíam bom público, pois seus bilhetes de arquibancada eram comercializados. Nesse período, porém, o Imperador assistia pessoalmente as corridas de turfe, principal esporte da época. No século XX, a maior autoridade da cidade do Rio de Janeiro também marcaria presença no esporte, mas seria assistindo às regatas que Francisco Pereira Passos, prefeito do município, ajudaria a popularizá-las.

O futebol, que caiu no gosto popular, também teve seus momentos de receber nas arquibancadas dos *matchs* a ilustre presença de presidentes e prefeitos. O *Jornal do Brasil*, em 13 de julho de 1905, conta-nos que "o Sr. David M. Neill foi hontem convidar o sr. presidente da República [Francisco de Paula Rodrigues Alves] para assistir à partida entre Fluminense Foot-ball Club e Club Athleticano Paulistano".[519] O convite, ao que parece, foi aceito pelo presidente que, segundo o próprio Jornal do Brasil, em 17 de julho de 1905, esteve presente juntamente com seu chefe de casa militar Sousa Aguiar e os

[519] Jornal do Brasil, em 13/07/1905, p. 3.

secretários Francisco de Paula Rodrigues Alves Filho e Cesário Pereira. A partida, vencida pelo Paulista no por 3 a 2, contou com uma atuação da mais elevada galhardia por parte do excrete carioca diante do time de Charles Miller e teve um público estimado em torno de 2500 pessoas, das quais se destacam as mulheres e os *sportsmen* das outras sociedades cariocas (América, Bangu e Botafogo, por exemplo), como pode notar o repórter do jornal pelas fitas presas aos chapéus desses homens.

Se por um lado podemos notar que os clubes considerados de elite do Rio de Janeiro conseguiram contar com o apoio estatal às suas ações, as entidades suburbanas buscaram gozar das mesmas situações, ainda que só pudessem fazê-lo em períodos posteriores. Segundo a *Gazeta Suburbana*:

> O Dr. Paulo de Frontin foi convidado para assistir ao festival da Gazeta Suburbana
> Estiveram hontem na Prefeitura, os Srs. Cesarino Cesar e coronel Nestor Antenor de Paula Arêas, que foram convidar o illutre prefeito, Dr. Paulo de Frontin, para assistir ao grande festival sportivo que a Gazeta Suburbana realiza no dia 14 do corrente, no campo do antigo Royal F.C., á rua Dias da Cruz, na estação Meyer.
> Estando enfermo o preclaro administrador municipal, o convite ficou entregue ao ilustre secretrio de S. Ex. e Dr. Henrique de Toledo Dodsworth Filho.
> Sendo o Dr. Frontin o patrono da prova principal do grande festival, entre os teams do exercito e da marinha, ofereceu aos quadros vencedor uma rica taça de prata.[520]

Os Festivais Esportivos, de forma geral, podem ser considerados como uma forma importante de valorização dos esportes antes e depois da criação de competições organizadas. Mais do que uma espécie de grande reunião de amantes dos esportes, eles eram eventos sociais e, como tais, importantes para membros da sociedade em que aconteciam, sejam aqueles influentes do ponto de vista social, ou mesmo aqueles que apenas desejassem se fazer presentes e acompanhar o acontecia ali. Nas regiões suburbanas, eles aconteceram bastante e eram organizados pelos clubes e entidades daquelas localidades, como o periódico *Gazeta Suburbana*, que realizava frequentemente um festival com o seu nome.

[520] Gazeta Suburbana, 11/12/1919, p. 12

É importante percebermos, com base na análise da fonte acima, que tais acontecimentos também podem e devem ser considerados como um grande espaço de sociabilidade, isto é, uma oportunidade de membros da aristocracia suburbana reforçarem sua imagem e relevância social nos locais em que frequentavam. Para tanto, uma forma de demonstrar prestígio perante os demais membros era a proximidade com as autoridades públicas, como, no caso acima, a figura do prefeito do Rio de Janeiro Paulo de Frontin, o qual, embora fosse indicado para o cargo pelo Presidente da República, precisava contar com a simpatia dos seus governantes e a presença em eventos esportivos era, desde os tempos do Imperador, uma forma de alcançar isso. De acordo com Souza:

> Para a elite política republicana, a presença em eventos esportivos garantia visibilidade entre os espectadores das arquibancadas e os leitores de colunas esportivas, que noticiavam a presença de homens públicos nas tribunas. Ademais, estes mandatários colavam sua imagem a valores então associados à prática esportiva, como modernidade, civilidade, higiene e civismo. Os políticos locais, por sua vez, retribuíam as gentilezas dos clubes e ligas patrocinando seus eventos e arcando com os custos das taças e dos troféus disputados nessas ocasiões.[521]

Para os políticos, a presença nos eventos esportivos tinha outras formas de demonstrar seu prestígio, como aponta o autor, como a doação de taças com os seus nomes. Tal cenário, importante destacar, também se fez presente nas atividades suburbanas, como aponta o *Gazeta Suburbana*, em relação ao prefeito Paulo de Frontin, que, inclusive, não foi o único, já que outros chefes do Poder Executivo Municipal também fizeram o mesmo, como o prefeito Carlos Sampaio. Como noticiou *O Paiz*:

> UMA OFFERTA DO PREFEITO Á LIGA SUBURBANA – O Dr. Carlos Sampaio, prefeito do Districto Federal e membro honorário da Liga Suburbana, oferece uma valiosa taça, para ser disputada pelos dois clubs da Serie A da Liga Metropolitana, que tomarão parte no festival da sub-liga.[522]

[521] SOUZA, Jhonatan Uewerton. A "Candidatura Sportiva" e outras aproximações entre esporte e política na Curitiba da Primeira República. Dossiê Temático: História dos esportes. Vozes, Pretérito & Devir. Ano VI, Vol. V, Nº I, 2016, p. 127.
[522] O Paiz, 09/09/1921, p. 06.

Souza destaca que esta postura, tal qual teve o prefeito Carlos Sampaio, era comum e possuía um padrão:

> Em todos os casos, o rito era o mesmo: o comprador da taça dava nome ao prêmio; tinha a benfeitoria noticiada pelos jornais, que não poupavam elogios ao patrocinador; a taça ficava exposta durante dias, às vezes semanas, em uma importante casa comercial, com o nome do seu comprador estampado na vitrine; e, por fim, no dia da competição, o patrono do troféu era convidado a entrega-lo ao vencedor da contenda, ocupando assim o foco central das atenções no ponto máximo do evento esportivo. A taça ou estatueta era então levada à sede social do clube vencedor e permanecia exposta durante todo ano em sua sala de recepção. Monumentalizada pelo rito, a taça se convertia em lugar de memória, perpetuando a lembrança de sua disputa, de seu vencedor e de seu patrocinador – não raro, como vimos, um político local.[523]

A existência de um padrão para as relações entre agentes políticos e entidades esportivas demonstra que este cenário não era fortuito, mas fazia parte das relações de poder estabelecidas naquele período, dentre as quais estava a utilização dos esportes como forma de valorização perante uma determinada comunidade. No Riachuelo, por exemplo, a família Joppert era bastante influente devido ao seu poder econômico e social, o que se refletia, na prática, na administração do Riachuelo F. C., na construção de uma praça esportiva e também na eleição de um dos seus membros para o cargo de Deputado. Tal aproximação, como destaca Souza, ia além dos desejos mais imediatos de visibilidade e positivação da imagem,[524] fazendo parte, portanto, de "uma ampla rede de relações de camaradagem e mesmo laços familiares ligava a classe política aos dirigentes esportivos".[525]

Outra forma de perceber como se davam essas relações de poder eram através de partidas beneficentes, as quais tinham por trás de si serem verdadeiros atos de caridade:

> Em parte, pelo próprio ethos desta elite que compunha o quadro associativo e diretivo dos clubes, era comum entre as organizações esportivas a realização de festas beneficentes e a participação em atos de caridade organizados no município. Os

[523] SOUZA, 2016, p. 129.
[524] SOUZA, 2016, p. 129.
[525] SOUZA, 2016, p. 129.

> jogos para arrecadar fundos às vítimas de incêndios, naufrágios, carestias ou em favor de entidades como asilos, orfanatos e hospitais eram constantes.[526]

A caridade, na visão de Neves, "recobria o tecido social e entrelaçava seus fios, constituindo-se como elemento organizador da relação com os pobres e legitimador da ordem social que naturalizava a pobreza"[527], dando aos seus benfeitores aspectos de bondade e, principalmente, projeção social. Para tanto, o futebol suburbano foi utilizado neste processo como forma de viabilizar a conquista deste objetivo, como podemos observar no bairro de Quintino, subúrbio do Rio de Janeiro, quando o Modesto F.C. organizou uma festa em prol das obras da capela de São Sebastião[528] localizada naquela região. O episódio, em si, apresenta aspectos interessantes para discutirmos as relações entre política, sociedade, esporte e caridade.

O primeiro ponto que devemos chamar a atenção é a ausência de participação do poder público nas obras envolvendo a capela, motivo pelo qual coube à sociedade se organizar e buscar recursos para custear o empreendimento. A sociedade neste processo é composta por homens e mulheres que se consideravam respeitáveis em seu meio social – o que exigia constantes ritos, como a organização de eventos beneficentes, para referendar e/ou ampliar o raio de prestígio social no Rio de Janeiro. "O Estado, ao invés de ser o elemento de equilíbrio entre os membros da federação, estava sendo visto como um fator a desviar os recursos de toda a Nação para seu estado mais rico"[529].

A segunda perspectiva que gostaríamos de chamar a atenção para o episódio consiste na ação de envolver uma instituição católica em uma sociedade profundamente marcada pelo cristianismo católico. Neves, em seu trabalho sobre a prática da caridade durante a Primeira República enfatiza o papel da sociedade civil, especialmente ligada à Igreja Católica, para ajudar outros agentes sociais. No Quintino, a festa organizada pelo Modesto tem como objetivo angariar recursos que beneficiem justamente esta instituição, o que indica uma ligação entre os membros do clube, a região na qual estão inseridos e o poder religioso ali instalado. O próprio ato de ser caridoso em si, quando visto de cima

[526] SOUZA, 2016, p. 132.
[527] NEVES, Frederico de Castro. Caridade e Controle Social na Primeira República (Fortaleza, 1915). Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 115-133, janeiro-junho de 2014.
[528] O Paiz, 10/01/1919, p. 8.
[529] NEVES, 2014, p. 121.

para baixo mostra-se como exercício de solidariedade cristã, indício de uma sensibilidade nacional[530] para com as dificuldades cotidianas, mas sem que isso retire o caráter de que, quando visto de baixo para cima, a caridade "aparece conectada às políticas de controle social, em resposta às iniciativas, movimentações e ações dos pobres em suas lutas cotidianas pelo direito a condições básicas de sobrevivência, no contexto da subalternidade estrutural em que viviam na Primeira República e continuam a viver hoje"[531].

Este elemento pode ser percebido em outro episódio nos subúrbios cariocas que também ocorreu em 1919, quando o Olaria F.C. se organizou para realizar no dia 27 de abril daquele ano um festival em benefício dos guardas noturnos que atuavam na segurança da região.[532] A presença da força policial no futebol carioca organizado é grande desde os seus primórdios e com o aumento do nível de tensão de algumas partidas e competições isso se tornou mais forte como, em 1917, ficou decidido que os agentes de segurança pública, a fim de conter as brigas que ocorriam nos duelos futebolísticos, adotariam algumas medidas novas. *O Imparcial* publicou que:

> Deante das desordens e conflitos ultimamente verificados em nossos grounds de football, sabemos que a policia vae tomar serias providencias, afim de punir com rigor os responsáveis por tão degradantes scenas.
> Dentre as medidas que vae a policia tomar, nesse sentido, salientam-se:
> a. Todas as partidas de football serão presididas por um suplente ou commisario de policia;
> b. Guardas civis e praças de Brigada reforçarão o policiamento, fazendo cordão de isolamento para garantir jogadores e referees;
> c. As grades que circundam os fiels terão uma cerca de altura a impedir que possa o campo ser invadido;
> d. As directorias dos clubs serão obrigadas a auxiliar eficazmente a policia nesse serviço;
> e. No caso de ser ainda verificadas desordens, será aberto inquérito e punidos os promotores ou cassada a licença do club local, se fica provada a culpabilidade.[533]

[530] NEVES, 2014, p. 129.
[531] NEVES, 2014, p. 129.
[532] O Paiz, 04\04\1919, p. 9.
[533] O Imparcial, 30/11/1917, p. 8.

A garantia da ordem foi uma preocupação constante ao longo de toda a Primeira República Brasileira e o futebol não ficou alheio a isso. O pesquisador Antonio Gasparetto Júnior é categórico ao analisar este tópico e ressaltar que durante os anos de 1889 a 1930 o Estado de Sítio foi utilizado 44 vezes e permaneceu vigente em cerca de 20% dos 39 anos da primeira experiência republicana para, segundo ele, conservar a ordem social.[534] Na Constituição Federal de 1891, ele foi definido no 15º inciso do artigo 48 sob a competência do Presidente da República ou de seus representantes, na ausência do Congresso Nacional, e em caso de agressão estrangeira ou grave comoção intestina.[535] Por este último motivo, aliás, ele foi bastante utilizado nos anos inicias da implementação da República (governos Floriano Peixoto e Campos Salles) e também em 1904, 1910, 1914, 1917, 1922 e 1924.

O estado de sítio pode ser compreendido como um período em que o poder estatal, na figura do Poder Executivo, tem ampliada sua autoridade política para executar medidas que visam a garantir o bom andamento da sociedade podendo, para tanto, restringir a liberdade de pessoas. Em 1917, ele foi implementado pelo Governo Federal sediado no Rio de Janeiro e, no âmbito esportivo, medidas mais rígidas foram debatidas e algumas adotadas a fim de conter distúrbios envolvendo partidas de futebol. Naquele mesmo ano, a polícia estudou e implementou novas medidas para garantir a ordem, isto é, o bom andamento das partidas futebolísticas que apresentavam um elevado grau de desordem.

A permissão e/ou presença policial era uma condição *sine qua non* para a execução de atividades sociais durante a Primeira República, uma vez que desde o "final do Segundo Reinado (1840-1889), a polícia militar já havia se transformado num instrumento de coerção nas mãos do Estado".[536] Para tanto, ela poderia fazê-lo por meio do controle, como, por exemplo, na obrigatoriedade que os clubes sociais tinham de enviar para a força policial seus estatutos e listas de sócios e dirigentes, bem como da repressão física ou psicológica, tal qual a feita por "patrulhas ou rondas, às quais competia

[534] GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. Recursos Externos da Administração Estatal: as decretações do Estado de Sítio durante na Primeira República. Tese (Doutorado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2018.
[535] Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acessado em 31.08.2022, às 16h34min.
[536] http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/642-brigada-policial-da-capital-federal. Acessado em 19/09/2022, às 16h27min.

prender e conduzir imediatamente à presença do comandante de estação ou do seu posto os evadidos das prisões"[537].

O olhar do Estado sobre as atividades sociais não se restringiu sobre o futebol das regiões suburbanas, mas também sobre diversas iniciativas, isto é, outras ações esportivas que aconteciam nos arrabaldes do Rio de Janeiro e que representavam práticas de sociabilidades dos Subúrbios Cariocas.

5.3 Lazer e Sociabilidade nos Subúrbios Cariocas

Os Subúrbios do Rio de Janeiro na transição do século XIX para o século XX se tornaram o foco de grande ocupação populacional da capital federal e, posteriormente, chamaram a atenção do poder público, sobretudo no sentido de criar mecanismos de ordenamento e controle daquelas localidades. Alguns dos motivos principais para isso foram a Abolição da Escravidão, em 1888, e as Reformas Urbanas de Pereira Passos (1902-1906), pois muitos ex-escravos, da capital ou do interior, impossibilitados de residir na zona central da cidade, se instalaram na região.[538]

Tomando como exemplo o bairro de Madureira para pensar este processo, percebemos que com o aumento da ocupação da região, aumentaram também as atividades de divertimento e, com isso, ocorreram mudanças na própria localidade, como aponta Melo:

> A estruturação de um mercado de entretenimentos, em geral, se relaciona a algumas importantes mudanças na dinâmica das cidades: uma maior disposição para a ocupação da cena pública (decorrente de certa efervescência política, mas também da circulação de novas ideias sobre a vida em sociedade), bem como uma vitalidade econômica que tem como uma das marcas a conformação de estratos médios que ampliam a base de consumo.[539]

[537] Disponível em: http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/642-brigada-policial-da-capital-federal. Acessado em 19/09/2022, às 16h47min.
[538] MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Faces da modernidade: a experiência do Ciclo Suburbano Clube (Madureira/Rio de Janeiro – décadas de 1920-1960). Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0202, maio/ago. 2020, p. 6.
[539] MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas: os clubes athleticos e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889). Cadernos de História da Educação, Uberlândia, 2020, p. 1.

Assim, um ponto que nos chama a atenção nas práticas de lazer em ambientes suburbanos é sobre o tipo de prática executada, pois, embora não restrito ao futebol, estas regiões desenvolviam atividades que nem sempre eram benquistas dentro de um contexto de valorização da modernidade. Tais ações, eventualmente, faziam parte de um cenário mais amplo no qual estavam inseridos preconceitos de ordem racial e socioeconômica,[540] mas também apresentam, segundo Melo, outros aspectos:

> Como sugerem Fraga e Santos (2015, p. 18): "Sob outra perspectiva, neste jogo de contrastes, também importava afirmar a existência de uma elite suburbana, frente aos grupos populares que conferiam uma imagem estigmatizante de pobreza e abandono ao subúrbio". Ao mesmo tempo, não se deve perder de vista que, no tocante à relação "entre os setores médios e populares no subúrbio", também se pode falar em "partilhamento de valores, símbolos, pertencimentos e identidades". (FRAGA; SANTOS, 2015, p. 20). Assim sendo, pode-se perceber ao redor desses entretenimentos "modernos" uma dupla dimensão, para além da diversão em si: uma estratégia para mostrar aos de fora que os subúrbios também tinham condições de desenvolver práticas que indicassem a ideia de progresso e civilização; ao mesmo tempo, internamente, marcar as hierarquias, sendo, portanto, indícios dos relacionamentos e conflitos entre diferentes grupos sociais.[541]

A busca pela modernidade e, consequentemente, as discriminações feitas a partir dela, é um dos pontos que desejamos trabalhar a partir de agora, pois, seguindo analisando o bairro de Madureira, fez com que se desenvolvesse na região a prática do ciclismo. O Ciclo Suburbano Clube, fundado em 1926, foi objeto de análise de Victor Melo e Nei Júnior, o qual é visto como uma ação dentre outras que ocorreram para impulsionar o desenvolvimento de ações atléticas, que são sinais do:

> (...) avanço do processo de urbanização, a conformação de estratos médios e a melhoria dos transportes públicos – o aperfeiçoamento das linhas de bondes e instalação de ferrovias. Conforme a cidade se espraiava, os moradores dos novos bairros progressivamente se interessavam pelos esportes.[542]

[540] MELO, 2020, p. 8.
[541] MELO e SANTOS JÚNIOR, 2020, p. 8.
[542] MELO e SANTOS JÚNIOR, 2020, p. 6.

O esporte do pedal chegou, assim, às regiões suburbanas como um exemplo de práticas de sociabilidades modernas por meio do lazer, mas, inevitavelmente, junto com ele veio elementos de exclusão, pois a inevitável exigência pela bicicleta já impedia a participação ativa de elementos impossibilitados financeiramente de adquirir este instrumento. Não aprofundaremos aqui tais questões no que tange ao aspecto financeiro, mas reforçamos ser este um elemento excludente e aspecto a ser levado em consideração para permitir associar mais determinados aos grupos suburbanos aristocráticos.

Sobre isso, aliás, Melo e Santos Júnior também se debruçaram sobre estas questões econômicas em relação ao Ciclo Suburbano e concluíram que:

> a mensalidade do Ciclo Suburbano era metade da dos clubes ligados à elite carioca, mas bem mais alta (por vezes, o quíntuplo) do que a de outras sociedades suburbanas. Além de tudo, há que se ter em conta o custo de uma bicicleta, um produto financeiramente não acessível para todos. Logo, àquela altura, possivelmente o acesso à agremiação de Madureira estava mais ajustado aos orçamentos mensais de um estrato social que tinha poder aquisitivo maior do que os frequentadores de clubes populares.[543]

Não obstante, a prática esportiva se desenvolveu na localidade e, na visão do clube, segundo seu Estatuto de fundação, era uma forma de colaborar para "proporcionar o desenvolvimento da educação física e moral da juventude brasileira, pela prática de competições desportivas, reuniões sociais e de fins culturais, sem prejuízo de outras atividades nobres que possa exercitar".[544] Ela criou sociabilidades viáveis de acordo com o contexto de sua época, mas, pela característica da estrutura de lazer, apresentava restrições.

Os mesmos autores também trabalham o desenvolvimento de outras práticas esportivas nos subúrbios cariocas, como o Cricket jogado no bairro de Bangu, o qual, principalmente em seu início, era disputado entre funcionários de empresas do Rio de Janeiro – com maior frequência dirigentes e, eventualmente, operários, sempre britânicos.[545] Para eles:

[543] MELO e SANTOS JÚNIOR, 2020, P. 15-16.
[544] BRASIL. Estatutos do Ciclo Suburbano Clube. Diário Oficial da União, p. 3, 10 set. 1949.
[545] MELO, Victor Andrade de, SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904 – 1912). Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 3, jul./set. de 2018, p. 848.

> Os estudos sobre as experiências com o críquete desenvolvidas no Rio de Janeiro, São Paulo e Recife demonstram que, mesmo que tenham existido algumas iniciativas com brasileiros envolvidos, foi uma modalidade que não caiu no gosto popular, ficando mais restrita aos britânicos e seus descendentes, um costume que trouxeram de seus país de origem, uma forma de celebrar sua cultura em comum. As agremiações até então investigadas eram majoritariamente integradas por britânicos de estratos socioeconômicos superiores. O caso do Bangu merece atenção por se tratar de um clube situado numa região mais afastada da cidade, formado por anglófonos e brasileiros, de estrato médio e popular, que interagiam mais usualmente. Os associados tiveram a oportunidade de conhecer dois esportes que se desenvolveram pari passu, o futebol e o críquete. Se no futebol havia maior convivência e diálogo entre os grupos, o mesmo não se passou no críquete, sempre mais restrito aos britânicos. Mesmo o segundo sendo elogiado como um exemplo de civilização, ao contrário do primeiro, constantemente enquadrado nos estigmas do subúrbio, foi mesmo o ludopédio que caiu no gosto dos associados e se consolidou.[546]

A ideia da restrição aos grupos aristocráticos permeia o desenvolvimento das atividades esportivas nos Subúrbios Cariocas. Se por um lado não podemos dizer que tudo se resumiu ao futebol, por outro não podemos – e nem queremos – afirmar que houve uma democratização no acesso, dadas as características socioeconômicas das regiões suburbanas compostas em sua maioria por indivíduos de menor por aquisitivo. O *lawn tennis* ou tênis de grama, esporte criado no século 19 na Inglaterra, sempre manteve um perfil mais elitista, mas isso não impediu sua disseminação, ainda que de alcance restrito, nos Subúrbios Cariocas.[547]

O Bomsucesso F. C., tradicional clube suburbano do Rio de Janeiro, pode ser visto como um exemplo neste sentido, pois não se manteve exclusivamente ligado às práticas futebolísticas. Ainda que não se possa dizer que a diversidade de atividades esportivas tenha acontecido em seus primeiros dias de fundação, ao longo dos anos elas foram se consolidando como, por exemplo, em seu 15º aniversário (em 1928), quando a instituição contava com uma "regular praça de sports: dois courts de tennis, campos de volley-ball e

[546] MELO e SANTOS JÚNIOR, 2018, p. 854.
[547] MELO, Victor Andrade de. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29(2), 2021.

basketball, pistas para corridas, tanque para saltos, magnifico campo de football, excellente archibancada e bella sede social"[548].

Outro aspecto que nos chama a atenção neste processo é que o esporte era um dos elementos que fazia parte das ações de sociabilidade suburbanas. Tomando ainda como o exemplo o aniversário do Bomsucesso F.C. podemos perceber que mais do que as atividades esportivas aconteciam, mas também ações de lazer envolvendo música e dança. Como destacou *O Paiz*:

> A directoria, para comemorar a passagem do 15º anniversario, convida todos os amadores de football, basketball, volleyball, tennis e athletismo, a comparecerem hoje, ás 14 horas, a fim de realizar diversas provas, assim como aos associados e famílias, pede-se comparecer, para dar maior realce. No final dessas provas, será effectuado um colossal réco-réco, que será abrilhantado por um jazz-band.
> A directoria previne que o baile de anniversario será effectuado no final do campeonato.[549]

A escolha pelo baile e pela banda de jazz assinalam um aspecto interessante no que tange às práticas culturais suburbanas no período: seu alinhamento com os aspectos modernos da época, para os quais, aliás, os clubes, enquanto sociedade criadas, eram extremamente importantes. Como afirma Santos Júnior:

> De fato, almejava-se novos símbolos de diversão desde os meados do século XIX. As Grandes Sociedades surgem como um arquétipo de autoimagem de instituição civilizadora, legitimadas por sua origem social e pelo conteúdo letrado de seus préstitos. Formadas por jornalistas e setores mais abastados da sociedade carioca, suas atividades não estavam circunscritas somente ao universo da festa. Suas ações iam além, incluíam movimentos políticos e atividades de cunho filantrópico e, claro, a reformulação das práticas festivas e hábitos de lazer – considerados "atrasados" e incompatíveis com aqueles ideais de progresso.[550]

[548] O Paiz, em 12/10/1928, p. 11.
[549] O Paiz, 12/10/1928, p. 11.
[550] SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. A Vida Divertida Suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895 – 1929). Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2017, p. 134.

A preocupação de parte da sociedade carioca com o enquadramento das atividades nos Subúrbios foi motivo para embates entre os grupos envolvidos. Havia, como em diversos segmentos sociais, interesses de controlar essas ações dando-lhe aspectos mais "modernos", isto é, europeus, como, por exemplo, por meio do Código de Postura Municipal que condenava, do ponto de vista jurídico, algumas atitudes ligadas à cultura africana – o que já apontamos anteriormente ser um traço do racismo estrutural em nosso país - bem como também de convenções sociais que apelavam para o bom senso, como fez Olavo Bilac:

> Applaudamos, por isso, a mania do sport – abtendo-nos apenas dos sports perversos, que só se podem exercer com sacrifícios da vida dos outros animaes, nossos irmãos inferiores. Se com o exer´cicio do sport queremos conservar a nossa vida indidual e a vida da nossa espécie, que não esqueçamos que os outros animaes e as outras espécies também devem ter o direito de viver. Olavo Bilac (1908)[551]

As palavras de Bilac trazem um pouco das discussões que permearam as práticas culturais nos Subúrbios do Rio de Janeiro, pois houve tentativas de controle com sucesso e equívoco por parte do poder público e dos grupos mais aristocráticos. Os clubes sociais suburbanos foram importantes para isso, pois levaram para dentro de espaços privados atividades que outrora ficavam espalhadas por espaços públicos e de maior dificuldade de controle.

Dentro desta conjuntura, o que ia para além do âmbito esportivo, outras ações culturais se destacavam no ambiente suburbano, como o Carnaval. Isso é bastante útil para discutirmos as relações de sociabilidade por meio do lazer e do esporte nos Subúrbios e as disputas entre os agentes participantes deste processo.

Os Subúrbios do Rio de Janeiro se consolidaram como locais de grande desenvolvimento cultural, o qual, por vezes, oscilava entre aproximações e distanciamentos em relação ao que acontecia na parte central e na Zona Sul do Rio de Janeiro da primeira parte do século XX. Dentro dessa conjuntura de desenvolvimento da Indústria do Lazer, os esportes se destacaram, mas não foram os únicos instrumentos de diversão, pois os bailes e os Carnavais também tiveram grande difusão.

[551] O Paiz, 04/01/1919, p. 8.

Os clubes foram os espaços privilegiados que nos permitem analisar estes processos, pois permitiam mesclar diversos aspectos locais que direta ou indiretamente relacionavam as práticas esportivas a outras atividades sociais. Por exemplo, no bairro de Bonsucesso, em 1919, uma homenagem de comemoração ao título do clube homônimo ao bairro se refletiu em uma oportunidade para curtir o Carnaval.

> CARNAVAL – BATALHA DE CONFETTI. BOMSUCESSO. Realizou-se trás-ante-hontem a batalha de confetti organizada pelos moradores da estrada da Penha, entre as ruas Uranus e da Freguezia, cujo trecho, ora calçado, apresentava um aspecto de avenida engalanada.
>
> Os festejos correram animadíssimas, apesar de contrariados pela chuva, sendo grande o numero de fantasias incorporadas e avulsas, que abrilhantaram esse certâmen carnavalesco.
>
> Foram distribuídos muitos premios a blocos, cordões, ranchos e mascaras avulsos que mais se distinguiram. A entrega desses premios será feita amanhã, quando se repetirá a festa.
>
> Estrada da Penha. Realizou-se domingo com o maior enthusiasmo a batalha de confetti, levada a effeito pelos moradores da Estrada da Penha, em Bomsucesso, em homenagem ao B. Foot-Ball club, campeão de 1918, da Liga Suburbana. Foram armados dois belos coretos, um para a musica da brigada policial, e outro para a comissão de festa.
>
> Aos blocos e cordões que se apresentam melhor foram oferecidos vários brindes.[552]

A região da Penha, onde ocorreu a festividade, já era uma localidade consagrada por nos períodos festivos atrair muitas pessoas. Desde o século XVIII, aliás, os festejos criados pela Irmandade da Penha se difundiram na Capital Federal e, durante o Carnaval, ali se tornava polo atrativo no qual o Bomsucesso, campeão da Liga Suburbana de 1918 nos segundos times, foi homenageado. Assim, percebemos os esportes eram um agente da sociabilidade nos bairros suburbanos, relacionado aos bailes, Carnavais e outras ações culturais.

Os Subúrbios do Rio de Janeiro se consolidaram como regiões ricas do ponto de vista cultural e as práticas esportivas são um reflexo disso. Se hoje em dia nós podemos

[552] O Paiz, 26/02/1919, p. 9.

registrar atividades que fazem parte de uma complexa e diversificada “Indústria de Lazer”, isso não é fruto de ações do dia para a noite, mas de um processo histórico longo e conflituoso.

Considerações Finais

O presente trabalho almejou enfatizar a perspectiva de alguns clubes suburbanos ao longo da primeira metade do Século XX sobre o profissionalismo marrom, indicando alguns caminhos tomados por estas instituições para tentar "sobreviver" nos anos que antecederam e sucederam à profissionalização do futebol, bem como nos aprofundar em alguns personagens essenciais para entender este processo. Nossa ideia é dar vozes aos agentes sociais e instituições que contribuíram de forma decisiva para a difusão futebolística nos Subúrbios do Rio de Janeiro, todavia certamente deixamos lacunas ao longo dessa jornada que podem ser exploradas em projetos futuros.

Por tratarmos de um tema que se desenvolve ao longo da Primeira República, podemos nos aprofundar em abordar a relação dos clubes suburbanos com as entidades políticas que os cercavam, bem como com aqueles homens que cuidavam dessas regiões. Falamos um pouco da família Joppert e de sua relação com bairro e o clube do Riachuelo, mas podemos, em outros momentos, refletir sobre que impactos estas relações de sociabilidades tiveram para a sua participação nos processos eleitorais? De que maneiras os jogos de futebol podem ser usados como uma forma de angaria simpatias ou gerador de inimizades para seus patronos?

O curso de Doutorado na UFF é mais uma etapa na formação profissional e, como dito nos agradecimentos, parte de um processo de parcerias que não se encerram. Uma delas, aliás, se desenvolvem por meio de um projeto de reconstituição de estádios históricos existentes no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. Mais do que reconstituir locais de jogos de equipes como Vasco e Flamengo, por exemplo, podemos buscar identificar onde ficavam e/ou em quais situações se encontraram os campos suburbanos que deram vida a um jogo que, inicialmente, tentou-se vedá-los. O mesmo vale para os clubes que outrora se impuseram em regiões como o Meier e Engenho de Dentro, mas que agora ou foram extintos ou não estão sendo percebidos na dinâmica urbana de bairros que cresceram ao longo dos anos.

Neste sentido, temos como possíveis objetos de análise 3 clubes que foram relevantes em nosso trabalho: Riachuelo Football Club, Engenho de Dentro Atlético Clube e o Bonsucesso Futebol Clube. Todos foram vencedores da Liga Suburbana de Futebol entre 1907 a 1920, mas que tiveram destinos bastantes diferentes. O primeiro

durou menos de uma década (aproximadamente 1905 a 1911, ainda que seu nome tenha sido usado por outras agremiações ao longo dos anos), foi extremamente importante para a organização de competições suburbanas e não só pelo seu pioneirismo, mas também pelos investimentos que realizou na construção, como apontamos na Tese, de um campo esportivo. Perguntas que podem ser respondidas futuramente são: como está o local em que este campo foi construído na atualidade? Por que o Riachuelo Football Club chegou ao fim de forma tão precoce? Quais rumos tomaram seus jogadores, dirigentes, sócios e torcedores? Quais impactos o fim de uma agremiação esportiva causava nos esportes suburbanos?

O Engenho de Dentro Athletic Club, por sua vez, é uma instituição centenária, pois foi fundada em 1912 e ainda sobrevive no mesmo bairro que lhe dá o nome. Entretanto, se no início do século passado aterrorizava adversários dentro de campo, o que lhe rendeu o apelido de Fantasmas Azuis,[553] atualmente tem como principal ação no mundo esportivo a prática de futsal (futebol de salão) para crianças e adolescentes que sonham em se tornar jogadores de futebol profissional. Se outrora esta agremiação ganhou notoriedade pela conquista do Tricampeonato da Liga Suburbana de Futebol, o que chamou a atenção de equipes como o Vasco da Gama para atrair seus principais jogadores, hoje ela segue ainda como celeiro de potenciais futuros craques de bola, mas de forma mais tímida.

É no Engenho de Dentro, aliás, uma outra possibilidade de pesquisa em relação à conquista do campeonato da LMDT, em 1925. Em meios às polêmicas que culminaram na separação dos principais clubes de futebol do Rio de Janeiro a partir de 1924, duas ligas foram organizadas: uma pela AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) e outra pela LMDT (Liga Metropolitana de Desportos Terrestres). Entre os motivos para a secessão estão questões econômicas, políticas, raciais e esportivas, todavia, gerou a existência de duas competições simultâneas e que, posteriormente, seriam pilares para o que conhecemos atualmente por Campeonato Carioca. Assim, a equipe suburbana que venceu uma delas em 1925 reivindica o título de campeão estadual, haja vista o mesmo já valer para os chamados times grandes. Por que o Engenho de Dentro não pode ser assim considerado? Por que há a necessidade de confirmar isso a posteriori?

[553] https://historiadofutebol.com/blog/?p=70700. Acessado em 13/03/2023, às 7h38min.

Por que essa conquista é tão importante para o clube? Quais significados têm para a instituição?

O Bonsucesso Futebol Clube é outra instituição centenária que sobrevive nos Subúrbios do Rio de Janeiro. Fundado em 1913 no mesmo dia em que nasceu Leônidas da Silva (6 de setembro), a instituição tem ganhando notoriedade na grande mídia pela vinculação a um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro.[554] Não obstante, devemos nos perguntar: o que explica a diferença de longevidade entre as principais equipes suburbanas no início do século XX? Por que algumas se mantiveram mais atuantes no futebol do que outras? De que maneiras o Bonsucesso sobreviveu à profissionalização do futebol no Rio de Janeiro, enquanto equipes ao seu redor sucumbiram? Como foram as relações entre estas entidades ao longo deste processo?

A organização de competições esportivas nos subúrbios do Rio de Janeiro é uma forma de mensurar o desenvolvimento destas práticas naquelas regiões, como já apontamos. Longe de se manter isolada da febre esportiva que incidiu sobre a Capital Federal na virada do século XIX para o XX, os bairros suburbanos buscaram fazer parte desse processo como sujeitos ativos, dada a complexidade socioeconômica de sua ocupação.

Antes de 1920, este processo foi feito de forma mais incisiva, com o desenvolvimento de Ligas fortes nos subúrbios cariocas, as quais contavam com equipes que, em termos de resultado, chegaram a rivalizar com aquelas que hoje chamados de os grandes times do Rio de Janeiro. Um bom exemplo disso foi o assédio que muitas equipes suburbanas tiveram em seus jogadores e que, consequentemente, culminou no enfraquecimento destas competições.

A expansão do Profissionalismo Marrom tirou muitos bons jogadores das equipes suburbanas, ao mesmo tempo em que as disputas pelo controle da Metropolitana abriram espaços para os times dos subúrbios que antes não existiam. Em todos estes processos, é importante destacar, não está presente a ideia de democratização do futebol, pois eles foram permeados por padrões de diferenciação que culminaram na inserção de *players* dentro dos campos dos times que jogavam a Metro, sem que eles fizessem parte do quadro

[554] https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/01/25/bonsucesso-faz-camisa-em-homenagem-aos-110-anos-de-leonidas-da-silva.ghtml. Acessado em 13/03/2023, às 7h53min.

social das entidades, paralelamente os clubes que trocavam as Ligas dos Subúrbios pelo que hoje chamamos de Campeonato Carioca, em sua maioria, disputavam apenas as divisões inferiores.

Todavia, este foi o processo registrado no Rio de Janeiro. O enfraquecimento das organizações suburbanas no final dos anos 1920 e início dos anos 1930 coincidiu com a transição do Profissionalismo Marrom e o reconhecimento do jogador como profissional, entretanto isso não significou a fragilidade do futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro, pois os clubes continuaram existindo e jogando as competições existentes, mas de formas diferenciadas do que ocorreu antes e que devem ser analisadas em outros trabalhos.

A existência de diversas problemáticas é um motor importante para novas pesquisas, as quais podem versar sobre a situação dos clubes suburbanos na transição da Primeira República (1889 - 1930 – 1945) para a Era Vargas (1930 – 1945), período em que ocorre a profissionalização do futebol e diversas mudanças no futebol carioca. Dentre as modificações que nos chamam a atenção, mas que não puderam ser objetos de análises no presente trabalho, temos a dissolução de competições suburbanas e/ou sua incorporação a torneios que abrangeram, quantitativamente, um número maior de clubes. Na mesma linha também podemos trabalhar questões envolvendo a inserção de clubes de outras cidades do estado do Rio de Janeiro, para além da Capital Federal.

A produção da tese que lemos não seria constituída sem a consulta aos jornais disponíveis na Biblioteca Nacional. Cientes de que, como apontam pesquisadoras como Laura Maciel da necessidade de contextualizar e entender os periódicos do Brasil Republicano como vozes ativas,[555] não podemos nos negar ao fato de que eles trouxeram possibilidades de análises que em nossos trabalhos acadêmicos de outrora passaram despercebidas: os estudos sobre alguns personagens (pessoas). A citação a sujeitos como os irmãos Joppert, o jornalista Cezarino Cezar e em especial o tenente Guilherme Paraense foram possíveis apenas devido ao acesso a novas fontes que não ocorreu anteriormente.

Trazer nomes, narrativas, aspectos individuais a uma história muitas vezes mais institucional é uma maneira de humanizar e aproximar certos temas da realidade em que foram desenvolvidos. Essa foi a nossa intenção enfatizar esses elementos e, claro,

[555] MACIEL, 2016.

enriquecer nossa escrita a fim de destacar a complexidade que envolveu este processo, principalmente para os agentes envolvidos.

Valorizar, portanto, a história do futebol suburbano é uma forma de dar o devido valor a regiões que muitas vezes foram negligenciadas ao longo dos estudos históricos. Mais do que uma necessidade, é questão de justiça em um momento de intensa contestação social e disputas que, muitas vezes, acabam por tentar apagar processos históricos de grande relevância. Assim, esperamos ter ajudado a colocar os Subúrbios no radar de pesquisas de futuros historiadores e cientistas que almejem, assim como o autor deste trabalho, dar voz a pessoas que muitas vezes foram propositalmente esquecidos.

Referências

Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. A evolução urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPP, 2010.

ABREU, Maurício de A. O Rio de Janeiro no século XIX: da cidade colonial à cidade capitalista. In: Evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPP, 2013

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. n: Sociologia. Gabriel Cohn (org.); Florestan Fernandes (coord.). São Paulo: Ática, 1986

AGRA, Giscard F. A urbs doente medicada: A higiene da construção de Campina Grande (1877-1935). Campona Grande: Editora Marcone, 2006.

ARAÚJO, Silvera Vieira de Araújo. História social e história cultural e suas influências na produção historiográficas sobre cidades no Brasil.

ASSAF, Roberto e MARTINS, Clovis. História dos Campeonatos Cariocas de Futebol – 1906/2010. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010.

BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a contribuição de Roger Chartier. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, 2005.

BARRETO, Lima. Toda crônica: Lima Barreto. Organização Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004

BERDU, Lívia Cintra. Trabalhadores negros no processo de formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro (1888-1910). Dissertação (Mestrado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

BERNARDES, Lysia M. C. SOARES, Therezinha de Segadas. Rio de Janeiro: Cidade e região. Rio de Janeiro: Sec. Mun.Cultura: Dep. Geral de Doc e Inf, Cultural, 1990.

BETHELL, Leslie (org.) História da América Latina. Vol 1: América Latina Colonial. São Paulo/Brasília: EDUSP/FUNAG, 1997.

BOLCINHAS, André. Muito Além do Consumo de Pão: Condições de vida no Rio de Janeiro na década de 1870. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2019, vol.32, nº 66, p.172-194.

BOOTH, Douglas. História do Esporte: Abordagens em mutação. Recorde: Revista de História do Esporte. Volume 4, número 1, junho de 2011

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2015

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. Questões de sociologia. Lisboa: Fim do século, 2003.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CABRAL, Michele Nascimento. Teatro Anarquista, Futebol e Propaganda: tensões e contradições no âmbito do lazer. Dissertação. UFRJ: Rio de Janeiro, 2008.

CANCELLA, Karina Barbosa. O ESPORTE E AS FORÇAS ARMADAS NA PRIMEIRA REPÚBLICA: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922). Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, PPGHC, Rio de Janeiro, 2013.

CANTARINO, Nelson Mendes. Resenha Bibliográfica de CONSETINO, Daniel do Val; GAMBI, Thiago Fonelas Rosado. História do Pensamento Econômico: pensamento econômico brasileiro. Niterói: Eduff; São Paulo: Hucitec, 2019. 324p (Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil, v. 1 Organização geral: Luiz Fernando Saraiva). História econômica e História das Empresas, vol. 23, nº 2 (2020).

CARDOSO, Elizabeth Dezouart. Estrutura Urbana e Representações: A invenção da zona Sul e a construção de um novo processo de segregação espacial no Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. GeoTextos, vol. 6, n. 1, jul 2010.

CARDOSO, Ellizabet Dezouzart. Representações e identidade na cidade na primeira metade do século XX – Os Subúrbios Cariocas. URBANA, V.6, nº 9, ago-dez, 2014 - Dossiê: Dimensões Simbólicas das Intervenções Urbanas - CIEC/UNICAMP

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CASTRO, Hebe. História Social. In: CARFOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. Domínios da História: ensaio de Teoria e Metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997

CERTEAU, Michel De. A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994

CHAUÍ, Marilena. Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. Coleção História do Povo Brasileiro, 2000

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988,

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER. Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, Frederico Oliveira. Futebol e Produção Cultural no Brasil: A Construção de um Espaço Popular in SILVA, Francisco Carlos Teixeira da, SANTOS, Ricardo Pinto dos (org). Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora: FAPERJ, 2006.

DAMO, Arlei. Futebóis: Apresentação. Fulia/UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.

DIAS, Cleber. Esportes nos confins da Civilização: Mato Grosso, 1920-1930. Topoi, Rio de Janeiro, v. 18, n. 34, p. 66-90, 2017.

DUARTE, O. Futebol: história e regras. São Paulo: Editora Markron Books, 1994

DUBY, Georges. História social e ideologias das sociedades. In LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no processo civilizacional. Coimbra: Edição 70, 2019.

ENGELS, Friedrich. A questão da habitação. Belo Horizonte, Aldeia Global, 1979.

FABRETTI, Giancarlo Livman. A metropolização vista do subúrbio: Metamorfoses do trabalho e da propriedade privada na trajetória de São Caetano do Sul. Tese (Doutorado). São Paulo: USP, 2013, p.9.

FERNANDES, Felipe Moura. Tristes fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. Tese (Doutorado). São Paulo, USP, 2012

FERNANDEZ, Renato Lanna. Fluminense Foot-Ball Club: A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933). 2010. 195p. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado). Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), 2010

FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. Estado e oligarquias na Primeira República: um balanço das principais tendências historiográficas. Niterói: Tempo. 2017, 23 (3).

FILHO, Alcides Goularti. Companhia de navegação Lloyd Brasileiro: uma trajetória de déficit financeiro e desenvolvimento econômico. História Econômica & História de Empresas, v. 12, n. 2, 30 set. 2020

FILHO, Mário. O Negro no futebol brasileiro. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
GARNER, S. Whitness: an introduction. Londres e Nova York: Routledge, 2007.
GASPARETTO JÚNIOR, Antonio. Recursos Externos da Administração Estatal: as decretações do Estado de Sítio durante na Primeira República. Tese (Doutorado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2018.
GERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981
GOMES, Eduardo de Souza. Esporte, Nação e Relações Internacionais na América Latina: uma análise comparada dos Jogos do Centenário de 1922 (Rio de Janeiro) e dos Jogos Bolivarianos de 1938 (Bogotá). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2020.
FRAGOSO, João. Para que serve a história econômica? Notas sobre a exclusão social no Brasil. Estudos históricos. Rio de Janeiro, 2002, nº 29
GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo, Companhia das Letras, 1987
GUEDES, S. L. Os Trabalhadores e o Futebol no Rio de Janeiro: A fundação do Bangu e a Democratização Social da Cidade. In. XV REUNIÃO DA SBPH, 1996. ANAIS DA XV REUNIÃO. CURITIBA
HELAL, Ronaldo e GORDON JR, Cesar. Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol. Estudos Históricos, vol.23, 1999
HOBSBAWM, Eric. Primitive Rebels. NY, Norton & Company Inc, 1959.
Hollanda, B. B. B. de, Guimarães, G. C., & Silva, M. R. da. (2023). Futebóis e modernismos: 100 anos da Semana de 22. FuLiA/UFMG, 7(3), 3–15
HUNT, Lynn (org). A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992
HEINZ, Flávio Madureira. Por outra história das elites. Rio de Janeiro: FGV, 2006
JELIN, Elizabeth. Los trabajos de la memoria. Madri: Siglo Veintiuno, 2002
JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. Estudos Históricos, 1999
JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Modernidade Urbana e Flexibilidade Tropical: as Feiras livres na cidade do Rio de Janeiro (1904-1934). Geo UERJ, [S.l.], fev. 2016
JEUKEN, Bruno. Esporte na. primeira república: a história do espetáculo. Revista de História São Paulo, n.176, 2017.

KARVAT, E. C. A HISTORIOGRAFIA COMO DISCURSO FUNDADOR: REFLEXÕES EM TORNO DE UM "PROGRAMMA" HISTÓRICO. Revista de História Regional, [S. l.], v. 10, n. 2, 2007.

KUGELMAS, Eduardo. Difícil hegemonia: um estudo sobre São Paulo na Primeira República. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo 1986

LENZI, Maria Isabel Ribeiro. Francisco Pereira Passos – Possibilidade de um olhar. Revista Rio de Janeiro, n.10, maio-ag0, 2003.

LEVI, G. Comportamentos, recursos, processos: antes da "revolução" do consumo. In: REVEL, J. Os jogos de escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998

LEVI, Giovanni. Le pouvirau village. Paris: Gallimard, 1989.

LEVY, Maria Bárbara. A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.

Lima Barreto. "A estação". Beatriz Resende (org.). *Lima Barreto. Coleção Melhores Crônicas*. São Paulo: Global, 2005.

LIMA, Eduardo José Silva. Recife entra em campo: história social do futebol em Recife (1905-1937). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural de Pernambuco: Recife, 2013.

MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, esfera pública e memória operária - Rio de Janeiro (1880-1920). rev. hist. (São Paulo), n. 175, p. 415-448, jul.dez., 2016.

MACHADO, Aline Gomes e ROCHA JUNIOR, Coriolano P. A ginástica como prática educativa na Bahia (1850-1920). Recorde, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, 2019.

MALAIA, João Manuel. A história econômica entra em campo: Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. Revista Econômica Política e História Econômica, ano 9, n.27, 2012.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. São Paulo: Hicitec; Unesp, 2002.

[1] MASCARENHAS, Gilmar. Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MATTOS, Lucas Nascimento de. Um jogo de ocupação de espaços: o Club de Regatas Vasco da Gama no caminho da urbanização e o papel do futebol na (re)produção do espaço urbano (1915 – 1942). Niterói: UFF (Dissertação), 2022.

MELO, Victor Andrade de. Evidência e especulação: "A origem" do futebol no Rio de Janeiro (1898-1902). Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 3, jul/set. de 2017

MELO, Victor Andrade de, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. "Casa Sportman – sempre imitada, nunca igualada": estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909-1922). História Econômica e História das Empresas. Vol. 23, nº 2 (2020).

MELO, Victor Andrade de. Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Faperj, 2001.

MELO, Victor Andrade de, DRUMMOND, Maurício, FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Pesquisa histórica e história do esporte. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

MELO, Victor Andrade de. Encontros nas quadras de grama: as mulheres e o tênis no Brasil do século XIX. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 29(2), 2021.

MELO, Victor Andrade de. Esporte, Propaganda e Publicidade no Rio de Janeiro na transição dos séculos XIX e XX. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 29, n.3, maio, 2008.

MELO, Victor Andrade de. O Esporte: Uma diversão no Rio de Janeiro do século XIX. Revista Brasileira de Estudos do Lazer. Belo Horizonte, v. 2, n. 3, 2015.

MELO, Victor Andrade de. Novas performances públicas: os clubes athleticos e a educação do corpo (Rio de Janeiro, 1884-1889). Cadernos de História da Educação, Uberlândia, 2020

MELO, Victor Andrade de; SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Faces da modernidade: a experiência do Ciclo Suburbano Clube (Madureira/Rio de Janeiro – décadas de 1920-1960). Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 30, e0202, maio/ago. 2020.

MELO, Victor Andrade de, SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. O esporte nos arrabaldes do Rio de Janeiro: o cricket em Bangu (1904 – 1912). Movimento, Porto Alegre, v. 24, n. 3, jul./set. de 2018.

MENEZES, Lená Medeiros de. Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930). Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

MORAES, Adriano dos Santos. Eis que surge uma prefeitura: a Guarda Nacional, a política local e o município de Nova Iguaçu na Primeira República. Nova Iguaçu: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), 2012.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, coleção Biblioteca Carioca, volume 32, 1995.

NACIFF, Yordana Dias das Neves e KNEIB, Erika Cristine. Os Subúrbios e Periferias nas metrópoles: um estudo sistêmico aplicado à Região Metropolitana de Goiânia. Anais XVIII ENANPUR 2019.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do. A peste bubônica no Rio de Janeiro e as estratégias públicas no seu combate (1900-1906). Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol. 6, n. 2, jul-dez., 2013.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916, São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

NETTO, P. Coelho. Fluminense Pitoresco e Dramático. Rio de Janeiro. Editora: Minerva, 1969.

NETTO, P. Coelho. Fluminense na intimidade - Volume I. Rio de Janeiro. Editora Borsoi, 1969.

NETTO, P. Coelho. Fluminense na intimidade - Volume II. Rio de Janeiro. Editora Borsoi, 1969.

NEVES, Frederico de Castro. Caridade e Controle Social na Primeira República (Fortaleza, 1915). Est. Hist., Rio de Janeiro, vol. 27, nº 53, p. 115-133, janeiro-junho de 2014.

OLIVEN, Ruben George. Cultura e Modernidade no Brasil. São Paulo em Perspectiva, 2001.

OLIVEIRA, Alfredo Cesar Tavares de. O bairro de Marechal Hermes: da moradia operária à habitação social (1910 – 1956). Tese (Doutorado), UFF: Niterói, 2009.

OLIVEIRA, Elis da Silva. Football, modernidade e distinção social: apropriação da prática do futebol pela classe dominante em Porto Velho nos anos 1920. TCC (Graduação em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia/UNIR. Porto Velho, Rondônia, 2014.

PASTI, Renato. Branquidade e Racismo no Brasil: O branqueamento assimilacionista na transição da Monarquia para a República. Anais do IX Encontro Estadual de História: História e Movimentos Sociais. Bahia, 2018.

PEÇANHA, Natália Batista. Que liberdade? Uma análise da criminalização das servidoras domésticas cariocas (1880-1930). Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2019

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. Estudos Históricos, Rio de Janeiro.

PEREIRA, Sonia Gomes. A reforma urbana de Pereira Passos e a construção da identidade carioca. Rio de Janeiro: UFRJ (tese de doutorado), Escola de Belas Artes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.8, nº 16, 1998.

PINTO, Surama Conde Sá. Elites políticas e o jogo de poder na cidade do Rio de Janeiro (1909-1922). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

PONTES, Ludmila Alves. A visão de um Brasil Urbano: O Rio de Janeiro na obra de Lima Barreto. Dissertação (Mestrado). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americana, p. 227-278. Buenos Aires: Clacso, 2005.

REIS, Jose Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003.

REZENDE, Claudia Barcellos. Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 28, 2001.

RIBEIRO, Jean Carlo e CORRÊA, Joyce Nancy da Silva. Higienismo e os primórdios do esporte: os casos do Acre e de Goiás. FuLiA / UFMG, v. 3, n. 3, set.-dez., 2018.

SANTANA, W. P. As mãos negras do chauffeur Nelson da Conceição: futebol e racismo na cidade do Rio de Janeiro (1919-1924). Memória (Bacharelado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

SANTOS, Aline Tosta dos. A construção do papel social da mulher na Primeira República. Revista Em Debate - Fascículo nº8, PUC-RIO, 2009.

SANTOS, Joao Manuel Casquinha Malaia, DRUMOND, Maurício. A construção de história do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. Revista Tempo, vol. 19, n. 34, Dossiê Uma história do esporte para um país esportivo, 2012.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933). Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Jorge Artur dos. Intelectuais Brasileiros e Esporte: Meio Século de disputas. São Paulo: Clube dos Autores, 2010.

SANTOS, Leonardo Soares dos. De arrabaldes a subúrbios: a geografia social do Rio de Janeiro a partir dos seus cronistas. Locus: revista de história, Juiz de Fora, v. 20, n.2, 2015.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge dos. A Vida Divertida Suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado Bangu (1895 – 1929). Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, 2017.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. Um “clube da fábrica” e um “clube de fábrica”: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1910). Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – v.12, n.2, 2013.

SANTOS JÚNIOR, Nei Jorge e MELO, Victor Andrade de. “Recrear, instruir e advogar os interesses suburbanos”: posicionamentos sobre o futebol na Gazeta Suburbana e no Bangú-Jornal (1918-1920). Porto Alegre, v. 20, n. 01, jan/mar de 2014.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura, memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Introdução: as marcas do período. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Coord). História do Brasil nação: 1808-2010 (A abertura para o mundo, 1889-1930). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SERFATY, Elaina Reioli Cirilo. Pelo trem dos subúrbios: disputas e solidariedades na ocupação do Engenho de Dentro (1870-1906). Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, 1995.

SHARPE, Jim. A história vinda de baixo. In: BURKE, Meter. A escrita da história. Novas Perspectivas. Editora Unesp, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. A Capital Irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SEVCENKO, Nicolau. A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SILVA, Juremir Machado de. Raízes do conservadorismo brasileiro: a abolição na imprensa e no imaginário social. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

SILVA, Maíra Carvalho Carneiro. Por que fazer uma Reforma Urbana: Juiz de Fora um caso peculiar. Anais do I Colóquio do Lahes (Laboratório de História Econômica e Social): Juiz de Fora, 2005.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. Mil e uma noites de futebol: o Brasil Moderno de Mário Filho. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SILVA, Mayara Grazielle Consentino Ferreira da. Algumas considerações sobre a reforma urbana Pereira Passos. Revista Brasileira de Gestão Urbana, 2019.

SOARES, Antonio Jorge. História e Invenção de Tradições no Campo do Futebol. Estudos históricos. 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira, 1966.

SOUZA, Glauco José Costa. Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015.

SOUZA, Jhonatan Uewerton. A "Candidatura Sportiva" e outras aproximações entre esporte e polítca na Curitiba da Primeira República. Vozes, Pretérito & Devir, Dossiê Temático: História dos esportes. Ano VI, vol. V, nº 1, 2016

THOMPSON, Edward P. Costumes em comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

TOLEDO, Edilene. Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 2017.

TOPOLSKI, Jerzy. O papel da lógica e da estética na construção de totalidades narrativas na historiografia. In: MALERA, Jurandi (org.). História & Narrativa. A ciência e a arte da escrita histórica. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

VILLAS BÔAS, Lúcia. História, Memória e Representações Sociais: Por uma abordagem crítica e interdisciplinar. Cadernos de Peqsquisa, v. 45, n. 156, abr/jun, 2015.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O teatro das oligarquias: uma revisão da política do café com leite. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (org). Identidade e diferença. Petrópolis: Vozes, 2014.

Documentos

Boletim da Intendência, jul/set 1903

Boletim Mensal do Estado Maior do Exército, vol. IV, n. 1, outubro de 1912. Ministério da Guerra, Imprensa Militar: 1912.

Código de Posturas: Leis, decretos, editaes e resoluções da intendência municipal do districto federal: compilação feita por ordem da prefeitura. Rio de Janeiro: Typ. Mont'alverne, 1894

Estatutos do Bangu A.C**.**

Estatutos do Ciclo Suburbano Clube. Diário Oficial da União, 1949

Relatório apresentado a Sua Ex. o Sr. Ministro de Estado da Justiça e Negócios Interiores, pelo Diretor Geral de Saúde Pública, relativo ao ano de 1903
Relatório do Ministério da Guerra, 1890

Periódicos

Almanak Laemmert: Admnistrativo, Mercantil e Industrial
A Estação
A Epoca
A Imprensa
A Noite
A Notícia
A Razão
A Rua: Semanario Illustrado
A Tribuna
Careta
Correio da Manhã
Diario Carioca
Fon Fon: Semanario Alegre, Politico, Critico Espusiante
Gazeta de Notícias
Gil-Blas
O Imparcial
Jornal do Brasil
Jornal do Commercio
O Exemplo: Órgão da Associação dos Operadores da America Fabril
O Malho
O Paiz
O Seculo
O Suburbio
Progresso Suburbano
Revista da Semana
Revista Tico-Tico

Terra Livre

Theatro & Sports

Sites

http://www.americario.com.br/oclube_fundacao.asp.

https://bndigital.bn.gov.br/artigos/acervo-da-bn-20-de-maio-de-1900-lancamento-do-periodico-revista-da-semana/.

https://www.botafogo.com.br/historia.php.

http://www.casaruibarbosa.gov.br/omalho/revista.asp?rev=67&ano=1903

www.cidadedofutebol.uol.com.br.

https://www.ebiografia.com/rodrigues_alves/

http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/gazeta-de-noticias.

https://www.fluminense.com.br/sobre/a-historia.

https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/01/25/bonsucesso-faz-camisa-em-homenagem-aos-110-anos-de-leonidas-da-silva.ghtml.

https://www.gov.br/defesa/pt-br/composicao/secretaria-geral/secretaria-de-pessoal-ensino-saude-e-desporto-sepesd/departamento-de-desporto-militar-ddm/tenente-coronel-guilherme-paraense

https://historiadoesporte.wordpress.com/2015/01/04/o-negro-no-futebol-brasileiro/

https://historiadofutebol.com/blog/?p=70700

http://mapa.an.gov.br/index.php/ultimas-noticias/642-brigada-policial-da-capital-federal

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart170649/cart170649.jpg

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm